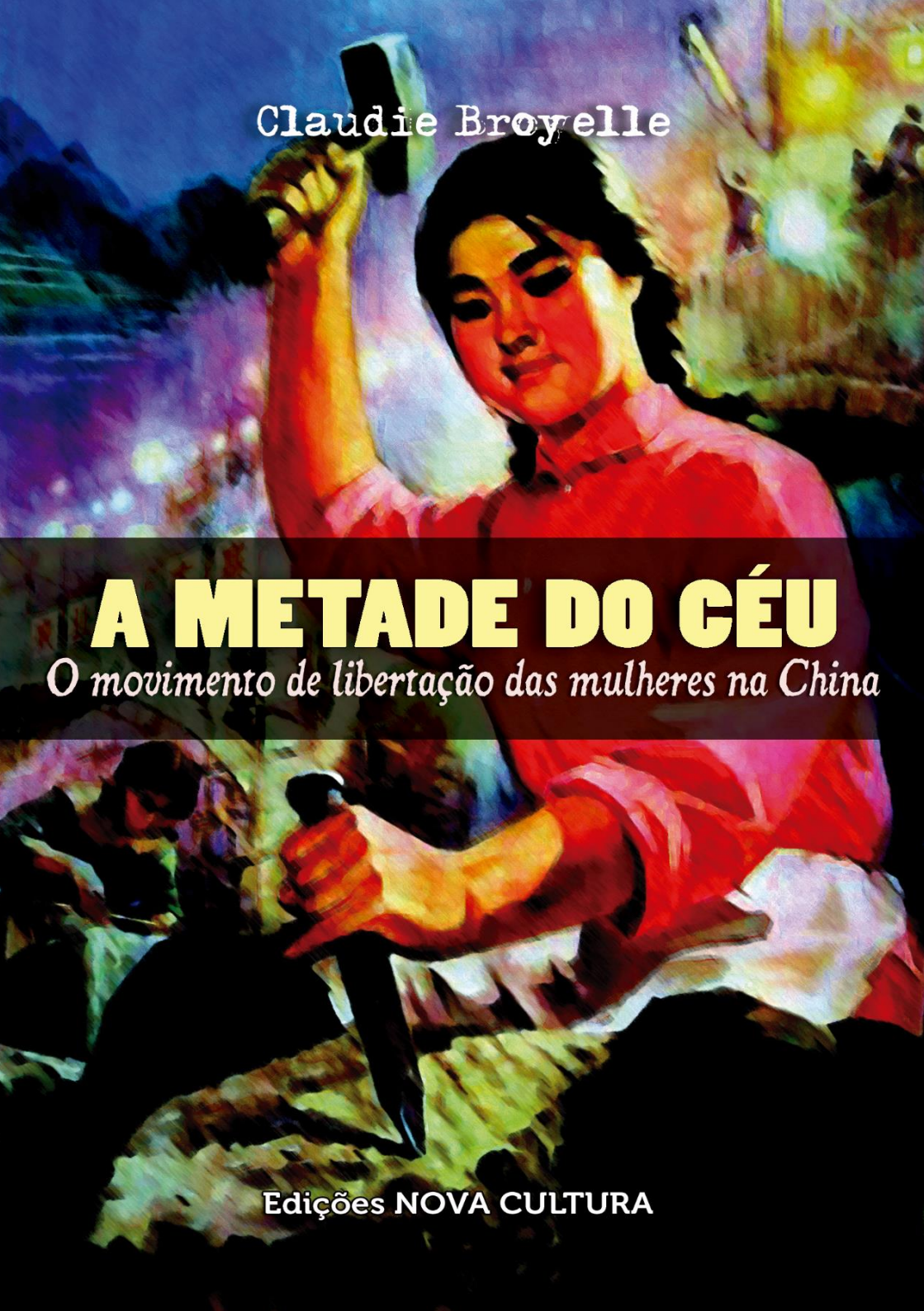
Claudie Broyelle
A METADE DO CÉU
O movimento de libertação das mulheres na China
Edições NOVA CULTURA

Proletários de todo o mundo, uni-vos!

URC
UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA

Claudie Broyelle

A Metade do Céu

O movimento de libertação das mulheres na China

Edições Nova Cultura
2ª edição
2018

© 2018 - NOVACULTURA.info
Autorizamos que o conteúdo deste livro seja utilizado ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja impresso, digital, áudio ou visual por movimentos de massas, organizações, sindicatos, associações, etc.

Edições NOVA CULTURA
www.novacultura.info/selo

O selo *Edições Nova Cultura* foi criado em julho de 2015, por iniciativa dos militantes da UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA, com o objetivo de promover e divulgar o marxismo-leninismo.

BROYELLE, Claudie; A Metade do Céu: o movimento de libertação das mulheres na China. 2ª Edição. 2018.

Conselho Editorial: União Reconstrução Comunista

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA *CREATIVE COMMONS*
Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil.

É permitido:
– Copiar, distribuir, exibir e executar a obra – criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:
ATRIBUIÇÃO: Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante; USO NÃO COMERCIAL: Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais; COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA: Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

– Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outro, os termos da licença desta obra.

新 农 村

（三）

新 农 村

（四）

"As mulheres levam sobre seus ombros
a metade do céu e devem conquistá-lo"

MAO TSÉ-TUNG

ÍNDICE

Apresentação 15

Prefácio 17

A Prova dos Cinco 21

PRIMEIRA PARTE
O trabalho transforma as mulheres, que transformam o trabalho 33
O trabalho nem sempre é libertador 33

Capítulo 1
Nem trabalho, nem salário e elas permaneceram na fábrica! 37
Aumentar a produção e aprofundar os conhecimentos 39
Um exemplo de resistência feminina que triunfa 40
Algo mais sobre as pequenas fábricas de bairro 43
Su Cheu: a propósito das "qualidades femininas" 47
Bordados para a revolução 48
A luta contra a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, e a libertação das mulheres 53
"Trabalho igual, salário igual": princípio simples, mas de aplicação complexa 57

Capítulo 2
As camponesas contam 63
Os novos comitês de mulheres de Chawan 68

SEGUNDA PARTE
Para a socialização do trabalho doméstico 77
As máquinas de lavar e a emancipação das mulheres 78

Capítulo 3
Primeiro, coletivização, depois mecanização! 84
Imagens e discussões acerca da via chinesa 85
Uma discussão em Siau-Wang 86
Socialização do trabalho doméstico, socialização da agricultura: um paralelo revelador 90
Revolução no urbanismo 95
1. A experiência soviética 95
2. A opção chinesa 98

Capítulo 4
A política de construção na China 101
A mãe Shue, uma "mãe coragem" de novo tipo 104
Um aspecto pouco conhecido da especificidade feminina 108
A organização dos serviços domésticos na cidade operária de Shangai 109

Capítulo 5
A produção doméstica desmistificada 115
O comércio: um novo "serviço público" 119
Outro conceito da medicina; consequências para a mulher 121
A cooperação na família 121
Quando o PCF se recorda das mulheres 122

TERCEIRA PARTE
Capítulo 6
A Primeira Infância 129
Creches ou "depósitos'"? 129
Denunciem! Denunciem! Sempre ficará algo 131
Uma Experiência Soviética 135
Organização e função social das creches chinesas 137

Capítulo 7
A escola capitalista não liberta a família da educação dos filhos 147
A Irmã Mais Velha que me Ama 149

China – A escola produtora de novas relações sociais: "Tomar a sociedade a partir de uma posição de classe!" 152
As Brincadeiras e o que refletem 154
Relação: pais-escola-filhos 157
Na China, as crianças estão "no poder" 159
Um aspecto da independência das crianças 162
A transmissão dos conhecimentos é a transmissão de posição de classe 163
As novas medidas pedagógicas e seu caráter de classe 167
A história contada por aqueles que a fizeram 171
As meninas manejam o fuzil, os meninos costuram: uma verdadeira educação mista 173
Ligar os estudos e o trabalho prático 177
As pequenas oficinas de Escola 177
O trabalho produtivo fora da Escola 179

Capítulo 8
Educação pela Sociedade ou Educação pelo Estado? 182
O mito da autoeducação 184
Reconhecer o duplo caráter da mãe: reprimida e repressiva 189

QUARTA PARTE
A família chinesa: Rumo a uma nova coletividade de base 199

Capítulo 9
Um resumo histórico 200
Bodas de sangue 201
As três redes de aço 203
A grande subversão 205
A cada classe sua família 209
A família "democrática" (destruição por etapas das antigas funções econômicas e políticas familiares) 212

Capítulo 10
Tempo livre, tempo de trabalho: família como refúgio ou família aberta? 218
A existência do setor assalariado e a opressão feminina 221

Capítulo 11
Os idosos na sociedade 230
"A propósito da adoção" 238
A Contracepção: mais que um método, uma política 241

QUINTA PARTE
A propósito de um debate sobre a sexualidade na China 247

Capítulo 12
Necessidades naturais, necessidades culturais 248
Objetivo de prazer, objeto de lazer: o prazer é um lazer 250
Repressão da sexualidade, repressão na sexualidade 251

Capítulo 13
Um debate sobre a "união livre" 259
Os dois principais escândalos do matrimônio burguês 263
Liberdade na escolha 265
O matrimônio tardio 266

Capítulo 14
Um novo conceito de amor 269
A beleza não escapa à luta de classes 272
Não haveria que tirar a conclusão 275
A título de conclusão 277

APÊNDICE
Contra o eterno feminino 281

ANEXO 303

Apresentação

Partimos para a China em novembro de 1971. Nós, isto é, doze mulheres provenientes tanto do interior como de Paris; estudantes, empregadas de escritório, uma camponesa, uma esposa de um operário, já avó; algumas entre nós, solteiras, outras mães de um, de dois, três, cinco ou seis filhos.

Temos, todavia, um traço comum, todas somos militantes pela libertação das mulheres.

Essa viagem de seis semanas tinha como objetivo o estudo da experiência revolucionária chinesa no que se refere à emancipação feminina. Escrevi este livro a partir dessa viagem, das reflexões, dos debates que havia entre nós, assim como sua confrontação com o nosso trabalho anterior e nossas experiências individuais.

Não obstante, não poderia ser considerado como um ponto de vista unificado de um grupo, nem como resultado e a expressão de um trabalho coletivo, eventualmente, aqui e ali, algumas entre nós poderia estar em desacordo com as posições expressadas. Por outro lado, quero agradecer aqui a Françoise Chomienne por sua colaboração neste livro.

Claudie Broyelle

Prefácio

Da crítica da condição feminina à crítica da sociedade

É uma alegria para mim, apresentar este livro. O considero um trabalho excelente, original e indispensável para ajudar a mulheres ocidentais a esclarecer as ideias, às vezes muito confusas, que têm de si mesmas.

É indiscutível que a experiência chinesa, ou melhor, a experiência revolucionária de massas mantida através da Revolução Chinesa, está estreitamente ligada a uma verdadeira libertação da mulher, em todos os sentidos do termo, e desde o princípio.

A revolução socialista na China simplesmente teria sido impossível de ser concebida, se somente tivesse alcançado a metade da população, abandonando a outra metade ao estado de servidão e exploração que é, todavia, o destino das mulheres em todas as partes do mundo. Porém, neste terreno como em muitos outros, os chineses, não procedem nem com a ajuda de esquemas pré-concebidos, nem com oportunismo, nem segundo a ideia de que a libertação das mulheres se obtém só pelo fato de "dar-lhes" a igualdade jurídica e econômica. É a profunda transformação da mulher, do juízo que essa tem sobre si e sobre o grupo, é toda uma reavaliação dos pretensos "valores" atribuídos às relações que a mulher mantém com a sociedade, com a família, com os homens, com sua função de mãe e de esposa assim como de trabalhadora, o que se examina aqui em detalhe e que será uma revelação para numerosas mulheres que querem ver mudar sua condição, mas que, todavia, não têm encontrado em nenhuma parte o caminho para chegar a ele.

Longe de mim a ideia de "olhar do alto" ou de denegrir aos movimentos de libertação das mulheres que surgem hoje em dia em muitos países ocidentais. Como dizia o primeiro ministro Chu En-lai em relação aos jovens, são outras tantas maneiras de buscar um caminho para a verdade. E todos os movimentos autênticos conhecem essas dificuldades no seu começo. A leitura deste livro é necessária também para todas as mulheres que desejam sua libertação, porque explica com grande clareza, através de numerosas histórias e relatos vividos que ilustram as diferentes questões abordadas, a luta das mulheres chinesas nos planos ideológico e material, não somente para transformar a sociedade e fazer a revolução, mas também para transformar a si mesmas. Percebe-se melhor o "grande salto adiante" das mulheres chinesas no fato de que, não somente se libertam para alcançar a igualdade com os homens ou por vantagens econômicas, senão para "fazer a revolução", para contribuir com a consolidação do socialismo, posto que também dessa maneira é como podem consolidar sua própria libertação e converte-se assim realmente na "metade do céu".

Devo confessar que lendo este livro descobri numerosas lacunas quanto a minha compreensão sobre as mulheres, pois trazia ainda algumas ideias "feudais" e "retrógradas" sobre a condição feminina. Isto cabe nos limites da minha própria experiência que foi a de uma luta individual por conseguir o direito de me expressar. Devido a esta experiência pessoal, tive uma tendência de ignorar muitos aspectos da opressão feminina. Tendo escapado eu mesmo dela, cheguei a esquecer até que ponto esta é corrosiva. Por isto é que este livro me ensinou muito e agradeço à autora, de todo o coração, ter realizado este trabalho que envolve teoria e prática, que rechaça o paternalismo e a autossatisfação que se pode experimentar

dizendo que "o jogo está ganho" ao acreditar que uma vez que a mulher desfruta de um melhor estatuto, já não resta mais nada por alcançar.

Geralmente durante minhas conferências em numerosos países ocidentais, encontro homens e mulheres que parecem convencidos de que "as relações sexuais" e a "liberdade sexual" (isto é, as relações sexuais para as mulheres e as jovens fora dos laços matrimoniais) são o cume da libertação. Como parece que relacionam todas suas esperanças com esta única questão, dão a impressão de acreditar que uma vez alcançada esta meta, tudo mais é de interesse secundário. Tenho combatido esta ideia porque as relações com os homens são funções do sistema social. Por agora vejo que não havia compreendido suficientemente o quanto tem de nefasto nesta "teoria sexual". O capítulo "A propósito de um debate sobre a sexualidade na China" é uma parte da obra que encontro fundamental para esclarecer este problema.

Espero que todas as mulheres, e também muitos homens, leiam este livro. Em alguns casos talvez se escandalizem (por exemplo, no que se refere ao trabalho doméstico em que a autora pensa que devem participar homens e mulheres igualmente). Porém, é bom recordar-lhes até que ponto se esgota as energias das mulheres nas "insignificâncias" do trabalho doméstico, que até os melhores homens consideram com maior frequência como o "reino das mulheres". É bom reconsiderar este problema embora a tendência é colocá-lo em termos de "família" provavelmente torne o assunto difícil de assimilar (inevitavelmente uma vez que se atribui às mulheres "aptidões naturais" para serem mães e donas de casa, a tendência a dividir arbitrariamente o trabalho familiar de maneira que repouse inteiramente sobre elas é inevitável).

Claro, haverá sempre uma diferença: por exemplo, os homens jamais conhecerão as dores do parto. Porém, certamente o que se tem que fazer é socializar e reconsiderar, do ponto de vista proletário, a importância e a utilidade da produção nas mulheres, incluindo a procriação, como nos sugerem estas páginas. Espero que este livro, em que todos estes problemas são analisados detalhadamente, faça germinar um grande número de ideias entre todas aquelas mulheres que estão realmente desejosas de mudar a si mesmas, de mudar sua condição e, portanto, de mudar o mundo.

Han Suyin

A Prova dos Cinco

O novo movimento feminino[1] propõe, por sua própria existência, certo número de perguntas. A primeira é: por que um movimento feminino hoje? Com efeito, em todos os países onde este movimento existe, as mulheres têm o direito de voto; não, pois para obtê-lo que se têm agrupado. O direito ao divórcio? Sob formas restritivas, é verdade, mas o temos também. O direito à contracepção? Ainda que limitado, o obtivemos recentemente. Agora, praticamente todas as mulheres têm a experiência, em um momento de sua vida, do trabalho social. E mais, o princípio de "trabalho igual, salário igual" foi inscrito no código burguês do trabalho.

Ultimamente, uma reforma no regime matrimonial atenuou algumas das discriminações sexuais mais flagrantes. Hoje em dia, as universidades estão abertas às mulheres. E depois de estudos comerciais, são admitidas no politécnico. Finalmente, inúmeros aparelhos domésticos fazem parte, de agora em diante, do consumo das massas.

Então, por que um movimento feminino? As mulheres consumaram um ciclo histórico, isto é, um círculo. Encontram-se praticamente no seu ponto de partida: sempre oprimidas! Nós temos a experiência, o direito ao trabalho, ao voto, ao divórcio, a estudar, a utilizar a contracepção, assim como a máquina elétrica de café; porém não nos libertaram da escravidão doméstica, nem da maternidade forçada, nem de nossa dependência econômica em relação ao marido, nem tampouco nossos direitos políticos nos permitiram mudar em nada a sociedade.

---

1. Quando a autora se refere a "novo movimento feminino" está falando do movimento feminino nos países capitalistas na época em que escreve o livro.

Portanto, a origem de nossa opressão não era a ausência desses direitos. Essas reformas não somente não nos libertaram como nos têm feito sentir mais cruelmente ainda nossa opressão.

Porém, "o que querem as mulheres?", exclama enlouquecido o legislador burguês, "lhes demos tudo!" Justamente, vocês nos deram tudo (ou quase), isto é, tudo que o capitalismo podia nos dar, e é tão pouco.

Primeira evidência: não temos nada que esperar desta sociedade. Seria necessário que este ciclo estivesse acabado, e com ele todas as ilusões jurídicas que marcaram os antigos movimentos femininos estivessem fortemente quebrantadas para que pudesse surgir um novo movimento feminino. Ainda que não seja sempre consciente, é em função deste balanço que se determina. Entretanto, a partir daqui, resta tudo por se fazer.

Se nossa opressão não tinha como causa a ausência de direitos, qual é sua origem? Responder a isto, estudar as razões, as formas e as consequências da opressão feminina, formular hipóteses para derrubá-la, é de importância evidente para quem se preocupe um pouco com o futuro das mulheres. Porém, isso não interessa muito ao Movimento de Libertação Feminina; para este a opressão feminina é "vivida", isso não se explica, se "sente". Nós vivemos sob o regime da incomunicabilidade. Nenhum homem pode "elevar-se" a compreensão da condição feminina. Quanto às mulheres, a vivem, e não têm, portanto, necessidade de analisá-la, menos ainda de produzir uma teoria de sua libertação. Por outro lado, a "teoria" é uma invenção dos homens para os homens, um "assunto de rufiões".

Porém, para muitas de nós este "feminismo" está ultrapassado. Fizemos rapidamente a revisão do que podem

nos acrescentar os relatos "vividos" da opressão feminina, dos quais o MLF está cheio. Não acrescentam à nossa causa nem mais, nem menos que as narrações sobre a vida na fábrica esclarecem ao proletariado sobre suas tarefas. Queremos ir mais longe. Em seus alvores, a classe operária oprimida voltou sua cólera contra as máquinas; mais tarde fez a Comuna. Entre essas duas etapas, há a mesma distância que a que resta por percorrer entre a revolta contra "o macho" e a libertação das mulheres.

Tudo que vimos na China confirma esta ideia, e o que aprendemos nos permite dissipar um equívoco: a emancipação das mulheres não poderá ser uma tarefa autônoma, um "reforço espiritual" que bastará agregar ao socialismo para dar-lhe um aspecto humano. Tomemos o exemplo da sexualidade: todas tentativas por libertar as mulheres dos mitos da passividade, da mulher objeto sexual, etc., não são mais que piedosos desejos se esta não se interessa em destruir a dependência econômica que justamente a obriga a esta passividade, a representar esse papel de objeto. Isto é, se não se ataca a função econômica e política da célula familiar burguesa na qual a mulher está enclausurada. Porém, essa família patriarcal tem sua razão de ser em um regime capitalista. Assim como a escola não é a invenção diabólica dos "professores", a família não é o fruto da mesquinhez dos homens. Não são os que representam a obra os autores do argumento. Essas instituições são máquinas, equipamentos indispensáveis para que os trabalhadores possam voltar a trabalhar no dia seguinte, para que seus filhos aprendam dia após dia o papel que a sociedade lhes reserva.

É a razão pela qual o capitalismo, preservando uma das mais antigas empresas artesanais: a oficina doméstica na qual se preparam os "trabalhadores honestos" e as esposas

dóceis, conscientes de seus deveres e respeitosas com o bem alheio.

Para o capitalismo, as mulheres, mão-de-obra qualificada que lhes rende tão bom serviço, não devem ser distraídas de tão rentáveis ocupações ainda que, segundo as necessidades do momento, explore nesta mão-de-obra as trabalhadoras das quais tenha necessidade provisoriamente. Tanto em um caso, como no outro, é indispensável que elas assegurem sua função doméstica.

Para destruir a máquina ainda é necessário conhecer suas peças. Na verdade, os mitos e as ilusões consolidam e justificam moralmente a escravidão doméstica, a função materna, porém são muitas dessas travas materiais as que traçam para a mulher a rede estreita dos seus movimentos e dos seus atos cotidianos. É por esse motivo que as mulheres que limpam as verduras ou lavam as vasilhas vêm nisso um talento, uma vocação, um destino. São essas bases materiais as que fazem nascer as ilusões e os mitos da feminilidade, e não o inverso.

Mas além de todo o discurso sobre a "essência" da mulher, ser mulher em um regime capitalista é estar implicada em cinco relações sociais principais: é viver em uma certa relação com o trabalho social, o trabalho doméstico, os filhos, a família, a sexualidade.

Porém os cinco componentes da opressão não são equivalentes, nem pode um substituir o outro. Não é à toa, pois, que o primeiro capítulo deste livro trate da produção social e que seja seguido imediatamente pelo capítulo sobre o trabalho doméstico: as mulheres estão oprimidas em nossa sociedade pelo fato de existir nessa sociedade uma divisão do trabalho que exclui as mulheres da produção social e as con-

fina no trabalho doméstico. Por isso é que a plena participação das mulheres no trabalho social constitui a primeira tarefa para sua emancipação. Sem ela, todas as discussões para a libertação das mulheres não são mais que palavras ocas. Tampouco é causalidade que a sexualidade seja abordada ao final: é porque se necessitava antes de tudo traçar o quadro no qual esta intervém para tentar analisar como se propõe objetivamente esta questão hoje em dia na China. Uma vez mais, tampouco é casualidade se a libertação das crianças ocupa o centro do livro, vem depois do capítulo consagrado ao trabalho doméstico e a sua socialização, e antes do que trata a família. A função maternal não pode "manchar" na sociedade capitalista fora da condição da exclusão da mulher do trabalho social, é aí onde reside seu papel principal. Para compreender bem as consequências, a partir do ponto de vista da libertação das mulheres e da revolução na educação das crianças na China se necessitava, pois, antes de tudo, ter traçado o novo papel das mulheres nas diferentes atividades sociais. Inversamente, toda aproximação à família na China teria sido em vão se não tivesse estudado já antes, não somente os novos laços que as mulheres que compõe essas famílias mantêm com a sociedade, mas também o novo papel que desempenham as crianças na sociedade, e a maneira na qual esta tende a toma-las a seu cargo.

Uma vez mulheres revolucionárias, nos querem aquarteladas; querem que digamos que como mulheres queremos lutar contra os homens e como revolucionárias contra o capital. Comeille estaria vaidoso...

Muito bem, não! Não estamos "desgarradas", e não queremos, portanto, reconciliar as mulheres e a revolução como duas irmãs inimigas. Nosso projeto é completamente dis-

tinto: ver, compreender em quê e como uma sociedade revolucionária, o socialismo, liberta a mulher. De um duplo ponto de vista: não somente o que o socialismo "acrescenta" às mulheres, o que de um interesse evidente, mas também, e quase, sobretudo, se poderia dizer, em que a própria existência e o progresso desta sociedade socialista necessitam imperativamente da libertação das mulheres. Dito de outra maneira, quais são as relações internas, dialéticas, entre as mulheres e a revolução, a parte e o todo.

"As mulheres constituem a metade do céu", disse Mao, e se esta parte do céu permanece serena, as tempestades revolucionárias que devem varrer o velho mundo se reduzem a nuvens passageiras.

Com estas preocupações na cabeça organizamos uma viagem à China, a fim de estudar a condição feminina na sociedade chinesa sob ângulo da libertação das mulheres, e tratando de descobrir os efeitos de uma sobre a outra.

Entretanto, devemos pôr os leitores em guarda contra a interpretação rápida deste livro. Não encontrarão aqui um "balanço" da realidade chinesa; estamos muito longe de ter essa visão de conjunto para sequer sonhar em esboçá-la. A cada uma das posições revolucionárias que tentamos esclarecer, estudar e comentar, "corresponde", em uma contradição dinâmica, uma posição burguesa reacionária que tenta sufocá-la. A revolução não progride de maneira linear, mas obedece a planificação, mas segue um desenvolvimento desigual. Não é preciso, pois, tomar certas experiências de vanguarda como média para toda a China; algumas especialmente entusiasmantes que vimos aqui, seriam quase ignoradas lá.

Em Shaoshan, povoado natal de Mao Tsé-tung, o comissário político do EPL[2] na região, nos concedeu uma entrevista durante a qual nos disse: "é absolutamente necessário compreender que a China não é toda vermelha. Por exemplo, hoje em dia há na China partidários do imperialismo americano, um punhado de reacionários. Se perdêssemos de vista esta realidade, fracassaríamos em todos os projetos. Vocês tampouco devem acreditar que tudo está absolutamente bem na China. Duas coisas lutam entre si: a revolução, por um lado, a contrarrevolução pelo outro. É claro, é esta luta que faz progredir o socialismo; porém se fracassamos nela, o socialismo perecerá. Em uma palavra, a questão de saber quem – a burguesia ou o proletariado – conseguirá um triunfo na China, não está resolvida ainda".

2. Exército Popular de Libertação.

A METADE DO CÉU: O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DAS MULHERES NA CHINA

PRIMEIRA PARTE

O trabalho transforma as mulheres, que transformam o trabalho

No dia seguinte à libertação em 1949, a China se defrontava com este problema: como fazer milhões e milhões de mulheres, sempre confinadas às estreitas tarefas domésticas, entrarem para a produção social? Para operar esta transformação, a China possuía trunfos muito favoráveis. Em particular, a vitória da revolução, coroando 20 anos de guerra nacional e civil, havia transformado profundamente a antiga sociedade, destruído aspectos completos da velha ideologia da inferioridade das mulheres. Estas, aos milhões, haviam participado ativamente na guerra antijaponesa, nas regiões libertadas, haviam exercido poder diretamente e, com frequência, de maneira preponderante; haviam tomado como sua incumbência em numerosos lugares as tarefas de produção agrícola. No contexto desta rica experiência é onde se situava a questão de prosseguir sua emancipação. Havia aí uma aquisição extremamente importante sobre a qual o movimento feminino podia apoiar-se para abordar a nova etapa.

O trabalho nem sempre é libertador

Contudo, se a China é hoje em dia praticamente o único país do mundo onde a imensa maioria das mulheres participam na produção social, isto não se faz sem contratempos. Algumas cifras fazem refletir. Por exemplo, em Xangai, em 1966, às vésperas da Revolução Cultural, mais da metade das mulheres haviam abandonado seu trabalho e regressado a seus lares. Isto se explica em parte pela política do Partido Comunista da China (PCCh), política impulsionada por Liu

Shaoqi[3], que fazia uma intensa propaganda para esse regresso ao lar. Por outro lado, isto tomava formas diversas.

Aqui se elogiavam as qualidades "insubstituíveis" da mãe para educar os filhos; ali se afirmava sem rodeios que as mulheres não eram boas para nada, demasiado limitados intelectualmente para aprender uma profissão; mais além se colocava o argumento do insuficiente número de creches, de restaurantes, para impedir as mulheres de trabalhar.

Quanto às que trabalhavam, tratava-se de dar como significação a seu trabalho: um salário de segunda, para melhora sua situação! ("trabalhem para nutrir e vestir melhor sua família")[4]. Sem dúvida, esse concerto reacionário desalentava boas vontades; porém apenas isso não era suficiente para explicar o caráter relativamente massivo do regresso ao lar. É necessário investigar as razões de fundo no próprio trabalho, em sua organização. Pelo contrário, não se compreende como mulheres que estiveram tratando de conseguir sua libertação exercendo uma profissão, se deixassem convencer por teorias retrógradas. É que na realidade elas não haviam conquistado, ou pelo menos não em todas as partes, sua libertação. E por outro lado, onde existia um tipo de trabalho realmente libertador, não se assistia a tal refluxo de mulheres fora das fábricas. Na fábrica de Chau Yan, que nós visitamos somente umas dez mulheres "regressaram para trás das portas de suas casas", como dizem os chineses.

Já ninguém pode agora estar satisfeito com o esquema soviético: "Eis uma fábrica do Estado e o Estado é o partido, e o partido são as massas, portanto, esta fábrica é tua, operário" Não, isto já não ocorre. Se me diz "Esta fábrica é tua, é

3. Liu Shaoqi, ex-presidente da República Popular da China.
4. Cf. boletim de Nova China n.º 61, de março de 1968, p.8, nº 031406, "os chineses estigmatizam a linha revisionista no movimento de mulheres".

tua do povo", porém que obedeça cegamente às ordens dos diretores, que não compreenda nada de minha máquina e, todavia menos do resto da fábrica, se não sei no que se converte meu produto acabado, nem porque foi produzido, se trabalho rapidamente, muito rapidamente devido ao salário, se me aborreço à morte esperando em toda semana o domingo, e a saída durante a jornada, se sou todavia mais inculta ao princípio do que depois de anos de trabalho, então é que esta fábrica não é minha, não é do povo! Se a produção continua funcionando segundo uma organização do tipo capitalista, isto é, respeitando e aprofundando a separação entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, segundo critérios de rentabilidade, se a produção marcha por meio de regulamentos burgueses, disciplina cega e estímulos materiais, por um lado os que pensam e, por outro, os que executam, então os que são menos instruídos e, em particular as mulheres, são também os mais oprimidos.

Se, finalmente, um número importante de mulheres pôde deixar-se convencer dos benefícios do regresso ao fogão, é em primeiro lugar porque em certas fábricas a luta de classes entre a burguesia e o proletariado não havia permitido ainda derrotar a burguesia nesse terreno. O trabalho, por esse fato, permanecia submetido a critérios burgueses. Não, a produção capitalista não pode "libertar" as mulheres porque, por outro lado, jamais libertou os homens. Nós – que todas havíamos trabalhado em fábricas – recordávamos as eternas discussões com as outras mulheres a respeito: "se meu marido conseguisse ganhar o suficiente eu ficaria em casa", "quando eu casar não trabalharei mais" e isto voltava constantemente. Ainda que as mesmas afirmassem no dia seguinte que "por nada do mundo queria ficar em casa porque se aborreceriam demasiado". Esse estado de espírito vacilante não faz mais

que traduzir a situação especialmente ambígua das operárias de um país capitalista.

Uma experiência do trabalho social suficiente para fazer-nos medir a "mesquinhez" do trabalho doméstico, porém um trabalho social suficientemente vazio de sentido de tal modo a refletir como um "luxo" a vida na casa, momentaneamente inacessível. Em uma fábrica de televisores, Chantal, uma soldadora, me disse: "segunda-feira, pela manhã, ao ver toda semana diante de mim, invejo as que podem ficar em casa; no domingo à noite, após uma jornada de 'faxina', sinto compaixão por elas". Contudo, se a participação das mulheres no trabalho social não as libertou, entretanto constituiu um fator decisivo de tomada de consciência de sua opressão, da socialização de sua revolta. Aprofundou uma tomada de consciência massiva de nossa opressão: a "feminilidade", ou a desgraça de ser mulher.

Capítulo 1

A via de industrialização chinesa e a libertação das mulheres

Nem trabalho, nem salário e elas permaneceram na fábrica!

A fábrica de material médico Chau Yan em Pequim tem um aspecto ruim. Algumas edificações de tijolo de um só andar, em um pátio que parece o de uma escola. Entretanto, aí acontecem, discretamente, coisas decisivas para o futuro das mulheres. Fomos recebidas dois ou três dias depois da nossa chegada, em uma salinha branca, ao redor de uma grande mesa, apertando com os dedos frios as xícaras ferventes; Ma Yu Yin, uma operária de uns 50 anos, nos conta a história desta fábrica: "neste bairro, até 1958, a maioria das mulheres ainda permanecia em suas casas a serviço de sua família, seus afazeres, o cuidado dos filhos... Foi então quando o país inteiro se levantou para realizar o "Grande Salto Adiante", isto é, que todas as energias se mobilizaram para abrir uma nova etapa de transformação da sociedade. Nos campos, os camponeses reagrupavam as cooperativas de formação superior para criar comunas populares; a indústria se descentralizava amplamente, nos lugares mais apartados via-se desenvolver pequenas unidades de produção industrial. E nós, as mulheres, devíamos permanecer em casa, à margem da tempestade? O Presidente Mao nos incitou a "contar com nossas próprias forças, desligar-nos de nossas tarefas domésticas e participar nas atividades produtivas e sociais". Nós queríamos responder a esta conclamação, dar também um grande salto à frente. Porém, como arrumar-nos? Foi então quando neste distrito umas 20 mulheres se decidiram a "abrir a porta da família"

para criar uma fábrica de bairro. Para tal, o comitê do quarteirão nos emprestou dois galpões vazios. Vendo as coisas de certo ângulo se pode dizer que tínhamos tudo contra: éramos poucas, sem nenhum equipamento, sem creches, nem restaurantes, sem nenhuma experiência em produção (todas éramos donas de casa), nem sequer sabíamos o que produzir. Porém, por outro lado tínhamos grandes trunfos nas mãos: não era para proporcionar um pouco mais de comodidade para nossa família o motivo de termos decidido trabalhar: queríamos transformar a sociedade, transformar a condição feminina. Que as mulheres abrissem a porta da casa que lhes obstruía a vista! Já não queríamos servir à nossa família, queríamos servir ao povo".

Finalmente, depois de uma investigação entre os moradores do bairro, decidimos produzir artigos de primeira necessidade que lhes faziam falta: panelas, tubos para estufa, caçarolas, etc. Levamos das nossas casas nossas próprias ferramentas: martelos, pinças, algumas chaves de fenda, pregos, etc. Não tínhamos mais. Fomos ás fábricas para recolher placas de metal, tubos de ferro, e nos pusemos a trabalhar. Às vezes vinham operárias depois do seu trabalho para nos mostrar como empregar tais ou quais meios. Outro problema grave era o cuidado das crianças.

Por exemplo, a camarada que está aqui tinha cinco filhos. As arrumávamos como podíamos; os maiores cuidavam dos menores; algumas apoiadas por suas mães ou sogras, podiam deixar com elas. Também havia vizinhas que aprovavam o que fazíamos e que nos davam uma mão. Pode-se dizer que esse problema se resolveu pela ajuda mútua nessa época. Durante todo esse período, não recebemos nenhum salário. Com frequência ficávamos na fábrica até tarde da noite para terminar algum trabalho que havíamos planificado.

Aumentar a produção e aprofundar os conhecimentos

Finalmente, depois de aprender tateando, experimentando, conseguimos produzir com nossas mãos panelas e tubos para estufas. Esta produção foi aceita pelo Estado. Foi nessa primeira vitória. Como simples donas de casa sem qualificação haviam conseguido, ajudando-se mutuamente, às custas de energia e obstinação, fabricar utensílios domésticos de suficiente qualidade que o Estado comprasse? Aumentou nosso empenho. Decidiu-se então diversificar essa produção de acordo com as necessidades do povo; segundo uma investigação que nos permitiu conhecer novas necessidades locais, começamos a fabricação de dispositivos médicos: placas de proteção contra raios X, armários isolantes. Utilizamos para isso máquinas velhas que já não serviam mais; as desmontamos, consertamos e as transformamos nós mesmas para aumentar nossa produtividade e facilitar nosso trabalho. Isto era mais complexo e requeria mais conhecimentos do que a fabricação de panelas.

Havíamos fixado na oficina um cartaz com uma frase do Presidente Mao: "Hoje os tempos mudaram, o que um homem pode fazer, uma mulher também o pode". No fundo não havia nenhuma razão para que nós mulheres não pudéssemos construir aqueles dispositivos. Às vezes, frente às dificuldades, o desalento se abatia sobre algumas de nós. Diziam: "Para que todos estes esforços? Não triunfaremos, não temos instrução, os dispositivos médicos são demasiado difíceis de produzir, valeria mais se dedicar às panelas". Discutíamos entre nós. "Não estamos aqui para enriquecer-nos, muito menos para enriquecer algum 'senhor'. O povo tem necessidade desses dispositivos e nós mulheres, desanimaremos frente aos fracassos?! Durante séculos e séculos as mulheres chinesas foram consideradas como bestas. Somos parte da classe

operária. Como poderá esta dirigir nosso país se a metade dos seus membros permanece inculta, incapaz de assimilar técnicas novas? Não sabemos nada! Muito bem, aprendamos! Nas páginas brancas é onde se escrevem as mais belas histórias!" E tornávamos a entregar-nos à tarefa, recuperada nossa confiança. Com a ajuda de outras fábricas que nos enviaram gente experiente para nos assessorar, conseguimos produzir não somente placas de proteção e armários isolantes, mas também grandes esterilizadores de alta temperatura e lâmpadas infravermelhas. Depois de examinar, o Estado nos confiou este trabalho de produção e nossa fábrica ganhou seu nome atual de "Fábrica de material médico de Chau Yan". Nesse momento, nossas fileiras se haviam engrossado, éramos um pouco mais de 300, entras as quais havia umas duas dezenas de homens. Em 1960, construímos nesse mesmo ano um restaurante e uma creche no recinto da fábrica. Tudo isso com nossas mãos; nós podemos construir o socialismo com nossas mãos.

Um exemplo de resistência feminina que triunfa

Na fábrica havia um ambiente de solidariedade, de dinamismo e de abnegação. Não era raro ver as operárias ficarem após sua jornada de trabalho para terminar uma tarefa, ou para treinar-se em uma técnica difícil. É claro que não estávamos obrigadas a fazê-lo, nem tampouco nos era pago por esse "suplemento". Deve-se receber prêmio por fazer a revolução? Pois era bem do que se tratava. Por outra parte, nossa experiência não agradava a todo mundo. Em 1961, uma parte da direção da fábrica, completamente cega pelas ordens da municipalidade de Pequim decidiu "racionalizar" a produção; decidiu que éramos demasiado numerosas para o trabalho que tinha a fazer, que devíamos deixar de fabricar panelas,

pois que de agora em diante seríamos uma fábrica de material médico. Com que desprezo falava das nossas panelas! Segundo esta "reorganização" uma boa parte de nós devia regressar para casa. Acreditavam que nos convenceriam dizendo que os "salários dos homens seriam aumentados a fim de que pudéssemos ficar em casa para nos ocuparmos da família". Não era tudo mais simples desta maneira? Porém esses projetos chocaram com uma viva resistência das mulheres que declararam: "Não regressaremos aos nossos fogões, não abandonaremos o nosso lugar!" A vida na fábrica tornou-se muito tensa. Houve uma luta encarniçada entre essa parte da direção que queria fazer a fábrica andar em função de utilidades imediatas, que, sobretudo, não queria que as operárias se libertassem, e a grande maioria das operárias que queriam continuar na mesma via.

Essa luta se levou conscientemente. Compreendíamos o que se arriscava. Na maioria dos casos, nossos maridos e os demais homens nos apoiavam. Isto se explica; o que se passava em Chau Yan não era um fato isolado. Em todas as fábricas havia uma ofensiva reacionária orquestrada por Liu Shaoqi dirigida, seja para restabelecer as normas capitalistas de produção, seja para impedir que as massas as destruíssem. Isso explica porque os homens que também tinham que enfrentar esta ofensiva burguesa compreendessem e apoiassem de maneira geral a resistência das mulheres. Como para muitas de nós já não tinha trabalho, tampouco havia salário. Porém isso não importou. Não nos dão trabalho? O inventaremos nós mesmas! Não temos salários? Nos manteremos ajudando-nos mutuamente! Pedimos a outras fábricas que nos confiassem trabalhos que viríamos a realizar em "nossa fábrica"; algumas operárias levavam até a fábrica materiais de

demolição (tijolos, lâminas de aço, etc.) que nós recuperávamos, limpávamos e que assim poderiam tornar a ser usados. O trabalho das operárias era útil, ainda que não fosse "rentável"; havíamos provado isso. Entretanto, nem todas foram capazes de superar essas provas, porém eram raras, apenas umas 15. Foram trabalhar em grandes fábricas ou voltaram para suas casas. Durante a Revolução Cultural compreendemos ainda melhor a natureza profunda dessa política reacionária. Realizamos campanhas de denúncia do método da pretendida "racionalização". A maioria dos que haviam apoiado as posições de Liu Shaoqi descobriu a que interesses havia servido; agora trabalham entre nós ombro a ombro. Das mulheres que haviam deixado a fábrica, quase todas eram antigas donas de casa, em geral relativamente velhas, de 40 a 50 anos. Agora há também jovens diplomadas das escolas que ensinam seus conhecimentos as mais velhas, ao mesmo tempo em que aprendem com estas as qualidades da rebeldia revolucionária e da firmeza proletária das antigas donas de casa. No bairro, praticamente já não já mulheres que permaneçam em casa, salvo as que são demasiado velhas ou que têm má saúde, porém até para elas a vida mudou. Ajudam-se mutuamente e assumem a responsabilidade de certas tarefas domésticas para aliviar as que trabalham fora; organizam a vida política e cultural dos bairros; não estão mais isoladas como antes. Esta mudança é o resultado da "partida" de milhares de mulheres para as atividades produtivas e sociais. Quanto a nós, é claro que somos assalariadas, e é importante haver conquistado nossa independência econômica; porém é necessário compreender que o que é ainda mais importante é estar ao mesmo nível do mundo, preocupar-se com os assuntos coletivos em lugar de estar preocupadas com os proble-

mas familiares. Temos feito da produção uma arma para libertar-nos, para servir melhor ao povo chinês e à revolução mundial.

Algo mais sobre as pequenas fábricas de bairro...

Pequenas fábricas de bairro como Chau Yan, existem aos milhares na China. Uma primeira onda destas foi suscitada durante o "Grande Salto Adiante". Atacadas com uma negra obstinação por Liu Shaoqi, muitas desapareceram nesse tempo. A Revolução Cultural fez nascer novas, por todas as partes, como cogumelos. Formam um denso tecido industrial, com ramificações muito estreitos, estendido por toda a China, e através do qual esta trabalha, respira, vive enfim. Como o mostra sem equívoco a pequena fábrica de Chau Yan, não necessitam, ou quase, de investimento no princípio, de maneira que se apoiam completamente no trabalho vivo, na determinação política de criação dos operários e apresentam além disso a vantagem de estar estreitamente ligadas às condições locais, às dificuldades particulares, da mesma forma que às necessidades imediatas das massas. As mulheres do bairro Chau Yan em Pequim tinham não somente o desejo de fazer um trabalho coletivo útil ao povo, mas a vontade de transformar a realidade viva que constituía o bairro. Se as donas de casa decididas a "sair da família' tivessem sido contratadas pela boa vontade de Deus em quaisquer grandes fábricas longe do bairro, teriam transformado este sobretudo em uma cidade-dormitório. Enquanto que, ao contrário, como nos fizeram notar Ma Yu Yin, a criação de pequenas fábricas no coração do próprio bairro impulsionava vigorosamente novas relações entre os habitantes da cidade, novas atividades que lhe insuflavam uma vida nova, realizando assim uma verdadeira osmose com resto do bairro.

Frequentemente vimos essas pequenas fábricas tanto nas cidades como nos campos. Estão ali, com todas as portas abertas, em torno de uma rua, no meio das casas, concorrendo para o ritmo dos dias e das noites dos habitantes, mesmo os que não trabalham nela. Para permitir funcionar as pequenas fábricas, os aposentados se organizam para ocupar-se coletivamente das crianças depois das aulas. Na luta para a criação e o progresso dessas pequenas fábricas, é onde as mulheres propõem o problema do trabalho doméstico e criam restaurantes e creches.

É por causa delas que os homens participam com mais lealdade na repartição do trabalho doméstico restante. É ainda em torno delas onde se cria a rede de saúde, da qual não se beneficiam apenas os trabalhadores da fábrica, mas o conjunto da coletividade local. É também a partir delas que os adultos, sobretudo as mulheres, com a maior frequência "regressam à escola", isto é, continuam estudando, formando-se em função dos problemas que encontram na produção.

Ligadas às necessidades imediatas das massas, as donas de casa que fabricam as panelas, os que na comuna popular de Siau Wang trabalham com os homens para fabricar móveis, têm a preocupação especial de responder às necessidades imediatas do povo. Trata-se aí de um aspecto notável da industrialização chinesa: não renunciar à grande produção e à planificação central para produzir o que falta hoje.

Destruindo o artesanato, o capitalismo destruiu, por sua vez, a simbiose viva que este, à sua maneira, mantinha com os consumidores. Os pequenos ofícios de antigamente estavam imperativamente ligados às necessidades das massas locais. Se as fábricas de bairro chinesas puseram fim à pequena produção individual, em troca conservavam, e até reforçaram, os laços com os consumidores. E isto é verdade

não somente para os objetos domésticos como as caçarolas, as cadeiras, etc., mas também para a fabricação de máquinas, de implementos agrícolas. Este tipo de desenvolvimento industrial facilita muito especialmente a participação das mulheres na produção social. Apela não a qualificação técnica prévia que as mulheres não têm, mas a sua iniciativa e seu conhecimento das necessidades concretas das massas; e quem, mais que as mulheres, está em situação de tomar em suas mãos a transformação do bairro, elas que têm assegurado sua vida cotidiana durante anos? Quem mais que as mulheres estão em situação de pôr em primeiro lugar a utilidade do objeto, e não seu valor comercial, cujo trabalho durante séculos tem consistido em manter, limpar, preparar, fabricar o que era útil para os familiares e não o que "dá lucro". Ainda que, é claro, tenham efetuado essa produção em relações de opressão insustentáveis que fundamentam sua rebeldia, não deixaram de adquirir sentido agudo de trabalho útil, que não se mede em vantagens, em "rentabilidade", em tempo de trabalho. Quando voltam a colocar em dúvida coletivamente o sentido de um trabalho voltado para o serviço da célula privada, quando a sociedade em seu conjunto se compromete em uma luta impiedosa contra o interesse privado, então as condições favoráveis existem para que floresçam de maneira esplendorosa "qualidades das mulheres" até então sufocadas.

Não é um assunto fútil ligar dialeticamente as necessidades imediatas das massas e o desenvolvimento de uma indústria moderna. Todas temos em mente as grandes campanhas ideológicas da URSS sobre o sacrifício de uma geração para que a seguinte pudesse cantar. Quanto às canções, as massas soviéticas perderam suas ilusões. A primazia dominante dada à indústria pesada deixa sem solução o problema

do consumo de massas. As filas intermináveis para obter produtos de consumo parcimoniosamente fabricados, a necessidade de buscar meios para assegurar o mínimo pela via individual, disso também sofriam as mulheres mais do que ninguém. Se a China tivesse seguido essa via de industrialização, apostamos que as chinesas, tal como a massa de homens de outras partes, teriam sido utilizadas, no melhor dos casos, como reserva da força de trabalho menos qualificada; não seriam hoje em dia essas operárias que sabem do que estão falando, que transformam o mundo transformando-se.

O desenvolvimento técnico, se não é preliminar para a criação de unidade de produção, não deve pelo mesmo motivo ser subestimado. E além disso, o grande mérito da industrialização chinesa é fazer o conjunto de operários participar do progresso das forças produtivas. O exemplo de Chau Yan onde as mesmas donas de casa, apenas escolarizadas passaram, em oito anos, da produção de panelas à produção de esterilizadores e depois à de máquinas eletrônicas, ilustra bem este progresso na aquisição cada vez mais profundas das técnicas mais avançadas. Ma Yu Yin nos dizia: "Com a ajuda de grandes fábricas temos conseguido esta complexa fabricação". Isto acontece assim: a pequena fábrica de bairro, para formar suas próprias técnicas, envia algumas operárias para trabalhar nas grandes fábricas em máquinas aperfeiçoadas com operários experientes e técnicos. Ali elas adquirem novos conhecimentos úteis; e em seu regresso à fábrica formam então com as outras operárias equipes de inovação técnica, nas quais se superar coletivamente os obstáculos nascidos da falta de meios e da falta de formação.

Se traçamos um paralelo com um passado ainda recente, as forças produtivas se desenvolvem na China a passos gigantescos e, entretanto, seguem sendo dominâveis, e cada

vez mais dominadas, pelas massas. Como, por outro lado, poderia a classe operária exercer seu poder se isso fosse de outra maneira, se não tivesse mais que um conhecimento limitado, parcelado, da produção, se estivesse "dominada pela técnica"? E é justamente o que fundamenta a libertação das mulheres chinesas: sua participação efetiva, não formal, no poder, porque adquiriram pela produção social revolucionarizada, um conhecimento profundo da sociedade, do que estavam privadas em seu lar.

Su Cheu: a propósito das "qualidades femininas"

Na China, se vemos mulheres em todos os setores da economia, encontramos ainda também grande quantidade das profissões chamadas "femininas": a saúde, o ensino, a indústria têxtil, etc.; entretanto, esse estado de coisas está considerado de maneira geral como provisório e com vistas a ser transformado progressivamente. Digo de maneira geral porque não é uma opinião de todo unânime. Encontramos algumas pessoas que pareciam não ter se aprofundado muito nesta questão e tinham um aspecto de estar prazerosamente satisfeitas com tal situação. Assim, por exemplo, um responsável de uma fábrica nos contava, não sem orgulho, que se podia encontrar mulheres em todos os postos da fábrica e concluiu citando a famosa diretiva de Mao Tsé-tung: "o que um homem pode fazer, uma mulher também pode fazer." "Está muito bem – replicou Chantal –, porém há um instante visitamos a creche da fábrica e não vimos homens ocupando-se das crianças; por qual razão?" Os camaradas chineses se meteram então em uma discussão aparentemente bastante viva. Depois ele nos respondeu: "É que, veja você, as mulheres têm qualidades maravilhosas para educar as crianças".

"Você crê então na teoria da natureza humana?" – perguntou Chantal ironicamente.

"Não, é claro!" – disse ele bruscamente, visivelmente incomodado – "não é isso o que eu queria dizer". Titubeava um momento enquanto os risos estalavam quase por todas as partes ao seu redor, depois nos contesta: "as observações da camarada Chantal são muito justas e lhe agradeço que critique minhas insuficiências. A luta de classes não cessa no socialismo; se vocês voltam a nos visitar dentro de alguns anos, seguramente encontrarão grandes mudanças, e em particular homens na creche". E acrescenta: "não apenas o que um homem pode fazer, também uma mulher pode; mas o que uma mulher pode fazer, um homem pode e deve fazê-lo também".

As qualidades "femininas", não as que a "natureza nos tenha dado", mas as que são verdadeiramente herança da sociedade passada e a marca da opressão feminina podem, porém, em certos casos, ser transformadas e servir de motor à transformação da condição feminina. Tivemos exemplo disso, particularmente claro na fábrica de bordados de Su Cheu.

Bordados para a revolução

Antigamente, Su Cheu era famoso por seu artesanato em bordados, da mesma maneira que suponho que Le Puy é célebre entre nós por suas molduras. Porém as bordadeiras trabalhavam cada uma em sua casa, sendo sua vida muito miserável. Depois da libertação, em Su Cheu como em toda a China, o PCCh lançou a consigna da participação das mulheres na produção social. Poderia ter-se construído nesta cidade algumas fábricas, depois de incitar as mulheres para que trabalhassem nelas; a direção revolucionária local se comprometeu em outra via. Existiam em Su Cheu centenas de bordadeiras que haviam adquirido grande habilidade nesse ramo.

Durante gerações tinham usado seus olhos para que florescessem e saracoteassem as roupagens dos ricos proprietários. Havia que destruir essa arte da qual as classes dominantes tinham se apropriado ou transformá-la e restituí-la ao povo? A escolha provavelmente não se fez sem luta. A ideia de "socializar" bordadeiras certamente não foi uma ideia aceita no movimento operário dos anos 1950. Uma interpretação mecanicista de Marx levava a pensar que só se podia socializar um processo de produção apoiando-se no desenvolvimento prévio da sua mecanização. Esta "heresia", entretanto, não perturbou as mulheres comunistas de Su Cheu. O povo chinês tinha necessidade de uma arte para si, como as plantas de água. As bordadeiras eram úteis ao povo, e que não se diga a elas que um país de várias centenas de milhões de habitantes, com uma economia ainda subdesenvolvida, que começava apenas a sair da maldição secular – não divina e sim muito "social" – das fomes das guerras, tinha mais necessidade de máquinas do que de arte. Não se faz a revolução sem ela! Em Su Cheu, como em Chau Yan, foi a determinação de um pequeno grupo de mulheres (somente oito) o que provocou a cooperação da grande massa. Entretanto, tiveram que resistir a muita hostilidade entre as bordadeiras familiares. Em primeiro lugar, a técnica do bordado se transmitia de geração para geração, e cada um guardava zelosamente qualquer segredo de família. Cooperar significava para elas a vulgarização de suas habilidades e, por fim, sua desvalorização. Do mesmo modo os riscos, para serem "válidos", deviam ser originais; se outras reproduzissem seus riscos, o que aconteceria? E além do mais, o trabalho em casa tem vantagens, pode-se bordar cuidando dos filhos, não é verdade? Essas oito "feministas" não se deixaram seduzir. Tomaram sua seda, suas tesouras, suas agulhas e suas linhas e começaram a

bordar juntas. Puseram tudo em comum, sua experiência, sua iniciativa e seu entusiasmo.

Depois de alguns meses, constatou-se que seu trabalho não somente não tinha "vulgarizado" os riscos do bordado, e sim que os havia multiplicado. Faziam juntamente os esboços, discutiam projetivos, os criticavam, os melhoravam. Os bordados feitos pelas oito eram cada vez em maior quantidade e mais belos do que os de cem bordadeiras fechadas cada uma em sua casa. No plano da técnica propriamente dita, o desenvolvimento também foi espetacular. No passado, havia-se bordado sempre um só lado da seda; agora tinham aprimorado um método para bordar em ambos os lados, o que dava muita profundidade ao risco e multiplicava as possibilidades de "relevo". Em um ano, a cooperativa se desenvolveu e passou de oito membros para cem.

Nessa época havia ainda capitalistas na China (pequenas empresas capitalistas continuaram sob severo controle do Estado até 1956) e os "séricos" de Su Cheu não viam com bons olhos o desenvolvimento desses "falanstérios de endiabradas". Tentaram interromper esse movimento elevando o preço da compra dos bordados. Por exemplo, as almofadas bordadas que o Estado comprava da cooperativa ao preço de 20 fens cada uma, foram propostas pelos séricos a 24 fens, na condição de que fossem feitas em casa. Este método não obteve o êxito esperado; pelo contrário, abriu os olhos de muitas mulheres: "Já se tinha visto antes algum capitalista aumentar o pagamento dos operários sem que estes sequer o pedissem? Com toda segurança se tramava algo não muito normal". As filas se fecharam ao redor da cooperativa. Muito rapidamente a venda de bordados e a ajuda do Estado permitiram à cooperativa garantir uma estabilidade de ingressos aos cooperados, enquanto que as bordadeiras individuais estiveram todo

o tempo submetidas aos imperativos dos séricos e a sua concorrência mútua. As cooperadas tiveram direito, como todos os operários chineses, a serviço médico inteiramente gratuito e organizaram creches e maternais nos jardins ao redor das oficinas. Seus fundos de acumulação lhes permitiam aumentar a produção. Compraram grandes bastidores para a seda (espécie de marco de madeira armado sobre pés que permite estirar a seda que se vai bordar) para poder realizar grandes riscos que agora efetuavam entre várias.

As mulheres (das quais sempre se disse que não entendiam nada de arte, porque a arte é criação e em matéria de criação o sexo frágil se limita a perpetuar a espécie!) resolveram se meter no plano político como nas questões artísticas. Era necessária audácia para afirmar que operários, e ademais mulheres, compreendessem algo neste domínio. A quem servir? Ao povo ou seus inimigos? Ater-se às tradições ancestrais ou inovar? Representar reis e imperadores, ou o povo em marcha? O debate era acalorado. Sob o pretexto de preservar as ricas tradições, algumas mulheres, dominadas pela ideologia burguesa, diziam que não se podia desenhar com finas agulhas as mãos rudes dos camponeses. Promoviam a teoria segundo a qual todos os esforços deviam tender a melhorar a técnica e não a modificar o conteúdo. É por isso que uma grande parte dos bordados representava ainda, antes da Revolução Cultural, os heróis do passado, tão caros aos antiquários do Faubourg Saint Honoré. Porém rapidamente se comprova que também na técnica essas mesmas mulheres defendiam linhas completamente falsas. Assim, por exemplo, limitavam a quase totalidade das bordadeiras a execução do conjunto do bordado, excetuando os rostos, que somente algumas raras indicadas sabiam executar; estas, por outro lado, o

faziam às escondidas para conservar esse privilégio. Isso sublevava as bordadeiras que se desesperavam para produzir sempre as telas de fundo e corpos decapitados. A direção da fábrica havia escapado das mãos das mulheres e, na realidade, era uma equipe de especialistas que decidia o que fazer e não se preocupava em absoluto com os desejos e aspirações das mulheres. Uma jovem bordadeira conta: "Desde minha infância, eu ardia de desejo de bordar em seda os rostos dos heróis revolucionários que libertaram a China. Contudo, zombavam de mim: 'És demasiada jovem, nem sequer sabes fazer bem o céu e os campos, como poderias fazer narizes e olhos? És demasiado ambiciosa!' Entretanto, eu tentava sozinha; porém não conseguia. Cheia de amargura, me pus então a fazer céus e campos. Durante a Revolução Cultural decidimos que os rostos não seriam daí por diante um troféu de caça, um privilégio. Todas teriam a possibilidade de fazê-los. Portanto, era necessário ensinar os métodos a todas as bordadeiras. Fizemos numerosas tentativas, nem sempre muito exitosas; por exemplo, uma vez eu tinha bordado uma sentinela que, oculto na sombra observava vigilante o inimigo. Eu queria dar a impressão nesse bordado do pesado silêncio e da imobilidade que se sente nas narrações desse tipo de cenas; porém minhas camaradas se puseram a rir ao ver meu bordado: 'Olha, tua sentinela correu muito, está sufocado, está avermelhado, seguramente deve bufar como um boi. Se o inimigo não o ouve é porque é surdo!' Eu estava desolada, porém, imediatamente, voltando a ficar sérias, minhas camaradas disseram: 'Não é grave, se alguém não prova experiências, jamais poderá alcançar vitórias; vamos recomeçar juntas, cuidando de não colocar demasiado vermelho. Pouco a pouco o conseguiremos'. Efetivamente, ainda que seja bastante difícil, hoje em

dia todas podemos fazer rostos, porque tratamos de nos ajudar mutuamente, já não trabalhamos às escondidas.

Nesta fábrica, onde há 1,6 mil bordadeiras, vimos homens jovens sentados em frente aos bastidores, bordando com a assessoria das mulheres. Edith perguntou a um deles: "Não lhe incomoda em nada fazer um ofício de mulher?" "Sim, eu gosto. Porém não é um ofício de mulher; o era na antiga sociedade que raciocinava: ofício de homem, ofício de mulher. Os tempos mudaram".

"Porém os outros homens não zombam de você?"

"Não, bordar é útil para a revolução. Oh! É claro ainda há quem pense que é um assunto de mulher" – e acrescenta com um sorriso: "A luta de classes não terminou, é necessário continuar o combate".

A luta contra a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, e a libertação das mulheres

Em uma grande fábrica têxtil de Chang Cha, que emprega mais de 7 mil operários, dos quais 80% são mulheres, é onde bruscamente compreendemos o que ainda na véspera nos parecia tão confuso: a transformação das relações entre os intelectuais e os operários no coração das fábricas contribui poderosamente para a libertação das mulheres.

Nesse dia tínhamos um programa cheio, e a visita a esta fábrica deveria ser curta. Quase a passo acelerado havíamos atravessado as oficinas cheias do ruidoso repique das lançadeiras. Na sala de reunião, em seguida, estávamos bem pouco atentas. Logo esta frase: "antes da Revolução Cultural havia em nossa fábrica mais de 2,5 mil regras e regulamentos orientados a oprimir os operários". Danielle interrogou a jovem operária, de rosto grave, que acabava de falar: "Pode dizer-nos em que principalmente essas regras se opunham aos

operários?" Sem titubear nem um segundo respondeu: "Na razão dessas regras absurdas os operários não podiam fazer inovações técnicas. Quando queriam fazer alguma melhora na produção, deviam submeter seu projeto através de uma via hierárquica complicada e intimidante, e quando o projeto por fim chegava à oficina dos técnicos, na maioria das ocasiões estes não compreendiam seu interesse e o jogavam no cesto de lixo. Isso era desalentador e freava o desenvolvimento da produção".

Ainda agora vejo os olhares de desengano ou assombro que rapidamente havíamos tocado entre nós à luz dessas palavras. Quê? O primeiro exemplo de repressão operária que lhe vinha à mente era que não poderiam desenvolver o suficiente a produção? Nos pareceu uma resposta estereotipada e, para não dizer mais, pouco verossímil.

Danielle mudou de tema: Podem as operárias trocar de posto frequentemente para conhecer o conjunto do trabalho? – "Nos esforçamos para facilitar a permuta das operárias" – respondeu. Porém é bastante difícil. Alguns postos exigem muita experiência. As operárias de maior idade podem, portanto, mudar mais facilmente do que as jovens. Ainda que nos esforcemos sem cessar para permitir essas mudanças, não o consideramos como decisivo. Para ter um conhecimento global, o essencial é que os operários participem cada vez mais no trabalho de "concepção". Em cada fábrica há uma equipe de inovação técnica composta de operários, de técnicos e de quadros revolucionários. Os membros de tais equipes, que trabalham também como operários, efetuam coletivamente o trabalho de concepção, projetos, planos, desenhos, maquetes, etc. Essa equipe trabalha a partir das sugestões, das críticas e dos conselhos recebidos diariamente dos operários. Por este método se faz progressivamente a fusão do "saber"

e do trabalho manual, a teoria e a prática, os intelectuais e os operários. E ambos os aspectos da antiga separação – que subsiste ainda, é claro, porém que vai diminuindo – transformam-se qualitativamente. O objetivo é formar um novo homem que não será mais o intelectual do passado, separado da prática, dos problemas concretos da produção e dos operários, nem o operário do passado privado de conhecimentos teóricos.

Essa transformação é necessária dos dois lados, porém só é possível se os operários assumirem a direção política e ideológica. Instruindo-se mutuamente, são operários os que reeducam os intelectuais. Isto parece um paradoxo, não é verdade? Antigamente, se pensava que cabia aos intelectuais ensinar o "saber" aos operários. É um ponto de vista unilateral. É verdade que operários têm um conhecimento fragmentário, porém pelo menos é um conhecimento verificado na prática, fundado em uma posição de classe revolucionária.

É por esta razão que pertence aos operários dirigir esta transformação. Para libertar-se dos limites de seus conhecimentos, devem igualmente libertar os intelectuais. Neste caso preciso está uma vez mais a verificação da tese de Marx: "O proletariado somente pode emancipar-se emancipando a humanidade inteira". Fazendo dos diferentes postos de trabalho pranchas giratórias, somente se permite aos operários aumentar quantitativamente seu conhecimento prático, porém não transpor a fronteira entre a concepção, o projeto global e sua realização concreta. O que a operária de Chang Cha acabava de explicar-nos esclarecia de maneira luminosa o que nos havia dito anteriormente; sim, os operários haviam sofrido muito por não poder fazer inovações técnicas, por não poder libertar sua iniciativa.

Entendemos bem, me dirão vocês, porém, que relação tem isso particularmente com a especificidade feminina? É muito simples. Vocês vão compreender, como nós mesmas compreendemos: na divisão ancestral entre o trabalho manual e intelectual, as mulheres em sua imensa maioria estão do lado do trabalho manual. E isto, duplamente. Não somente porque, como todos os operários, estão privadas do saber, mas também porque, pelo fato do seu "sequestro" familiar, estão, mais do que ninguém, privadas de pontos de vista globais, de visão de conjunto. Seu mundo é o da cozinha, o quarto das crianças e o leito conjugal. São as "operárias especializadas" do lar.

Por essas razões, quando saem de suas casas para trabalhar em fábricas tradicionais, estão, ainda mais do que seus companheiros, reduzidas a não ser mais que executantes de "ordens misteriosas" em seu trabalho. E inversamente, pelas mesmas razões, na transformação revolucionária das relações entre os intelectuais e os operários, são as primeiras a beneficiar-se.

Que melhor meio pode existir para mulheres oprimidas – cuja opressão vem justamente de estarem banidas das atividades sociais, e em consequência privadas de visão "social" – que melhor meio, pois, que lhes permitir chegar por assalto aos conhecimentos científicos mais amplos, mais globais? E não pela via do aluno que aprende o que o mestre ensina, mas dirigindo a cooperação entre os intelectuais e os operários.

Outra forma muito importante da apreensão dos conhecimentos globais dos quais os operários estavam privados é a aquisição de novas profissões e a prática de experiências diversificadas. Existem, esta é uma coisa conhecida, operários que se convertem em médicos sem passar pela universidade,

seguindo etapas práticas e teóricas ao lado de médicos diplomados. Porém há inúmeros casos diversos. Por exemplo, os operários frequentemente vão trabalhar nos campos durante alguns meses para ajudar a levantar pequenas indústrias locais ou para formar, entre os camponeses, os operários qualificados dos quais a comuna tem necessidade. Há também grupos de operários designados por seus camaradas de trabalho para ir – geralmente durante um ano – para dirigir o trabalho político e ideológico em todo tipo de lugares além das fábricas: teatros, hospitais, escolas, administrações, grandes comércios, etc. Há também, naturalmente, os estudos que eles podem continuar ou retomar sob múltiplas formas, principalmente estando designados pelos operários de sua fábrica para ir estudar nas universidades, ou assistindo a escolas noturnas, ou a centros universitários de meio turno criados em certas fábricas, como nas de máquinas-ferramentas de Xangai; ali, os operários desempenham meia jornada de trabalho produtivo e a outra metade de estudo.

As equipes de inovações técnicas assim como as de práticas diversificadas unem-se para destruir, em diferentes pontos, a divisão social entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. E é por isso que a opressão das mulheres está estreitamente ligada a esta separação já que, no movimento social (composto por todas as classes e frações de classe revolucionárias da sociedade) de destruição desta divisão, as mulheres traçam a via de sua libertação.

"Trabalho igual, salário igual": princípio simples, mas de aplicação complexa

Na comuna popular de amizade sino-albanesa, o camarada Pai, secretário do comitê revolucionário, nos explicou

como, ideias chamadas de "igualitarismo absoluto", desembocam novamente na opressão das mulheres. Alguns homens, em nome da igualdade e do princípio "trabalho igual, salário igual", se opõem a que as mulheres sejam retribuídas igual aos homens pois, dizem, "não fazem um trabalho igual, não carregam cargas tão pesadas como nós". Pai nos disse que tais posições, ainda que minoritárias, não eram raras, que eram uma das manifestações da luta de duas linhas, via capitalista ou via socialista, na nova sociedade. "Essas concepções devem ser criticadas e combatidas vigorosamente pois representam a ação de uma atitude feudal a respeito das mulheres e do trabalho. A respeito das mulheres, porque apesar de inumeráveis fatos reais e de importância histórica, continuam sendo julgadas por essas pessoas como seres inferiores que acrescentariam uma contribuição menor à sociedade, o que é falso ao extremo. Igualmente a respeito do trabalho, porque são os comerciantes de escravos, os exploradores, os que dão ao trabalho humano o mesmo valor, os mesmos critérios que o executado pelos animais: mais ou menos de simples força física. Os proprietários tibetanos, por exemplo, achavam que um escravo de boa constituição e fisicamente forte, podia ser trocado por dois pouco menos robustos. Na nova sociedade, seguindo o exemplo de Tachai[5], devem avaliar o trabalho de cada um tendo em conta em primeiro lugar o comportamento político da pessoa – sem importar seu sexo – a respeito da nova sociedade, a respeito de seu trabalho".

Esta polêmica referente ao valor do trabalho feminino foi, por outro lado, objeto de um grande debate em todo o

5. Tachai, célebre comuna popular na China, citada como exemplo por Mao Tsé-tung para a via da edificação socialista nos campos chineses.

país, como testemunha o artigo do Bandeira Vermelha de fevereiro de 1972[6]. "No que diz respeito à força física, algumas pessoas são débeis, outras fortes. Os trabalhos agrícolas que necessitam uma grande força física devem ser confiados aos homens que possuam força física. É normal que a repartição do trabalho leve em conta diferenças fisiológicas que existem entre os homens e as mulheres".

Eu acrescentaria: e as diferenças que podem existir entre os próprios homens; como nos tem explicado frequentemente, na China não se confiará a homens frágeis ou de saúde delicada trabalhos que requeiram uma grande robustez física. E o artigo continua: "Porém a força ou a debilidade física não podem em nenhum caso servir de pretexto para uma diferença de retribuição entre os homens e as mulheres. A cada um segundo suas capacidades e segundo o seu trabalho: seguindo este princípio, as normas que fixam a retribuição do trabalho levam em conta a quantidade e a qualidade do trabalho efetivo de cada trabalhador, assim como a contribuição maior ou menor que seu trabalho represente na produção socialista".

Levar em conta particularidades fisiológicas da mulher; esta preocupação se manifesta também na duração das suas licenças. Todos têm direito a um dia de descanso semanal, porém mulheres desfrutam de quatro dias suplementares ao mês durante sua menstruação, no campo e na cidade. Também, se aposentam aos 50 ou 55 anos, segundo o trabalho que tenham desempenhado até então, e os homens, até aos 60. Estas pequenas diferenças entre o "igualitarismo absoluto" e a igualdade entre os sexos podem parecer bizanti-

6. *A Nova China*, nº 8, 1972.

nas, ou perigosamente escorregadiças, suscetíveis de introduzir a ideia de uma desigualdade fundada na "natureza", na fisiologia. Com efeito, o que faz parte da natureza fisiológica sexual? O que, em troca, provém de um conhecimento sexual culturalmente determinado pelo lugar que as mulheres ocupam na sociedade? A delimitação nem sempre é fácil, é, entretanto, indispensável.

Sobre as aptidões das mulheres para dominar determinadas técnicas agrícolas, volta-se a encontrar as mesmas controvérsias entre "tarefas femininas e masculinas". Alguns chegam (aparentemente ao contrário dos defensores do "igualitarismo") até a afirmar que os homens e as mulheres devem dividir o trabalho segundo seu sexo. O mesmo artigo do *Bandeira Vermelha* comenta a este respeito: "Essa velha sobrevivência da antiga sociedade, que consiste em opor trabalhos agrícolas masculinos e trabalhos agrícolas femininos, subsiste ainda em algumas regiões; trabalhos de tecnicismo bastante desenvolvido como a semeadura do trigo ou do arroz e a fertilização dos solos, são considerados trabalhos de homens. Alguns negam às mulheres o direito de iniciar-se e participar neles, seja ridicularizando-as ou dizendo que isso é colocar 'a popa adiante', que é 'o mundo ao contrário'..."

O artigo faz notar que justamente se os homens adquiriram uma superioridade técnica nesses trabalhos, deve-se unicamente ao fato de que tiveram longa prática, enquanto que as mulheres, estando confinadas na antiga sociedade às tarefas domésticas, com maior frequência os trabalhos agrícolas lhes estavam proibidos.

Por que – acrescenta *Bandeira Vermelha* – uma prática repetida não haveria de permitir também a elas tornarem-se hábeis na técnica do transplante? Se lhes é negada toda a ex-

periência prática, de onde virá a técnica? Estas atitudes se derivam de um pensamento feudal. É uma manifestação do desprezo das classes exploradoras pelas mulheres. É essa pretensa natureza feminina um conceito pernicioso e retrógrado ao qual se referiam Liu Shaoqi e outros.

A respeito das consequências dessas atitudes sobre os salários de homens e mulheres, o artigo do *Bandeira Vermelha* prossegue:

Existe outro tipo de ideias falsas que também é necessário combater. Por exemplo, alguns camaradas reconhecem que efetivamente não é justo que as mulheres recebam 8 pontos[7], por um mesmo trabalho em que os homens recebem 10. Não obstante, não fazem nada para eliminar esta injustiça, já que fazem o seguinte raciocínio: "Considerando as coisas ao nível de lares e não mais ao nível de indivíduos, ninguém é prejudicado economicamente, pois cada família conta com homens e mulheres". Isto os leva a atribuir mais que uma importância relativa à aplicação desse princípio... Esta maneira de raciocinar é falsa, não se pode examinar o problema a partir do ponto de vista da perda ou lucro econômico sofrido ao nível de lar. A aplicação do princípio de igualdade de salários entre homens e mulheres é antes de tudo um problema político muito importante, um problema de linha ideológica. A igualdade de homens e mulheres no terreno econômico está estreitamente ligada à sua igualdade no terreno político. A persistência em certos lugares da velha ideologia que tende a

7. A repartição dos rendimentos se faz anualmente depois da colheita de outono, tomando a equipe de produção (unidade de base da produção agrícola) como base de cálculo. Mensalmente cada membro da equipe se atribui os pontos que acredita poder dar a seu próprio trabalho. Isto se faz em uma discussão coletiva durante a qual camaradas intervêm se não estão de acordo com a avaliação pessoal, quer seja porque a julguem superestimada ou que a julguem, igualmente, subestimada. Justamente a propósito da atribuição desses pontos de trabalho, foi que teve lugar a polêmica.

superestimar os homens e a subestimar as mulheres não é senão o reflexo político da desigualdade econômica dos homens e das mulheres. E, por outro lado, é no terreno político onde se manifesta a oposição das grandes massas femininas contra esta desigualdade. Algumas mulheres dizem muito bem: "Nós não lutamos por alguns pontos de trabalho suplementarem, lutamos pela honra". Considerar que a desigualdade de retribuição entre homens e mulheres não é de importância primordial virtualmente significa considerar que o estatuto da mulher não é de primordial importância, o que em si mesmo deriva de uma ideologia feudal, do desprezo pelas mulheres!

Capítulo 2

A socialização dos campos na China e a libertação das mulheres

As camponesas contam...

Na sala de reunião da comuna popular de Chawan, uma camponesa de uns quarenta anos nos contou a história da coletivização das terras nesta comuna, marcada em todas as etapas pelo papel das mulheres.

Na libertação, a reforma agrária emancipou politicamente camponeses pobres e medianamente pobres, assim como as mulheres que receberam terras como os homens. Porém a produção se efetuava ainda sobre a base familiar, se bem que a família devia desenvolver-se sozinha frente às dificuldades. Em um ano houve uma grande seca, e para poder levantar colheita apesar disso, foi indispensável transportar a água aos campos. As famílias que tinham falta de braços estavam em muita desvantagem. Uma viúva que eu conhecia havia recebido cinco mus[8] durante a reforma agrária, porém lhe faltava ajuda e seus rendimentos eram muito baixos. Tomou consciência das dificuldades e ajudou ativamente na criação dos primeiros grupos de ajuda mútua entre as famílias. Porém, esses grupos não resolviam tudo. Nos ajudávamos, mas a propriedade familiar seguia sendo a base da produção e, finalmente, era a família responsável por seus êxitos e seus fracassos. Certo ano, uma família vizinha esteve muito afetada por enfermidades; não puderam trabalhar e finalmente tiveram de vender suas terras[9] para tratar-se. Isso foi uma lição política importante para os camponeses pobres do povoado. Pensamos: "Se não se prossegue a coletivização, as divisões

8. 1 mu = 1/15 de hectares.
9. Esse direito de venda existiu até 1952.

de classe se aprofundarão!" Então criamos as primeiras cooperativas. Muitas famílias trabalhavam em comum e repartiam entre si os benefícios sobre a base das terras e animais acrescentados. As mulheres estavam duplamente obrigadas a cooperar. Primeiro como camponesas: reconheciam nisso a única via para evitar que os campos voltassem a ser o horrível inferno de exploração dos pobres; mas também porque enquanto a produção se efetuasse sobre a base familiar, estariam encravadas em suas casas. Quem mais do que elas poderiam ocupar-se das crianças, da arrumação da casa, da comida? Em troca nas equipes, todos, homens e mulheres, trabalhavam: então era muito necessário encontrar soluções coletivas para as crianças e o trabalho doméstico.

"Se nos ajudamos mutuamente para os trabalhos agrícolas, devemos fazê-lo também para os trabalhos domésticos" – tal era a posição das mulheres. Eu dizia a meu marido: "É necessário que entremos nessa cooperativa". Porém ele me respondia: "Tu não és mais que uma égua[10], não entendes nada desses assuntos, tu não irás trabalhar fora!" Isso me enchia de cólera: "As mulheres se emanciparam, não tens nenhum direito de tratar-me assim; o que temos obtido lutando, não cederei!" E entrei na cooperativa sem ele. Quando protestava pelas dificuldades em seu trabalho (particularmente por sua incapacidade, como antigo camponês pobre proprietário de uma parcela, para efetuar sozinho todos os trabalhos agrícolas) eu lhe explicava, apoiando-me em fatos, a superioridade da cooperativa; depois de um tempo compreendeu que a origem de sua teimosia eram as ideias feudais que conservava a respeito da propriedade privada e a respeito do papel das mulheres. Havendo compreendido isso, pôde incorporar-

10. Assim se designava as mulheres na sociedade antiga.

se à cooperativa. No povoado conheço muitas famílias onde se passam as mesmas coisas. Mais tarde, abrimos um novo umbral na coletivização. Era necessário reagrupar mais forças para poder empreender grandes trabalhos a fim de dominar a natureza; por exemplo, trabalhos de irrigação. Porém em lugar de impulsionar a via da coletivização, os "liushistas" (partidários de Liu Shaoqi) aproveitavam cada calamidade natural para promover sua trapaça da "produção sobre a base da família". Se armavam de frases derrotistas ou diziam isoladamente: "Nesta comuna somos demasiado poucos para empreender grandes trabalhos, não temos mais que 2 mil forças de trabalho". O que era falso: chegavam a essa cifra contando a cada duas mulheres por um homem. Aqui as colinas que rodeiam a brigada eram tão áridas, tão ressecadas, que poderiam ser chamadas de calvas. Os camponeses pobres que queriam prosseguir a coletivização diziam: "É o homem que deve dominar a natureza e não o inverso: as colinas calvas estarão cabeludas em pouco tempo". E nos lançamos ao combate. Durante dias carregamos no ombro canastras de terra sobre a colina; escavamos o solo em terraços. Uma após a outra, as quatro colinas que rodeiam a comuna caíram entre nossas mãos. Agora colhemos chá, as colheitas mais abundantes da região. Teríamos podido chegar a tal resultado permanecendo em nossas parcelas individuais? Por isso é que combatemos os lischistas. E nesse movimento as mulheres estavam na primeira fila, é um fato conhecido de todos!

Ela se cala. O secretário do comitê revolucionário sentado a seu lado intervém: "Eu também queria contar outros atos que mostram que as mulheres muito frequentemente nos dão lições revolucionárias, de perspicácia e de obstinação. Uma certa vez, antes dos grandes trabalhos de irrigação, ocorreu uma seca terrível. Todas nossas colheitas estavam

ameaçadas; nem sequer era possível transportar água, os rios dos arredores estavam secos. Alguns velhos da comuna contavam que em sua infância tinha uma fonte em uma grande pradaria, próxima do povoado, porém ninguém sabia exatamente onde. Uma equipe de moças decidiu descobri-la. Partiram imediatamente à pradaria acima do povoado, e durante cinco dias e seis noites, revolveram a terra para tornar a encontrar a fonte. Muitos julgavam inúteis esses esforços e caçoavam. Fontes em Chawan! Isso se saberia! Porém ao sexto dia pela manhã, as moças descomo torvelinho ao povoado, gritando: 'Encontramos a fonte! Encontramos a fonte!' Então todo mundo se precipitou ao lugar e viu um pequeno arroio de água que atravessava a terra. Elas o tinham encontrado apalpando a terra com suas mãos até que chegaram a blocos de terra um pouco menos secos. Então se tinham posto a cavar sem descanso nesse lugar e tinham conseguido descobrir a fonte. Isso não era nada. Todo o povoado pôs a trabalhar; cavamos toda a jornada para fazer um grande depósito, depois fizemos canalizações; em uma semana tivemos água suficiente para os campos. Nossa colheita salvou-se. Demos o nome a esta fonte de "fonte das mulheres", e quando acontece dos homens não prestarem atenção às propostas das mulheres, sempre há alguém que recorde: "E a fonte? Quem tinha razão, elas ou nós? Não se pode esquecer a lição da fonte!"

Depois dessa reunião fomos conduzidas por um estreito caminho até a fonte. No lugar onde se localizava tinha-se cavado um profundo depósito de 6 mil livros revestido de pedras. Edith imaginou as seis garotas agachadas, apalpando cada polegada da pradaria como um grande ventre enfermo; a certeza de que iam triunfar lhes impedia de considerar hercúleo tal trabalho. Por que não foram os homens que fizeram

esse trabalho? As mulheres não têm "dons" especiais de zahorí![11] Porém também, por que entre os camponeses são primeiro os mais pobres os que se organizam em cooperativas? Evidentemente porque eram os que estavam mais em condição de compreender a superioridade do coletivismo em razão da sua situação econômica. Se as mulheres haviam passado cinco dias e seis noites buscando a água com seus dedos, é porque estavam decididas a provar que a coletivização era superior à propriedade individual familiar e conheciam também como a forma concreta de sua opressão feminina.

Tem-se demasiada tendência a pensar que a especificidade feminina aparece exclusivamente no terreno das contradições entre homens e mulheres. Na realidade, a longa prática que as mulheres têm da sua opressão é muito rica. Pode-se avançar como hipótese que existe uma dupla especificidade feminina, ou mais exatamente dois aspectos da especificidade feminina: o que resulta da situação de inferioridade da mulher na sociedade (em uma sociedade que descansa sobre o interesse privado) e o que nasce de sua inferioridade imediata em sua relação ao homem, sendo este último uma consequência do primeiro. É porque as mulheres têm um conhecimento mais profundo dos limites do horizonte familiar que estão mais bem situadas que os homens para rechaçar a ilusão de que "o ideal é ser senhor em sua casa". O papel de vanguarda que as mulheres representam em certos momentos históricos, se explica pelo fato de que mais do que ninguém elas não têm mais anda a perder a não ser seus grilhões. É assim como é necessário compreender, em minha opinião, o desafio das zahories de Chawan: e se mais que ninguém as

11. *Zahori*: pessoa que tem a faculdade de descobrir o que está oculto, especialmente o que se localiza debaixo da terra: "Contrataram um zahorí para que dissesse o lugar onde fariam o poço".

mulheres estavam desde sempre dominadas pela natureza, quem devia constituir as primeiras filas para dominá-la? Que revanche sobre a história e sobre os céticos!

Os novos comitês de mulheres de Chawan

No transcurso dessa mesma discussão nos foi confirmado que durante a Revolução cultural a antiga organização de mulheres havia sido "suspensa". Esta associação revolucionária, nascida nas chamas da guerra antijaponesa, tinha se convertido numa associação de "bem-estar" na qual se destilava uma ideologia retrógrada de mulheres do lar que não se interessavam mais que pelas pequenas alegrias e tristezas familiares, em suma, a mulherzinha, muito próxima da imagem que se passa dela na imprensa capitalista especializada. A camarada Ton An-ming, uma camponesa de uns 30 anos, nos contou que em Chawan, em toda a comuna popular, elas haviam organizado vários comitês revolucionários agrupando umas 5,5 mil mulheres, isto é, a grande maioria (mais de 80%) e que ela mesma era responsável por um deles. Durante nossa viagem, com frequência nos foi dito que a organização das mulheres estava em sua "etapa de luta-crítica-reforma", isto é, que o balanço completo das suas atividades passadas não estava terminado e que, por outro lado, as novas orientações não estavam ainda claramente traçadas. Com toda evidência, há um debate nas massas sobre isto, e a organização "nacional" não se criará por uma decisão de "cima", e sim sobre a base de inumeráveis pesquisas e experiências feitas pelas próprias massas. Nós também estávamos muito particularmente interessadas em saber quais eram os objetivos em que se fixavam os comitês revolucionários das mulheres de Chawan (provavelmente provisórios), Ton Na-ming nos respondeu: "Atualmente temos definido cinco tarefas principais".

Primeiramente, o estudo do marxismo, do leninismo e do pensamento maoísta. A esse respeito, gostaria de contar-lhes como temos procedido. A princípio, fizemos cursinhos de estudos, comuns para homens e mulheres. Portanto, os casais traziam consigo as crianças pequenas, o que atrapalhava o estudo. Então as mulheres propuseram: "Em vez dos vizinhos nos ajudarem cuidando das crianças, vale mais que sejam os homens que fiquem em casa para cuidar dos pequenos enquanto as mulheres estudam; assim nós podemos estudar livremente e, por outro lado, os homens percebem melhor o que representa o cuidado dos filhos". Foi assim como procedemos. Seis vezes ao mês, as mulheres são as que estudam; outras seis vezes, os homens. As mulheres estão muito satisfeitas com esta solução: "Encontramos um método eficaz para estudar a política", dizem.

Neste momento, uma velha camponesa interrompeu a narração de Ton An-ming para dizer: "Uma noite que eu devia ir estudar, começou a chover torrencialmente. A noite estava negra. Meu marido aconselhou-me não me arriscar pelo caminho com esse tempo e em plena escuridão. Eu lhe respondi: "No passado, apesar da luz do dia, eu estava como cega já que, como quase todas as mulheres, não sabia ler nem escrever. Hoje, com mais de 60 anos, vou ainda à escola para trocar experiências revolucionárias com outras mulheres, reeducar-me e elevar meu nível de consciência política, e tu queres que eu fique em casa esta noite? Não conheces o preço estudo para nós mulheres". Conto-lhes esta história porque mostra como as mulheres estão fortemente ligadas ao estudo político – finalizou a velha camponesa sem parar para tomar fôlego. Visivelmente incomodada por falar em público e perante es-

trangeiras, decidiu fazê-lo para permitir-nos medir a importância desse ponto que lhe parecia capital: as mulheres desejam ardentemente estudar!

Ton An-ming continua: Em segundo lugar: fazer tudo para facilitar a grande crítica revolucionária. Nós, as mulheres, devemos desenvolver uma luta de envergadura contra todas as manifestações do revisionismo, principalmente levar até o fim a crítica das massas sobre as antigas orientações da organização de mulheres.

Em terceiro lugar: fazer funcionar tudo para que as mulheres participem plenamente nas diferentes atividades políticas, isto é, que desempenhem seu papel de "metade do céu". Em todos os domínios e em todos os escalões dos órgãos de direção se encontram mulheres; porém há ainda demasiadas mulheres que não ousam dar sua opinião em assembleia pública, ou se o fazem, alguns homens não prestam-lhes suficiente atenção. Nosso papel é informar-nos sobre este problema, mobilizar as massas e resolvê-lo. Isso me recordou o que nos tinha falado o instrutor político de uma escola "7 de maio"[12] nas proximidades de Pequim: "Quando para uma tarefa de responsabilidade nos encontramos diante de duas pessoas, um homem e uma mulher, que sensivelmente têm as mesmas qualidades para cumpri-la, a política do partido consiste em confiar esta tarefa preferencialmente à camarada mulher. Eis aí uma posição de princípio revolucionário".

Em quarto lugar: destruir as velhas ideias retrógradas entre os homens, porém também entre as mulheres, principalmente no que diz respeito à pretensa superioridade dos homens em determinados terrenos técnicos. Cuidamos para

12. Escolas de quadros do 7 de maio: criadas durante a Revolução Cultural; têm como objetivo a reeducação dos quadros da indústria, do comércio e da administração.

que as mulheres participem em todas as atividades sociais sem nenhuma exceção. Travamos uma luta sem piedade contra as superstições que muito particularmente oprimiram as mulheres no passado.

Não se trata aí, para a camarada Ton, de uma fórmula literária, e sim de uma realidade perfeitamente concreta. Os mineiros de Annuyan nos tinham contado que antigamente era atribuído às mulheres atrair desgraça, e se alguém via alguma mulher caminhar próximo de uma entrada de mina, os operários se recusavam a descer por ele, acreditando que se tornara maldito. Ou bem essa outra história que mostra o papel especial das mulheres, uma de suas especificidades na luta contra o obscurantismo: uma velha crença ordenava que a oferenda de vinhos nos templos religiosos estivesse proibida às mulheres. Aquela que os bebesse devia morrer imediatamente, castigada pelo céu. As mulheres rebeldes beberam publicamente desse vinho diante de assustados camponeses, e quando estes viam que elas não morriam, suas crenças supersticiosas ficavam fortemente abaladas.

Ton An-ming acrescentou esta outra história: Há alguns anos tivemos chuvas torrenciais; hectares e hectares de sementes foram destruídos, as trombas d'água arrasavam os campos em declive. Uma roça de 500 quilos foi carregada para mais de um quilômetro daqui. Então um inimigo de classe, Hen, tratou de desmobilizar as massas. Foi por todas as partes falando: "Quando se vê a enxurrada nas vertentes da montanha, é o deus da peste que cai sobre a terra. Não se pode opor-se a ele ou tudo será devastado". Essas palavras feudais semearam a confusão entre alguns camponeses. Até alguns velhos, não estavam longe de pensar que se tratava de um castigo do céu contra as transformações sociais realizadas pelos camponeses. Então a camarada Pin se colocou adiante

e falou para as pessoas do povoado: "A enxurrada não é mais do que água. É o resultado de fortes chuvas. Que pode devastar? As casas e os campos, porém não pode destruir tudo, como diz Hen. Não pode destruir nossa vontade de levar a revolução até o fim. Isso nenhuma força no mundo pode alcançar. Não apenas não devemos temer ser "castigados", como devemos sim lutar com todas as nossas forças para vencer esta calamidade natural. Se desviamos o curso da enxurrada, evitaremos que outras plantações e casas sejam também assoladas. Assim que, mãos à obra!" Organizou as mulheres para o trabalho e desempenharam um grande papel. Depois de uma luta encarniçada de vários dias durante a qual removemos mais de 30 mil m3 de terra, conseguimos dominar completamente a enxurrada! E esse ano, apesar dos dilúvios obtivemos uma abundante colheita, superior em 25 mil quilos à colheita anterior. As massas de camponeses pobres e medianamente pobres da comuna de Chawan lutaram contra o céu e a terra e os inimigos de classe, e alcançaram alguns êxitos. Em todas as lutas as mulheres desempenharam um papel de envergadura que confirma a apreciação de Mao Tse-tung segundo a qual as mulheres representam uma força decisiva para a vitória da revolução.

Em quinto lugar: redobrar esforços para prosseguir a revolucionarização ideológica da família. Aí também as mulheres têm uma contribuição importante a dar à sociedade. Citamos já aqui numerosas provas. Talvez a camarada Li Mashien possa contar-lhes sua experiência.

Li Ma-shien, uns 40 anos, o rosto tostado pelo sol, toma a palavra: "Uma vez aconteceu que a brigada tinha necessidade de uma mesa para a coletividade. Quando eu soube disso falei com as camaradas que tinha uma em minha casa que podia servir e que, portanto, ficassem com ela. Quando

meu marido percebeu que eu havia emprestado a mesa, me disse colérico: "Algumas mulheres vão trabalhar para trazer mais bens do exterior para o interior da família, porém eu tenho uma mulher que faz o contrário e dá ao exterior o que estava dentro da família'. Depois dessas palavras, organizei uma reunião de estudo do pensamento maoísta em nossa família. Em particular, critiquei a concepção revisionista de Liu Shaoqi segundo a qual não havia contradição entre o interesse coletivo e o interesse privado. Essas são palavras hipócritas para propagar o egoísmo. Nós, camponeses pobres, devemos servir ao povo totalmente. Isto é, que a despeito de nosso interesse pessoal, devemos lutar contra o egoísmo e implantar entre nós a concepção proletária do mundo, pondo sempre em primeiro plano o interesse das grandes massas. Minha sogra nesse momento evocou os sofrimentos do passado e a felicidade de hoje, dizendo: 'Devemos atuar egoisticamente, e não pensar mais que em nossa família, esquecer o passado, esquecer os 700 milhões de chineses e os 3 bilhões de seres humanos que povoam a terra? Devemos proteger nossos bens e esquecer que dois terços da humanidade vivem ainda debaixo da opressão e da exploração?' Toda a discussão transtornou meu marido. Agora tem um cuidado especial com os bens da coletividade e além disso, não pensa somente nos seus. Quando os camaradas devolveram a mesa algum tempo mais tarde, meu marido fez sua autocrítica e disse: "Se a brigada tiver necessidade de qualquer coisa, sempre poderá busca-la em nossa casa".

A transformação revolucionária da família é uma tarefa muito vasta; diz respeito como veremos mais adiante, tanto à transformação da sua função social, como à destruição do interesse privado, e igualmente à criação progressiva de novas relações entre homens e mulheres e à revolução radical das

relações entre pais e filhos. É por isso que é interessante notar aqui que a evolução da família não é considerada pelos revolucionários chineses como uma simples consequência das mudanças sociais, mas igualmente como uma condição necessária à revolução; que, por outra parte, são as mulheres que naturalmente têm a responsabilidade de "dirigi-la"; e que, finalmente, essa "revolução" é uma das tarefas fundamentais que as mulheres devem à humanidade. Ton An-ming acrescenta: "Podemos resumir assim o objetivo dos comitês revolucionários: sob a direção do partido e do presidente Mao, valorizar plenamente o papel histórico das mulheres". Estamos certos disso! Na China, não se trata simplesmente de "ganhar" as mulheres para a revolução, e ainda menos, é claro, de neutralizá-las, mas sim permitir-lhes desempenhar totalmente, até o fim seu papel histórico do qual a revolução não pode prescindir. Que será a nova associação feminina chinesa? Uma coisa é certa: seguirá estando, à semelhança dos comitês de Chawan, e conforme a orientação de Mao Tsé-tung a esse respeito, baseada no reconhecimento da notável contribuição das mulheres à revolução. Estamos longe dos discursos paternalistas de Liu Shaoqi, como do resto de toda uma corrente dominante na III Internacional, que não via nas mulheres mais do que uma massa atrasada, facilmente manipulável, e pelas quais era necessário "fazer algo" com a finalidade de obter sua adesão.

SEGUNDA PARTE

Para a socialização do trabalho doméstico

Para obter a igualdade entre os sexos é necessário que uma questão seja resolvida: a da transformação do trabalho doméstico. Ao me recordar primeiramente do papel decisivo da participação das mulheres na produção para a sua emancipação, segui o que creio ser a verdadeira atitude das mulheres chinesas para se libertar. As mulheres são confinadas ás tarefas domesticas que as mantêm a parte da sociedade, e não podem se libertar a não ser participando "sem dificuldade de acesso" na produção social, como disse Ma Yu-Yin. Porém justamente esta participação lhes está proibida uma vez que devem assumir seu trabalho doméstico. É o círculo vicioso completo que conhecemos bem na Europa, e que Engels havia analisado, logo fará um século, em termos muito claros: "Só a grande indústria de nossos dias lhe abriu de novo – embora apenas para a proletária - o caminho da produção social. Mas isso se fez de maneira tal que, se a mulher cumpre seus deveres no serviço privado da família, fica excluída do trabalho social e nada pode ganhar; e, se quer tomar parte na indústria social e ganhar sua vida de maneira independente, lhe é impossível cumprir com as obrigações domésticas. (...) a libertação da mulher exige, como primeira condição, a reincorporação de todo sexo feminino à indústria social, o que por sua vez, requer a supressão da família individual enquanto unidade econômica da sociedade".[13]

Na contradição em que se encontra a imensa massa das mulheres do mundo, há forçosamente um aspecto desta contradição que a leva a outro, que a determina e o qual se deve resolver primeiro.

---

13. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.

Se as operárias de Chau Yan como as de Su Cheu, não prevenissem para que se resolvesse em primeiro lugar a questão do cuidado das crianças, por exemplo, para se comprometerem na produção social, entende-se, em troca, que se não tivessem encontrado "por sua vez" uma solução justa para o problema, teriam voltado rapidamente a uma situação que conhecemos bem na Europa: dupla jornada de trabalho.

A camarada Su Yin, que nos acompanhou durante toda nossa viagem, tinha uns 50 anos e era membro do Partido Comunista da China há quase 30. Tinha sido uma das responsáveis pela organização das mulheres. Estava encarregada, nos disse, de ajudar-nos a estudar e compreender o papel das mulheres na Revolução Chinesa: "Socializar o trabalho doméstico, disse, é chave para a libertação das mulheres. Se não se realiza essa socialização, a igualdade entre os sexos será formal, jurídica, porém, não real, as contradições entre homens e mulheres não se resolverão e finalmente o socialismo não poderá triunfar. Eis, pois, uma questão muito importante para o futuro".

As máquinas de lavar e a emancipação das mulheres

Sempre achei rica em ensinamentos essa "afirmação" burguesa enviada ingenuamente pelos canais mais oficiais: "Em nossos dias, a dona-de-casa das cidades emprega em média o mesmo número de horas para seu trabalho doméstico quem empregava há 100 anos". Acredita-se de boa vontade uma vez que se sabe que uma operária, mãe de três filhos, não "trabalhando" (Oh! A maravilha de hipocrisia desta linguagem!), apesar de tudo passa em torno de 14 horas ocupando-se do lar. Há um século as jornadas não tinham mais do que 24 horas, e ninguém pode imaginar que nossas bisavós pudessem "ocupar-se" mais tempo cada dia.

Não obstante, a industrialização massiva de todos, ou praticamente todos os setores da produção, teve no trabalho doméstico consequências notáveis, inegáveis. Tomemos o exemplo simples que era, há ainda quatro ou cinco gerações, uma produção quase exclusivamente familiar: a confecção das roupas familiares, a fabricação de conservas e salgamentos, o pão, ás vezes os tecidos; tudo isso, pura e simplesmente desapareceu dos deveres femininos. Encontramos tudo no comércio, isto é, na indústria capitalista. Mais recentemente, a produção em massa de aparatos domésticos como as maquinas de lavar roupas automáticas suprimiram quase totalmente nosso trabalho de lavação. Porém então, que se encontra no lugar de todas essas cargas das quais o capitalismo nos "liberou"? Não fazemos menos, mas sim outras coisas, diferentes, e eventualmente, em piores condições. É verdade que já não vamos bater roupa no tanque. Porém nossas bisavós não tinham um marido que trabalhava em equipe, obrigando-as a uma escala impossível entre o ritmo do marido, o das crianças na escola, o das vendas ou da repartição dos correios. Não perdiam horas em transporte todos os dias, ou muito frequentemente, para ir ao supermercado "menos caro, porém mais longe". Não passavam tardes inteiras de uma repartição a outra preencher os papéis que permitiam ao filho mais velho ir de férias ao interior, para inscrever o menor na escola, para obter o reembolso dos gastos médicos, para não o obter, para recuperar a carteira de identidade, para conseguir um aluguel, para não o conseguir, para ir ver um e ouvir dizer: "Tarde demais, já está ocupado"; para levar o pequeno ao posto médico, para ficar na fila e regressar no dia seguinte. Elas não tinham creches, é verdade, porém nós tampouco, ou tão poucas, e tão tristes; porém tinham os avós, se não na

mesma casa, ao menos muito próxima, e em seu bairro tinham velhas amigas que conheciam desde sempre. O que nós "conhecemos" é o que os sociólogos chamam de "a necessária mobilidade da força de trabalho"; temos mudado, e mudaremos, três ou quatro vezes de cidade em nossa vida; nosso bairro, apenas o conhecemos, nossos pais, estão longe demais para ocupar-se dos meninos.

Antes, é verdade, não havia água corrente, era necessário ir à bica pública, porém ali as mulheres se encontravam. Discutia-se. A água corrente, ao suprimir esse serviço, suprimiu ao mesmo tempo um laço social entre as mulheres. E em seguida, por trás dos muros privados, o trabalho consagrado à lavação da roupa converteu-se em algo "invisível" e socialmente "inexistente".

Aspiradores, refrigeradores, lavadoras: bom negócio! Uma pessoa se endivida para comprá-los; para mantê-los ou reformá-los se necessitaria ser técnico. Então levam ao "especialista": "Porém, olhe você que curioso, já não se faz esse modelo: já não há peças de reposição". Está perdido. Paulo não tem tempo de consertá-lo ainda que tenha habilidade. Ah! Por sorte o vendedor nos propõe: por nosso velho aspirador, que não valia nada há alguns segundos, agora nos oferecem 50 francos... com a condição de comprar um novo que custa 250. A mecanização concebida é de dois gumes. Se, por um lado, facilita alguns trabalhos, a manutenção desses aparatos cria novos; para ser verdadeiramente eficazes, se necessitaria que esses aparatos fossem coletivos e que cada família, isto é cada mulher, não tivesse sozinha a carga de sua manutenção.

Christiane Collange[14], uma mulher que triunfou e em quem se pode confiar, fez há uns anos uma descoberta: o trabalho doméstico é como o trabalho de fábrica. Para cumpri-lo corretamente é necessária uma boa administração, finanças saudáveis, racionalização das tarefas; em suma, é uma pequena empresa que se pode "gerenciar"; ao final obterá ganhos! E graças a ela, as mulheres não são serventes e sim executivos que têm inquietações certamente (como todos os executivos, já se sabe) mas a grande satisfação (oh! que grande!) de cumprir seu trabalho em seis horas, onde as pobres criaturas limitadas que ainda não compreenderam o alcance histórico de seu papel, empregam seis horas e meia, digamos sete. E que faz *Madame et le management* com essas duas horas ganhas assim... ganhas de si mesma? Vai ao cabelereiro para que lhe faça cachos que "agradariam" seu marido, que mais provavelmente nem notará. Que vida tão excitante!

É verdade, nossas bisavós tinham fatigantes jornadas de lavação. Tinha o dia dos vidros, o dos pisos, o dia das marmeladas e o de passar as roupas. Nós, temos mais bem as camas, os mandados, a comida, de novo pratos sujos, e isso todos os dias ou quase todos. Temos aumentado nosso ritmo. É claro que há pausas, tempos mortos. Porque não se pode armazenar o trabalho doméstico. Não se pode cerzir as calças antes que se tenham rasgado, não se podem lavar os pratos antes que se tenham sujado. Então há baixas na intensidade do trabalho, inclusive francamente "tempo livre", por exemplo duas horas no meio da tarde, apertadas como um sanduíche entre os mandados-comidas-pratos sujos do meio dia e a correria das 4h30, da escola-merenda-brigas-crianças-jantar-pratos sujos- bebê para a cama. Pois destas duas horas

14. Christiane Collange; *Madame et le management* (Dona-de-casa e gerente).

não podemos fazer nada! Muito breve, muito cortado, muito incerto ademais, para organizar uma ocupação regular como trabalhar "fora", muito pouco até para sair pois se está longe de tudo. Então estas duas horas ganhas arduamente se convertem em duas horas de aborrecimento terrível, de solidão, de desespero. É nesses momentos que uma mulher se põe a pensar, e se vê como uma marionete que se agita em todos os sentidos sem avançar nem um centímetro. Qual é o sentido de tudo isso? Arrebentar-se, esgotar-se, ontem hoje e outra vez amanhã, e conseguir a manutenção de toda a casa, descansar, "viver em família", sair de férias, o tempo livre. Quê! Mentira! Na realidade, é descansar o suficiente para tornar a começar o dia seguinte, e no outro e sempre, e que nossos filhos, após nós, façam o mesmo. Há momentos em que as mãos das mulheres, essas famosas "joias que me enlouquecem", de boa vontade se converteriam em punhos cerrados.

Não! Moulinex[15] não liberta a mulher! Nem Moulinex, nem o produto que tira o amarelado sem ferver a roupa. E sabemos do que falamos, nós, as filhas do Robot Charlotte e de Madame Soleil. Porque não se pode libertar a mulher sem destruir a própria função da família em nossa sociedade; essa função significa para as classes oprimidas: produzir os futuros trabalhadores (filhos), cuidar, nutrir, manter em condições os atuais trabalhadores (maridos) e de tal maneira que nossos filhos e nossos maridos estejam de acordo com o "consumo" que a burguesia queira fazer deles, isto é, não podem ser outra coisa que oprimidos, física, intelectual, moral, politicamente. Ah! Por certo, se o capitalismo pudesse, sem fazer perigar sua existência, reunir trabalhadores em grandes quartéis, com o estrito mínimo necessário para sobreviver, se

15. Referência à máquina de lavar de uma empresa francesa de eletrodomésticos.

pudesse colocar todas as crianças em orfanatos, talvez então a condição feminina se modificaria. Tenderia a parecer-se à dos homens. Porém, se poderia falar de libertação? Isto mesmo é uma hipótese absurda pois a fluidez e a concorrência entre as forças de trabalho implicam que estas se reproduzam de maneira privada, sendo a casa um responsável de desenvolver todos seus esforços para corresponder o mais possível ao que se espera dele o capitalista em todos os terrenos, sob pena de ser rechaçado da produção e de morrer.

Compreende-se que os príncipes que nos governam não tenham a menor intenção de se desfazer desta família, máquina tão necessária e que tem demonstrado seu valor.

Capítulo 3

Primeiro, coletivização, depois mecanização!

A socialização do trabalho doméstico implica necessariamente na destruição da função econômica da família e, da mesma forma, da sua função política passada. Porém, esta destruição, por sua vez, torna absolutamente necessária a criação de novas estruturas sociais que possam substituir os diferentes "deveres" da família. Da preparação das comidas à educação moral dos filhos, da conservação da roupa, como dos cuidados dos pequenos, do lazer; em suma, de tudo o que constitui o plano cotidiano da mulher em seu lar.

Destruir essas funções familiares é uma evidência para os revolucionários, porém como e pelo que substituí-las? Isto é outro assunto! Kollontai, uma dirigente bolchevique dos anos 20 preconizava, para libertar a mulher dos cansativos serviços domésticos (entre outras medidas) a criação de um corpo especializado de operários do Estado, que se encarregariam disto exclusivamente. Porém, quem libertaria esse corpo especializado desse cansativo trabalho? Sobre tal questão Kollontai permaneceu muda. Para abolir uma opressiva divisão do trabalho que condena as mulheres ao cuidado da casa, se introduz uma nova divisão do trabalho, que não resolve nada.

"O domicílio individual periga; cada vez mais, é substituído por um domicílio coletivo. A mulher trabalhadora poderá não se ocupar de arrumar seu alojamento ela mesma; na sociedade comunista de amanhã, esse trabalho será feito por

uma categoria especial de operárias que não farão mais que isso".[16]

Assim as mulheres se queixam de estar confinadas no trabalho doméstico? Não querem ser as "operárias especializadas" da casa? Que isso não seja um obstáculo! Criaremos um corpo especializado de trabalhadores (Kollontai diz de operárias!) que não somente farão seu próprio trabalho doméstico, mas o de todos os demais! Que conquista!

O socialismo não consiste em remunerar melhor as tarefas fastidiosas, ou em fazer que somente uma parte dos trabalhadores as exerçam, mas em suprimir o caráter fastidioso e absurdo do trabalho. E enquanto em tal ou qual ramo não se tenha podido ainda suprimir totalmente esse caráter, este não deve ser concentrado nas mãos de um batalhão, mas completamente ao contrário, reparti-lo o mais amplamente possível, de tal modo que, assumindo cada um uma pequena parte, não escravize ninguém.

Imagens e discussões acerca da via chinesa

O tempo estava fresco nessa quinta-feira de dezembro em que filmamos a grande limpeza semanal da cidade operária de Shangai. Crianças de todas as idades, armadas com vassouras e recolhedores de lixo, limpam as alamedas, amontoam as folhas, os pedaços de papel (que são raros, pois na China se é "social" e não se joga lixo no chão) enquanto aqui duas equipes de aposentados lavam as escadas, outros mais, as cerâmicas, enquanto pequenos grupos consertam, aqui e ali, uma porta estragada, uma pia que está vazando. Reina uma animação extraordinária. Aproveita-se para continuar uma discussão com os vizinhos, para ensinar-se mutuamente

16. Kollontai, *A Família e o Estado Comunista*.

alguma nova canção. Este não é um trabalho pago, é voluntário e coletivo. Se alguém não participa, não é arrastado aos tribunais. Não obstante, se você o evita sistematicamente, ou se o faz "para tirá-lo de cima", sempre haverá uma turma de crianças que virá lhe pedir satisfação, criticar e falar com você até que esteja convencido da importância do trabalho coletivo e voluntário.

Uma discussão em Siau-Wang

A via chinesa consiste em pôr em primeiro plano a luta contra a ancestral divisão do trabalho e isto, sem a premissa de progressos técnicos. Na comuna popular de Siau-Wang, as ruelas do povoado conduzem em ziguezagues a uma praça na qual se elevam as "novas construções", pequenos edifícios baixos com tetos ligeiramente levantados que recordam vagamente os dos pagodes. Os muros de tijolo estavam brancos e cada porta dava para uma moradia. Chegava-se ao andar superior, no qual estavam os quartos, por uma escada de madeira que saía da cozinha. As salas comuns se abriam diretamente para a praça; o chão era de terra pisada, encostado no muro branco um chapéu de palha de grandes abas, mais adiante uma peneira de madeira escura. Tudo era simples e cálido. Via-se normalmente as pessoas comendo no umbral da porta conversando entre elas.

Obviamente, a mecanização do trabalho doméstico ainda estava pouco avançada, isto é, aqui, como na maioria dos povoados, todas as casas tinham eletricidade, mas não tinham ainda água corrente, nem vasos sanitários. Uma mulher jovem muito sorridente nos ofereceu chá em sua casa; entraram os vizinhos, saudaram com um movimento de cabeça e vieram se misturar na conversa. Todas as nossas perguntas se reduziram a esta: Como resolver o problema do tra-

balho doméstico em condições de comodidade tão rudimentares? Nos disse: "É necessário fazer esforços para desenvolver a mecanização das tarefas domésticas. Os camponeses trabalham aqui nisso, porém não é necessário esperar que essa mecanização tenha sido alcançada para descarregar as mulheres dessas tarefas tradicionais. Há quinze anos não havia eletricidade, menos ainda máquina de lavar, nem creches. Para criar as cooperativas agrícolas, os camponeses inventaram soluções que supriam a falta de meios. As crianças? Eram levadas aos campos onde os maiores os vigiavam enquanto copiavam caracteres para aprender a ler. Quanto aos velhos, assumiam no povoado serviços coletivos; oficinas de reparação e lavação de roupa, etc. Na época das colheitas, eles preparavam as refeições que comíamos todos juntos".

Esse costume não se perde, e durante os grandes trabalhos há sempre essa espécie de refeição coletiva, que tem por sua vez algo da comida campestre, de restaurante, de comer rápido e de festejos de campo. Quanto ao que diz respeito à manutenção propriamente dita das casas, houve uma repartição equitativa no seio da família. O marido, a mulher, os avós, as crianças, todos trabalham realmente por si mesmos. Um homem que não somente lava os pratos sujos, mas que prepara a comida, lava o chão, prega um botão, cura um arranhãozinho do pequenino, e não uma vez no domingo e sim regularmente, esse não é mais um marido clássico.

E para que as mulheres chegassem a esse resultado se necessitou que algo acontecesse. O que ocorreu? Um "pequeno acontecimento": as mulheres haviam se convertido em uma força política cuja importância estava claramente manifestada na luta pela socialização das terras, como os camponeses de Siau-Wan nos contaram. Uma força política massiva, tenaz, penetrante que não se podia ignorar. É fácil se servir

de uma esposa submissa, silenciosa, ignorante das questões gerais; porém vá recusar-se a lavar o chão para uma mulher que acaba de tomar a palavra perante todo o povoado, que teve a valentia de erguer-se contra os camponeses ricos, que se bateu para fortalecer os vínculos nas fileiras dos camponeses, que organizou equipes de mulheres que participarão amanhã, como os homens, nos trabalhos para irrigar os campos ressecados, uma mulher que foi apoiada e aplaudida pelo povoado... Delicado! E isso era o pão de cada dia.

Sim, as mulheres tinham se convertido em uma força política muito real com a qual tinha que contar, em todos os sentidos da palavra. Se um marido, um pai recalcitrante se recusa a admiti-lo e não muda seu comportamento, será persuadido para que se convença. A princípio, sua mulher, paciente, tratará de persuadi-lo por meio da discussão; se isso não é suficiente, não vacilará em reunir toda a família para colocá-la como testemunha; se isto não produz nenhum efeito, o comitê de mulheres do povoado virá em massa a sua casa para exigir-lhe, política, porém firmemente, que tome consciência de que o socialismo e o feudalismo são duas coisas diferentes. E se apesar de tudo isso, nosso homem se obstina, o que raramente acontece, ainda se poderá fazer uma crítica massiva com todo o povoado. Enfim, "em última instância" existe o divórcio.

A jovem conclui: "É principalmente por nossa participação na luta de classes que compreendemos a origem de nossa servidão e é por isso que modificamos nossa situação de mulheres". Várias vezes antes desta visita, tivéramos a oportunidade de nos reunirmos com mulheres veteranas na luta revolucionária, e havíamos "pressentido", ao escutar as suas narrações, o que agora tão claramente nos dizia essa

camponesa. É porque as mulheres chinesas se ergueram contra o feudalismo, contra o inimigo de classe, que têm aprofundado a consciência sobre sua opressão como mulheres. As camponesas que participaram na luta antijaponesa viram em sua situação conjugal um obstáculo suplementar a superar para alcançar a vitória. As tradições feudais, que lhes proibiram de trabalhar nos campos, eram insuportáveis, não somente porque as privavam da possibilidade de ter, ainda que fosse só isso, alguma independência econômica, mas sobretudo, porque se as mulheres não tivessem tomado em suas mãos a produção agrícola nas zonas liberadas, que com frequência os homens fortes, na força da idade, haviam abandonado para engajar-se no exército popular, estas não teriam podido sobreviver e bastar-se a si mesmas: a revolução não teria podido triunfar. Com frequência na luta por fazer admitir seu direito a fazer a revolução é onde as mulheres podiam medir a vastidão de sua opressão específica. Também as camponesas que massivamente participaram no movimento pela socialização da agricultura são as que adquiriram nessas lutas uma experiência social fundamental; as que ampliaram assim seu horizonte, ressentem-se ainda mais do trabalho doméstico tradicional como uma estreita algema, apertada, em total contradição com o papel revolucionário que representam e desejam representar. Quantas vezes nos contaram que tal operária ou camponesa que queria trabalhar era criticada por sua família ou marido?: "Porém isso é insensato, há dinheiro suficiente em casa, para que irias tu trabalhar fora?" – "Para fazer a revolução!"

Há caminhos necessários para que a consciência de nossa opressão particular se forme claramente. Por que foi necessário nos países capitalistas a entrada de uma forte minoria de mulheres na indústria, ou mais geralmente em uma

atividade social, para que nascessem movimentos femininos? Sem dúvida porque essa experiência trabalho social ampliava o horizonte feminino limitado até então aos insolúveis problemas familiares. Porque pela primeira vez, sem dúvida, a condição feminina não aparecia mais como fatalidade divina, e sim como uma consequência inevitável de uma organização social desumana, que transforma os homens em máquina de produzir, e a nós em "restauradoras" dessas máquinas. Ao entrar na produção social capitalista, as mulheres descobriram quem eram os responsáveis, realmente a que interesses servia sua escravidão doméstica. É uma lição que não podiam esquecer.

Socialização do trabalho doméstico, socialização da agricultura: um paralelo revelador

Dezenas de vezes temos verificado que a socialização, a transformação das relações entre as pessoas, não se concebem na China como uma etapa posterior ao desenvolvimento da mecanização, mas pelo contrário, se empreende sem demora, progressivamente. Eu disse isso francamente às operárias das pequenas fábricas de bairro como a de Chau Yan. Este passo é igualmente válido para o trabalho doméstico. "Não há que esperar o desenvolvimento da mecanização para começar a socializar", nos explica esse jovem e isso nos trazia à memória a afirmação de Trotsky, quando ainda era um dirigente da URSS: "Temos necessidade de uma acumulação socialista e somente com esta condição poderemos nós libertar à família (e, portanto, a mulher) de todas as funções que hoje em dia a oprime e a destroem".[17]

17. Citado por Geiger, *A família na Rússia Soviética,* p.79

Essa ideia justificava que se deixava sempre para o dia seguinte o encargo de resolver o problema do trabalho doméstico. Contudo, as mulheres continuavam desempenhando, como no passado, a dupla jornada de trabalho, e sofrendo o desprezo mais ou menos sutil da sociedade, justamente porque ainda eram "domésticas". Mas, isso redundava, de fato, em fazer depender a emancipação das mulheres, não de seu trabalho, senão dos progressos técnicos de uma indústria na qual se desenvolviam funções particularmente subalternas. No fundo, cabia aos técnicos libertar ou não as mulheres da opressão doméstica. Além disso, tal posição de Trotsky não tinha nada de original. Na época, encontrava-se na URSS em todos os domínios semelhantes a panaceia do desenvolvimento econômico, da técnica. Enquanto à agricultura, por exemplo, Stalin não viu o problema de maneira diferente. Para socializar a agricultura necessitava-se mecanizá-la, portanto, construir tratores, assim, desenvolver a indústria pesada. Porém, observava-se a maior desconfiança ante o campesinato, essa massa de pequenos proprietários que não aspiravam mais que se converterem em kulaks! Requisitavam-se suas colheitas, tirava-se dentre eles o número de operários que a indústria necessita. E o dia em que se produz o tão esperado salto das forças produtivas, põem-se tratores nos campos que se decretam "desde cima" propriedade do Estado ou propriedade coletiva kolkhosiana sem outra forma de processo; os camponeses se convertem em operários agrícolas e a coletivização está terminada.

As cooperativas agrícolas de tipo inferior, os primeiros passos da coletivização na China, se constituíram sem nenhuma mecanização. Com frequência, uma carroça puxada por um homem era um meio precioso de produção. O que se

"socializava" eram antes de tudo as forças de trabalho humanas, as energias, o entusiasmo. E sobre esta base é como a mecanização se desenvolveu progressivamente, até a utilização desse pequeno motocultor teleguiado que vimos arar sozinho o flanco de uma colina muito escarpada, formada de estreitos terraços como degraus de uma escada; chegou ao extremo de um deles, colocando-se quase na vertical, desceu um degrau, e arou o escalão inferior no sentido inverso. Metros acima, um camponês apoiado contra uma árvore guiava as manobras do motocultor com a ajuda de uma simples caixa de comandos.

Pôr em primeiro plano a revolução ideológica, a política, a transformação das relações entre as pessoas, é assegurar-se de que os adiantamentos técnicos corresponderão realmente às necessidades das massas, que se desenvolverão em um sentido socialista.

O conhecido dirigente da comuna de Tachai, o camponês Chen Yun-Kui, fazendo o balanço das experiências de sua brigada escrevia: "A mecanização agrícola não pode progredir na vida socialista a não ser quando traz aparelhada a revolucionarização ideológica. Alguns pensam que a mecanização se orienta simplesmente a reduzir a intensidade do trabalho e a proporcionar comodidade, sem poder compreender que se trata da linha fundamental do Partido no campo, que permite ater-se ao socialismo e fazê-lo triunfar sobre o capitalismo; há outros que interpretam unicamente a mecanização da agricultura como medidas destinadas a economizar mão-de-obra e a aumentar a produção sem levar em conta sua importância na consolidação da aliança dos operários e camponeses assim como na industrialização socialista a ritmo acelerado e na redução das diferenças entre operários e camponeses. Se

a mecanização não é compreendida, nem se aplica a ela a linha revolucionária do Presidente Mao, não trará o socialismo e, pelo contrário, entranhará um regresso ao capitalismo... *A mecanização não é uma simples questão técnica*.[18] A mecanização da agricultura se tornará via falsa se, sem ocupar-se da revolucionarização do homem, cuida-se exclusivamente da mecanização ou se são mal-empregados seus benefícios".[19]

As profundas coincidências das orientações na agricultura e no trabalho doméstico (tanto na URSS como na China, embora de maneiras diametralmente opostas) explicam-se facilmente. Nesses dois domínios, trata-se de transformar um processo de trabalho baseado na família, fortemente ligado à pequena propriedade privada – o pedaço de terreno do camponês e a morada da dona-de-casa – e fazer deles uma indústria social. Esta transformação, não somente não pode efetuar-se sem o desejo "livremente expresso" – como o disse Mao – dos interessados, o que é evidente, mas que ademais fracassará igualmente se, destruindo essas formas arcaicas de produção, forem substituídas por estruturas nas quais as massas tenham perdido todo poder.

Na URSS, numerosos camponeses pobres, entre os que de bom grado haviam aceitado a coletivização das terras e a criação dos kolkhoses, uniram-se à oposição ao regime soviético quando compreenderam que, nesses kolkhoses não tinham, por conseguinte, nada que dizer. Técnicos e "apparatchiks" negavam aos camponeses todo conhecimento, nesse domínio, decidiram em seu lugar tudo o que devia produzir-se, em que quantidade, como, quando, etc.; o que redundou em tremenda catástrofe na produção agrícola.

---

18. Sublinhado pela autora.
19. *Nova China,* n. 1276, outubro de 1971.

É essa estreita semelhança entre os problemas apresentados pela pequena propriedade agrícola e os apresentados pelo trabalho doméstico o que permite a numerosas mulheres chegar a conhecer e criticar com veemência a política liushista de restauração do capitalismo nos campos. Em minha opinião, essa é uma das razões de fundo que situa as mulheres na vanguarda de certas lutas como o vimos em Siau-Wang, sem que o laço entre a opressão específica das mulheres e essa luta seja imediatamente discernível.

A política de Liu Shaoqi, chamada "Zen-Zy-Yi-Bao"[20], implicava muito explicitamente: criação de um mercado livre no qual os preços se fixariam segundo as leis capitalistas da oferta e da procura, extensão das parcelas individuais (evidentemente herdáveis), criação de empresas individuais que assumiriam a responsabilidade completa tanto dos ganhos como das perdas, fixação das normas de produção por parte da família. Cada uma dessas medidas contém uma tradução imediata em termos de opressão feminina. Particularmente a que era a condição *sine qua non* das outras: o reconhecimento da família como unidade de produção. Impelida a enriquecer-se, posto que se beneficiaria de eventuais ganhos, porém ameaçada de ruína posto que em contrapartida seria responsável pelas perdas. Essa é a família que propunha Liu Shaoqi, com seu cortejo de "maldições" femininas: a maternidade como um dever, ter herdeiros, forças de trabalho suplementares; os cuidados da casa para que o marido se consagrasse aos trabalhos agrícolas; a clausura, o lugar de eterna

20. Zen-Zi-Yi-Bao é abreviatura de: extensão das parcelas individuais, desenvolvimento dos mercados livres, multiplicação das pequenas empresas que assumiram a responsabilidade completa de suas utilidades e perdas, e fixação das normas de produção sobre a base da família. Essa política estava acompanhada pela contrassenha chamada das "Quatro Liberdades", que preconizava: Liberdade para usura, liberdade de contratar granjeiros, liberdade de comprar e vender terras, liberdade de imprensa.

submissão, a jornada para o marido, o direito de calar-se! É o regresso a esse "paraíso" o que inevitavelmente emanava das "Quatro liberdades". Sem dúvida aqui reside uma das explicações da oposição feminina. Porém ainda assim, para que essa oposição fosse reforçada e cristalizasse, teria sido necessário que as mulheres tivessem conhecido, ou entrevisto, outra solução que lhes permitisse lançar os "benefícios" da propriedade individual ao posto de peças de museu arqueológico.

Revolução no urbanismo

1. A experiência soviética

Ocorreu na URSS, nos anos que seguiram à revolução, um debate muito cerrado entre os arquitetos. O 17 de outubro é a primeira pedra da obra de construção de um mundo novo; tudo estava por fazer-se. Um sonho para os urbanistas! Nem há que dizer que se puseram a fabricar pavilhões "domiciliares". Tinham que "coletivizar". Muitas escolas se opuseram asperamente. Uma delas, dirigidas por Sabsovitch, simbolizava especialmente essas novas buscas. Sua teoria é simples: há que fabricar estruturas materiais, "condensadores sociais", que ajudariam a apressar a formação de novas relações entre os indivíduos. O projeto mais extremo desse urbanista previa a criação de "casas comuns" de milhares de habitantes com grandes edifícios divididos em três partes. Uma reservada às crianças, outra aos homens, e a terceira às mulheres, grandes corredores com calefação conectariam essas partes umas com outras. Sabsovitch havia cronometrado na segunda a duração de quase todas os gestos necessários na vida cotidiana... A ritmos infernais! Aí, se tinha imaginado uma organização da vida segundo o modelo de organização capitalista:

racionalizada, normalizada, mecanizada, estúpida até morrer... No fundo, essa corrente de pensamento havia compreendido exatamente o antigo papel da família: produzir e reproduzir a força de trabalho, e o que concebia não era outra coisa senão que o Estado tomasse em suas mãos essa função, até então individual.[21]

Se o trabalho doméstico feminino devia ser abolido, é, em primeiro lugar, por razões de rentabilidade. Sabsovitch comprovava em um dos seus artigos que se empregava diariamente 36 milhões de horas de trabalho na preparação familiar das comidas, "no entanto que, dizia, bastaria 6 milhões de horas para fazer o mesmo trabalho nas fábricas-cozinhas que entregariam em seguida caixas térmicas a comida quentinha nos diferentes refeitórios". Não temos nada contra as cozinhas coletivas, nem contra os refeitórios, ao contrário, porém é particularmente inoportuno comprovar que no fundo o que impulsiona a vontade de abolir o trabalho doméstico feminino, é que este não é o suficientemente "rentável". Não sobra às mulheres soviéticas mais do que agradecer ao céu que existam meios técnicos para fazer o mesmo trabalho mais rapidamente que elas, senão sem dúvida, um bom número de militantes pela libertação das mulheres lhes tinha aconselhado a ficar em casa.

---

21. A cronometragem da jornada de trabalho de um operário visto por Sabsovitch: 1) deitar-se: 22h; 2) 8 horas de sono. Levantar-se: 06h; 3) Ginástica, 5 minutos - 06h05; 4) Lavabo, 10 minutos: 06h15; 5) ducha (à vontade), 5 minutos: 06h20; 6) vestir-se, 5 minutos: 06h25; 7) ir ao refeitório, 3 minutos: 06h28; 8) Desjejum, 15 minutos: 06h43; 9) Ir aos vestiários, 2 minutos: 06h45; 10) vestir-se (exteriormente), 5 minutos: 06h50; 11) Ir para a mina, 10 minutos: 07h00; 12) Trabalho na mina, 8 horas: 15h00; 13) Ir à comuna, 10 minutos: 15h10; 14) Desvestir-se, 7 minutos: 15h17; 15) Lavando as mãos, 8 minutos: 15h25; 16) Comer, 30 minutos: 15h55; 17) Ir a sala de descanso para utilização de um tempo livre de uma hora, 3 minutos: 15h58; 18) Tempo livre, 1 hora: 16h58; 19) Lavabo, trocar de roupas, 10 minutos: 17h08; 20) Ir ao refeitório, 2 minutos: 17h10; 21) Chá, 15 minutos: 17h25. (cf. Koop, *Ville ET révolution,* pp 160-161.)

Esses sonhos "concentracionistas" tiveram, por outra parte, um curioso destino. Kopp (em *Ville et Révolution*, p. 162) reporta que ao cabo de alguns dias os operários, alojados nesses imóveis modelos, se reagruparam, mulheres, crianças, avós e outros sobrinhos; cada família em uma só peça que tinham transformado, em onde se fazia tudo: cozinha, banheiro, comida, descanso, ignorando deliberadamente os serviços coletivos. Não é que as massas soviéticas se opuseram a isso por princípio; ao contrário, a imprensa local e nacional desses anos transborda de reclamações de todas as partes pedindo mais creches, restaurantes, casas para jovens, etc., porque se tratavam de novas relações sociais a ponto de nascer em todos os setores da vida senão de uma criação, por estruturas autoritárias de ponta-cabeça, dessas novas relações sociais fora da iniciativa das massas, "relações" saídas diretamente da imaginação de alguns arquitetos. Tratava-se aí de uma concepção depreciativa relativa ao povo, entendido como uma espécie de pasta maleável que bastaria colocar em um molde para que tomasse a forma desejada. E desse grande debate que durou vários anos, o que resultou? Vastas cidades-dormitórios, tipo staliniano, irmãs gêmeas dos HLM de Sarcelles.[22] No melhor dos casos, posto que a crise de alojamento jamais foi resolvida e milhares de pessoas continuariam alojando-se como podiam em barracas de tábuas e hangares desocupados, ou como conta Yvon em seu livro[23], no metrô de Moscou durante toda a duração dos trabalhos.

22. Na França, edifícios modernos de apartamentos baratos, para famílias pobres.
23. Yvon, *L'URSS telle qu'elle est*, Ed. Lles d'or.

2. A opção chinesa

Para aquele que espera encontrar na China uma arquitetura nova, que traduza na pedra um mundo novo, sem dúvida alguma o primeiro sentimento será uma grande decepção. Quando chegamos, de dentro do carro que nos conduzia do aeroporto à Pequim, situado a uns 30 quilômetros, vimos muitos edifícios recentes, de quatro ou cinco andares, de tijolos sem rebocar, o que a nossos olhos lhe dava um estranho aspecto de inacabados. Não havia chovido em Pequim fazia muito tempo. E sob o sol de meio dia, a terra e os muros estavam como que unidos, de uma só cor de areia queimada – pois as ruas são de terra batida – sobre as quais as árvores, muito numerosas, formavam grandes manchas verdes de sombras refrescantes que vibravam na luz. Porém, de novas formas arquitetônicas, nem falar!

A primeiríssima necessidade, no dia seguinte da libertação, foi dar um teto a todo mundo. Não era assunto insignificante em um país no qual milhões de camponeses não possuíam outra coisa que a roupa do corpo (e isso quando não repartiam entre dois e por turnos uma túnica feita de tecido de saco de farinha, como um velho operário de rosto terrivelmente marcado pelas privações passadas contou aos alunos de uma escola primária de Nanquim, diante de nós). Convém recordar outra vez que a China saiu de 30 anos de guerra como todo seu cortejo de ruinas, de destruições.

No momento de reforma agrária se dividiram todas as casas existentes em seções que eram destinadas por decreto aos "sem teto". Hinton conta isto com muita precisão em seu livro *Fanshen.* Nós vimos, sobretudo no campo, essas antigas mansões enormes de ricos proprietários nas quais coabitavam várias famílias (com frequência – porém não sempre – aparentadas). Nas cidades havia também a mesma repartição;

naturalmente se requisitaram as casas dos inimigos de classe, porém os "burgueses nacionais" também tiveram de ceder alguns de seus quartos para alojar operários. É claro, se tratava de medidas de extrema urgência; havia que construir. Entretanto, este período não deixou de ter suas consequências. As famílias que coabitavam deviam compartilhar a cozinha, banheiros, fonte, o que em troca contribuiu para favorecer um início de fazer em comum muitas tarefas domésticas, ou pelo menos desmistificou seu caráter "privado". O problema que se colocava agora era: "Devia-se esperar a fabricação de materiais modernos que permitissem a edificação de grandes imóveis, o que podia requerer tempo, dado o débil desenvolvimento industrial na China na libertação (poucas ou nenhuma fábrica de cimentos, gruas, aço, etc.) ou melhor, mobilizando o povo, havia que empreender imediatamente novas construções grandes em número, modestas em sua realização? A notável ajuda da URSS permitiu a reconstrução de não poucos imóveis, especialmente edifícios públicos: assembleias populares, hospitais, universidades, grandes lojas, etc., porém foi principalmente comprometendo-se na sua via que se resolveu o problema. Construir imóveis de tijolos trabalhando com a colher não requeria tecnologia prévia, somente tijolos em quantidade suficiente. As olarias trabalhavam com toda a sua capacidade, porém até isso era insuficiente, todo mundo pôs-se a cozinhar tijolos durante seu tempo livre".

No distrito de Ling, vimos crianças pondo uma espécie de terra úmida em moldes de ferro, parecidos com um aparato de fazer os "croque-mosieur"[24], depois, colocar para secar ao sol esses moldes, um ao lado do outro à beira do caminho, enquanto um pouco mais longe, um camponês os colocava

24. Na França, espécie de sanduiche feito de pão com presunto e queijo.

em um forno, como bolos. Inumeráveis cidades foram construídas desta maneira. Com um investimento próximo de zero, apoiando-se no gênio das massas. Em geral esses edifícios têm uma cozinha comum para dois ou três apartamentos. Têm eletricidade, água corrente nas cozinhas, assim como o gás da cidade.

O custo baixo da construção permitiu o custo baixo da moradia: um apartamento custa em média de 5 yuanes ao mês, sendo o salário médio de um operário cerca de 70 yuanes. Nesse preço estão inclusos água, gás, eletricidade, móveis de primeira necessidade, manutenção e consertos (pintura, vidros, etc.).

Capítulo 4

Taking: uma ilustração...

A política de construção na China

Não é somente a gigantesca mobilização de massas para suprir a falta de meios técnicos, é além disso, e mais fundamentalmente, a estreita união entre os problemas de urbanismo e os da sociedade. Porém, esta união não poderia efetuar-se sem a entrada dos operários e camponeses no domínio antigamente reservado aos especialistas, o da arquitetura. Porque só a massa de operários e camponeses podia orientar a construção no sentido das necessidades das massas e da revolução

Um exemplo típico é Taking. Os campos petrolíferos de Taking, mais importantes da China que há dez anos não eram mais que pastagens, estão povoados hoje em dia por uns 40 mil operários, técnicos e suas famílias. Devo esclarecer imediatamente que nós não pudemos ir a Taking; creio que com exceção de Anne Louise Strong[25], nenhum estrangeiro jamais a visitou. Entretanto, se queremos falar disso aqui é porque Taking é, na China, a Tachai da indústria, isto é, uma unidade de produção de vanguarda, modelo para toda a China, e que se quer compreender realmente a Revolução Chinesa, é necessário não somente conhecer seu estado atual "médio", mas também as experiências-piloto que indicam o sentido da evolução. Enfim, outra razão é que, apesar de uma documentação relativamente abundante, a experiência de Taking é ainda muito pouco conhecida por todos aqueles que se interessam pela China.

---

25. Veja-se principalmente Anna Louise Strong, *Carta da China*, n. 44-45, 15 de dezembro de 1966.

Os primeiros operários e técnicos que chegaram a Taking em 1959, não encontraram para alojar-se mais do que as cabanas dos pastores, de terra batida. Não havia cidades, alguns poucos povoados, tudo estava por fazer. Com a ajuda dos pastores, os próprios pioneiros de Taking construíram edifícios novos utilizando os materiais e as técnicas tradicionais da região, a terra batida cujas qualidades isolantes permitem manter a casa fresca no verão e aquecida no inverno. Entretanto, alguns pensavam que essas construções não podiam ser mais do que provisórias, que deveria se realizar algum projeto grandioso, do nível das próprias explorações petrolíferas. Podia-se seriamente prolongar essa situação ridícula na qual operários e técnicos entre os mais altamente qualificados da China, de um nível de vanguarda internacional, vivem em casa de terra batida como pastores? Um grupo de especialistas propôs a construção de uma imensa cidade do petróleo na qual se concentrariam todas as casas e serviços necessários para a vidas dos operários e suas famílias. Esse projeto foi combatido muito vivamente pela grande maioria dos habitantes de Taking, que expuseram seus principais defeitos: como os poços estão muito dispersos em um raio de 20 quilômetros, imporia tempo de transporte inutilmente longos do local de trabalho ao de moradia, quando a tarefa atual é justamente reduzi-los ao máximo. Requeria investimentos desmensurados, quando se podia encontrar no lugar materiais muito baratos que deram mostras de servir. Finalmente, e sobretudo, aprofundava a separação entre a cidade e o campo em vez de dedicar-se a reduzi-la: construir uma cidade nova especialmente para as "pessoas do petróleo" era separar estas dos camponeses e dos pastores da região, o que tornava a ocasionar a não preocupação pela aliança revolucionária de operários e camponeses. Por outro lado, como iam alimentar-

se os operários de Taking? Certamente não de petróleo. Assentá-los em uma cidade era confirmar o fato de que a comunidade de Taking não podia viver a não ser importando alimentos que necessite das regiões agrícolas. Isso era, pois, um desequilíbrio econômico típico dos países capitalistas e que justamente o socialismo deve resolver.

Por todas estas razões o "projeto grandioso" foi rechaçado. Designou-se um "comitê de arquitetura" pelos operários, incluindo arquitetos, operários, técnicos, camponeses, donas-de-casa, quadros do partido, a fim de apresentar contra projetos. Esse comitê empreendeu uma profunda pesquisa. Interrogou a todos os habitantes de Taking sobre seus desejos, recolheu as críticas formuladas a respeito das casas de terra batida. Trabalhou em estreita união com os camponeses para conhecer melhor os defeitos e as qualidades das casas tradicionais. Depois, sobre a base dessa profunda pesquisa, propôs uma modelo de casa de terra batida "melhorada". Esse novo projeto foi então longamente discutido pelas massas, modificado outra vez, depois adotado, Entre 1962 e 1966 foram construídos um milhão de metros quadrados de superfície conforme esse método, que igualmente se utilizou para construir creches, escolas, postos de saúde, oficinas, lojas, cinemas, serviços públicos, etc. Apenas a refinaria, o hospital central e o Instituto de Investigações Petrolíferas foram construídos com materiais clássicos (cimento e aço) por serem muito grandes e altos para serem construídos de terra.

A pedido das mulheres, as casas para habitação foram concebidas para várias famílias (3 a 4 ou 5). Foram previstas partes comuns, uma cozinha espaçosa assim como uma sala comum, enquanto que o resto do apartamento ficava reservado a cada uma das famílias. Por fora, os moradores trataram de que as casas tivessem um aspecto alegre e agradável.

A base dos muros é comumente de cor marrom escuro, a cor da terra batida bruta, enquanto os muros estão recobertos de pintura ocre. Portas e janelas, assim como as vigas de madeira que suportam o teto de palha, pintadas de cor viva; em geral, de azul intenso.

A implantação dessas casas foi determinada pela vontade de "descentralizar". A comunidade de Taking se divide em várias dezenas de bairros, com frequência bem longe um do outro, porém próximos dos lugares de trabalho dos seus habitantes. A técnica de construção foi simples, os materiais necessários se encontraram gratuitamente no local, os operários construíram muito rapidamente sua casa com a ajuda dos vizinhos, o que por fim tornou o alojamento gratuito. Ao desenvolver-se a exploração petrolífera chegou-se a obter o gás contido no petróleo. Este em grande quantidade, é armazenado e enviado para toda a China em caminhões tanques e, por outro lado, se instalaram condutos especiais a fim de permitir a distribuição de gás para todos os habitantes de Taking, cujas casas continham assim calefação gratuita. Entretanto, por bem concebidas que estejam, as casas não são mais que casas e ninguém terá jamais a propriedade de fazer nascer vida aí onde não existe. Se, portanto, hoje os bairros de Taking são um modelo para toda a China, é porque Taking conseguiu estabelecer, provavelmente pela primeira vez na história, um equilíbrio entre a indústria, a agricultura, as atividades culturais e a natureza. E isto, apenas os homens podem realizar: Em Taking, esses homens foram, sobretudo, mulheres.

A mãe Shue, uma "mãe coragem" de novo tipo

Tudo bem considerado, proporcionalmente à imensa extensão de Taking, os diferentes poços de petróleo, suas ca-

nalizações e as refinarias, não ocupam mais que uma pequena parte da superfície existente. O resto, em 1962, eram imensas pastagens e principalmente terras desertas. Na primavera desse ano, as colheitas foram muito más em toda a China devido a calamidades naturais sem precedentes. Os cereais foram racionados. Um bom número de mulheres de operários que acabavam de instalar-se em Taking decidiu espontaneamente pegar enxadas e picaretas para melhorar a alimentação. Puseram-se a cavar a terra das hortas próximas a suas casas.

Porém esse trabalho não satisfazia à mãe Shue, essa mulher de 50 anos cujo marido e os três filhos trabalhavam nos poços. Não, isso não funcionaria. As mulheres dos operários do petróleo não deviam limitar-se a manutenção de algumas hortas, ainda que fossem para todos; isso não era mais do que provisório devido as dificuldades passageiras pelas quais a China passava. Ela nutria outro projeto bem diferente: "As mulheres deviam transformar Taking, cidade industrial, em uma vasta cidade industrial e agrícola e para isso partir para a conquista das terras ermas". Convenceu quatro de suas vizinhas para tal.

Depois de ter se aconselhado com os camponeses do lugar, escolheram alguns campos ermos distantes uns 30 km das suas casas. Imediatamente apresentou-se um problema. Ainda não havia dormitórios, nem creches para os pequenos e essas mulheres tinham filhos. "Não seja por isso; levamos as crianças conosco, depois veremos como organizar o serviço necessários". E em uma manhã, reuniram suas cinco enxadas, latas de conservas, uma barraca, as três crianças, panelas, alguns quilos de sementes e partiram. Armaram sua barraca em um campo a meia hora de distância do primeiro povoado. Na primeira noite enfrentaram um vento terrível,

passando toda noite segurando a barraca que ameaçava voar. Apesar disso, na manhã seguinte começaram a cavar o campo. Em três dias, revolveram cerca de cinco mus. Quando amanhecia o quarto dia, viram chegar duas dezenas de mulheres, com treze crianças, que disseram a mãe Shue: "Nos preocupamos com vocês durante o vendaval da outra noite, e pensamos: Essas mulheres desafiam a borrasca e o frio com seus filhos pelo bem da comunidade, enquanto nós dormimos aquecidas; elas são as que transformam o mundo; o que elas fazem, também podemos fazer... Assim que... eis-nos aqui!" A mãe Shue ficou tão contente que não pôde pronunciar uma palavra. Rapidamente se organizou a comunidade. Uma mulher se encarregaria de cuidar das crianças enquanto as demais cavam a terra. Aplanaram e semearam dezesseis mus suplementares que deram uma colheita de 1.925 quilos de favas de soja. Foi assim que nasceu a primeira "brigada agrícola" de Taking.

No ano seguinte, sobre os lugares de trabalho dessa primeira brigada, foi construído um povoado de umas 200 casas. A mãe Shue tornou a partir para aplanar outros terrenos arrastando com ela cerca de 100 mulheres. Desta vez, as mulheres tomaram tempo para organizar-se. Construíram casas coletivas de terra batida (segundo o modelo descrito mais acima) para elas e suas famílias que as haviam seguido. Sua primeira tarefa foi organizar uma creche e uma escola para as crianças. Para a creche o problema foi facilmente resolvido. Em uma das casas de terra batida se reuniram andadores e camas, se arrumou um lindo jardim e todas as crianças foram confiadas a uma equipe de avôs e avós voluntários. Quanto à escola, foi uma instrutora que a criou, seguida por outras mulheres. Alguns cursos eram dados por pessoas que não eram

professores, como os de história da revolução, que eram dados por homens e mulheres que haviam participado em grandes lutas no passado. As mulheres se preocuparam também de que tanto os meninos, como as meninas adquirissem algo de prática básica de trabalho doméstico coletivo. Criaram-se cursos de costura, de conserto de calçados, etc. Puderam ser empregadas mais forças na agricultura e a primeira colheita desse ano foi recolhida sobre mais de 150 hectares.

A criatividade das mulheres não se deteve aí. Organizaram um refeitório popular, oficinas coletivas de trabalho doméstico e, com os médicos recém-chegados, uma rede de saúde muito descentralizada. Em Taking, cada povoado, por pequeno que seja, tem uma policlínica na qual se podem fazer cirurgias comuns. Mais tarde se criaram pequenas fábricas para produzir os diferentes objetos úteis na vida dos habitantes e no trabalho, depois fábricas de receptores de rádio, passando pelas de sapatos, de panelas, de móveis, de peças de reparo para as máquinas, até a produção de máquinas para tirar a casca dos cereais. Nessa extraordinária corrente desencadeada pelas mulheres, foram arrastados os jovens adolescentes, as pessoas de idade, os estudantes do instituto do petróleo. Ainda que menos da terça parte dessas pessoas tenham sido consideradas a princípio como ativas, pouco a pouco todos, com exceção dos enfermos, quiseram organizar-se para efetuar trabalhos coletivos. E esse é talvez um dos sinais mais evidentes do êxito das mulheres ao ter diversificado ao extremo suas atividades, partindo da produção alimentícia, e que pouco a pouco integraram em todos os setores homens e mulheres.

Aspecto pouco conhecido da especificidade feminina

Outra particularidade de Taking merece atenção: são gratuitos a maioria dos serviços coletivos, como os cabeleireiros, a preparação das comidas, o cinema, os transportes, etc. Quanto às oficinas de conserto de roupa e calçado, não se cobra mais do que o preço dos materiais utilizados, tecidos, linhas, botões, etc., mas não o trabalho. É necessário buscar a razão desta gratuidade entre as próprias mulheres. Como o observamos a propósito do desenvolvimento das fábricas de bairro, o que as impulsionou a trabalhar não foi o desejo de aumentar seus ganhos individuais, mas de representar coletivamente um papel econômico e político considerável que transformasse a existência de todos, transformando a sua condição específica. Seu objetivo era dar um passo mais para o comunismo que verá as tarefas assumidas segundo a capacidade de cada um e a distribuição das riquezas efetuadas segundo as necessidades de cada um. Desde quando a mãe Shue criou a primeira brigada de produção, as mulheres que haviam participado nela adotaram o método dos pontos de trabalho para sua retribuição, tendo em conta a capacidade de cada uma. Contudo, além disso, as que haviam obtido mais pontos decidiram redistribuir uma parte de seus ganhos entre as que tinham filhos fracos ou que tinham qualquer outra dificuldade material, julgando que tinham mais necessidades do que elas. É um efeito gratuito que estas concepções de vanguarda tenham começado a ser aplicadas por mulheres? Ou não teria, na milenar prática das mulheres, que medem sempre seu trabalho não em função do pagamento que obtêm por ele, uma vez que não recebem salário, mas em função da utilidade desse trabalho para a família, não teria nisso uma tendência comunista dessas mulheres por dar prioridade à qualidade da utilidade social do trabalho? Em todo caso, era

essa mesma conclusão a que tinha chegado Anna Louise Strong em sua discussão com as mulheres de Taking – não está longe do que tem sido a tarefa das mulheres ao longo dos séculos. Elas trabalharam sempre para aumentar os ganhos familiares por meio de ocupações que não se calculam por cifras; e não está longe tampouco da comuna do futuro, onde as tarefas serão executadas segundo as capacidades de cada um e recompensadas segundo suas necessidades". (*Carta da China*, Anna Louise Strong, 15 de dezembro de 1967). Não tocamos aqui em um aspecto fundamental do que é hoje em dia a especificidade feminina, em suas múltiplas facetas? Mao Tsé-tung lançou uma palavra de ordem de "aplicar-se segundo a escola de Taking", na qual precisava: "se as condições o permitem, os operários devem ocupar-se da agricultura como se faz nos campos petrolíferos de Taking". O que implica que depois de ter estudado as experiências das mulheres de Taking, o Partido Comunista compreendeu toda sua importância para o futuro da economia chinesa, para o futuro do comunismo. O modelo é essa nova forma de organização social que integra a cidade e o campo combinando as vantagens de uma e outro, o que não pode fazer-se mais que avançando na coletivização de todos os setores da produção, principalmente a produção doméstica, isto é, na transformação da condição feminina.

A organização dos serviços domésticos na cidade operária de Shangai

Nos bairros das cidades, assim como nos povoados, o "restaurante popular" é com frequência o edifício coletivo mais importante; também com frequência é o mais antigo. As refeições coletivas foram dentre as diferentes tarefas as que

se organizaram primeiro. Igualmente, sem dúvida, porque retirar das mulheres a exclusividade da preparação das refeições era um passo importante para libertá-las do trabalho doméstico, da mesma forma que o interesse público nisso era imediatamente visível e ainda porque, por outro lado, para fazê-lo funcionar não necessitavam mais que algumas salas grandes.

Depois de ter visitado uma fábrica têxtil em Pequim, fomos conduzidas ao restaurante do conjunto habitacional próximo a essa fábrica (a mesma fábrica tinha também seu próprio refeitório, aberto, por outro lado, aos membros das famílias de seus empregados e seus amigos). Um receptor de rádio transmitia informações que os usuários comentavam ruidosamente. Os ruídos de fora, voz aguda de moça misturada com os sons metálicos que escapavam de uma pequena oficina vizinha, paravam no umbral do restaurante, no mesmo lugar em que o sol desenhava um quadrado de luz sobre o chão. Esse restaurante, instalado em uma grande peça de muros altos, era, uma vez terminadas as refeições, a sala de espetáculos do bairro, onde o senhor Chang e a senhora Kié faziam representações após seu trabalho. Era meio dia e os longos pães estavam crocantes sobre a vasilha de barro vitrificado. Aqui, um casal se apressava muito perto um do outro, tomando seus alimentos juntamente com seus dois filhinhos. Ali, uma velhinha discutia em uma mesa de jovens. Mais além, uns dez meninos de seis ou oito anos comiam sozinhos tranquilamente. No ângulo da sala, longas janelas separavam o restaurante da cozinha. Comprava-se aí seu prato e depois se ia comê-lo em uma das grandes mesas da sala. Outros, que tinham comprado sua comida pronta para o consumo, a levaram para suas casas em pratos de metal, para comer em fa-

mília. Próximo de nós, dois pequeninos, cujo queixo dificilmente alcançava a borda da janela, pediam de comer. Uma moça os atendeu gentilmente. Os meninos pegaram os pratos que lhes estendia e foram sentar-se ao lado de um homem que comia sozinho em uma mesa. Ele lhes sorriu e ajeitou um copo para dar-lhes lugar. Os meninos começaram a conversar com ele; lhes escutava atentamente, movendo a cabeça. Ajudou ao menor a partir o peixe. Terminada a refeição, os meninos recolheram os copos e pratos do homem e os levaram a outra janela; ele lhes agradeceu com um gesto amistoso. Saíram correndo, novamente para o pátio, para as brincadeiras e a luz. Não eram os filhos desse homem, nem se quer eram da sua família. Sem dúvida de algum vizinho. Tampouco eram meninos "desamparados". Pela razão que fosse, pegavam sua comida sozinhos e, com toda naturalidade, cada adulto, inclusive cada irmão maior, se sentia obrigados a velar por eles como pelos próprios. Os restaurantes, nos disseram, estão abertos todos os dias e em todas as refeições. Em benefício dos que devem sair, por motivo de trabalho ou qualquer outro, o restaurante oferece também "rações" para levar, bem sortidas...

O sistema habitual de administração desses restaurantes está baseado na tripla direção dos cozinheiros, consumidores e dos responsáveis pelos outros serviços coletivos da cidade, para assegurar sua coordenação. Com muita frequência são antigas donas-de-casa do bairro que criaram esses restaurantes e são elas também que asseguram sua organização. A existência generalizada dessas cozinhas coletivas reduziu consideravelmente a importância das cozinhas privadas. Por outro lado, essas não são privadas no sentido estrito e sim comum a duas ou três famílias. Nos edifícios dessa cidade encontramos uma por andar, isto é, uma por cada dois

apartamentos. Os utensílios domésticos são usados comumente e com frequência as famílias se organizam entre si para fazer por turnos a comida para todos. No dia de nossa visita um avô e sua neta preparavam a comida (ou a requentavam) para duas famílias.

Quanto aos serviços coletivos, como os que foram criados em Taking, tivemos a ocasião de visitá-los longamente, pincipalmente em Shangai. Sua primeira particularidade é terem sido criados pelas próprias mulheres. O que quer dizer que tanto sua organização concreta, quanto seu desenvolvimento são resultados concretos das aspirações dessas mulheres por destruir o caráter privado e familiar dessas tarefas. No meio dos edifícios de vários andares, pequenas construções baixas feitas recentemente, constituíam os polos de animação da vida do bairro. De suas portas abertas para a rua, escapavam ruídos das máquinas e das conservas. Entrava e saía gente, levando algum pacote. Uma espécie de "*sidecar*" – triciclo – se deteve frente a um deles, e o chofer entregou peças de tecido em quantidade bem grande.

Essa oficina se ocupava da manutenção da roupa. Pela manhã, operários passavam pelos apartamentos recolhendo as roupas por consertar: camisas rasgadas, calças furadas e descosturadas, botões para pregar, colarinhos puídos, pantufas para cerzir, vestidos para alargar ou recoser, etc. Depois, voltando à oficina, punham mãos à obra. Um colocava uma peça, depois pregava um botão, outro fazia uma prega; das máquinas de costura, uma em frente à outra costuravam um tecido de grandes flores, provavelmente um edredom. Em um tempo muito curto, com frequência no mesmo dia, as roupas estavam consertadas e devolvidas a seu proprietário (entregues em domicílio) e por um preço extremamente modesto, apenas um pouco mais do preço da linha ou da peça de tecido

necessária para o conserto. Existem tais serviços para lavar e passar, sapataria, arrumação de roupa de cama, para confecção de roupa sob medida. Têm duas qualidades particularmente importantes: para ser realmente eficazes, estão no próprio coração dos conjuntos habitacionais, por fim muito próximos dos consumidores; e são muito baratos, portanto, utilizados massivamente. Igualmente há oficinas de vários reparos; ocupam-se de arrumar diversos utensílios familiares: consertar panelas ou caçarolas furadas, afiar tesouras e facas, mas também de consertar na casa a porta do armário estragada, a janela que agarra, etc. Também há serviços de limpeza que vão ao domicílio regularmente para limpar apartamentos, e também isso a um preço verdadeiramente mínimo até para os salários operários.

As equipes de trabalhadores que se ocupam dessas oficinas de "serviços" foram, já o dissemos, criadas pelas mulheres, porém englobam outras pessoas ao lado das donas-de-casa, em particular foram o meio para que aposentados com boa saúde continuem exercendo atividades sociais, o que é uma das razões da integração total dos idosos à sociedade; igualmente se encontram aí homens "ativos". Os operários das oficinas trabalham 6 horas por dia, e algumas vezes somente 3 ou 4 horas, o que permite a participação de pessoas menos fortes, a de jovens fora das horas de estudo, e igualmente autoriza a participação desses trabalhadores em outras atividades, especialmente as culturais e as de caráter artístico, como a criação de grupos de teatro amadores, de corais, e também o reinício da escolarização dos adultos, ou a aquisição de conhecimentos complementares novos, inclusive uma nova profissão – como por exemplo a formação de "médicos de pés descalços" entre as donas-de-casa nas cidades.

Desenvolver a mecanização, sobre a base dessas oficinas coletivas, é uma preocupação constante tanto dos trabalhadores quanto dos quadros políticos. Há nessas oficinas, como em qualquer fábrica, pequenos grupos de inventores compostos de operários e de técnicos, que trabalham afinando novos procedimentos para mecanizar e simplificar o trabalho. Aqui se trabalha para afinar um sistema de secador de roupas rápido e econômico, ali, se inventam aparatos para cardar os colchões; mais adiante, se esforça para fabricar pequenos aparatos para costurar. Todas essas equipes estão em contato com fábricas de bens de consumo para estudar com elas as possibilidades de satisfazer diferentes necessidades. Pois se a mecanização não é prévia à socialização, na mudança, tão cedo quanto começa, se converte em um importante meio de reforço.

Como o preço desses serviços é muito baixo, a administração paga aos operários dos bairros, dos fundos municipais; segundo o caso, existem subsídios do Estado para salários; nos casos em que a municipalidades são mais ricas, estas sozinhas contribuem aos empregados. O montante dos salários é bastante baixo, aproximadamente trinta yuanes ao mês, já que as horas de trabalho são, como qualquer outra classe de operários, aos serviços de saúde gratuitos.

Capítulo 5

A produção doméstica desmistificada

Se as oficinas coletivas modificam a aparência dos bairros, modificam ainda mais profundamente as relações entre os habitantes e, em primeiro lugar, a vida das mulheres. Ao coletivizar o trabalho doméstico, aparece cada vez mais que este não era, no fundo, mais uma produção como outra qualquer; que seu caráter familiar não se devia mais do que uma organização peculiar da sociedade que necessitava que cada família assumisse a responsabilidade por ele sozinha, e não ligado à sua pretensa "natureza". Cerzindo calças de todos, e cerzindo-as com homens e com outras mulheres, é mais fácil compreender que aquilo que havia de servil, de pouco glorioso nesse trabalho, vinha na realidade, de que uma única mulher estava "escravizada" a tal trabalho desprezado por todos, de que seu caráter útil, necessário, não era reconhecido socialmente. Na França (como na antiga sociedade chinesa), acontece o mesmo com muitos trabalhos, na realidade, todos os trabalhos manuais são desprezados e ao mesmo tempo, o desprezo pelo trabalho alcança a todos aqueles que o executam. Contudo, essa atitude depreciativa de grande senhor se manifesta, sob sua forma mais acabada, em relação ao trabalho doméstico.

Em nossos países se faz mais do que desprezar o trabalho doméstico; o negam. As mulheres não trabalham, "se ocupam". Uma das qualidades talvez a essencial dessas oficinas é a função educativa que fazem encher de respeito a jovens e homens. A existência dessas oficinas tornou tangível, palpável, o que as mulheres de nossos países chamam com justo título "o trabalho invisível". Ninguém pode mais ignorá-

lo. E tanto os homens como os jovens aprendem a reconhecer sua importância. Isto se traduz em sua participação voluntária nos trabalhos dessas oficinas em seu tempo livre ou, mais ainda, na construção comum de novos edifícios para abrir novas oficinas.

Ao socializar-se, o trabalho doméstico reconquistou seu direito de cidadania; e ao mesmo tempo, os que têm a responsabilidade de realiza-lo, cessam de ser menosprezados. A socialização transforma e enriquece a vida das antigas donas-de-casa. Organizadas e funcionando como qualquer outra unidade de produção, as equipes de bairro participam massivamente na vida política em todas as formas: acontecem debates sobre a situação internacional, ou se discutem as posições do governo, as questões importantes da edificação socialista, o papel das mulheres na revolução, etc. Não são mantidos à parte em nenhum setor. O estudo generalizado do marxismo-leninismo se converteu recentemente em um movimento pujante, e não é sem um quê de orgulho que donas-de-casa de uns 50 anos, e que apenas foram escolarizadas, nos dizem que atualmente estudam "Materialismo e Empiriocriticismo" de Lenin, do qual o mínimo que se pode dizer é que não é fácil abordar. Também nestas equipes se baseia o principal da vida cultural do bairro. Há muitos grupos de artistas amadores na China, e as mesmas antigas donas-de-casa criaram muitos deles. Organizam espetáculos para moradores do bairro e também vão atuar nas fábricas para operários, ou melhor, recebem em seu bairro outros grupos de amadores que vêm às vezes de longe para representar peças de teatro ou para fazer números de acrobacia, especialmente apreciados na China.

O comércio: um novo "serviço público"

A transformação do comércio representa um papel notável na libertação das mulheres das tarefas domésticas. Depois da libertação, não foi suprimido o pequeno comércio. Os pequenos comerciantes foram chamados a agrupar-se em cooperativas de distribuição, as quais progressivamente, se converteram em propriedades coletivas, como aconteceu com camponeses e artesãos. Os antigos proprietários de lojas pequenas continuaram trabalhando em sua loja como antes, com a diferença de que os preços das mercadorias eram fixados pelo Estado. Hoje em dia, é claro, há grandes lojas do Estado que concentram em suas diferentes repartições uma multiplicidade de setores comerciais.

Porém igualmente se desenvolveram os pequenos comércios locais, os mercados ambulantes, e mais geralmente todas as formas de descentralização do comércio, a fim de o colocar o mais próximo possível dos consumidores. Os preços fixados nos pequenos comércios de bairro são os mesmos que os das grandes lojas e se encontra neles todo o necessário para a vida cotidiana. Desde a Revolução Cultural novas transformações têm ocorrido. Insistiu-se no vínculo entre produção e distribuição; que cabe aos vendedores e as fábricas. Assim os próprios vendedores vão regularmente tomar opiniões com seus clientes. Estão contentes com a qualidade de tal produto? É prático? Não é demasiado caro? Quais são os seus defeitos? Têm sugestões a fazer? Etc. Providos destas informações, estudam com as diferentes unidades de produção às quais diz respeito, os meios para satisfazer melhor as necessidades do povo. Uma vez por ano, todo o pessoal do comércio vai fazer um cursinho em torno de um mês nos lugares de fabricação dos produtos que vendem. Isto permite ligação política mais estreita entre operários de fábrica, cam-

poneses e "operários do comércio", como os chineses o chamam. Permite também aos vendedores conhecer todo o trabalho social que os objetos que manejam continuamente representam. Um jovem vendedor nos contou que depois de ter trabalhado em uma comuna popular, os legumes que vendia lhe pareceram preciosos, e tinha um cuidado muito especial para preservar sua qualidade; manejava-as com precaução, estava desenvolvendo um sistema de grades ventiladas que pretendia preservá-las da umidade. Explicava que "tendo visto como os camponeses lutavam contra a seca e as inundações, como trabalhavam duramente e de maneira desinteressada para proporcionar uma boa alimentação para o povo, pensava que era seu dever cuidar para que estas conservassem todas suas qualidades e também para que não houvesse mais perdas". "Qualidade, economia e dedicação, isso é – nos dizia – o que os camponeses com os quais havia trabalhado lhe ensinaram".

Conhecer os produtos que se vende, significa ser também capaz de consertá-los. Assim que cada vez há mais vendedores que ao mesmo tempo fazem consertos; testemunha a história essa jovem que vendia despertadores mecânicos em um grande armazém. Ela considerava como um grande defeito em seu trabalho o fato de não conhecer mais que o preço dos despertadores. Portando, depois de ter trabalhado na fábrica que os fazia, pôs todos seus esforços em conhecer a fundo o mecanismo; o conseguiu tão bem que quando vendia um despertador jamais esquecia de dizer; "se deixar de funcionar depois de algum acidente ou por uma falha de fabricação, traga-o, eu o consertarei". E quando clientes queriam pagar-lhe por seu trabalho, recusava, dizendo: "Sou vendedora da nova sociedade, isso faz parte do trabalho pelo qual já me pagam. Antes não sabia nada de mecânica e essa ignorância

me impedia de servir ao povo como desejava. Agora uso dos meus conhecimentos para servir-lhe melhor, isso não é nada mais que o normal".

A transformação do comércio no sentido de uma união sempre mais estreita com os consumidores evidentemente participa na mudança da condição feminina. Não se busca, como é o caso em nossos supermercados, compensar um fraco desconto sobre os preços com um considerável fluxo de clientela atraída a loja desde muito longe, o que tem como consequência fazer perder tempo nos transportes. Não! Os comércios estão "na virada da esquina", e se converteram em verdadeiros serviços públicos.

Um outro conceito da medicina; as consequências para a mulher

A enorme descentralização dos serviços de saúde alivia consideravelmente as mulheres, às quais em nossos países também incumbem tarefas de ajudantes-cuidadoras muito emocionantes. Já não é sobre a mãe de família que recai a responsabilidade de cuidar da boa saúde de todos os membros da família; não é mais tampouco sobre ela que recai a carga de cuidar e atender aos filhos quando estão enfermos. Para começar, em todos os locais de trabalho, médicos e médicos-operários (operários formados por médicos no local de trabalho) assumem, não somente os cuidados imediatos, mas o que é ainda mais importante, a prevenção, participando eles mesmos no trabalho como os demais. Nas escolas, as crianças também aprendem os princípios da medicina e dos primeiros socorros. Há grupos de crianças que lutam contra os insetos no verão; se pode vê-los às vezes percorrer as ruas para recomendar aos velhos abandonar o hábito ancestral de

cuspir no chão; para pedir às pessoas resfriadas que não saíam sem máscara de proteção. Sabem cuidar-se mutuamente e põem o maior cuidado e seriedade em seguir as prescrições médicas. São igualmente capazes de fazer diagnósticos simples como os resfriados, as amidalites, as indigestões e com frequência também de prestar os primeiros socorros necessários em caso de acidente. Também sabem praticar alguns pontos de acupuntura para curar alguns males.

Em cada um dos grupos de edifícios dos bairros de Shangai, há um posto sanitário. Ali formados por médicos no local de trabalho, dois ou três moradores dos edifícios, em geral antigas donas-de-casa, sabem todos os cuidados e diagnósticos comuns. Em constante contato com o pessoal médico das unidades de saúde que asseguram saúde da cidade, elas tomam a seu cargo aqueles cuja saúde não exige uma hospitalização, ou que estão convalescentes. Esses trabalhadores sanitaristas cuidam igualmente para que os enfermos descansem o melhor possível, levando-lhes alimento, ou ajudando-os em sua higiene pessoal, ou até tomam a iniciativa de prevenir aos diferentes comitês do bairro no sentido de que a camarada Fulana tem uma perna ferida, que é necessário ir vê-la, levar-lhe algo para ler, ajudá-la em tal ou qual tarefa, o que se faz da maneira mais simples do mundo. Na China não se pode imaginar a situação, tão comumente odiosa entre nós, em que uma pessoa fique sozinha com seus problemas; porém para chegar a esse resultado, se necessitaria que os diferentes setores das atividades sociais se preocupassem com essas questões, como o fazem as fábricas e as escolas, etc., e que a medicina se convertesse pouco a pouco em uma prática de massas.

A cooperação na família

Nos parece que há dois aspectos na transformação do trabalho doméstico na China. O primeiro, do qual demos numerosos exemplos, consiste, sob múltiplas formas, em socializar esse trabalho, em reagrupa-lo, em organizá-lo fora da estrutura familiar. Principalmente por tal socialização é que desaparece progressivamente o trabalho doméstico; porém por outro lado, há tarefas que não exigem em absoluto ser centralizadas para libertar as donas-de-casa e sim ao contrário. Se considerarmos este segundo aspecto, é justamente porque, na perspectiva burocrática da libertação das mulheres, se apresenta como necessário centralizar ao máximo as tarefas para aumentar a produtividade. Isso parte da análise superficial da diferença entre trabalho familiar e trabalho social; porém na realidade, o trabalho familiar não é "familiar", não se efetua pela família e sim pela e unicamente pela mulher. O marido não pede à sua mulher que lhe escove os dentes ou a vista, porém acha natural que ela arrume sua cama, engraxe os sapatos ou arrume a desordem que fez na casa. Esta comparação talvez pareça forçada, entretanto não o é se constata ao pensar que não faz tanto tempo que as pessoas ricas tinham ajudantes de quarto cujo trabalho consistia justamente em lavar, pentear, passar talco, vestir a senhora ou o senhor. Fazer sua cama, limpar sua roupa, dar os pontos em um traje, arrumar seus assuntos, é na China como escovar os dentes: cada um o faz por si mesmo da maneira mais natural do mundo. E se justamente se converteu culturalmente em uma coisa natural, enquanto que há 20 anos não era, é porque os homens se reeducaram no trabalho doméstico. Aprenderam a medi-lo realmente, a não o desprezar. Já não é feminino.

Também o novo movimento feminino na França milita a favor da divisão das tarefas: "Por certo, reclamamos em primeiro lugar a coletivização do trabalho doméstico, porém também queremos que o que não é 'coletivizável' se reparta igualmente entre todos".

Ao formular esta exigência, que o simples senso comum é suficiente para legitimá-la, o movimento feminino seguramente não supôs que provocaria um escândalo entre os encarregados de fazer os "programas comuns".

Quando o PCF se recorda das mulheres...

É necessário crer que, sem sabê-lo, tinha-se tocado um ponto sensível. Vejamos: após ter recordado estatísticas segundo as quais uma mulher de operário, ao efetuar a dupla jornada de trabalho – uma na fábrica e outra ao voltar para casa –, tem semanas de 80 a 100 horas de trabalho, um folheto do PCF[26] acrescenta: "Espíritos prudentes veem o remédio para esse excesso de trabalho em uma divisão equitativa das divisões domésticas entre o marido e a mulher".

É certo que muitas mulheres trabalhadoras obtêm ajuda apreciável por parte de seu companheiro nos trabalhos domésticos e nós vemos nisso uma prova de evolução das relações entre o casal. Porém, querer resolver a carga demasiado pesada que oprime a mãe trabalhadora, somente através de uma repartição igual no casamento, das dificuldades e da fadiga, é uma *concepção limitada de igualdade*[27], concebemos como elevação da condição humana, devendo cada um tornar-se mais disponível para o outro e para os filhos".

---

26. Os comunistas e a condição da mulher, estudo da comissão central de trabalho do Partido Comunista da França entre as mulheres, 1970.
27. Sublinhado pela autora.

E nós faremos duas observações: 1) esta "solução" não pode ser se não um paliativo na época em que um intenso e rápido desenvolvimento das ciências e das técnicas deveria poder pôr na porta de todos os lares (sem que isso lhes imponha privações) os aparatos domésticos, na medida em que possam chegar hoje em dia à mecanização dos trabalhos domésticos. O que não é o caso, como mostram as estatísticas: 72,5% dos lares franceses estão equipados com geladeiras, apenas 50% possuem aspirador de pó e máquina de lavar; 2) esta "solução" é um desvio que eximiria poderes públicos e setor patronal das obrigações no sentido de facilitar a tarefa da mãe de família, da trabalhadora.

O PCF não tem "concepção limitada da igualdade", por esse lado não há nada o que temer. Simplesmente não consegue "conceber" o que poderia significar a igualdade.

A divisão das tarefas domésticas não pode arrumar o problema, isso é evidente, porém reúne no seio do povo uma parte das condições políticas e ideológicas que permite colocar melhor o fato de que as coletividades se encarreguem do trabalho doméstico, com base em um espírito igualitário. Sem essa preparação política e ideológica, que realmente toda sociedade se encarregue – e não apenas as mulheres, ainda que utilizem um equipamento eletrodoméstico importante – segue sendo impossível, e não se pode senão a voltar a cair nos "paliativos" que o PCF propõe: o desenvolvimento dos aparatos domésticos individuais graças à ajuda dos patrões e do Estado.

Certamente, a divisão igualitária é "insuficiente", porém nem mais nem menos do que qualquer medida imparcial; somente a destruição das relações de produção capitalista é "suficiente". Rechaças do ponto toda luta pela divisão iguali-

tária das tarefas domésticas, declarando-a "manobra diversionista", como o faz o PCF, isto é, dando-se comodamente ares de "esquerda", é adotar o ponto de vista retrógrado que Lenin criticava em certos comunistas: "Entre nossos camaradas há muito dos quais desgraçadamente se pode dizer: 'raspe um pouco no comunista e encontrará um filisteu'. Por certo, há que raspar no lugar sensível: sua mentalidade a respeito da mulher. Não há provas mais evidente que o fato de que os homens olhem tranquilamente as mulheres consumir-se em um monólogo trabalho menor, fatigante, que absorve seu tempo e suas forças: o cuidado da casa. Com isso, veem estreitar-se pouco a pouco o horizonte de suas companheiras, enfraquecer seu espírito, afrouxar o expulsar de seu coração, enfraquecer-se sua vontade... Há muito poucos maridos, ainda entre os proletários, que pensam em aliviar sensivelmente e penas e as preocupações entre as mulheres ou de igual modo desembaraçá-las completamente ajudando-as no 'trabalho feminino'. Não fazem nada disso porque seria contrário 'aos direitos e à dignidade do marido'. Exigem para eles o descanso e a comodidade. A vida doméstica da mulher é o sacrifício cotidiano de si mesma nas pequenas coisas".[28]

Esse sacrifício cotidiano das mulheres nas pequenas coisas é, na realidade, o contrário das frases melosas da burguesia sobre a "maravilhosa maternidade" e o papel "insubstituível" das mães. Escutemos ademais: "Queiramos nós ou não, o papel da mãe é primordial na continuidade da espécie, não somente no momento da gestação e do parto, mas no transcurso dos anos necessários para fazer da criança um adulto".

28. Clara Zetkin, *Minhas recordações de Lenin*.

Não é isso dizer muito claramente que a função da mulher é a de educar os filhos e suportar toda a carga do trabalho doméstico que necessita uma educação? E esse elogio hipócrita das qualidades femininas não está extraído de um discurso da senhorita Dienesch, é uma manifestação das "concepções não limitadas" do PCF[29]. Porém ainda se diz socialista; então se acrescenta à exaltação da função maternal na qualificação de "função social": "A maternidade deveria ser considerada como uma função social levada em conta pela sociedade".[30] Como se fosse suficiente colar a palavra "social", ou "nacionalizado", ou "verdadeiro" sobre qualquer mercadoria para transformá-la automaticamente em um produto autenticamente socialista! Sigamos a conselho do poeta da China antiga e "desfrutemos todos juntos dessa estranha literatura, e juntos analisemos suas obscuridades". "A maternidade deveria ser considerada como uma função social levada em conta pela sociedade". A sociedade burguesa não se consideraria, portanto, desde hoje a maternidade como uma função social? Mas quando uma sociedade considera "natural" que mulheres se consagrem exclusivamente ao lar, ao marido, aos filhos, não é sinal evidente de que as mulheres preenchem uma função essencial na sociedade, uma "função social" aferrada tão profundamente aos costumes, que é reconhecida como "completamente natural"?

Bonito conceito de "função social"! As mulheres não têm mais que fazer que se lhes "levem em conta" sua função. Em troca, esperam de suas lutas que tal função social deixe de ser "sua" e se converta na de todos, da sociedade.

---

29. *Os comunistas e a situação da mulher*, p.44.
30. Ibid., p. 47.

Quando a burguesia trata de tornar compatível o exercício da função maternal com o trabalho assalariado das mulheres, não é isso reconhecer que não se pode prescindir das mulheres para assegurar o trabalho doméstico? Precisamente, o objetivo da sociedade atual é conciliar o irreconciliável, tornar compatível a escravidão assalariada e a escravidão doméstica, esticar ao máximo a relação de exploração das mulheres ao fazê-las trabalhar 70 horas por semana, metade "casa", metade "trabalho". E, em curiosa coincidência, o PCF também propõe "medidas complementares" para "para permitir ás milhões de mulheres que cumprem um *duplo papel social* exercendo um trabalho profissional e educando aos seus filhos, *conciliar*[31] essas duas atividades em melhores condições. Enquanto a burguesia no poder salpica aqui e ali umas quantas creches, alguns subsídios, empregos de tempo parcial, etc., o PCF atrás dela, lhe insinua ao ouvido: "põe um pouco mais, põe um pouco mais!"

31. Sublinhado pela autora.

TERCEIRA PARTE

Capítulo 6

A Primeira Infância

Transformar a função maternal é, vamos vê-lo, um empreendimento social gigantesco. Não se pode realizar-se mais que na transformação profunda da relação entre adultos e crianças, na destruição da hierarquia autoritária, da infalibilidade dos adultos, etc. Implica que a sociedade, em seu conjunto, esteja consciente da importância decisiva desta transformação, para a libertação das mulheres e o futuro da revolução.

Transformar a função maternal é, em primeiro lugar, descarregar a mãe dos cuidados contínuos dos pequeninos. É óbvio que essa questão, mais que qualquer outra, não pode ser tratada sem a livre participação das mulheres.

Creches ou "depósitos'"?

Na França existem creches, é verdade. Em número insuficiente, é também verdade. E a burguesia trata de frear hoje em dia este sistema de guarda e educação da criança em coletividade, em proveito do que hipocritamente chama de "creches a domicílio", e que de fato não são senão babás, pretensamente controladas, que cuidam de várias crianças em uma casa particular.

Quanto à generalização de um sistema de educação "socializado" da primeira infância, o poder burguês está hoje em dia contra as creches: isso custa, é claro, demasiado caro, porém também é um pouco demasiado coletivo: a longo prazo talvez se arrisque a diminuir o poder e a estrutura do aparato familiar burguês. A solução-babá oferece, ao contrário, todas as garantias necessárias; a família sai daí reforçada: não há

relação diferente da estabelecida pela criança com sua mãe, a criança somente muda de família. Volta-se a encontrar no mesmo marco estreito: uma mulher, um fogão, uma ou várias crianças.

Portanto, a creche constitui, ainda que apenas no nível da estrutura, um progresso considerável. A creche capitalista contém já um certo número de fermentos que, certamente, não poderão desenvolver-se plenamente a não ser no socialismo, porém que existem desde agora. E, entretanto, posto que sua razão de ser não é nem a de favorecer a emancipação das mulheres, nem a de libertar os filhos, hoje em dia na França a creche é uma realidade eminentemente contraditória. É assim, como mostram as grandes pesquisas, que a grande maioria das mulheres cujos filhos estão na creche, e as que quiseram que estivessem, reconhecem que, se escolheram esta solução foi porque não lhes era materialmente possível cuidar dos seus filhos; porém acrescentam sem vacilação que se tivessem a opção (material), prefeririam cuidá-los elas mesmas.

Que significa tal atitude ambivalente? Volta-se a encontrar aí primeiramente o efeito da atitude da mulher em relação ao trabalho, nas sociedades capitalistas, do que falamos mais acima.

Sem dúvida, é necessário ver nessa atitude a ideia tenaz de que o papel da mãe é, por natureza, insubstituível, que o dever de uma mulher é educar ela mesma seus próprios filhos, que qualquer outro tipo de cuidado não é válido se não respeita essa relação privilegiada mãe-filho, e não a modifica. O cuidado da criança na creche conserva assim, também, apesar das aparências, essa relação mãe-filho; seu propósito é reproduzi-la melhorando-a graças às técnicas de aprendizagem e de educação postas para funcionar. Porém há talvez

outra coisa nessa desconfiança das mulheres em relação às creches, e é algo que seria profundamente justo.

Hoje em dia na França, as creches não estão de nenhuma maneira sob controle dos pais. Do mesmo modo que na escola, se deposita a criança na creche pela manhã, busca-se à tarde e não se tem a menor influência sobretudo o que possa passar nesse intervalo. É então inevitável que as creches apareçam *a priori* como um lugar estranho e hostil.

Não pode-se aceitar deliberadamente ver o seu filho submetido desde sua mais tenra idade a uma disciplina cujo único objetivo é criar pequenos comportamentos de temor, de servilismo e de favoritismo. Desde que alunos do secundário tomaram a palavra em numerosas ocasiões, desde que os mestres revolucionários denunciaram com lucidez o papel da escola, ninguém mais pode ignorar, todavia seu caráter repressivo. Porém se conhece menos o alcance e as formas, com frequência solapadas, desta repressão nos maternais e ainda nas creches.

Denunciem! Denunciem! Sempre ficará algo

Essa desconfiança das mulheres em relação às creches, se reforça pelo fato de que são exclusivamente especialistas que se ocupam das crianças.

Tudo converge ao mesmo tempo para fazer a mãe sentir (porque sempre trata-se da mãe, jamais do pai) a indignidade da conduta. Não é ela quem deveria cumprir esse dever em lugar de abandoná-lo (e seu filho pela mesma circunstância) nas mãos de especialistas, de "estranhos" (deixar seu filho com estranhos, que vergonha!) aos quais se está então obrigado a reconhecer todos os direitos e todos os poderes? Esta atitude deixa as mulheres tanto mais desarmadas quanto que as "tradições maternais" praticamente desapareceram. As

condições de vida em nossos países, sem dúvida com exceção do campo, fazem que o primeiro filho de um casal seja, efetivamente, na maioria dos casos, o primeiro bebê ao qual se põe uma fralda, se veste, se dá a mamadeira. As avós experientes não estão mais aí para mostrar como o faziam. A mãe desamparada, sentindo-se culpada (é normal que eu não saiba me desenvolver? Como fazem as demais? Algo me falta, não sou boa mãe, uma verdadeira mãe) não pode então buscar conselho entre as que "sabem".

A mãe, aturdida e confusa, saberá então que o que faz é perfeitamente atrasado, sem valor, inclusive daninho, e que somente os diplomados sabem o que é e o que não é bom para as crianças. Impede-se assim que do balanço coletivo e crítico da imensa prática das mulheres nesse domínio, se concluam os métodos corretos de educação dos filhos e que, inversamente, o que realmente é falso e atrasado seja combatido pelas próprias mulheres.

Cada um permanece em seu lugar e em seu papel: a mãe culpada, que abandona seu filho. A puericultora obrigada, a denegrir os pais e sua forma de educar os filhos, para manter seu status de especialista.

Assim, na creche que minha filha pequena frequentava, as educadoras tendiam a que as crianças não fossem ao peniquinho antes de 15 ou 18 meses; pensavam que o adestramento precoce na limpeza provocava mais tarde reincidências e queriam evitar estas cenas penosas de crianças de 8 meses sentadas amontoadas em seus penicos, que se levantavam com um círculo vermelho marcando suas bundinhas. Porém esta medida, insuficientemente explicada e discutida, sobre um ponto no qual mães pensavam ainda ter alguma competência, provocava a "alegre guerra" de incessantes observações: "Está bem, em casa, acaba de fazer em um peniquinho",

"Está bem, não vamos à creche", e elaboradamente: "É verdade, sou falível, abandono meu filho, mas ao menos tenho direito de conservar uma migalha de conhecimento; não me afogue completamente sob sua técnica que já a reconheço. Não me tape a boca completamente".

Elas avaliam assim seu direito, ao menos sobre um ponto, de saber melhor que qualquer pessoa o que convinha ao "seu" filho. Trata-se de um índice pequeno, mas a completa ignorância na qual são mantidas mães acerca do que fazem os filhos durante a jornada, lhes faz ressentir cruelmente que aí tampouco têm algo a dizer, uma vez que por definição se sabe melhor do que elas, e "para seu bem". Que também neste terreno são obscuras e ignorantes.

A sociedade exerce sobre a mãe que leva seu filho à uma creche uma indigna chantagem sem saída possível. Seu princípio é "dar com uma mão e repreender com a outra"; "Tu não te ocupas de teu filho, não tens vergonha!"

Posto que direito e dever se confundem para a mulher em uma sociedade na qual se proclama em todos os tons que a mãe é insubstituível ao lado da criança, é inevitável que, confiar seu filho à creche, a "estranhos", seja ressentido pela mãe como uma falta cuja única desculpa é "que verdadeiramente não pode fazer outra coisa". Ao culpar as mães, a todas as mães se lhes mantém em um estado de submissão e de dependência ideológica muito favorável para a burguesia. Condicionadas com um engenho tão maravilhoso e tão refinado na repressão, se convertem nas educadoras que a burguesia necessita. Não é somente a mãe que educa o filho como a sociedade quer, é ademais a sociedade que, por meio do filho, educa a mãe segundo seus desejos.

O filho é um meio de pressão destinado a encerrar a mãe em seu papel de mãe. Isto não quer dizer que o filho

oprima a sua mãe deliberadamente, ele é mais o sustentáculo de toda a sorte de sonhos, de desejos, de mitos que submetem a mulher à sua "vocação de mártir"; o filho é a continuidade da estirpe, o tributo que ela deve a seu marido, a esperança de um êxito que ela não conhece. Ele a ajuda a aceitar as mesquinharias e baixezas de uma existência que se detém no umbral da casa. Ele é o sentido de sua vida. Contudo, a subordinação ao filho se duplica em compensações. Conforme a ideologia burguesa, os deveres sagrados da mãe lhe dão direitos morais; tudo acontece com lógica comercial: dando, dando. Sem sabê-lo, faz pagar muito caro as noites passadas à cabeceira do filho enfermo, pois tem necessidade do que ele não seja nada sem ela. Por isso é que o mutila, o paralisa, o asfixia. Para que possa saciar seu desejo de premiar-se cria no filho uma necessidade decuplicada de ternura. Autoriza a si mesmo a limitar a vida de seu filho a seu único amor, a sua única presença. Quem é mais desafortunado no dia de entrar na escola, a criança soluçante ou a mãe comovida e "satisfeita frente ao desespero desse ser enlouquecido?

As creches que nós conhecemos não modificaram em nada esse comportamento duplamente cruel e repressivo. Ao menos tenhamos direito de esperar que mães, apesar de tudo, sejam libertadas da sua servidão material! Mas ainda deste ângulo, todavia elementar, creches não são um êxito deslumbrante.

Os inconvenientes da organização das creches são conhecidos; abrem demasiado tarde e fecham demasiado cedo, o que com frequência obriga as mães a fazer malabarismos com os horários, a encontrar paliativos complicados, como passar seu filho de mão em mão até a hora da abertura da creche. Recusam receber crianças enfermas, o que obriga as mães a faltar ao trabalho para cuidar do pequeno, enquanto

que as creches facilmente poderiam reservar alguns quartos para uso das crianças doentes, se a administração das creches realmente se preocupasse em satisfazer as necessidades das massas, e em particular das mulheres. As mulheres jamais confiarão de bom grado seus filhos às coletividades enquanto estas sigam sendo depósitos nos quais se deixa um vulto embaraçoso: seu filho. Não encontrarão aí, nem o meio de beneficiar a sociedade com boas ideias nascidas da sua experiência, nem o meio de lutar elas mesmas contra as ideias falsas e reacionárias, igualmente produzidas por sua prática familiar estreita e egoísta. Enfim, para que o fato de confiar seu filho à coletividade não seja mais um ato de desgarrar, é necessário, sobretudo, que os filhos deixem de ser a única razão de viver das mulheres, isto é, que estas se integrem finalmente à sociedade. Somente as creches criadas pelas mães, organizadas por elas para permitir-lhes tomar em suas mãos o conjunto das tarefas revolucionárias, poderão converter-se em lugares de verdadeira socialização das crianças. Justamente na medida em que esta iniciativa das mulheres implique completamente que tenham outra razão de ser que seus filhos, que queiram desempenhar seu papel revolucionário, em suma, que voltem a colocar em dúvida ao mesmo tempo que sua própria finalidade, as tradicionais condições de existência repressivas das crianças.

Uma Experiência Soviética

Por não haver compreendido claramente a importância deste assunto, a União Soviética dos anos 20, partindo do desejo de libertar as mulheres do "peso" dos filhos, reproduziu em larga escala as mesmas tarefas que caracterizam a educação para o Estado capitalista. Lilina Zinoviev declarou no dia seguinte da revolução: "Devemos salvar às crianças da

influência nefasta da vida em família. Em outros termos, devemos nacionalizá-los. Vigiados por pedagogos qualificados e pessoal médico, ensinar-lhes-á o ABC do comunismo e mais tarde se converterão em verdadeiros comunistas. Nossa tarefa agora é obrigar as mães a dar-nos seus filhos a nós, ao Estado soviético".[32]

Esta fórmula foi retomada por Kollontai em sua fórmula "os filhos são assunto do Estado", e agregava explicitamente: "A obrigação social da maternidade consiste primeiramente em produzir filhos sãos e que podem viver, em segundo lugar nutrir de seu seio a esses filhos, mas depois de ter cumprido esse papel a mulher tem o direito de dizer que sua obrigação social está cumprida".

Pode-se imaginar o papel de contraposição que podia jogar este programa em relação às massas. Porém mais do que suas ressonâncias insuportáveis sobre a separação forçosa dos filhos de sua mãe, é reacionário pelo desprezo que denota a respeito das mulheres. À semelhança da burguesia dos nossos países, são consideradas precisamente como boas para fabricar crianças – esperando que se possa prescindir delas para fazê-lo, como efetivamente se prescinde para a lactância desde que se fabrica leite em pó – porém não deveriam ter a menor pretensão educadora; apenas pedagogos especializados saberiam educá-los. Não é isso o tradicional discurso "Mulher volta ao teu fogão!" que se tem para as mulheres, senão "Mulher, regressa ao teu alto forno, a tua fábrica!"; nos dois casos: "Cala-te, tu não sabes nada em matéria de educação; permanece em teu lugar na especialidade que a sociedade te preparou e que te atribuí; deixa a sociedade, isto é, o Estado, decidir em teu lugar o que está bem e o que não está

32. Citado por Geiger, *A família na URSS*, p. 72.

neste terreno". Alguém pode se entristecer de que tais concepções retrógradas, tal desprezo às mulheres tenham curso, todavia hoje em dia em diferentes organizações revolucionárias, as quais, apesar de suas numerosas divergências, tem um traço comum: o de ignorar a força política feminina, ou analisá-la através de uns quantos restos, retidos sem crítica, dos discursos da III Internacional. Porém é todavia mais indigno encontrar esse pensamento "chauvinista macho" na boca de uma das que mais tem influenciado o novo movimento feminino: Kate Millett, que diz, no *A Política do Macho:* "a partir do momento em que se revelam as primeiras atitudes cognoscitivas das crianças, seria melhor confiá-los a *profissionais* de ambos os sexos, que tiverem *vocação*, mais que deixá-los nas mãos de pessoas atormentadas, e com demasiada frequência infelizes, que *não tem senão pouco tempo e nenhum gosto* para educá-los e formar-lhes o espírito".[33]

Organização e função social das creches chinesas

As creches chinesas são produto de uma concepção diferente: como o dizia Krupskaia, esposa de Lenin, opondo-se às duas teorias segundo as quais os filhos são, ou propriedade dos pais, ou do Estado: "As crianças não pertencem nem a seus pais, nem ao Estado, e sim a si mesmas", estando o Estado chamado a deixar de existir sob o comunismo. Por outro lado, é por isso que o conjunto da sociedade, cada um de seus membros, e não o Estado, tem deveres para com eles; todos somos responsáveis por sua formação física, intelectual, moral e ideológica.

Na China, se encontram creches nos lugares de trabalho e nos bairros habitacionais; as primeiras estão destinadas

33. Kate Millett, *A Política do Macho*, ed. Stock, p. 145, sublinhado da autora.

especialmente aos lactantes que as mães vão ver várias vezes ao dia para amamentá-los. O tempo consagrado à amamentação, por outro lado, é contabilizado como tempo de trabalho e, portanto, não é deduzido de seu salário. Estas creches têm além disso um mérito político ainda mais importante: levar as crianças aos lugares de trabalho, frente ao conjunto dos operários, isto é: "Eis aqui os pequenos que fizemos juntos, pelos quais somos responsáveis; comumente vocês não os veem, sem dúvida imaginam que por um ato de magia eles se alimentam, se lavam, se vestem, se cuidam, e que ninguém se ocupe disso. E mais, despertem, abram os olhos; eles estão aqui. Que vão fazer, que vamos, todos, fazer?" O Comitê da fábrica se pronuncia pela construção de uma creche aqui mesmo e, depois do trabalho, homens e mulheres constroem os locais para as crianças. E então, aí os homens se reeducam, aprendem a conhecer a multiplicidade de problemas levantados pelo cuidado dos filhos. Os homens "reconhecem" por fim as crianças, não mais somente de maneira jurídica como é o caso entre nós: reconhecem a materialidade completa de sua existência com todas as obrigações sociais que entranha, nos domínios morais, afetivos, políticos, assim como suas necessidades materiais. Não há dúvida de que a entrada massiva dos homens na profissão de "ama-seca"[34] de creche, que não deixará de produzir-se proximamente, entranhará profundas transformações positivas, tanto na própria educação das crianças quanto na ideologia dos homens.

As creches de bairro são em geral, e ao mesmo tempo, creches para os bebês desmamados (os que, portanto, não tem mais necessidade de estar em imediata proximidade com

34. A tradução literal seria ama-de-leite, no sentido de uma mulher que amamenta uma criança que não é sua. No sentido do texto, se aplica ao trabalho de homens para alimentar a criança.

a mãe) e maternais nos quais as crianças ficam até os seis ou sete anos. O pessoal que se ocupa das creches está ainda, essencialmente, composto por mulheres das quais uma boa parte são antigas donas de casa. Nos foi dito que existiam escolas que formam especialmente os trabalhadores das creches. Porém no momento da nossa viagem, parece que essas escolas estavam afinando reformas e não pudemos visitá-las. Fora dessas escolas, se deu lugar importante à formação pedagógica, aos intercâmbios de experiências regionais e nacionais entre os trabalhadores das creches. As pesquisas muito frequentes efetuadas por empregados dos bairros, das fábricas, dos campos, são tidas igualmente como importante medida que permite que façam no tempo desejado, o balanço e o reajuste das experiências adquiridas nas creches em função das opiniões das massas.

Entre as mulheres que se ocupam das crianças, algumas seguiram uma formação médica especial.

A direção das creches é assegurada conjuntamente por membros eleitos pelo pessoal, por pais que utilizam a creche e operários delegados de uma fábrica, ou ainda operários aposentados.

Este tipo de direção facilita o controle das massas sobre a "socialização" dos pequenos. Permite, sobretudo, que se elaborem de maneira coletiva métodos novos de educação de crianças e que a creche não constitua o "reino independente" dos especialistas.

As creches funcionam as 24 horas do dia, de maneira que permitem aos pais que o desejam, dedicar-se depois de seu trabalho a atividades culturais, artísticas, políticas, etc.; porém isto não é fixo mais do que para os muito pequenos ou para aqueles que não tem irmãos maiores que possam ajudar a cuidar deles em casa. Desde que a criança é um pouco

maior, até os dois anos, é mais comum que volte cada noite para a casa de seus pais. É possível outra acomodação: se busca o bebê consigo a noite e, nos dias que se deseja sair, se confia à creche. Enfim, como muitas fábricas funcionam dia e noite, os pais estão facultados a deixar seu filho durante a noite e levá-lo por algumas horas durante o dia. As creches de fábricas são gratuitas. As dos bairros são pagas em parte pela fábrica na qual os pais trabalham, e em parte pelos fundos coletivos do bairro. Os pais não estão obrigados mais que a uma participação muito modesta nos gastos.

Passamos um dia com as crianças de uma creche – um jardim de infância de um bairro de Shangai.

Primeiro a moldura: são edifícios de um só andar, muito simples; há flores em jardineiras sob as janelas e um grande pátio. Quando chegamos essa manhã, pelas 9 horas, apesar do sol radiante fazia ainda bastante frio. Entretanto as crianças estavam do lado de fora, com seus pequenos babadores (tanto as meninas como os meninos) por cima de vários casacos, um em cima do outro, o que lhes dava um aspecto de "bolas". Nos esperavam com tambores, pratos, tamborins, flores de papel, um alegre cercado buliçoso e cantador; nos dividimos em quatro grupos de três para ir às diferentes seções da creche. Eu entrei com Edith e Danièle em uma sala na qual, sentados ao redor de pequenas mesas redondas, meninos e meninas de três a quatro anos, participavam de um curso de aprendizagem doméstica. Tratava-se de aprender a lavar pratos. Podíamos imaginar que uma criança soubesse lavar com habilidade um copo com uma esponja e sabão? A jovem mulher os olhava fazer; enquanto lhes falava, ajudava a um deles que tinha graves dificuldades com a tarefa de enxugar. Então se podia imaginar a essas crianças participando realmente na lavação de pratos em suas casas, sem que os

"Cuidado! Vais quebrar o copo!" de uma mãe enlouquecida os paralisassem.

Podemos imaginar, em nosso meio, as crianças ajudando realmente as puericultoras em seu trabalho? Quando muito lhes é pedido que guardem o lenço no bolso. Isto fez com que eu e Edith nos lembrássemos que muito frequentemente nos recusamos a deixar que as crianças cumpram alguma tarefa porque faziam mais estragos ajudando-nos do que nos ajudam realmente. Eu me pergunto se no fundo não há em minha atitude um desejo secreto de provar às crianças que "mamãe sabe fazer tudo, que não podem se desenvolver sem ela", em suma, que tem muita necessidade de mim. Edith me lembrou o dia em que os meus filhos "grandes" (nove anos), durante as últimas férias, haviam decidido fazer o café da manhã para os pequenos; eu havia dito que sim, porém passei o tempo todo atrás deles repetindo-lhes "Puseste muito chocolate, não esqueça o açúcar, o leite não está suficientemente quente". Em resumo, não confiei neles; não é estranho que isso lhes tenha feito suar mais do que o necessário e que depois de uns dias, tenham aceitado insensivelmente que eu os servisse em tudo. No fundo eu o merecia.

O que nos "arrebatou" ao ver esta "lição" de lavação, não é que se tenha pensado em fazer que as crianças façam coisas úteis, mas que as façam de maneira tão perfeita. Nos deixa sonhando; implica que se deram ao trabalho de mostrar-lhes, de ensinar-lhes; que se refletiu na utilidade desse trabalho pelos pequenos, que eles mesmos o tenham compreendido muito bem, que saibam fazê-lo coletivamente; e que diz respeito tanto aos meninos como às meninas; que isso seja para os pequenos tão evidente como é comer ou dormir. Os pequenos chegam à mesa sabendo o que se necessitou fazer; entre outras coisas, preparar a comida, pôr a mesa, e que

logo haverá que lavar os pratos e arrumar. Não simplesmente tem fome, são responsáveis. Ao final do dia tivemos uma longa discussão com as instrutoras e os meninos maiores (que apenas passavam de cinco anos!) Nos explicaram que para a educação dos pequenos viam duas etapas ligadas dialeticamente. A primeira consistia em fazer-lhes adquirir o mais rápido e completamente possível sua autonomia individual: aprender a comer sozinhas, a lavar-se, a vestir-se, até onde fosse possível sem a ajuda dos adultos. Depois, se enfatiza na educação coletiva: aprender a fazer conjuntamente não mais as coisas para si mesmo (comer, lavar-se) mas para todos, por exemplo, arrumar as camas, lavar os pratos, arrumar os quartos, etc. Ambas etapas, por suposto, estão muito ligadas. Como confiar a uma criança que nem sequer sabe calçar-se sozinha a tarefa de limpar os sapatos? Isso não poderia parecer mais do que uma fraude!

O que verdadeiramente é extraordinário, é que o trabalho das crianças não se considera nem como um passatempo (não é para "ocupá-los") nem sequer como uma ajuda não qualificada do trabalho dos adultos: "Vai buscar isso para mim! Me dá aquilo! Tom este outro!", sem dar-lhes uma tarefa completa que efetuem do princípio ao fim, o que no fundo provém de tratá-los como "operários especializados", de fazê-los fazer coisas que não podem compreender completamente e nas quais ficam reduzidos ao papel de executantes subalternos das nossas ordens. Até com as crianças é necessário tender a que tomem completamente em suas mãos uma ou várias tarefas úteis. Ainda que entre cinco ou seis a realizem menos rapidamente que o faria um adulto sozinho. O que está em jogo não é produtividade imediata do trabalho, são conhecimentos que crianças podem obter daí.

Em uma comuna popular visitada anteriormente, tínhamos visto também na creche essa mesma preocupação em permitir aos pequeninos executar inteiramente e sozinhos, trabalhos simples, assim como as tarefas de manutenção da creche e trabalhos agrícolas realizados com os camponeses.

Havia uma horta cultivada pelas puericultoras e pelas crianças de até sete anos. Todos participavam dela, é claro levando em conta a idade: os menores regavam, os maiores cavavam ainda que fosse alguns metros quadrados cada um; outros semeavam; outros mais, vigiavam que se arrancassem as ervas más ou espalhavam o adubo necessário.

Uma boa parte do consumo de legumes das crianças da creche, provinha de seus próprios trabalhos agrícolas. No momento das colheitas, se organizavam em pequenas equipes e o Comitê Revolucionário (CR) da brigada lhes confiava tarefas como bater palhada nos campos, espalhar os cereais sobre os terreiros cimentados onde pudessem secar-se ao sol. Os laços entre os adultos do povo e as crianças, nos parecem muito numerosos e variados. Isto não é uma particularidade do campo; também nas cidades, desde sua mais tenra infância, as crianças das creches estão organizadas sem distinção de sexo em pequenos trabalhos úteis, efetuados nos bairros. Nos jardins de infância, os pequenos desde os três ou quatro anos começam a participar na produção social. Por exemplo, ao redor de grandes mesas baixas, ajudados pelas educadoras, as crianças dobravam pequenas caixas de papelão usadas para embalar medicamentos elaborados em uma fábrica próxima. Evidentemente, só dedicam um pouco de tempo por semana a esta tarefa, é claro que sua produtividade é muito escassa, porém, que orgulho quando partem em filas cerradas, bandeira vermelha à frente, para entregar aos operários da fábrica sua produção!

Fora essas atividades, a ênfase para os pequenos de três a sete anos é posta na música, na dança, na ginástica e nos cursos sobre a história da luta de classes. No jardim de infância da cidade de Shangai assistimos a um destes, para os maiores, entre cinco e seis anos. As crianças estavam sentadas ao redor da instrutora. Sobre o muro havia cartazes que representavam um rapazinho de uns doze anos, esfarrapado, sozinho em uma selva. A instrutora conta a história do pequeno Chang, filho de camponeses pobres, durante a guerra antijaponesa. Os sofrimentos que os senhores feudais faziam padecer, a humilhação feita ao povo chinês pelos imperialistas japoneses, tudo isso leva o pequeno Chang, cujos pais foram assassinados pelos mercenários do déspota local, a querer unir-se ao Exército Popular de Libertação (EPL). A jovem se detém sua narração e pergunta aos meninos que obstáculos o pequeno Chang vai encontrar em sua viagem. Uma menina responde:

- O Frio!

- É verdade, disse a professora. O pequeno Chang sentirá frio à noite. Que fazer?

- Tratar de encontrar um abrigo, ou um cobertor para envolver-se, sugere um pequenino.

- Fazer uma choça na folhagem, sugere outro.

- Fazer fogo, diz uma menininha.

- Ah! Não. Isso poderia atrair a atenção dos inimigos. Põem-se de acordo quanto ao cobertor.

- Que outras dificuldades o pequeno Chang encontrará?

- A fome.

- Que leva provisões consigo, diz um menino. Uma menina não está de acordo.

- Em primeiro lugar, não há nada para comer no povoado, não pode levar provisões e, além disso, deverá caminhar muito, portanto não pode sobrecarregar-se.

Todo mundo é dessa opinião; se admite que levará algumas batatas, mas que principalmente deverá contar com recursos locais: raízes, frutas silvestres. É necessário que saiba reconhecê-las.

- Porém justamente, disse a professora, ele conhece-as bem, pois os camponeses pobres, famintos, com frequência estavam reduzidos a comer ervas silvestres. Por outro lado, acrescenta, vocês também conhecem algumas dessas raízes, a velha avó Ma lhes trouxe algumas em outro dia. Mas que outras dificuldades Chang encontrará?

- Inimigos!

- Que fazer então?

- Pensar em todos os sofrimentos da sua família e do seu povo para ter ânimo; lembrar-se de que milhões de camponeses os venceram já e se libertaram. Tem um aspecto terrível, porém no fundo são eles os que tem medo dos camponeses pobres.

- Porém, acrescenta outro menino, deverá ter cuidado para não se deixar notar, e ter pronta uma história para o caso de alguém lhe perguntar quem é e para onde vai.

A jovem está satisfeita com estas respostas; se continuará em outra ocasião as aventuras do pequeno Chang.

Nada de contos de fadas, nada de histórias "para crianças", nada do "mundo-maravilhoso-da-infância" e sim completamente a adequação deste mundo tal como é para as crianças. Isso me recorda o pequeno vietnamita que havíamos visto em uma reportagem sobre o Vietnã do Norte na televisão: O jornalista havia perguntado: "Você acredita que esses preparativos militares são ocupações para uma criança?". O

menino lhe havia respondido: "Você acredita que as bombas estadunidenses respeitam as crianças? Você acredita que as crianças podem permanecer à margem da guerra quando o país inteiro é atacado? Não! Portanto, é justo que as crianças não estejam desprevenidas e aprendam a resistir aos agressores. Seria um crime não lhes ensinar aquilo do que tem necessidade para sobreviver, para defender-se e resistir".

Capítulo 7

Desinfantilizar as Crianças

A escola capitalista não liberta a família da educação dos filhos

Não é quando cessa seu papel de "babá'" que os deveres da mãe chegam a seu fim. Todas as mães de famílias sabem que a respeito dos filhos, não apenas é o trabalho que exigem, nem o tempo que tomam, mas ademais as preocupações que dão. E quando não são pela saúde, são pelos estudos. Que a criança siga na escola, que seja bom aluno, eventualmente o melhor, eis a ambição de muitos pais. E para alcançá-la, a mãe está disposta a grandes sacrifícios. A fascinálo com alguma recompensa se obtém bom lugar, a reprimi-lo se não trabalha, a fazer-lhe recitar 15 vezes suas lições. Se é assim, é porque a escola educa as crianças no sentido da competição, da rivalidade e do individualismo.

É dito para eles: "Partam! Que ganhe o melhor!" Porém a carreira está falsifica. Os jogos estão feitos de antemão. Os filhos dos operários devem efetuar caminhos diferentes daqueles dos filhos de burgueses. E, fora uma ínfima porcentagem, ao final do estudo se encontram desiludidos, abandonados no mercado de trabalho como seus pais. Ao menos terão aprendido nos bancos da classe que devem desconfiar uns dos outros, que o "desenvolver-se" é uma necessidade. Uma vez que se exige de cada um que seja completamente responsável por seus fracassos e por seus êxitos, a família, e mais especialmente a mãe, não tem outra saída que despender todos seus esforços para que seu filho "saia disso", o melhor, ou o menos mal possível. Está então em uma contradição muito viva que é um traço notável da condição feminina. Por

uma parte, consagra-se a seu marido; deve ocupar-se dele, e muito especialmente velar para que não tenha a preocupação com os filhos ao voltar de seu trabalho, que possa descansar o melhor ou o menos mal possível; e para isto, deverá fazer que seus filhos respeitem os direitos do pai à paz familiar, à tranquilidade. Porém por outra parte, ela é a mãe, a educadora, e deve consagrar-se a título disso por inteiro aos seus filhos. Não é necessário dizer que dessas duas funções contraditórias, a mulher, e especialmente a mulher pobre, não se livra jamais. E das duas exigências, é a mais imediatamente imperativa a que vence. A mãe manda então seus filhos brincarem na rua para que o marido descanse. Porém, atuando assim se convence mais de sua responsabilidade nos fracassos de seus filhos.

A escola capitalista não descarregou a família da responsabilidade da educação dos filhos, a perverteu. Converteu-se em uma "responsabilidade" da qual a família não é "responsável", sobre a qual não pode intervir, ficando a última palavra de todas as maneiras ao aparato escolar; converteu-se em uma "maldição de vida" contra a qual nada se pode. Exceto submeter-se.

Todos os conhecimentos que tanto os filhos como os pais tenham adquirido fora da escola são suspeitos, ou simplesmente declarados nulos: "Em nossos dias o desenvolvimento da indústria mudou as condições de trabalho dos operários. Agora, se constroem as casas com gruas, se extrai o carvão com pás escavadeiras, o operário não deve já efetuar todos esses trabalhos com a força dos seus braços. É a máquina que os executa, e ele conduz sua máquina como um piloto seu avião..." O filho de um "operário especializado" a quem são ditadas essas linhas não poderá senão consentir.

Ele mesmo jamais entrou em uma fábrica, e se seu pai dá outra versão do "desenvolvimento da indústria, uma descrição na qual é questão de números, de trabalho embrutecedor, de chefes, de revolta, não se pode tratar mais que de julgamentos errados, parcelados, que não podem, nem devem colocar em dúvida a verdadeira lição escolar".

Ao fazer do estudo e da vida dois domínios separados de maneira estancada, se impede que a segunda sirva para perturbar o primeiro. Para as crianças, é verdade, posto que está escrito nos livros, como será verdade mais tarde, porque está escrito no jornal! O importante é lançar um descrédito profundo e duradouro sobre todas as ideias que as crianças e o povo puderam tirar das suas próprias experiências da vida, das lutas de classes, de seu lugar na sociedade. A primeira função da escola capitalista é negar que se possam adquirir conhecimentos em outra parte. Ao mesmo tempo, enquanto o ensino escolar descreve uma realidade a qual as crianças podem testemunhar, prova por isso que não poderia ser de outra maneira, que essa é a ordem natural das coisas. A criança, habituada a ver sua mãe desempenhar o papel de serviente da família, confirmará na escola a ideia de que se trata de uma ordem justa e natural que nada deve mudar. Todos temos na memória esse gênero de ditado que ensina a cada um os deveres de seu sexo.

A Irmã Mais Velha que me Ama

Narração

No mês passado, a mãe de Genoveva esteve gravemente enferma, e ainda agora, apenas está convalescente. Demasiado débil, não pode mais se ocupar da casa como antes. Quanto trabalho realiza uma mãe na família! Quando não

está ou quando está doente, é quando todo mundo se dá conta disso.

Como fazer para que papai possa continuar indo a seu trabalho? Como fazer para que Genoveva possa continuar indo à escola sem preocupações? Felizmente aí está Mônica, a irmã mais velha. O ano passado era ainda estudante. Agora, fica em casa. Antes que pai saia para o trabalho, se ouve deslizar chinelos sobre o assoalho. Os gravetos crepitam, os fogos se acendem: ouve-se o ruído dos pratos que lava e se sente o bom aroma do café da manhã que prepara...

Na tarde, [Mônica] segue cursos para ser estenografa; e à noite, depois de haver ajudado a mamãe, segue as lições Genoveva, chega até a velar por seu trabalho. Apesar disto, está sempre alegre. Quando chega à casa depois de ter ido buscar sua irmãzinha na escola, é a ela a quem Genoveva conta suas pequenas alegrias, confia suas pequenas preocupações. Para ela, Mônica é sua pequena mamãe.

Exploração da narração

1. Quando a mamãe adoece, quem a substitui? Que faz a irmão mais velha na casa?

2. Você tem uma irmã mais velha? Ajuda a mamãe? Você a ajuda quando mamãe está demasiado ocupada?

3. Você mesma, talvez tenha um irmão ou uma irmã pequena. Que faz você para ajudar mamãe no trabalho?

Resolução

A irmão mais velha ajuda a mamãe e às vezes a substitui.[35]

35. Clássicos Hachette, *"A moral no curso elementar"*, 1966.

O sistema de educação desempenha, em nosso país, um papel muito importante para despojar as crianças de tudo aquilo sobre o que poderiam se apoiar, no que diz respeito à experiência prática cotidiana, a fim de voar com suas próprias asas. A escola não proporciona armas para a vida, mas as retira. Trata de torná-las enfermas e de dar às massas as muletas e as bengalas de cegos, da burguesia. "Seus olhos são débeis, pois bem! Tomem esses óculos!", diz a escola burguesa. Agora bem, esses óculos não deixam ver mais do que um espetáculo que desvia os olhos da experiência de classe das massas, para fixar a atenção sobre um mundo artificial, que se parece com a vida, porém no qual tudo está falsificado e tem o sentido que a burguesia trata de impor às coisas. Através das crianças a quem amarra em suas salas, o sistema de educação tende fundamentalmente a infantilizar os futuros proletários, segundo a expressão de Baudelot-Establet.[36]

Enquanto as crianças sigam sendo menores, as mulheres seguirão oprimidas. Um novo sistema de educação das crianças deve tender a torná-las responsáveis, independentes desde sua mais tenra idade. E isto em todos os terrenos. É necessário tornar adultas as crianças. Ou melhor, transformar de cima a baixo a distinção entre "adultos" e "menores" infantis e, portanto, libertar as mulheres do papel de tutela e de guardiã das crianças. Por isso é que a libertação das mulheres exige nova concepção de educação dos filhos baseada em relações de igualdade entre adultos e crianças, que permitam aos últimos participar por inteiro em todas as atividades sociais. Evidentemente, a criação de um novo sistema escolar joga um papel determinante na transformação dessa relação

36. Em *La Escuela capitalista*, Siglo XXI, México, 1975.

e, em consequência, um papel muito importante na emancipação das mulheres. Isso não é pois se desviar da "especificidade feminina", mas sim lutar por semelhante revolução no ensino. Examinemos esta questão mais de perto!

China - A escola produtora de novas relações sociais: "Tomar a sociedade a partir de uma posição de classe!"

Libertar a mulher da criança é, em primeiro lugar, liberar à própria criança! É, pois, transformar a escola.

É necessário que a escola se abra para a sociedade, que a tome como matéria de estudo; deve ter laços múltiplos e recíprocos com as diversas atividades sociais. Eis aí a primeira base de um ensinamento revolucionário.

Os alunos da escola primária de Nanquim nos contaram a esse respeito como concebiam eles seus diferentes terrenos de trabalho e de tempo livre.

Cada turma estabelece regularmente um plano de trabalho em unidade com os bairros. Depois de uma discussão, decidimos as tarefas que vamos fazer. Por exemplo, em nossa turma, tomamos a responsabilidade completa da limpeza de várias ruas do bairro, assim como campanhas de educação para a prevenção de doenças. Constituímos equipes de alunos que, depois da aula, vamos realizar as tarefas domésticas na casa de uma família para ajudar as equipes de trabalho dos bairros; ou também vamos ler e escrever cartas para uma pessoa cega, ou que está muito pouco alfabetizada. Praticamos – nos diz o pequeno Li – a ajuda mútua coletiva.

Isto não é uma afirmação formal. Quando pouco mais tarde perguntei que relação existia entre as amizades individuais e os sentimentos amistosos "coletivos", o pequeno Li nos contou um caso significativo: "O ano passado meu me-

lhor amigo adoeceu; faltou por bastante tempo às aulas. Imediatamente pensei que não podia ficar isolado e que eu poderia ajudá-lo a seguir o trabalho da turma indo vê-lo diariamente. Porém refletindo, pensei que a doença de meu camarada preocupava a todos nós e que era uma boa ocasião para reforçar a 'ajuda mútua coletiva'. Então falamos disso na sala de aula e eu propus que formassem equipes com todos os alunos que iriam por turno vê-lo todos os dias para ajudá-lo a trabalhar, cuidá-lo, distraí-lo, contar-lhe o que fazíamos, etc. Foi uma boa ideia que permitiu reforçar a amizade e a unidade em nossas fileiras, e que animou meu amigo mais que se eu tivesse ido vê-lo sozinho.

Em Shangai visitamos um "palácio das crianças", que ilustra também o tipo de relações que existe entre a escola e a vida. Está em uma esplêndida quinta, uma espécie de palácio efetivamente, que um grande capitalista inglês havia construído antigamente, e que as crianças organizaram como um centro de diversões um tanto peculiar. A escolha da casa sem dúvida não foi casual, já que nos contaram que esse capitalista tinha se servido de uma fila de criados domésticos que selecionava exclusivamente entre as crianças. Os que tratava quase como cachorros! Um operário que nos recebeu e que dirigia esse centro, era justamente um antigo menino-operário que havia servido nessa casa. Isto é, com que sentimento podia observar as crianças jogar ping-pong em um antigo e luxuoso salão, ele, que trabalhando na calefação do castelo não havia tido direito nem sequer de entrar nas cozinhas. Esse centro, como muitos na China, é comum para numerosas escolas. Dirigido por um comitê de crianças e uma equipe operária, acolhe diariamente alunos um pouco de todas as partes. O surpreendente é a concepção dos "tempos livres"

que presidia esse centro. Pois se encontramos crianças jogando ping-pong, ou manobrando um modelo de avião teleguiado que eles mesmos haviam fabricado, também vimos uma grande sala de conferências cheia até o topo, e atenta a uma exposição feita por um membro do Partido sobre a questão do Paquistão. Muitos anotavam. Ao lado do homem em sua tribuna, estavam três crianças que participavam igualmente na exposição. No jardim, um grupo de meninos e meninas treinava tiro de fuzil seguindo os conselhos de um soldado do EPL. Ao ver a extrema precaução de seus tiros e a seriedade que punham, se compreendia que não se tratava de uma "diversão". É que ao modificar-se a função do trabalho e da escola, a função do tempo livre se encontra transformada igualmente. Nada parecido a essas recreações cujo único objetivo é o de permitir a nossas crianças relaxar-se depois de várias horas de uma disciplina escravizante e estúpida.

As Brincadeiras e o que refletem

Ao ver crianças brincarem, se compreende muitas coisas a respeito das novas relações sociais. Em Nanquim discutimos longamente com as crianças a propósito das brincadeiras. Anne lhes perguntou se havia brincadeiras reservadas tradicionalmente para os homens. A pergunta lhes assombrou: que tipo de brincadeiras poderiam fazer bem os meninos das quais as meninas estivessem excluídas? Não, verdadeiramente não o viam. As brincadeiras, nos disseram, com frequências tem um sentido útil. Se vamos passear no campo, aproveitamos para exercitar-nos em reconhecer e colher plantas medicinais que depois levamos para a farmácia do bairro. Outras vezes, por exemplo durante as colheitas, vamos pelo caminho que leva dos campos às brigadas e recolhemos os talos de arroz ou de trigo caídos das carretas e os levamos

depois aos camponeses. Quando as crianças descrevem suas atividades fora da escola, nos custa trabalho distinguir entre o que contém de brincadeira e de trabalho; essas palavras já não significam mais a mesma coisa. Refletindo a respeito disso, nossas brincadeiras de crianças têm algo de profundamente desesperante: ao mesmo tempo reflexo do mundo em que vivemos e tentativa de escapar dele. Os pequenos chineses e seus camaradas evidentemente não brincam de 'Estaremos casados, tu chegarás cansado do trabalho, e eu terei preparado a comida, as crianças estarão deitadas", como me contou Edith que um dia escutou sua filha dizendo a seu irmão pequeno. Na China, seria mais propriamente do tipo "Tinha caído chuvas torrenciais que haviam rompido os diques, havia risco de que se inundasse a colheita, se necessitaria consertar os diques...", ou mais ainda, como nos disseram "Exercitar-se nos campos para a guerra popular, aprender a cercar uma colina e a conservá-la". Pode-se fazer um paralelo entre as brincadeiras das crianças e a arte. Em ambos os casos há um reflexo da sociedade que atua em mudança sobre si mesma. Em uma sociedade capitalista as brincadeiras têm a mesma função que a arte destinada às classes populares: permitir "esquecer" ao inculcar a ideologia dominante. As crianças daqui também tem brincadeiras que se assemelham às da China; porém não é para fazer como "pessoas mais velhas", nem para fugir sonhando da condição "infantil", e sim porque completamente é seu mundo também. Porque não estão à margem em nenhum aspecto da realidade social. Não é suficiente coletivizar as crianças para que espontaneamente liberem uma ideologia diferente. Necessita-se, além disso, que tal colocação em comum das crianças, não consista em colocá-las isoladamente na sociedade. Que pode significar a luta contra o egoísmo ou o interesse privado para crianças

que vivem em uma sociedade cujo motor é justamente esse interesse privado, esse egoísmo? Se os pequenos Jin Hua e os pequenos Tsé Tan não se arrancam os cabelos para apropriar-se de um pequeno carro é, sobretudo, porque jamais viram adultos brigarem para ter o próprio carro, somente seu.

O objetivo desse palácio das crianças era justamente criar novos laços entre alunos de diferentes escolas, e permitir às crianças relacionar certos domínios exteriores à escola e a própria escola, em especial permitir aos alunos adquirir conhecimentos novos que não se ensinam em suas escolas. Crianças que vinham aprender aqui a técnica de modelagem em cursos ministrados por escultores, ensinavam depois aos seus companheiros de turma o que haviam aprendido. O mesmo acontecia com o canto, a dança, os cursos de música instrumental, o desenho, etc. O que se aprende, se ensina aos demais ainda que ele próprio esteja ainda pouco qualificado. Eis aí um princípio geral. Nem todas as crianças vão ao mesmo tempo ao palácio das crianças; não está organizado para ser um simples centro recreativo e sim justamente ao reunir alunos provenientes de numerosas escolas diferentes, lhes é dada a possibilidade de conhecer outras crianças além das da sua própria escola, o que constitui elemento de ampliação das relações sociais; ao fazer isto, estimula grandemente as crianças a desempenhar papel de relacionar ensinamentos extraescolares com os da própria escola. Na escola de Nanquim, também, nos falaram da importância dessa relação para as crianças. Nos foi dado o exemplo de uma menina cujo tio tocava acordeom; ele ensinou a sua sobrinha a tocar. Em seguida, a pequena ensinou a seus camaradas a técnica adquirida. Levava regularmente o instrumento emprestado pelo tio à escola, e as crianças praticavam sob sua orientação.

Relação: pais-escola-filhos

Porém, não param por aí os múltiplos laços da escola com a sociedade. Na escola de Nanquim nos recebeu também o pai de um aluno. Havíamos discutido a respeito dos pais na escola e fora da escola: "Em minha opinião – disse ele – os pais desempenham na educação um papel secundário importante. Participam na crítica do antigo sistema de educação. E quando se estabeleceu um novo programa escolar no plano de Nanquim, tivemos frequentes reuniões com os professores e a equipe operária, para ver como vamos aplicar concretamente o programa na escola. É importante que os pais compreendem e conheçam bem o conteúdo ideológico da educação dos estudantes. Isto permite cooperar com essa educação. Sem dúvida vocês sabem que na China o dia de descanso semanal é muito diferente para cada unidade de produção ou para cada fábrica. Agora, os professores pedem que os pais venham de tempos em tempos à escola durante seu descanso. Assistimos a cursos, podemos dar-nos conta da atitude das crianças na sala de aula. Também temos laços contínuos com os professores, que por sua vez visitam sistematicamente as famílias dos alunos. Se há um problema com um aluno, os pais, que conhecem bem seu filho, podem unir seus esforços com o professor para ajudar a criança a superá-lo. A cooperação é necessária. Três vezes por semestre há uma reunião das famílias dos alunos onde se discute o funcionamento da escola, o que não vai bem, ou o que falta. Porém é sobretudo com as próprias crianças e com a equipe operária, com quem os professores resolvem os problemas".

Outro aspecto da educação dos pais, é a educação pelo exemplo: para educar os filhos, é necessário reeducar-se a si mesmo sem cessar, criticar seus erros, e igualmente aceitar ser criticado pelas crianças. Porém isso não é válido somente

no seio da família, mas geralmente, é a necessidade de compatibilizar seus atos as suas palavras, a teoria à prática. Isto nos recorda um caso referido no jardim de infância por uma professora de um grupo de pequenos de três anos: "Uma tarde, enquanto aproveitava a sesta dos pequenos para discutir com outra instrutora, vários deles vieram em delegação para fazer-me notar que atrapalhava seu descanso e que não compreendiam porque os fazíamos calar! Em sua opinião, me fizeram notar, 'o respeito ao silêncio era válido para todos!'. A instrutora acrescentou: 'Meus outros camaradas tinham o costume de zombar de mim e me diziam rindo: 'Tu tens uma boa profissão, com os pequenos não tens que ser criticada como nós'. Fiquei muito contente de poder lhes demonstrar que não havia nada disso".

O papel educativo da família não deve, pois, ser mais um pretexto para a ditadura dos pais. A educação socialista é a luta contra a ideologia burguesa, e essa luta comum é levada por cada um no seio da família. Uma mãe nos contou: "Havia iniciado o estudo de um texto de Marx, porém as dificuldades eram tão numerosas, que pouco a pouco desanimei. Estava quase decidida a abandoná-lo, pensando que isso não era para mim, que na minha idade era incapaz de dedicar-me seriamente ao estudo. Minha filha viu meu desalento; me reconfortou, me explicou que tinha que continuar e propôs ajudar-me. Assim que passamos a estudar as duas, duas vezes por semana, concluí. Graças à ajuda que minha filha me dá, pude progredir em minha própria educação. Sinto uma grande satisfação ao reconhecer isto".

Na China, as crianças estão "no poder"

Fazer as crianças desempenharem um papel educador, não somente é permitir-lhes criticar os pais. Isto implica o reconhecimento do papel político dos muito jovens, e que melhor prova de tal reconhecimento que a participação das crianças no poder? Nos comitês revolucionários dirigem as escolas primárias, são encontrados com representantes dos professores, dos membros da equipe operária e dos estudantes, eleitos por seus camaradas. Estes últimos participam em todas as tarefas de direção do comitê revolucionário.

As relações entre professores e alunos revelam também a importância da responsabilidade das crianças. Talvez seja a reforma no controle dos conhecimentos o que dá a visão mais clara. Primeiramente o método chamado dos "ataques surpresa" foi completamente abandonado; o professor não busca mais acossar o aluno, a nota não é mais o veredito definitivo, é objeto de discussão entre alunos e professores. No momento dos exames, os alunos dispõem com frequência dos seus livros e das suas notas pessoais. Em geral, conhecem antecipadamente o tema sobre o qual lhes perguntarão. Não se trata de simples exercícios de memória, e sim de esforços de reflexão e de compreensão. Porém, sobretudo, os exames se converteram em uma dupla prova destinada medir a qualidade do ensino do professor tanto como os conhecimentos do aluno; o aluno e o professor examinam juntos periodicamente os progressos de seu trabalho escolar. "Regularmente temos assembleias nas salas nas quais alunos e professores se criticam mutuamente". Se os professores se equivocaram, devem admiti-lo publicamente. Se o caso se apresenta com os estudantes não satisfeitos com a atitude de um professor e que este persista em seus erros, as crianças

podem pedir ao comitê revolucionário da escola que venha estudar a questão e tome as decisões necessárias.

"Porém – acrescenta a instrutora –, nossa experiência é ainda muito curta e não sabemos de um caso assim. Fora dessas reuniões fixas cada trimestre, as crianças naturalmente, podem fazer críticas e sugestões ao professor quando caiba, durante os próprios cursos. E se estimam que alguma coisa verdadeiramente não está bem, podem pedir uma reunião geral sem esperar pela data prevista. A equipe operária assiste às reuniões gerais e nos ajuda a resolver os problemas dando-nos um ponto de vista de classe".

Isso quer dizer que a escola esteja dirigida pelos alunos? Parece-me que seria um erro grave acreditar nisso. Não há rastro de demagogia "infantilista" na política chinesa sobre a educação. Isto se compreende facilmente. Tendo as crianças uma prática ainda limitada, é evidente que também tem uma visão menos global da sociedade, daí a importância vital de ampliar o mais rápido possível e em múltiplas direções sua experiência, justamente para que se desenvolvam seus conhecimentos. É importante compreender bem este ponto essencial. "A educação da geração jovem está sempre a serviço de uma classe"; ou é a burguesia a que educa as crianças, ou é o proletariado. Entretanto, se diz que as crianças têm responsabilidades políticas; não somente lhes é dada a palavra, inclusive para criticar os professores, os pais, etc., mas ainda se desenvolve o espírito crítico: "Um comunista – disse Mao – deve propor-se a pergunta do porquê". Por um lado, se diz, "participam do poder", e por outro, se diz, "é a classe operária a que exerce o poder, é ela a que educa as crianças". Contradição? Não, ao contrário, é justamente aí onde tudo se aclara. É precisamente porque é o proletariado que exerce o poder sobre educação das crianças, que elas não são mais os seres

sem direitos e sem poder que nós fomos e que são ainda nossos filhos. Parafraseando o Presidente Mao, se poderia dizer: "O imperialismo faz a escola a sua maneira, e nós a fazemos à nossa, à que nos é própria, e ambas as maneiras opostas são duas funções de objetivos opostos que nós nos damos!" Dar a palavra às crianças é justamente uma das maneiras que tem o proletariado – e que lhe é própria – de exercer o poder.

Se o proletariado não teme, e até exige, que as crianças façam o ir e vir constantemente entre a teoria – tudo o que está em seus livros e no ensinamento dos professores – e a realidade, é porque a verdade está necessariamente do lado do proletariado. Pois de duas uma: ou o que dizem os professores, os livros, o partido, etc., é conforme a realidade e, nesse caso, a prática das crianças lhes permite assimilar o mais profundamente o conhecimento verdadeiro, científico, de apropriar-se realmente do ponto de vista do proletariado que lhes é ensinado; ou bem a realidade invalida os discursos e, nesse caso: "Obrigado, crianças, a teoria ensinada não era o ponto de vista do proletariado; vocês têm razão em rechaçá-la". Imaginemos por um só instante nossas escolas funcionando "à maneira" do proletariado chinês; as crianças querem fazer pesquisa na sociedade: bairros baixos, HLM, porém também residências particulares. Por que? Querem visitar fábricas: diretores, chefes, operários, eventualmente seguranças, em cujos bolsos se encontram pistolas. Por que? Para que serve isso? Vêm operários contar na sala de aula sua versão da última grande grave; um trabalhador argelino vem contar sua versão da guerra de Argel. As crianças se organizam entre si e tem a palavra; ao final da aula criticam o professor. Que ficaria então do respeito absoluto pelo professor, da disciplina dos alunos? Que ficaria da escola capitalista? Tomar a sociedade a partir de uma posição de classe! Não importa que aula,

não se pode permitir. Se é verdade que em suas escolas a burguesia inculca sua ideologia – e o proletariado a sua – sabemos a partir de Marx que a ideologia da burguesia é o reflexo invertido, mistificado, da realidade, enquanto que a ideologia do proletariado é científica, portanto realmente se pode provar. Eis aqui o que nos permite compreender que a contradição de até um momento, não existia mais do que em nosso espírito, porém de nenhuma maneira na realidade.

Um aspecto da independência das crianças

Evidentemente, este tipo de educação tem como consequência romper os estreitos laços de dependência nos quais são mantidas as crianças por seus pais, assim como pelos professores, ainda que de maneira bastante diferente. Em um país capitalista, o fato de deixar com a família a responsabilidade exclusiva de satisfazer materialmente as necessidades, todas as necessidades da educação da geração jovem, permite aos pais não se valer mais que muito excepcionalmente da lei, para exercer sua autoridade. É que para a criança privada de toda autonomia há os pais ou a rua. Pode-se falar sempre de libertação das crianças se não se vê que a dependência material em relação a uma pessoa, é justamente a negação de toda a independência! Se esta situação não é criticada frequentemente, é porque parece perfeitamente natural: como poderiam as crianças satisfazer, elas mesmas, suas próprias necessidades? Evidentemente a solução não é transformar as crianças em assalariados. Na China, se os pais também assumem materialmente a carga dos filhos, não tem a "exclusividade". E tudo está aqui. Os centros infantis, como os palácios das crianças em Shangai dos quais falamos mais acima, são gratuitos. As apresentações de cinema, de teatro, os encontros desportivos, são gratuitos para os estudantes, e

as escolas distribuem regularmente ingressos – para todas as crianças, pois não se trata de uma recompensa. Quando as crianças partem para as comunas populares, as brigadas[37] assumem a responsabilidade por elas. A socialização do trabalho doméstico lhes permite não ter que depender sistematicamente de suas mães para os problemas de todos os dias. Em suma, se os pais continuam mantendo seus filhos, também a sociedade contribui com uma grande parte. O fato de a criança não estar mais limitada em suas atividades culturais, desportivas, de expansão, de estudo, etc., pelos recursos dos "seus" próprios pais, lhe permite, justamente, não ser mais dependente deles.

A transmissão dos conhecimentos é transmissão de posição de classe

Antes da Revolução Cultural, as escolas eram, dizem os chineses, calcadas no modelo soviético, por sua vez calcado no modelo capitalista. Boas notas e castigos, honrarias e reprovações, todos os elementos tradicionais do teatro escolar estavam presentes. Porém, ainda que o povo já tivesse iniciado e aprofundado em certos terrenos a derrubada das relações sociais, ainda que o proletariado tivesse derrubado o poder das antigas classes exploradoras, ainda que novos valores morais baseados no coletivismo tivessem nascido, o aparato escolar entrava em contradição explícita com a revolução. E aí onde o poder estava firmemente estabelecido, havia vivas resistências à escola, que chegaram às vezes até a criação pelos operários e pelos próprios camponeses, diretamente, de novas escolas controladas pelas massas.

37. Brigada: unidade de produção agrícola. Várias brigadas formam uma comuna popular. Geralmente, uma brigada está constituída por um antigo povoado.

A primeira etapa crítica do antigo sistema escolar consistiu em descobrir claramente o seu caráter de classe. Os jornais diários locais e nacionais dessa época abundam em artigos refutando a tese burguesa clássica, segundo a qual a educação seria uma simples técnica neutra de transmissão de conhecimentos neutros. Afirma-se a respeito: "A educação responde sempre à necessidade de uma classe pela conservação de sua dominação. A burguesia trata de transformar o mundo à sua imagem, enquanto que o proletariado também trata de transformar o mundo à sua imagem. Qual dessas duas classes triunfará em sua luta de morte, não está, todavia, realmente decidido", disse Mao. Assim se abre passagem a ideia segundo a qual os métodos pedagógicos não são simplesmente meios mais ou menos eficazes para transmitir conhecimentos às crianças, por outro lado universalmente justos, e sim por completo "a" forma política e ideológica precisa de uma classe que decreta, segundo seu interesse, que o que é justo para ela, é verdadeiro para o conjunto da sociedade. "Nas escolas – disse ademais Mao – toda atividade aponta para transformar a ideologia dos alunos". Os "conhecimentos" difundidos pelos proprietários de escravos justificam a escravidão, os que transmite a burguesia justificam o capitalismo; os que transmite o proletariado tem por função formar a ideologia das gerações jovens segundo os valores revolucionários. O que destrói radicalmente a possibilidade para o proletariado de utilizar por esse fato, os mesmos "meios" que a escola burguesa. Não é substituindo o antigo estudo acadêmico dos manuais da escola burguesa pelo estudo acadêmico de alguns livros marxistas, ainda que fossem obras de Mao Tse-tung, que o proletariado poderá formar continuadores da causa revolucionária.

Para que o proletariado eduque a geração jovem, é necessário, além disso, que possa desempenhar seu papel de direção política ideológica, que tenha a possibilidade d e adquirir uma experiência nessa frente. Até agora o proletariado não ia à escola mais do que para sentar-se no banco dos alunos; jamais entrou como professor. Certamente, filhos de operários se haviam convertido em professores, como acontece às vezes ainda nos países capitalistas. Porém, justamente, não eram mais operários. E como o sistema de ensino estava ainda dirigido pela burguesia, se convertiam em simples molas dessa máquina. Não se trata, pois, de "proletarizar" o recrutamento de professores, ainda se esta medida, por outro lado, segue necessária, mas fazer que a classe operária viva, atual, comprometida na prática revolucionária de hoje, revolucione o sistema de ensino e exerça sua direção. É, pois, para apoderar-se do poder no setor da educação das crianças, que entram nas escolas no transcurso do verão de 1968 grupos de operários eleitos por seus camaradas de trabalho.[38]

Na escola primária de Nanquim, uma instrutora nos narrou sobre a chegada de uma dessas equipes à sua escola: "Foi no outono de 1968. Várias fábricas vizinhas designaram alguns operários para participar na revolucionarização do ensino. A princípio, o nó dessas contradições são os professores. Tem o poder na escola, reinam aí inteiramente, porém quem são eles? Em sua maioria saíram das filas do povo, po-

38. Os membros desses grupos são escolhidos seguindo os seguintes critérios políticos: devem ter prática na produção, experiência na luta de classes, em especial na luta contra o revisionismo; devem ter uma boa consciência socialista em seu trabalho; devem ser capazes de levar a luta ideológica para unir as grandes massas sobre posições revolucionárias, e em especial lutar contra o sectarismo e o fracionismo. Devem estudar com dedicação o marxismo, o leninismo, o pensamento maoísta. Entre operários, nem todos são membros do Partido Comunista, porém a equipe é dirigida pelo partido.

rém isso não é suficiente em absoluto para fazê-los especialistas em uma nova educação. Que laços havíamos conservado com as massas? Eis aí uma pergunta embaraçosa. Na realidade, estávamos desligados das preocupações do povo. Nossa única preocupação era velar para que os alunos seguissem o programa, passassem nos exames, porém não nos perguntávamos se o conteúdo desse ensinamento era útil para a revolução. Essa atmosfera provocava entre as crianças o 'mergulho' nos livros. Aprendiam para ter boas notas, para passar para as turmas superiores. Se tornavam indiferentes à política, à sociedade, ao resto do mundo".

Neste ponto, um garotinho interrompeu a professora para apoiar o que ela dizia: "Antes da Revolução Cultural, quando minha mãe pedia a meu irmão que se ocupasse da comida ou de cuidar de nós, pois precisava ausentar-se para trabalhar com outras camaradas, meu irmão lhe respondia: 'Não é minha responsabilidade fazer isso. Eu devo dedicar-me aos meus estudos, tenho deveres para fazer e se não os faço me darão más notas.' Minha mãe se irritava sempre: 'Que tipo de escola é essa, que ensina aos pequenos a ser egoístas, a triunfar, sem preocupar-se com a coletividade?'"

A história do pequeno Li – voltou a falar a instrutora – mostra que nós não partíamos das necessidades das massas. Sob o pretexto de transmitir conhecimentos intelectuais puros, transmitíamos na realidade, uma ideologia reacionária. Como se pode pretender formar a jovem geração de revolucionários mantendo-os à margem da revolução?

Quando os professores chineses nos dizem: "O vício do antigo sistema é que não estava a serviço do povo", significa: o sistema de educação não servia aos interesses fundamentais do povo, que são dotar a jovem geração da arma da crítica materialista por meio da união da teoria e da prática, a

fim de que continuem conscientemente a revolução em todos os terrenos.

As novas medidas pedagógicas e seu caráter de classe

Sem dúvida é nesta escola onde temos visto mais claramente as diferentes formas concretas de união da teoria e da prática, do ensinamento e do trabalho produtivo, da escola e da sociedade, dos alunos e dos professores com as grandes massas. Meninos e meninas de sete a doze anos vivem aí, como em todas as demais escolas, uma experiência fundamental. A responsável do comitê revolucionário nos explicou, para começar, que o novo sistema de ensino criado a partir da Revolução Cultural estava ainda em sua etapa de prova, e que a luta crítica-reforma se desenvolvia sempre. Por exemplo não havia – ao final de 1971 – programa escolar nacional para as escolas primárias.

Em Nanquim, no transcurso da Revolução Cultural, os diferentes comitês revolucionários das escolas, haviam estabelecido um programa provisório e eles mesmos haviam redigido novos manuais sobre a base do vasto movimento de crítica do antigo sistema pedagógico, levado conjuntamente pelos alunos, professores, pais e pelas equipes operárias. Esclareceu, por outro lado, em resposta a uma pergunta, que não era garantido que fosse restabelecido no futuro um programa escolar nacional, com os mesmos manuais para todas as escolas. Isso se veria mais tarde. O importante era fazer participar grandes massas, com os próprios professores em primeiro lugar, na elaboração de novos programas, seguir a mesma orientação política definida no curso da Revolução Cultural em todas as escolas, e levar às crianças ao fim das aulas ao mesmo nível escolar nacional.

Os cursos estão divididos em cinco matérias: política, literatura, cálculo, cultura física e arte (desenho, canto). Nas duas turmas superiores, duas novas disciplinas: línguas estrangeiras (principalmente inglês ou russo) e ciências naturais. Se existe um curso especialmente consagrado à política, todos os outros cursos estão também governados pela política. Assim, o curso de chinês, é também curso de história da revolução, e se estudam as regras da gramática, é nas narrações sobre a Comuna de Paris ou da guerra antijaponesa.

Os jornais diários do país ocupam um lugar importante e são também "manuais escolares". Observa-se a mesma orientação no curso de cálculo. As crianças aprendem a compor eles mesmos os problemas, partindo dos problemas reais que se colocam na sociedade. Não é questão de exercícios absurdos e irreais do tipo de "a banheira que se esvazia-enquanto-que-uma-torneira-a-enche": "Isso é desperdício, dizem as crianças, por que deixar que se esvazie uma banheira em lugar de reparar o defeito?" E quando as crianças calculam o tempo que se necessitaria para irrigar uma superfície X de campo, tendo em conta um volume Y de água correndo por minuto em Z canais de irrigação, também calculam que esse tempo poderia ser reduzido à metade caso se introduzissem nas embocaduras rodas de palhetas para aumentar o fluxo da água.

Perguntei a uma das crianças presentes se chegasse a acontecer de não estar de acordo com posições do governo, o que aconteceria neste caso? Os meninos riram quando foi traduzida minha pergunta.

É claro que acontece de não estarem de acordo; você quer um exemplo? O menino que respondeu tinha 10 anos. Bem, recentemente, a propósito da vinda de Nixon, houveram desacordos. Eu, por exemplo, achava inadmissível que o chefe

do imperialismo estadunidense pudesse vir a nossa pátria socialista. A instrutora nos propôs investigar entre crianças de outras salas, em nossas famílias, com operários, para recolher opiniões das massas e, por outro lado, estudar seriamente a situação de conjunto para voltar a situar esta questão em seu contexto. Passamos então grande parte de nosso tempo livre em debates sobre este assunto, em nossas famílias e em reuniões públicas nos bairros. Ao fim de determinado tempo, depois de um estudo sério, compreendemos. Agora eu estou de acordo em que Nixon venha. Podes nos dizer como o justifica? – pedimos.

"Sim! É necessário entender bem uma coisa: não somos nós que recusamos ter relações com os Estados Unidos. Sempre estivemos dispostos a estabelecer relações com todos os países sobre bases corretas. Porém o governo estadunidense, esperando o fracasso de nossa revolução, impôs um bloqueio econômico e político à China. Militarmente, os EUA se apoderaram da ilha de Taiwan, província chinesa, instalaram ali Chiang Kai-shek e o proclamaram "representante autêntico da China". O fizeram sentar na ONU e negaram a existência da China. Bem! Hoje em dia, Nixon vem em pessoa visitar um país apagado do seu próprio mapa. É uma primeira vitória. Deve-se principalmente às derrotas que os povos da Ásia infringiram aos EUA, obrigando-lhes assim a rever algumas de suas posições no que refere a nós. Sabemos muito bem que para abater a reação de um país é necessário contar com o povo desse país. Estabelecer relações com os Estados Unidos favorecerá o intercâmbio e a compreensão entre nossos povos. Os reacionários do mundo caluniam a China e querem fazer crer aos povos que [a China] deseja fazer a guerra contra outros países para impor-lhes sua política. Ao rechaçar o convite de Nixon, nos privaríamos do meio de desmentir

outra vez essas calúnias. Não faltarão os que utilizem a vinda de Nixon aqui para pretender que nosso governo pudesse modificar sua posição ou seu apoio a lutas levadas por outros povos. Não é porque certos Estados se recusem a reconhecer o governo chinês que este tem apoiado as lutas revolucionárias do mundo, e sim por que é um governo de ditadura do proletariado que coloca o internacionalismo proletário em primeiro plano. O fato de que alguns governos comecem agora a restabelecer relações conosco não modifica em nada nossa posição. Para provar isto de maneira indubitável, o melhor que se pode fazer é aceitar a vinda de Nixon, sendo que ele mesmo que pediu para vir. Os povos julgarão nossa atitude com provas, e esse será o melhor cala-boca. Eis aqui porque estou de acordo com a vinda de Nixon".

Jenny pediu à instrutora que nos explicasse os princípios que a guiam em seus cursos políticos: "Nos esforçamos para dar todos os elementos dos problemas a fim de que as crianças possam julgar tendo um melhor conhecimento do assunto. É necessário armar as crianças, armar-nos nós mesmos da análise e da crítica materialista. Temos cuidado de permitir aos que tem uma opinião oposta, ou que vacilam, que expressem dúvidas e críticas ainda que às vezes seja uma pequena minoria, ou até se as críticas são muito falsas; isto permite aos alunos criticar os pontos de vista errôneos, é educativo para todo mundo. É necessário aprender a refletir. Não queremos inculcar à geração jovem a submissão servil que pregava Liu Shaoqi. A revolução tem necessidade de uma adesão profunda e entusiasta, não de um consentimento formal. A luta de classes está presente em todas as partes, o importante é ensinar as crianças a levá-la conscientemente".

A história contada por aqueles que a fizeram

Assistimos a um curso de luta de classes sobre o "passado". O avô de um aluno veio contar, diante de uma classe de 25 crianças, sua infância e sua juventude na China do passado. Quando entramos pelo fundo da classe, o velho operário havia começado sua narração havia alguns minutos e, ainda que nossa visita à escola tivesse suscitado muita curiosidade, nem um só dos alunos brincou quando entramos. Nenhum voltou a cabeça nem uma só vez para dirigir-nos uma olhada, nem sequer furtiva. Estavam todos tensos com a narração do ancião, concentrados em seus lábios, imóveis pela emoção.

Pode-se imaginar isso em nosso meio? Um simples operário, pouco instruído, com roupa de trabalho, em uma escola, fazendo uma exposição para toda a turma em um silêncio impressionante. Era franco e parecia haver sofrido terrivelmente; suas mãos eram calejadas, como as dos velhos trabalhadores manuais. Quase não fazia gestos ao falar. Não "reforçava" sua narração. Mantinha-se ali, desinibido, porém sem atitude doutoral tampouco. Às vezes, ao evocar a miséria na qual sua família, como todo o povo, era mantida pelos senhores locais, sua voz retumbava. E ao escutá-lo, eu pensava que o povo não pode deixar de rebelar-se, ainda que seja tempo depois, contra a opressão que padeceu. Era, sem dúvida, um testamento da velha geração que sofreu os piores males da exploração, que se ergueu e aniquilou a velha ordem, e que, pouco a pouco, transmite à nova geração uma fantástica herança revolucionária.

Pode-se medir a importância para o futuro da transmissão das lições do passado, nos esforços implacáveis que fez e continua fazendo a burguesia francesa para impedir que nosso povo de se apodere da história da Comuna de Paris. É

uma verdadeira captação de herança. Vimos, ainda recentemente, com "Jacquou le Crouquant" até que ponto as massas oprimidas podem identificar-se com as lutas revolucionárias, ainda antigas, sobrevindas em condições aparentemente bem distintas.

"Essas evocações do passado", que tem um lugar tão importante na vida cultural de todos os dias, guardam uma profunda significação. É a história da China, contada por seu povo e criada por este. É o reconhecimento, por meio dos fatos, de que é ao povo que corresponde julgar o que está bem e o que está mal. É, além disso, direito dos que fizeram história, transmiti-la eles próprios aos jovens. É um meio decisivo pelo qual a história da revolução e, fundamentalmente, a revolução dos pobres dirigida pela classe operária, se converte em uma "cultura nacional" com a qual as gerações jovens se identificam, e que transformam em valores morais.

Na escola de Nanquim, os alunos ofereceram uma apresentação artística. Entre as obras que apresentaram havia uma pequena peça montada por eles mesmos, sobre a narração que lhes havia feito uma velha camponesa de sua vida passada. Em uma cena, a mãe – justamente a camponesa –, representada por uma pequenina de uns dez anos, via que lhe era arrancado o filho por "criados" dos proprietários latifundiários, porque não tinha podido pagar seus impostos. A menina se encarniçava com os "criados" para recuperar seu pequeno, eles a jogavam ao chão brutalmente enquanto ela lançava um grito dilacerado. Soluçava, depois era vista em seu desespero, atravessada pelo ódio, aumentando pouco a pouco sua rebeldia, levantar-se com os olhos secos, em atitude resoluta, brava e indomável. Era comovente, e muito mais acessível para nós que certas formas de ópera de Pequim. Não obstante as evocações do passado não ter servido

mais que para criar uma tradição cultural, na qual as crianças se identificavam com tanta convicção e calor, já com isso haviam sido preciosas. Não há aí uma revanche formidável contra a cultura imposta ao povo pela burguesia, na qual ele não é mais que um cúmplice ignorante, brutal e gregário?

As meninas manejam o fuzil, os meninos costuram: uma verdadeira educação mista

O ensino misto não consiste apenas em colocar meninos e meninas juntos. É, além disso, ensinar-lhes rigorosamente as mesmas coisas. E o ensinamento doméstico é uma das provas mais importantes em uma situação mista, real ou fictícia.

Na URSS, o retorno forçado, a partir de 1936, da ideologia da mulher no domicílio, teve efeitos rápidos sobre a educação dos filhos. Esse "retorno da manivela" ideológico estava ligado diretamente à necessidade, para o regime soviético, de restituir à família sua função econômica em qualquer parte onde havia sido um tanto destruída. Era reconhecer sua ambiguidade, era para desenvolver a "sociedade". Alguém se servia de todas as funções econômicas e ideológicas da família burguesa. O caráter extremamente reacionário do retorno à antiga família descobre-se ostensivamente nas razões dadas pelos dirigentes soviéticos para justificar a educação diferente de meninos e meninas: A medida foi tomada para que a escola possa, na medida necessária, adaptar-se às características especiais dos meninos e das meninas. O Estado soviético confronta hoje em dia problemas importantes e antes de tudo a consolidação da primeira célula social, a família, sobre a base da completa igualdade de ambos chefes de família, pai e mãe, porém com uma divisão bem clara das tarefas de cada um. Em consequência, é necessário um regime que eduque aos jovens

para ser futuros pais e combatentes valentes pela pátria, e às jovens converter-se em mães esmeradas, educadoras de uma nova geração.[39]

Assim pois, os meninos são chamados a converterem-se em combatentes, e as meninas em educadoras dos futuros combatentes!

Orlov justifica assim no *Izvestia* de 20 de agosto de 1943 à medida que introduz uma liquidação progressiva do misto: "Na educação mista, nem particularidades físicas dos meninos e das meninas, nem necessidades requeridas para o desenvolvimento de suas vocações particulares, podem receber atenção especial. É necessário introduzir nas escolas das meninas temas suplementares como pedagogia, trabalhos de costura, cursos sobre o trabalho doméstico".[40] Em abril de 1945, na revista oficial de pedagogia soviética, Timoniev declarou: "O humanismo socialista deve ter em conta a sensibilidade da mulher. É necessário manter seu interesse por essas coisas belas, as flores, as roupas elegantes, os ornamentos".[41]

Cursos de introdução doméstica. Nada como essas palavras para revolver o estômago; eu recordava a Jeanne essas quartas-feiras à tarde [na França] quando os meninos deixavam a escola enquanto as meninas tiveram um pequeno quadro de tela branca na qual se fazia bordado, bainha, ponto de cruz, esperando o grande dia em que se fizesse uma camisa de bebê. O incomensurável aborrecimento dessas tardes eternas nas quais o futuro se desenhava em nossas linhas coloridas, terrivelmente cinzento e monótono; e para acrescentar, os gritos dos meninos que jogavam futebol sob nossas janelas, como para rir-se de nós: afinal, eles praticavam esporte.

39. Citado por Volpicelli, *A Educação na URSS*, p. 209.
40. Ibid. p. 363.
41. Ibid. p. 209.

Eles estavam ao ar livre! No fundo, Jeanne não tinha razão em desprezar os cursos doméstico já que foram tão bom fermento da rebeldia feminina.

Na escola Secundária n.º 26 de Pequim, os cursos domésticos têm outro aspecto. Reúnem meninas e meninos para o cumprimento de diferentes serviços. Em um quarto pequeno se havia organizado uma sapataria. Quando a visitamos, os meninos remendavam os sapatos, remontavam solas de alpargatas, sentados em tamboretes. Quando entramos, estavam calados para receber-nos, porém lá do passeio se ouvia o estrépito de suas vozes alguns segundos antes. Havia também vários serviços nos quais se cerziam as roupas dos alunos; um menino de 13 ou 14 anos estava pregando com destreza um grande remendo na parte traseira de uma calça[42], ainda em outra sala, os meninos se encarregavam do serviço de cabeleireiro para seus camaradas. Outra oficina era uma verdadeira carpintaria. Meninas e meninos consertavam o material escolar, aprendiam a fabricar bancos, e, de maneira mais geral, o variado trabalho cotidiano. Em outro mais, os meninos se curavam por acupuntura, aprendiam a conhecer as plantas medicinais e prepará-las. Todos os alunos trabalhavam por turnos nesses serviços, ajudados por operários ou professores.

O ensino doméstico é, pois, misto, porém também é imediatamente útil. Os serviços não somente funcionam para aprender "a fazer algo mais tarde" mas para servir hoje. Que se pense até que ponto a mãe pode estar "libertada", quando seus filhos se encarregam na escola da manutenção da roupa e dos sapatos, de sua saúde, em suma quando os filhos "se

42. Não é só nas escolas secundárias onde meninos e meninas aprendem a costurar. Em um jardim de infância em Shangai vimos pequenos de três a quatro anos pregar um botão em um casaco.

bastam". Pois, uma vez mais, isso é o que é extraordinário na Revolução Chinesa: não se substituiu o trabalho da mãe por "serviços do Estado", dos quais os filhos seriam igualmente dependentes, mas porque o tomaram coletivamente, repartindo-o nos diferentes setores da vida, das tarefas do passado estritamente familiares, isto é, femininas.

Porém para alcançar esse resultado, há um mundo de preconceitos por desenraizar, é necessário combater todas as crenças que justificam a divisão do trabalho por uma diferença natural das aptidões. Essas velhas ideias que dão aos homens qualidades inatas de iniciativa, autoridade, e que evocam "sensibilidade" maior das mulheres simplesmente para melhor negar-lhes toda aptidão para o trabalho intelectual. É necessário demonstrar às crianças que não se nasce mais apto para os exercícios intelectuais que para os trabalhos manuais, nem tampouco "dotado" para as tarefas da casa ou para as línguas estrangeiras. É uma luta ideológica de cada instante. O que fundamenta sua eficácia é que a escola chinesa permite às meninas instruir-se em todos os ramos e nos mesmos domínios que os meninos, sem nenhuma restrição. A aprendizagem da guerra popular também diz respeito à infância. E as meninas não são mantidas à margem; seguem, tal como os meninos, cursos de treinamento militar, se exercitam no tiro de fuzil, fazem os "trajetos dos combatentes" e aprendem os rudimentos do combate corpo a corpo. Em todas as escolas, em todas as atividades fora da escola, os meninos de ambos os sexos realizam treinamento militar, manejam armas, se organizam em milícias, aprendem a proteger-se e a cavar refúgios.

Ligar os estudos e o trabalho prático

Em oficinas construídas dentro da própria escola por habitantes do bairro, todos os alunos da escola assistem por turno a um curso de trabalho produtivo em torno de uma semana por ano escolar. Não se trata dos diferentes serviços dos quais falei mais acima referentes a que a escola se encarregue de certos trabalhos anteriormente domésticos. O papel e o objetivo destas oficinas são bastante diferentes.

Não se busca dar às crianças uma ideia do trabalho manual abstrata ou caduca, como é o caso entre nós onde, quando se fala de trabalho manual, se trata sempre de artesanato; o ferreiro, o padeiro e sua colher, o carpinteiro, constituem sempre a matéria prima dos ditados e narrações na escola primária, ainda que essas profissões tenham desaparecido, ou quase. Entre nós, jamais se fala do trabalho social que domina a produção industrial moderna, as linhas de montagem, os ritmos... por razões óbvias. Ou quando se fala, é para fazer disso uma imagem muito abstrata que, pelo mesmo motivo, não é "inocente".

A imagem de Épinal, a mais comum do trabalhador manual é a do companheiro do século XVIII que possui a arte de seu ofício, que faz um "trabalho" duro (em nossos dias essa palavra não evoca para as crianças um "trabalho penoso") porém que está satisfeito por uma faina bem-feita, que possui o amor por sua profissão.

As pequenas oficinas de Escola

Na escola de Nanquim nos foi explicado que ao estabelecer contatos estreitos com uma fábrica vizinha de caminhões, tinham sido criadas as oficinas. Os operários da fábrica tinham vindo instalar algumas de suas máquinas. Nas oficinas, tinham organizado um processo de trabalho simples,

porém que permitira efetuar algumas das operações de trabalho da fábrica. Os meninos fabricaram ali filtros de ar para a fábrica. Uma operária desta fábrica, membro da "equipe operária", trabalhava nessas pequenas oficinas. Ensinava às crianças a marcha do trabalho, as técnicas elementares das quais tinham necessidade, permitindo-lhes assim adquirir muito rápido a qualidade manual. Porém sobretudo se encarregava de fazer-lhes medir a importância do trabalho coletivo, da união, para criar riquezas. Essas pequenas oficinas das escolas, "nossas" oficinas, como costumam dizer as crianças que as têm sob sua inteira responsabilidade, que eles mesmos organizam e dirigem, e que se apoiam quase exclusivamente sobre eles, permitindo-lhes adquirir uma experiência diferente da que podem obter indo às fábricas.

As oficinas estão compostas de máquinas verdadeiras, porém reúnem número de operações relativamente reduzido, um processo de trabalho simples, de modo que as crianças estejam em melhores condições de dominá-lo e de compreender o significado de conjunto. Em consequência, em melhores condições de proceder a inovações, a invenções, a julgar o que está bom e o que deve modificar-se. É muito importante o permitir às crianças que seus primeiros contatos com o trabalho produtivo não sejam sinônimos de disciplina cega, mas pelo contrário, ligados estreitamente ao exercício coletivo do poder.

Considerando mais de perto, é um contrapeso necessário ao resto do ensino escolar. Pois ainda se o trabalho na sala é feito coletivamente, se as crianças se ajudam mutuamente em lugar de conservar cada um para si, zelosamente, seus conhecimentos, não por isso significa menos que o trabalho individual *ler-escrever-contar-aprender* que é preponderante. Por isso que a experiência de uma produção coletiva,

e que não pode funcionar mais que coletivamente, é extremamente importante para a aquisição das posições socialistas. As crianças se preparam para converter-se, como disse Marx, em trabalhadores coletivos associados.

Assistem às oficinas durante as horas de aula e seguindo o mesmo ritmo que os outros alunos; a cada 45 minutos de aula têm 10 minutos de recreio. Três vezes 45 minutos na manhã, e duas vezes à tarde. Os pequenos trabalham só pela manhã. Jeanne perguntou às crianças se consideravam as oficinas como uma brincadeira. A pergunta os incomodou muito: Não, em absoluto – respondeu um deles – o assunto das oficinas é muito importante. Como poderíamos continuar o que os operários e os camponeses empreenderam se nossos estudos estivessem separados da prática, se não tivéssemos laços com os operários e camponeses? Não poderíamos!

Nesse trabalho, não é a produção o mais importante; fazendo as crianças trabalharem não se busca utilizar a todo custo todas as forças de trabalho disponíveis na sociedade, incluindo as crianças. Não. O trabalho é educador para as crianças, porque é útil para a sociedade, e é útil para a sociedade principalmente porque é educador para as crianças.

Ao lado das oficinas, há igualmente hortas cultivadas pelas crianças ao longo de todo o ano, por equipes e por turnos. Garantem assim uma boa parte dos legumes que são consumidos em seu refeitório. Por todas as partes há hortas, até nas cidades; e às vezes se necessitou escavar nas calçadas e nas ruas para encontrar, sob o calçamento, o campo.

O trabalho produtivo fora da Escola

Porém não residem aí os únicos laços das crianças com a produção social. O ano escolar propriamente dito dura

8 meses e meio. Depois disso, os alunos partem com seu professor, para estar três semanas em uma comuna popular e participar dos trabalhos agrícolas. Aí vivem com os camponeses e seus filhos, aprendem a conhecer as condições de vida e de trabalho no campo.

Têm a possibilidade de fazer importantes intercâmbios de experiências, seu horizonte se abre assim sobre domínios mais vastos. Os camponeses – nos dizem –, os recebem calorosamente e fazem grande empenho em dar-lhes uma educação de classe. É a ocasião das noites culturais em que os alunos das cidades fazem representações teatrais para os camponeses e vice-versa. É relatado a eles muito concretamente tanto as lutas do passado como as atuais. As crianças estão em condições de perceber, "apoiando-se em provas", a criatividade das massas camponeses e os progressos que estas fizeram acontecer para todo o povo chinês.

As crianças chinesas não são atraídas "irresistivelmente" para as cidades; mais tarde, irão igualmente instalar-se nos campos. É uma política constante do Partido (ainda que combatida pelos que tem uma concepção burguesa da industrialização) não "urbanizar" a China, e sim desenvolver a indústria no próprio campo, a partir das brigadas agrícolas existentes. É claro que esta política só pode concretizar-se na medida em que camponeses não sejam desprezados socialmente, que a importância do campesinato na revolução e, em particular, a necessidade de reduzir a separação entre cidades e campos, esteja claramente assimilada, principalmente pelas crianças desde sua mais tenra idade.

Depois, algumas semanas mais tarde da estadia no campo, com frequência as crianças vão trabalhar (duas ou três semanas) em uma fábrica. Evidentemente, tal como no campo, não fazem todos os mesmos trabalhos que os adultos,

nem por tanto tempo. Mas estão nas oficinas, entre os operários, trabalhando ao seu lado. Aí tampouco se pode dissociar a aquisição de conhecimentos técnicos da formação ideológica e política que recebem. Participam nas diferentes atividades culturais e políticas dos próprios operários, o que dá uma ideia da estima que sentem por eles. São introduzidos, nos dizem, na escola dos professores operários; também nesse trabalho se enfatiza sobre o estudo. Não se trata de nenhuma maneira de fazer-lhes aprender algo no ar, para efetuar operações das quais não conheçam o significado. Ao contrário, lhes é explicitado o propósito das técnicas empregadas. Por que tal peça deve estar torneada e tal outra soldada; como o trabalho que efetuam ali, é uma etapa de todo um processo de trabalho coletivo, que não tem valor nem sentido sozinho e sim porque outros antes e depois deles se agruparam para efetuar uma produção comum. Conhecem também muito concretamente as lacunas atuais no trabalho. Tem-se cuidado especial em fazer-lhes compartilhar o interesse que tem os operários nos progressos técnicos da produção e como chegam a eles através de sua estreita colaboração com os técnicos. Não se deixa de fazer ressaltar constantemente a luta de duas linhas em todos esses domínios. Não devem ter a ilusão de que o desenvolvimento das forças produtivas é neutro e sem consequências políticas.

Capítulo 8

Educação pela Sociedade ou Educação pelo Estado?

O encargo da educação das crianças, leva a algumas reflexões suplementares. Está claro que o campo das crianças já não é, na China, um campo familiar privado, porém está igualmente claro que tampouco é um terreno de especialistas. Aqui também a União Soviética procurou, em contraposição, os meios de compreender melhor os alcances da experiência chinesa. "Não há dúvida – dizia Lunacharski – que expressões como 'meus pais', 'meus filhos', desaparecerão pouco a pouco e serão substituídas por outros conceitos de 'pessoas de idade', 'adultos', 'crianças', 'bebês', etc." para apoiar a tese de que as crianças deveriam passar da propriedade dos pais à propriedade do Estado. A questão das crianças é fundamentalmente a questão do futuro da sociedade. Quer-se conservar a divisão social do trabalho e as tarefas atuais, ou se quer destruí-la? Se quer destruí-la, como esperar fazê-lo confiando a educação das crianças a um corpo de especialistas "estatizados"? Nada pode contribuir melhor que semelhante educação para cortar do corpo social real as crianças, a fixar para toda sua vida em seu "psiquismo" uma atitude de eternos menores, submetidos constantemente à tutela de corpos especializados que, sempre e em toda circunstância, "sabem melhor que eles" e são "mais competentes". A relação de propriedade, de submissão, dos filhos aos pais deve desaparecer; porém existe uma relação social mais vasta que a subentende, que delega, poderíamos dizer, aos pais, um poder de tutela sobre os filhos; essa relação não somente faz estragos nas crianças como entre todos os oprimidos, assinala às crianças

um papel de "menores", privados de autonomia, de responsabilidade. Essa relação é produzida pelo confinamento das crianças à margem da sociedade, em um mundo à parte, o "mundo da criança", o da escola e da família. A perspectiva aberta por Lunacharski não fazia senão reforçar essa relação.

No fundo, a questão das crianças, sem que pareça assim, é questão de Estado. O período de transição do capitalismo para o comunismo – o socialismo –, é justamente a destruição do antigo Estado e a construção de um novo, porém um Estado um pouco especial pois se fixa como objetivo seu próprio desaparecimento. Um Estado para que já não tenha mais Estado! Não é surpreendente que esta questão seja o obstáculo de todas as falsificações revisionistas possíveis porque, nesse domínio mais que em qualquer outro, a burguesia segue sendo forte muito tempo depois de sua ruína, como resultado do monopólio completo que previamente conservava o Estado. É certo que também dirigia as fábricas, porém, evidentemente, não podia impedir que os operários as fizessem funcionar e, portanto, as conhecessem.

A via chinesa da educação das crianças é um exemplo palpável do novo tipo de Estado que se reforça ao destruir-se. Por isso é que o poder real do proletariado está reforçado, porque a ideologia do proletariado é, em determinados campos, suficientemente direcionada para que as massas possam começar a controlar diretamente a educação das crianças, e até em certos aspectos, tomar elas mesmas a seu cargo, destruindo assim o monopólio dos corpos especializados do Estado nesse terreno – principalmente o sistema escolar, ainda que também o aparato paramédico, os psicólogos etc. É dirigido direta e efetivamente setores cada vez mais amplos da sociedade, rompendo o monopólio exercido pelos aparatos de direção tradicionais, que o proletariado reforça seu poder;

é igualmente o significado da entrada da classe operária nas escolas e nas universidades, mas também nos hospitais, nas oficinas etc., sob a forma de equipes operárias de propaganda, respondendo ao chamado de Mao Tsé-tung: "a classe operária – e não somente seu partido, ou seu exército – deve exercer sua direção em tudo". Que se ponham em guarda. Isso não significa que na China o Estado proletário venha abaixo em pedaços. Pelo contrário, se poderia dizer que jamais foi mais "potente". Porém, o caráter distintivo desta potência, sua diferença em relação a todas as "potências" dos estados opressivos, é que provem do poder, da capacidade direção das massas, reforçada sem cessar – a classe operária e aliados – na sociedade. E quanto mais se estende esse poder – o que, como mostrou de maneira esplendorosa a Revolução Cultural, é sempre resultado da luta encarniçada entre proletariado e burguesia – quanto mais os aparatos de Estado perdem seu monopólio de direção (e digo, perdem seu monopólio de direção e não a direção), tanto mais, o Estado enquanto órgão e expressão do poder do proletariado e das massas populares se reforçam.

Não são mais especialistas da "política" e do trabalho de direção que monopolizam esse trabalho; na medida em que cresce a capacidade de direção das massas, o trabalho de direção se multiplica, os aparatos em todos os níveis se tornam mais ágeis e se simplificam e as formas diferentes de organização de massas tomam cada vez mais funções.

O mito da autoeducação

Hoje se começa, a saber, como as concepções burguesas da escola conseguem transformar as massas de crianças nesses seres submissos que conhecemos. Também se deve saber que a burguesia tem outros recursos para impedir as

crianças de adquirir o ponto de vista proletário. Em termos gerais, há duas maneiras de manter o proletariado em estado de inferioridade: ou bem é afastado dos "domínios reservados" da ciência, da técnica, da filosofia e da arte dizendo-lhe claramente que é demasiado estúpido!, ou, pelo contrário, lhe é dito que tem inteligência natural, inata, que através de sua prática pode obter, tal como é, todos os conhecimentos dos quais tem necessidade e que, portanto, não vale a pena meter o nariz nos domínios da ciência, da filosofia, etc. Ao mesmo tempo, se prega a necessidade de destruir a escola, a universidade, os institutos, etc. Tudo isso, com a finalidade de impedir o proletariado de adquirir experiência na reforma desses domínios, de transformar a massa de intelectuais que, até então, trabalhavam sozinhos. Essas duas atitudes foram praticadas sucessivamente na China pelos porta-vozes da burguesia que são os revisionistas. A primeira, antes da Revolução Cultural; a segunda, durante esta, para conservar o poder e fazer a mudança, ao dissimular a política de restauração do capitalismo sob as aparências de uma linha ultrarrevolucionária.

Também há duas maneiras de manter a criança em um estatuto infantil burguês. A primeira deu suas provas históricas: é a maneira autoritária e "escolar" da escola capitalista com sua ideologia do dom, suas duas redes de escolarização e, sobretudo, a separação absoluta do "trabalho" escolar da produção, da experimentação científica e da luta de classes. Não insistimos: se conhecem os resultados. Contudo, há outra, muito mais disfarçada porque é, na aparência, em todos os pontos oposta à primeira, porém que na prática conduz a resultados idênticos: é a política da autoeducação não direcionada e libertadora das crianças por si mesmas. Aqui também, o que se emprega é a velha teoria burguesa da "natureza

humana": as crianças estarão oprimidas da forma como se comprime uma mola; tire o peso que gravita sobre elas e sua natureza falará.

Que há de mais "esquerda" na aparência do que se fixar como objetivo libertar totalmente s crianças de toda sujeição, ou melhor, de toda intervenção exterior? Como seu nome o indica, autoeducação significa que não há educadores, ou que os educadores são as próprias crianças. Então, como corpos "livres" sucumbem em queda "livre" submetidos à lei de atração terrestre, assim as crianças "livres" cairão também nas armadilhas da força de atração dominante, a ideologia burguesa, e talvez ainda mais traiçoeiramente. Com efeito, o que dissimula melhor os educadores escondidos, os amos da sociedade, do que uma teoria que afirme que não há educadores? Porque a sociedade está aí, e sempre haverá educadores. Digam que são e mostrem a cara!

Na URSS, nos anos 20, intentou-se numerosas e ricas experiências pedagógicas. Essas correntes de ideias, embora comportando muitos aspectos realmente de esquerda, arrastavam, contudo, certo número de pontos de vista errôneos; as correntes ideológicas que existiam então não haviam caído do céu, haviam saído das experiências adquiridas pelos meios pedagógicos progressistas na luta contra o czarismo. Porém estas posições não eram, todavia, o ponto de vista do proletariado sobre a questão da escola e da educação. As massas não haviam tido ainda possibilidade de colocar esses problemas na prática, de verificar a precisão de determinadas teses, de amadurecer novas e de criticar os pontos de vista errôneos. Muitos pontos de vista idealistas, democrático-burgueses principalmente, haviam sido pura e simplesmente tomados de certas correntes da pedagogia ocidental, por exemplo de De-

wey. A luta contra o ensino czarista semifeudal e ultra repressivo havia reforçado a ideia, especialmente em Blonskye Lepechinsky, de que havia que libertar a natureza da criança de toda influência exterior e deixa-la expressar-se. O melhor meio era, pois, velar para que nada "exterior" às crianças dirigisse sua educação e, portanto, deformar, esmagar, reprimir, sua rica natureza.

Chatsky especialmente, representante típico da pedagogia progressista não bolchevique, dá um exemplo muito claro desse tipo de desvio; alçava-se contra toda finalidade vinda "do exterior" para a educação das crianças. Experimentou comunas de crianças auto administradas que aplicavam o princípio da autonomia total das crianças, da autoeducação completa. A experiência mesma dessas comunas devia mostrar o caráter errôneo dos pressupostos idealistas sobre a "natureza" das crianças, e apesar de tudo, foi um grande fracasso!

Porque, por uma parte, nenhuma das comunas de crianças prescindia de educadores: e no lugar do proletariado e da sociedade na direção da educação das crianças, eram especialistas atuando em seu nome.

Por outro lado, apareceu imediatamente que essas sociedades de crianças reproduziam traços notáveis da sociedade de classe da que se lhes havia separado para preservá-los da sua "má influência"; para que pudessem, agora "protegidos", segregar relações comunistas igualitárias. Ao contrário, se via aparecer formas típicas da ideologia burguesa, e as crianças tinham tanto menos meios para lutar contra elas, quanto que estavam mais radicalmente separados do conjunto das lutas que se levava na sociedade contra a burguesia. Krupskaya foi levada a levantar-se contra o direito dado às crianças dessas comunas, de ter cursos de justiça e de infligir

castigos: "Pois, dizia, esses cursos reproduzem pura e simplesmente os cursos de justiça dos adultos quando nem sequer participa deles nenhum adulto".

Sabe-se como entre nós os grupos de crianças reproduzem espontaneamente relações de disciplina e opressão burguesa no seu seio. Pode-se por juntos, nas mesmas escolas, a meninos e meninas pequenos, pode-se não fazer jamais um discurso explícito sobre a inferioridade das mulheres, o que não impedirá aos pequenos de reproduzir entre eles, imediatamente, a situação da superioridade dos meninos sobre as meninas, relegar estas dos nobres jogos da guerra ou das bolas de gude. Mais ainda, as amizades dos e das meninas serão baseadas com muita precisão nos modelos ultra conformistas da sociedade. Para que os pequenos, como para os homens, a amizade franca, um tanto áspera, fiel e sem sensibilidades, como a que os pais fazem durante o serviço militar; para as garotas as amizades mesquinhas, feitas de inveja e sentimentos possessivos, as amizades eternas que qualquer pecadinho transforma em ódio feroz. Como as amigas de mamãe. O mundo maravilhoso da infância? Uma bela banalidade! Na realidade, aí se reconhecem todas as leis da nossa sociedade, suas contradições, suas lutas, seus valores morais. Mantidos à margem da sociedade, dentro de certo laço inevitável, além disso, da dependência frente aos adultos, as crianças não conhecem da sociedade senão os deveres, nenhum dos seus direitos nem, sobretudo, os meios de lutar contra ela. O que, evidentemente, não pode ser mais cômodo para fazer admitir como lei eterna e divina qualquer preconceito necessário à nossa sociedade para inspirar um comportamento de submissão servil e de obediência cega.

Além disso, tudo parece estar bem arrumado para o melhor dos mundos capitalistas; a escola e a família dividem

a tarefa para fazer da criança um cidadão do qual o capitalismo tem necessidade. Porém isso não é mais do que uma aparência; entre o aparato escolar e a família não somente há uma divisão do trabalho na repressão, também há violentas contradições; especialmente; é claro, entre a escola e a família operária. Não ver isso, é a privar a revolução de uma das alavancas mais importantes da luta de classes. Se para um país socialista, a questão das crianças é a do futuro, isto é verdade igualmente para nós. Um movimento revolucionário que não reconhece a importância da libertação das crianças é um movimento suicida, e finalmente, um movimento não revolucionário. Não ver nas crianças mais do que "o trabalho que dão", mais do que a dependência que disso resulta para as mulheres, é profundamente reacionária a partir um duplo ponto de vista.

Reconhecer o duplo caráter da mãe: reprimida e repressiva

Em primeiro lugar porque isto é "esquecer" que a revolução tem como objetivo final a emancipação da humanidade inteira, e, portanto, das crianças. Em segundo lugar, porque esconde cuidadosamente que se as crianças são fonte de fadiga, de trabalho, de angústia para as famílias e, sobretudo, para as mães, elas estão reprimidas e, em especial, pelas mães, ainda que estas últimas subjetivamente não o desejam. Porém, o fato está aí; "trabalho-crianças", estou disso até a cabeça! É uma expressão profundamente reacionária; põe no mesmo plano a opressão doméstica, a exploração capitalista e as crianças oprimidas. Dito de outra maneira, não faz distinção entre aquilo contra o que se deve lutar e aqueles com quem e por quem se deve lutar. É a expressão da pequena-

burguesia niilista que, ainda que oprimida, é incapaz de conceber um projeto revolucionário que modifique radicalmente suas condições de existência.

É inimaginável que um movimento revolucionário de mulheres se desinteresse pela questão das crianças, como é inimaginável que o proletário possa esperar tocar qualquer movimento revolucionário desinteressando-se pelas outras frações do povo. Nós não podemos exigir a igualdade com os homens sem voltar a colocar em dúvida imediatamente a relação de opressão que mantemos com as crianças e, no geral, que os adultos mantêm com as crianças.

São muito numerosos que, estando conscientes da importância das crianças, fazem análise insuficiente das causas da opressão dos jovens. O movimento feminino se engana quando crê que essa opressão é a única consequência da existência de células familiares produtoras de egoísmo e de interesse privado. Certamente, a família burguesa (e a família dentro da classe operária é também uma família "burguesa" à sua maneira; se o fato de que seus membros sejam operários, muda algo, não muda a função da família) é bastante produtora de tal ideologia. Porém, não em razão dos "poucos membros" que a compõe, nem da monogamia oficial dos pais, nem do fato de que os filhos vivam com os pais, como diz o MLF. Se a família é "egoísta", é porque o egoísmo é um comportamento inerente ao capitalismo, que lhe é necessário. A Revolução Cultural descobriu claramente esse fato, em especial na palavra de ordem "combater o egoísmo e refutar o revisionismo". O egoísmo não é outra coisa que a ideologia burguesa, e esta é produzida pelo capitalismo, pela maneira capitalista pela qual são produzidas todas as condições materiais nas quais vivem as pessoas, incluindo a família. É o capitalismo, ou mais geralmente as sociedades de exploração, as

que produzem uma família geradora de egoísmo, e não a família geradora de egoísmo a que produz o capitalismo. E por isso, enquanto existiam os assalariados, isto é, certa relação entre a força de trabalho empregada e a "compensação" em salário recebido, substituirá uma base material para que o egoísmo exista e se desenvolva. Durante todo o período de transição do capitalismo ao comunismo, essa base, ainda que se debilite cada vez mais até desaparecer, continuará existindo.

É completamente idealista imaginar-se que reunindo vários casais e seus filhos numa comunidade, se possa remediar sensivelmente essa de fato. No melhor dos casos, se substituirá o egoísmo familiar pelo egoísmo comunitário. Para convencer-se, basta ver com que rapidez as comunidades se fecham sobre si mesmas, se consagram a "seus problemas internos", se isolam da sociedade, tal como fazem as famílias às quais estas mesmas reprovam. Na medida em que os membros adultos da comunidade não vivem em completa autarquia, sem contato com a sociedade é que, portanto, inevitavelmente são portadores da ideologia social dominante. E ainda que as crianças não tenham nenhum contato com o mundo exterior fora desses adultos – o que seria o cúmulo uma vez que se pretende querer lutar contra o espírito de clã – esse único laço seria suficiente para reproduzir nas crianças os traços mais notáveis da sociedade da qual se foge. Da mesma forma que a mãe de família possesiva em excesso, e compenetrada do seu direito maternal, que passa sozinha suas jornadas com o filho separando-o de tudo o "demais", não deixa de fazê-lo da maneira mais autoritária e mais implacável que seja.

A única solução que fica nesse caso seria segundo toda lógica, abandonar as crianças em alguma ilha deserta.

Rousseau o havia pensado antes de nós. Supondo que pudessem sobreviver, é necessário ter concepção das mais retrógradas sobre a "natureza humana" para acreditar que, longe da "sociedade de consumo", esses bons selvagens abririam em fluorescência todas suas qualidades inatas, todas suas aspirações naturais para a generosidade e o desinteresse, que a sociedade reprime. Na realidade, tais crianças não seriam nem boas nem más no sentido em que nós o entendemos, se forjariam as ideias, os sentimentos e os valores morais que suas condições materiais existência lhes ditassem, nada mais. E se estivessem submetidas à necessidade primária de encontrar meios para sobreviver diariamente, considerariam justos meios para consegui-lo incluso violência para proteger "sua" comida, ou "seu" território de caça.

Não vamos voltar a escrever a história da humanidade. A alternativa se propõe nestes termos: ou bem aceitamos que as crianças sejam odiosamente reprimidas pela sociedade, como o temos sido nós antes delas; ou bem mudamos a sociedade para que não reprima mais as crianças. E se existe realmente um sentimento profundo de rebeldia no povo frente à "condição infantil" – e existe verdadeiramente – deve desembocar na tomada de consciência de que suas causas estão na organização social e, consequentemente, que o remédio não pode ser senão uma destruição dessa organização.

Eu sei bem que, entre todos os que tentam experiências comunitárias, a maioria está convencida da necessidade da revolução "em geral", e me refutariam: "Tudo isso sabemos. Não pretendemos destruir o capitalismo, criando comunidades, porém para fazer a revolução, justamente há que romper previamente, em alguns pontos importantes, com a

ideologia dominante. As crianças são participantes da revolução. Não se pode dizer "façamos a revolução primeiro, depois nos ocuparemos das crianças".

E terão razão! Não apenas pelas crianças, pelas mulheres, por quem seja não se pode remeter para depois a necessidade de romper o estado atual. Pode-se tão pouco, poderíamos dizer que essa ruptura é a primeira condição de toda revolução. Porém justamente isso implica que nos oponhamos agora à burguesia em diferentes domínios.

No que diz respeito às crianças, por exemplo, isso quer dizer que nós, em primeiro lugar as mulheres e os educadores, os consideraríamos como uma força política, nascida de sua rebeldia contra a experiência específica que têm da opressão. Dediquemo-nos a dar-lhes meios de sistematizar essa rebeldia; de fazê-la passar de rebeldia individual à rebeldia coletiva. Ponhamo-nos a ajudar-lhes a desmascarar as profundas causas do seu estado de subordinação, para que passem da escola clandestina à luta contra o sistema de ensino. Unamo-nos com elas contra "inimigos comuns": o aparato de Estado, por exemplo, que os retira dos pais, não para libertá-los da autoridade familiar, e sim para exercer diretamente sua própria autoridade. Imponhamos o controle dos pais e dos filhos sobre os aparatos que estão especializados em tomar a seu cargo as crianças e, em especial, o aparato escolar. Deixemos de considerá-las incapazes que não podem compreender o sentido do que nós pensamos, e mostremos a elas a realidade da nossa sociedade, que conheçam as outras formas de opressão de que o povo é vítima, que aumentem seu conhecimento social.

A história de todos os movimentos revolucionários demonstra que as crianças são capazes de uma inteligência re-

volucionária inaudita. Não só são capazes de rebelar-se contra o que as oprime, mas, além disso, contra tudo o que oprime o povo. As causas justas as entusiasmam mais além de toda expressão. Vietnã, Palestina, os afro-americanos, Irlanda o testemunham todos os dias.

Como nós poderíamos duvidar disso? Nós, que vimos em 1968, crianças de 13 anos organizarem equipes coletivas de pequeninos dos quais se ocupavam para permitir aos pais ocupar as fábricas em Nantes, por exemplo; nós, que vimos os colegiais bater-se junto com os estudantes e operários nas barricadas de maios de 1968, e organizar comitês de ação cuja média de idade não ultrapassava aos 13 anos; e mais recentemente ainda, vimos os alunos do 6.º grau II de Hurst, bater-se como leões até o ponto de "enlouquecer" os ministérios do Interior e da Educação nacional, porque estavam profundamente escandalizados de que fossem separados do seu professor cujo trabalho fora condenado. Para, uma vez que tinham um que os respeitava, que lhes fazia conhecer a verdadeira vida, a verdadeira realidade, como dizia um deles! Evidentemente tudo isso não pode ser feito espontaneamente; senão, já estaria feito. Em primeiro lugar, é necessário efetuar com as crianças pesquisas profundas e repetidas para definir orientações. As mulheres, por serem as primeiras educadoras das crianças, devem dedicar-se resolutamente a isso; elas têm um grande papel que representar nesse domínio. Nós devemos estar convencidas de que não somente somos reprimidas, mas também repressivas. Por mais tempo que neguemos, ainda que seja verdade que não escolhemos deliberadamente esse papel, seremos incapazes de ajudá-las. Uma mulher que oprime uma criança, não pode ser uma mulher livre. Para emancipar-se, as mulheres devem ajudar as crianças a eman-

cipar-se também, ambos destinos estão inexoravelmente ligados. Evidentemente, se terá percebido, não pretendemos oferecer aqui um "programa". Em nome de que, por outro lado? Tudo fica por fazer: pesquisas, experiências, lutas, debates, estudos um pouco menos gerais que estes. É muito possível que as ideias que expressamos sejam às vezes unilaterais ou francamente falsas. Finalmente, pouco importa, serão criticadas, e essa é uma boa coisa. Quanto ao demais, por meio dessa exposição sobre as crianças da China, e sobre todas as questões que se relacionam com isso, temos tentado demonstrar que, longe de apartar-nos da emancipação das mulheres, dedicando-nos a conhecer melhor os problemas da educação das crianças, estávamos sim plenamente dentro do "nosso tema".

QUARTA PARTE

A família chinesa: Rumo a nova coletividade de base

Com o risco de confirmar os temores dos jornalistas que ressaltam nas suas narrações "a China de pesadelo", é necessário reconhecer que na China a família está destruída. Se por "família" se entende a submissão da mulher ao marido, sua reclusão no lar, a autoridade absoluta dos pais sobre os filhos. Se por família se designa esse "porto de paz" fechado em si mesmo, ideal de todos os homens, sem o qual a vida não tem nenhum sentido, essa pequena ilha na qual o marido é o amo, e o único que se desenvolve em todos os meios ante às dificuldades da existência. Muito bem! Sim, dessa família não sobra grande coisa. Ao longo dos capítulos precedentes, justamente se pôde ver que as funções reais ou místicas da família estavam mais do que quebrantadas, estavam inclusive substituídas. Porém, ao mesmo tempo, e com risco de decepcionar a outros, vamos até o fim: é necessário igualmente reconhecer que a família existe na China. Se por família é necessário entender casal estável, monogâmico, que vive com seus filhos, os quais não têm, parece ser, experiências sexuais fora de uma família que por sua vez formarão mais tarde, eis aqui um quadro entristecedor para uma parte do movimento revolucionário. Esta questão, entretanto, não é tão simples e merece ser examinada mais de perto. Se podemos afirmar ao mesmo tempo que "a família está destruída" e "a família existe", não será que esse termo "família" não seja tão claro em seu conteúdo, como se poderia acreditar espontaneamente?

Capítulo 9

Um resumo histórico

Ninguém sonharia em comparar pura e simplesmente a família poligâmica feudal com o que se convencionou chamar a família nuclear da nossa sociedade, ainda que seja patente um traço comum a esses dois tipos de família: a inferioridade da mulher em relação ao marido. É igualmente aberrante imaginar uma sociedade feudal, descansando na pequena produção agrícola, tendo por estrutura familiar, essa célula atomizada reduzida ao casal e seus filhos; como o seria encontrar uma sociedade capitalista formada de grandes famílias nas quais coabitassem o pai e suas esposas, os filhos de suas esposas, as jovens irmãs nubentes destas, sem esquecer a pais e sogros. É que, como sabemos, as diferentes formas familiares são produto de sociedades diferentes e estão adequadas a essas sociedades (nem sempre exatamente, voltaremos a isso).

A família chinesa tem uma particularidade histórica, das mais interessantes para avançar na compreensão das diferentes funções das diferentes famílias, de ter passado no espaço de apenas 25 anos, da família feudal a um tipo de família que não conhecemos nos países capitalistas. Esta evolução rápida e recente é importante, pois por si só, permite compreender determinadas especificidades do movimento feminino chinês e, em consequência, permite descobrir melhor o que na família chinesa atual pode apresentar um caráter atual.

Bodas de sangue

De todos os relatos que nos fizeram, o que conta a vida da velha camponesa dos montes Sinkiang com seus pés mutilados; o dessa operária do canal Bandeira Vermelha que nos contou, quase sorrindo e com palavras medidas, que aos 8 anos era diariamente açoitada por seu padrasto; aquele outro que recorda a jovem tibetana sentada em uma poltrona profunda, seu vestido longo de cores vivas ocultando-lhes as pernas, e que não podia impedir-se de chorar quando nos dizia que o proprietário de servos que a possuía a capturou um dia no qual tentava escapar, lhe amarrou os pés ao rabo de seu cavalo e a conduziu assim até a sua propriedade, a galope e as costas pulando sobre as pedras do caminho? Todos se confundem na mesma miséria espantosa, a história de umas não é senão a vida das outras. Ter uma filha não era, certamente, um dom do céu entre os pobres. E afortunados se a podiam "desposar" cedo, estaria então a cargo – e das surras – serviria a seus parentes desde o alvorecer até que caísse a noite. Muito prático! Mais tarde daria filhos ao seu marido; com um pouco de sorte poderia fazer padecer a sua nora o que ela mesma havia padecido.

Há algo pior do que a condição das mulheres na família feudal? Com elas tudo é permitido: comprá-las, vendê-las, surrá-las, violá-las, sacrificá-las aos deuses, roubar-lhes seus filhos, vender-lhes os pés para que ficassem minúsculos; a imaginação não basta para fazer-se uma ideia do que era a realidade para as mulheres. Toda sua vida ouviu repetir a regra das três obediências: obediência ao pai antes do matrimônio, obediência ao filho mais velho na viuvez.

Não obstante, nem tudo acontecia sem tropeços. E os matrimônios forçados frequentemente eram possíveis justamente pela "força": "Em semelhante caso [matrimônio] não

se pede o consentimento da interessada. É claro, ela sempre protesta um pouco, porém basta amarrá-la, metê-la uma liteira, transportá-la até a casa do marido, colocar-lhe uma coroa de casada na cabeça para a cerimônia, depois da qual é presa na câmara nupcial, e o assunto está resolvido. Porém, a cunhada Siang-lin não é como as outras; parece que se debateu terrivelmente; até foi dito que provavelmente era pelo fato de haver trabalhado com letrados é que era tão diferente das outras mulheres. Senhora, temos visto muitas dessas viúvas que tornam a casar-se; umas choram e gritam, outras querem suicidar-se, outras fazem um escândalo no momento da cerimônia, recusam adorar o céu e querem até quebrar os candelabros nupciais. Porém, a cunhada Siang-lin agiu de maneira diferente. Durante todo o trajeto não fez mais do que dar alaridos e gritar injúrias, ainda que ao chegar ao povoado do Ho estava rouca. Depois de tê-la tirado à força da liteira, não se conseguiu fazê-la ajoelhar para adorar o céu, apesar da intervenção de dois homens e seu jovem cunhado, para obrigá-la a inclinar-se. Em dado momento, por descuido, soltaram o laço e então, céus! Nada menos que se pôs a bater a cabeça contra a quina da mesa que tinha o incenso e as velas, e fez um grande buraco na cabeça! O sangue não parava de escorrer; lhe curaram a ferida com dois punhados de cinza de incenso e dois pedaços de trapo vermelho, porém continuava sangrando. Para terminar, todos os homens presentes se juntaram e conseguiram fechá-la com seu marido na câmara nupcial onde seguiu os insultos... Ai! Aí está... sacudiu a cabeça, baixou seus olhos e calou".[43]

Evidentemente, ocorreria que o marido, ainda que pela força, não pudesse consumar o matrimônio. A prometida

43. Lon Sin, *Literatura Chinesa*, n. 4, 1971.

podia matar-se, antes de deixar-se casar. Isso não era raro. Em 1919, na época do levantamento em massa da juventude revolucionária chinesa, o suicídio de uma jovem, a senhorita Zhao, sublevou a cólera das mulheres contra os matrimônios forçados.

As três redes de aço

"Um suicídio está inteiramente determinado pelas circunstâncias. A ideia original da senhorita Zhao era buscar a morte? Ao contrário, era buscar a vida. Se a senhoria Zhao finalmente buscou a morte, foi porque as circunstâncias a forçaram. As circunstâncias nas quais se encontrava a senhorita Zhao eram as seguintes: 1º) a sociedade chinesa; 2º) a família de Zhao da rua Hanyand em Changsha; 3º_ a família de Wu de Ganziyxuan de Changsha, a família do marido que ela não queria. Esses três fatores constituíram três redes de ferro, que se pode imaginar constituindo uma jaula triangular. Uma vez capturada entre essas três redes, ela teve ocasião de buscar a vida por todos os meios, não havia possibilidade de viver; o contrário da vida é a morte, e a senhorita Zhao deve, portanto, morrer... Se entre esses três fatores tivesse havido um que não fosse uma rede de ferro, ou melhor, se uma dessas redes estivesse aberta, a senhorita Zhao certamente não estaria morta. Primeiro, se os pais da senhorita Zhao não tivessem recorrido à força, e sim seguido a livre vontade da senhorita Zhao, a senhorita Zhao certamente não teria morrido. Segundo, se os pais da senhorita Zhao não tivessem levado o assunto pela força, e sim tivessem permitido à senhorita Zhao apresentar a sua opinião à família do seu futuro marido e explicar as razões do seu rechaço, e se, afinal de contas, a família de seu futuro marido se tivesse submetido à sua opinião, respeitando sua liberdade individual, certamente a senhorita

Zhao não teria morrido. Terceiro, ainda que os pais e a família de seu futuro marido não tivessem podido admitir sua livre vontade, se na sociedade houvesse uma parte muito poderosa para apoiá-la, se houvesse um mundo inteiramente novo no qual o fato de fugir da casa dos pais e encontrar refúgio em outra parte tivesse sido considerado honrado e não desonroso, igualmente nesse caso, a senhorita Zhao certamente não teria morrido. Se a senhorita Zhao está morta hoje, é porque estando solidamente rodeada pelas três redes de ferro (a sociedade, sua própria família, a família do seu futuro marido) buscou em vão a vida, e finalmente foi conduzida a buscar a morte.

O incidente de ontem foi importante, se produziu devido ao infame sistema de matrimônios arranjados, por causa das trevas do sistema social, da negação da vontade do indivíduo, e da ausência de liberdade para escolher seu próprio esposo. É necessário esperar que os que se interessam por este assunto, o comentem sob todos aspectos, e que defendam a honra de uma moça que sofreu uma morte de mártir por causa da liberdade de escolher seu amor.

A família dos pais e a família do futuro marido, estão ligadas estreitamente na sociedade, são parte da sociedade. Devemos compreender que a família dos pais e a família do futuro marido cometeram um crime, mas a fonte desse crime se encontra na sociedade. Por certo, as duas famílias cometeram esse crime, porém uma grande parte da culpabilidade lhes foi transmitida pela sociedade. Além disso, se a sociedade fosse boa, ainda que as famílias estivessem interessadas em cometer tal crime, não teriam chance de fazê-lo.

Se nós fazemos campanha em favor da reforma do matrimônio, primeiramente é necessário demolir as superstições sobre o matrimônio e, em primeiro lugar, a crença de que os

matrimônios estão predestinados pela sorte. Uma vez destruídas essas crenças, o pretexto por trás do qual se esconde a prática do arranjo de matrimônios pelos pais, desaparecerá ao mesmo tempo e então o conceito da "incompatibilidade entre o marido e a mulher aparecerá imediatamente entre o homem e a mulher, o exército da revolução familiar se levantará em uma multidão densa, e a grande onda da liberdade do matrimônio e da liberdade do amor se espalhará sobre a China".

Mao Tsé-tung[44] foi quem escreveu esse artigo em 1919. Aí se encontram estreitamente ligadas à conclamação à luta contra a sociedade "devoradora de homens" e contra os matrimônios arranjados. O princípio do matrimônio forçado foi combatido inclusive por homens; as crianças que desde os sete ou oito anos haviam sido prometidas em casamento pelos tais, não apreciavam em absoluto esse costume. Acontecia que empreendiam a fuga de seu povoado para escapar também elas de seu destino. A maior parte do tempo ia engrossar as filas do Exército Popular de Libertação.

A grande subversão

Não havia solução para as mulheres na China feudal. Sua opressão não se devia simplesmente a velhos costumes, a tradições milenares demasiado pesadas para dissipá-las. A opressão conjugal das mulheres estava inteiramente ligada ao sistema econômico. Se não fosse assim, como compreender que semelhante situação pudesse manter-se, já não digamos séculos, muito menos alguns anos? A China conheceu ao longo de toda sua história inúmeras revoluções camponesas,

44. Mao Tsé-tung, apresentado por Stuart Schram, Paris, Colin, pp. 287-288

porém jamais triunfaram, e jamais as mulheres puderam vislumbrar outra vida. É apenas com o surgimento do proletariado que uma nova via, uma saída aparece para centenas de milhões de camponesas e para as mulheres. É por isso que o movimento de libertação das mulheres chinesas está tão intimamente ligado à revolução, pois, pela primeira vez, as mulheres viam a possibilidade de desempenhar um novo papel sobre a terra, a possibilidade de fazer outra coisa do que servir ao marido, servir à sogra, servir ao proprietário latifundiário, servir aos deuses. Pela primeira vez, viam a possibilidade e deixar seu lugar detrás do fogão, sobre o Kang, ou perto do poço. "A liberdade do amor se espalhará sobre a China!": essas aspirações estavam ainda muito longe da realidade para centenas de milhões de mulheres. Uma canção popular chinesa evoca seus sentimentos:

Havia uma pequena que tinha 17 anos
E quatro anos mais tarde teve 21
Recebeu um marido que tinha 10 anos
Era maior do que ele 10 anos e 1!

Ela ia ao poço buscar água
Disse ao seu marido agarrado em suas saias:
(Uma borda era baixa, uma borda era alta)
-Sai daí se temes a queda!

Se meus sogros não fossem amáveis
Eu te empurraria ao fundo do poço
Se meus sogros não estivessem aqui
Te jogaria na água, marido meu!

Se uma mulher queria partir, seu marido dizia: "Que farás tu sem mim? Quem te dará de comer? Quem cultivará os

campos para ti? Sonhas com quimeras que não existem mais que na cabeça dos atarantados, não há outra solução. Teu destino está para servir-me, como meu é servir aos proprietários latifundiários que desfrutam do maná celestial".

A libertação das mulheres não podia ser assunto apenas das mulheres; coisas demais estavam ligadas à sua opressão. Dependiam de tantas coisas! Só podiam ser feitas na revolução. Também a revolução não podia fazer-se sem romper as superstições, o respeito ao clã, o culto aos ancestrais e ao poder conjugal sobre os quais repousava o poder do proprietário latifundiário. Por isso é que, nas regiões libertadas pelo Exército Vermelho dos operários e dos camponeses, o movimento das mulheres teve tal amplitude. Por todas as partes as mulheres operavam a "grande subversão"; com a chegada do VIII Exército, elas se convenciam da possibilidade de estabelecer a igualdade das mulheres com os homens. Assim, organizavam equipes de vigilância e quando encontravam um caso típico, uma família que tratava a mulher particularmente mal, iam vê-la, falar-lhe, persuadi-la da possibilidade de libertar-se desse jugo se as mulheres se unissem. Então organizavam reuniões com as mulheres do povoado nas quais convocavam o marido e o sogro e exigiam dele se explicar publicamente frente às acusações da mulher, ou da nora. Se recusasse explicar-se, não era raro que elas lhe batessem para mostra-lhe que daí em diante as coisas não seriam jamais como antes, e que não devia ocorrer-lhe castigar a sua mulher em uma só vez, pois o comitê de mulheres permanecia aí vigiando-a, pronto a intervir de novo se o fizesse.

Hinton conta[45]: "Entre essas mulheres, se encontrou a esposa de Man-ts'ang, um camponês pobre. Quando chegou,

45. Hinton, *Fan Shen*, *Plon*, 1971, pp. 196-198.

depois de uma reunião da associação feminina, seu marido lhe espancou: 'Vou te ensinar a ficar em casa!' Porém a esposa de Man-ts'ang assombrou grandemente a seu senhor e amo; em vez de obedecer-lhe como escrava sacrificada, no dia seguinte foi procurar a secretária da associação, e deu queixa de seu marido. A secretária convocou uma reunião de mulheres do povoado. Pelo menos um terço, talvez a metade da população feminina, respondeu à convocação. Perante a assembleia sem precedentes de mulheres resolutas, foi exigido de Man-ts'ang que se explicasse. Ele fez com gosto, em um tom arrogante e categórico. Declarou que espancava sua mulher porque ia às reuniões e que 'as mulheres só iam aí para exibir sua vaidade e sedução". Essa observação suscitou vivos protestos da assistência feminina. A palavra deu lugar rapidamente à ação. As mulheres se lançaram sobre ele, o derrubaram, lhe rasgaram as roupas, lhe esbofetearam, lhe puxaram os cabelos, o surraram até que faltou a respiração. 'Tu queres surrá-la, é? Fala, pois. Surrá-la e caluniar-nos a todas, é? Toma! Maldita seja sua mãe! Talvez isto te ensine a comportar-te!' – 'Parem, não a surrarei jamais!', disse com voz rouca o aterrorizado marido, meio desmaiado pelos golpes. Elas se detêm, o soltam e o deixam partir, porém prevenindo-o de que se levanta outra vez um só dedo para a sua mulher, receberá o mesmo tratamento.

A partir desse dia, Man-ts'ang, não ouso mais bater em sua mulher; em seguida foi conhecida no povoado sob nome de solteira, em lugar de simplesmente apontada como 'a esposa de Man-ts'ang', segundo costume ancestral.

Assim acontecia o que as mulheres chamavam de "a grande subversão", e ainda que os maridos nem sempre aprovassem imediatamente suas atividades sociais, aprenderam a se mostrar muito mais prudentes na presença delas. Em geral,

a associação das mulheres foi obrigada a passar por esta primeira etapa para assegurar um mínimo de segurança às mulheres que queriam comprometer-se a luta.

A cada classe sua família

Se o matrimônio forçado, a venda e compra das noivas meninas eram um traço comum que marcava a posição da mulher em nota a sociedade, se observavam muitas notáveis diferenças entre as famílias da classe feudal e das classes pobres.

Não era legal, fazia já muito tempo, a poligamia para a nacionalidade Han, isto é, para 90% da população chinesa. Porém, em troca, o concubinato era totalmente lícito. O homem tinha o direito de casar-se e depois tomar quantas concubinas quisesse e fazê-las viver no domicílio conjugal. As concubinas tinham os mesmos "deveres" que uma esposa legal; em particular, deviam respeito e obediência ao amo da família. Porém, não tinham os mesmos direitos: e deviam obediência à esposa legítima. Se a esposa legítima pertencia à mesma classe que o marido – e era escolhida por este, a partir de um acordo entre as famílias, sem a opinião dos interessados – em troca, as concubinas saíam quase sempre das classes pobres e eram escolhidas diretamente por "ele que as ia utilizar". Na maioria dos casos, quando envelheciam ou adoeciam, em suma, quando não faziam já "o assunto" por alguma razão, eram jogadas na rua. Nada mais lhes restava a não ser tentar colocar-se como servas de uma família rica, ou engrossar as filas do exército de mendigos e miseráveis. Quanto aos filhos que puderam ter, se, perante a lei podiam desfrutar dos mesmos direitos que os filhos legítimos, na realidade eram com a maior frequência explorados pelo amo como simples empregados. As filhas, sensivelmente padeciam

da mesma sorte que as suas mães. Convertiam-se por sua vez em concubinas de outros senhores. E se alguma vez podiam esperar ser esposa legítima, muito frequentemente era de um homem pobre. Seu destino era deixado à livre escolha do amo. É claro havia exemplos contrários: chegava a acontecer que os tornassem seus herdeiros, no sentido do termo, quando a esposa não tinha podido garantir-lhe uma descendência, em particular de homens. Porém, o reconhecimento dos filhos da concubina se fazia em detrimento dela, pois então já não eram legalmente seus filhos, e sim se convertiam-nos [filhos] do casal legítimo.

O amo escolhia e comprava suas concubinas entre famílias pobres; naturalmente não podiam dizer nem uma palavra, e, com frequência, não havia outra possibilidade de sobrevivência para a sua filha senão ser entregue ao senhor; ou então a venda de uma filha permitia ter um pouco de dinheiro para alimentar por um tempo aos demais irmãos e irmãs. Ou ainda as famílias, endividadas até o topo com o senhor, davam como pagamento sua filha: o amo não a comprava, e sim que em sua inefável bondade podia consentir em ampliar o prazo de pagamento das dívidas até a colheita seguinte.

Esta situação poligâmica, nos fatos, significava que homens ricos que detinham o poder tinham, quando queriam. Para os homens do povo, era outra coisa: não somente não existia a poligamia para eles, como não era raro que fossem obrigados a permanecer solteiros por não ter "meios" para escolher uma mulher. Em determinadas minorias nacionais, essas diferentes formas familiares conforme as classes estavam claramente sancionadas pelas leis. No Tibete, por exemplo, os proprietários de servos eram legalmente polígamos – o que evidentemente não excluía o concubinato. Em troca, a massa de servos praticava a monogamia que era um sinal de

pobreza. Os matrimônios dos servos eram inteiramente decididos pelos proprietários que desejavam que "seus" servos tivessem descendência, uma vez que esta era igualmente sua propriedade. Nas regiões muito afastadas do Tibete, e entre frações da classe de servos ainda mais miseráveis, o corrente era a "poliandria". No Instituto de Minorias Nacionais de Pequim, nos foi explicado que essa poliandria não devia ser entendida como "poligamia para as mulheres": não que uma mulher tivesse vários homens, mas que vários homens compartilhavam a mesma mulher por serem demasiado miseráveis para cada um querer ter uma.

Essas diferentes formas de família, quer estivessem inscritas dentro da lei, como no Tibete, ou quer estivessem impostas pelos fatos como os Han, encobriam funções diferentes dessas famílias. Pois, afirmar que a família difere segundo a sociedade na qual funciona, não constitui mais do que um ponto de partida; ainda se necessita aprender a reconhecer as diferentes espécies segundo as diferentes classes no seio de uma mesma sociedade. Evidentemente, para a massa de pequenos camponeses amarrados à pequena produção individual, não tendo outros recursos fora dos que produziam com suas próprias mãos, a família era a única possibilidade de sobreviver. O camponês tinha necessidade imperiosa de uma mulher com a qual pudesse compartilhar o trabalho; ele fazer os trabalhos da terra, ela a pequena produção doméstica. Como a China estava muito pouco industrializada, sobre as mulheres recaía o trabalho de fabricar, segundo as necessidades da família, tecidos, sapatos, conservas, etc. O pai devia também essencialmente garantir ter filhos que lhe permitissem sobreviver em sua velhice; sem que cuidassem deles, os velhos morriam de fome e de frio. Evidentemente, para o proprietário latifundiário, enriquecido com os frutos

do trabalho dos outros, a família tinha um significado completamente diferente. Em primeiro lugar, era o meio de transmitir a herança à sua descendência, a forma pela qual mantinha as riquezas e o poder no seio do mesmo grupo restrito de pessoas, da mesma pequena classe despótica. Ter concubinas entrava no mesmo desenho: o de uma descendência numerosa assegurando uma base mais ampla para seu domínio. A grande família do senhor, com sua esposa, suas concubinas, seus filhos, seu séquito de domésticas, sobre as quais conservara, é claro, direito de pernada, como sobre todas as moças pobres do povo em geral, eram também por sua vez marca e meio de dominação local. Entrar em concubinato com filhas de camponeses pobres, era também ter laços "sagrados" de família entre estes e ele, e se esses laços não implicavam, naturalmente, que o senhor tivesse qualquer dever para com "esses" parentes, em troca reforçavam as crenças supersticiosas e religiosas dos pequenos camponeses, segundo as quais não se deve causar prejuízo a um membro do "clã" familiar, nem a seus bens. Na realidade, as famílias eram diferentes porque tinham funções diferentes segundo as classes.

A família "democrática" (a destruição por etapas das antigas funções econômicas e políticas familiares)

A lei sobre os matrimônios, de 1950, no dia seguinte da libertação, atesta a modificação das relações entre homens e mulheres que intervêm com a revolução de Nova Democracia. São proibidos a bigamia e o concubinato. O matrimônio de moças e rapazes menores de 18 anos é igualmente proibido. O livre consentimento mútuo é a única condição, exigida para o matrimônio. É instaurado o divórcio gratuito, sem nenhum motivo restritivo das causas (voltaremos sobre isso adiante). Porém isso eram apenas leis: sancionavam o fim dos

costumes feudais e indicavam uma orientação política; ainda se necessitava que na prática fossem realmente suprimidas as antigas funções da família. A reforma agrária, ao destruir a grande propriedade territorial, deu um golpe fatal às antigas estruturas familiares; distribuindo a terra, não somente à cada família de camponeses senão também a cada mulher que vivia sozinha, ou que desejava deixar seu marido, se minava consideravelmente o poder marital. Houve uma enorme onda de divórcios em toda China e um grande número de matrimônios "arranjados" pelas famílias foram dissolvidos. Pode ter-se uma ideia da rebentação desta onda pelo quadro que segue. E, além disso, não se incluem aí mais que os casos de divórcio nos quais houve processo. É necessário agrupar todos aqueles que se arrumaram na "prefeitura", por consentimento mútuo.[46]

O amor conjugal não tinha sido jamais, nem formalmente, a justificação do matrimônio. Converteu-se nela; realizando assim, em parte, as aspirações da juventude chinesa que Mao Tsetung havia apoiado uns trinta anos antes (veja-se mais acima o texto sobre o suicídio da senhorita Zhao). Engels analisando o papel do amor no matrimônio das diferentes sociedades, dizia justamente a propósito daquelas nas quais se praticavam matrimônios forçados:

Lugar	*% dos processos de matrimônios em relação à totalidade dos processos civis*	*Época*
Distrito de Ching	99%	janeiro a novembro de 1949
Kharbine	42,8%	23 de agosto de 1948

46. Folheto com os textos oficiais da lei sobre matrimônio, p. 22. Este folheto se encontra nas edições em línguas estrangeiras de Pequim, na Biblioteca Nacional.

		à abril de 1949
Distrito de Yu	97%	setembro de 1949
Pequim	13,4%	1949
Shihchianchung	46,9%	janeiro a junho de 1949

"Em toda a Antiguidade, os matrimônios são arranjados pelos pais para os interessados, e estes se acomodavam tranquilamente. O pouco amor conjugal que o mundo antigo tenha conhecido não é uma inclinação subjetiva, e sim um dever objetivo, não a causa e sim correlativo do matrimônio"[47]. O que resume bastante bem a situação chinesa antes da revolução. Enquanto que com a liberdade do matrimônio, "uma nova moral se aplica ao juízo do comércio sexual; não somente se pergunta "era conjugal ou extraconjugal?", mas também 'apoiava-se no amor, e o amor compartilhado?'"[48]

Esse é o sentido das leis chinesas que se seguem imediatamente à libertação. Comentando a lei sobre o matrimônio, Teng Ying Chao (a mulher de Chou En-lai) reforçava em 1950 que a luta por uma justa aplicação da lei devia apoiar-se principalmente nos seguintes pontos: "Primeiro: é necessário empreender entre os quadros o estudo da lei sobre o matrimônio e a reforma ideológica, a fim de depurar a influência feudal restante, que reconhece a superioridade do homem sobre a mulher e considera o sexo feminino como um objeto de diversão. Segundo: em favor da lei, as organizações do partido, as organizações governamentais e populares em todos os níveis, devem proceder seriamente a uma popularização e a uma educação amplas e profundas entre as massas, fazendo da ação levada contra o sistema matrimonial feudal um vasto

47. Engels, Origem da Família, Ed. Sociais, p. 74.
48. Engels, ibid., p. 74.

movimento de massas. Seguindo as diretrizes do comitê central do Partido Comunista da China, todo o partido deve 'considerar o trabalho de propaganda e de organização para assegurar a exata execução da lei sobre o matrimônio como uma das, mas importantes tarefas do programa permanente da hora atual'. Terceiro: é necessário proclamar *a liberdade de relações sociais entre ambos os sexos e a liberdade de amar-se entre os homens e as mulheres não casados*. Com muito pesar comprovamos que sobre este capítulo existe certa atmosfera mal são, ainda no seio dos nossos quadros. Com frequência, quando camaradas de ambos os sexos convivem um pouco, provocam gesticulações e falações intermináveis. *Devemos nos opor a esta tendência. Devemos preparar boas condições sociais para a realização da liberdade do matrimônio*. É necessário notar que o amor e o matrimônio, vistos do seu lado passivo, fazem parte da vida privada e de um indivíduo, os demais não devem, portanto, misturar-se sem nenhuma necessidade. Vistos do seu lado ativo, o amor e o matrimônio constituem uma parte orgânica da vida social; o amor e a vida harmoniosa do matrimônio entre os casais são uma condição para a vida social plenamente feliz. A sociedade deve protegê-los, porém não os molestar".[49]

Nem é necessário dizer que essa primeira etapa não era ainda mais que a destruição da família feudal e que se necessita ir mais longe[50], para que a família deixe de ser a

49. No folheto sobre a "lei do matrimônio", já citado, pp. 48 a 51. (Sublinhado pela autora).

50. Isto é o que Teng Ying Chao, nesse mesmo artigo, destaca sem ambiguidade: "Atravessamos hoje em dia um período transitório; devemos, com efeito, edificar ativamente um novo sistema de matrimônio, porém necessitamos em primeiro lugar contribuir com nossos esforços para abolir o antigo. Temos frente a nós a missão de assegurar ao povo a plena liberdade de matrimônio, de dar um golpe decisivo no antigo sistema matrimonial e de lutar pela formação de novas famílias".

unidade de produção que conhecemos. A partir desse momento, as transformações que devem operar-se não são mais principalmente o despedaçar estruturas feudais (desde há tanto tempo desaparecidas entre nós) e sim a destruição das formas burguesas da família. Certamente, as características particulares da China persistem; em primeiro lugar, o fato de que as lutas contra a família burguesa são levadas em um regime no qual o proletariado está no poder, e depois, que o passado feudal recente influiu sobre o tipo de família instalada no momento da revolução de nova democracia. Porém, a partir daí, entramos em um campo que diz respeito à luta contra as formas burguesas da família, campo que nos é claramente familiar.

Se a reforma agrária havia sido um golpe fatal assestado na família feudal, a coletivização por sua vez é um forte fermento de desunião das características burguesas da família "democrática". Esse ponto, por outro lado, estava bem compreendido pela burguesia. Quando desfraldava o retorno à família como base da produção, o que se tentava era deter a coletivização. Sempre se pode falar de "revolução nas redes sociais", da "necessária igualdade entre os sexos", do "amor como fundamento do matrimônio livre"; mas quando a propriedade privada é a base da produção, essas não são mais do que palavras ocas e vazias. A herança das terras ou dos meios de produção é suficiente, para fazer da família uma imperiosa necessidade econômica, e ao mesmo tempo, do matrimônio, um simples contrato de trabalho, sem que tenha necessidade de codificá-lo nas leis. Isso é o que compreenderam muito bem, como o citamos nas páginas dedicadas à luta contra Zhen Zui e Bao.

Entretanto, ainda que fortemente quebrantado, o papel econômico da família não foi destruído, entretanto; demasiadas funções estavam ainda quase exclusivamente a seu cargo, como os cuidados das crianças, o trabalho doméstico, etc. Para libertar o matrimônio dos apuros materiais, devia abordar-se uma nova etapa: empreender, em grande escala, a coletivização do trabalho doméstico, ao mesmo tempo que se organizava para que a sociedade tomasse certos "deveres familiares", por exemplo, a saúde, ou a aposentadoria dos trabalhadores velhos que permite a estes não depender economicamente da família.

Capítulo 10

Tempo livre, tempo de trabalho: família como refúgio ou família aberta?

Na China nos disseram com frequência: "Hoje em dia mulheres e homens são iguais econômica, política e juridicamente". Evidentemente, isto queria dizer em primeiro lugar que não existe nenhuma medida discriminatória para com as mulheres e sim o contrário, como veremos mais adiante. Não obstante, não é menos evidente que a igualdade completa entre os homens e as mulheres deveria desembocar em uma repartição igual de ambos os sexos em todos setores da sociedade. No entanto, há ainda muitos campos majoritariamente masculinos e até certos campos quase exclusivamente femininos. Se examinar, por exemplo, os organismos de direção, a proporção de mulheres é claramente inferior à de homens e mais claramente ainda quando se sobe os escalões superiores. (Cf. algumas cifras dadas no anexo). Eis o sinal de que a igualdade não existe ainda "na prática" e, por outra parte, seria impossível que fosse de outra maneira! Porém, fazer caso omisso, ou reconhecer essa persistência da desigualdade sexual, constitui em si uma primeira demarcação importante, ainda que insuficiente.

As vezes nos foi apresentada esta desigualdade nos fatos como um simples "atraso" das ideias, herdadas do passado a respeito da inferioridade das mulheres. Entretanto, não dizendo mais do que isso, se faz caso omisso das bases materiais objetivas sobre as quais repousa ainda hoje em dia essa inferioridade relativa. Se não se descobrem os obstáculos concretos, objetivos, que há que destruir para realizar a igualdade, evidentemente esta não pode ser alcançada, ainda

que se esteja firmemente convencido que as "ideias" segundo as quais as mulheres devem ter estatuto inferior são radicalmente falsas, isso é o menos importante!

Indicar as bases materiais que subsistem na China, que fundamentam a inferioridade das mulheres, é uma tarefa política indispensável. Não somente para as mulheres e a para Revolução Chinesa, mas para as mulheres e a revolução em todas as partes do mundo.

O trabalho doméstico, já o dissemos, seguiu longo processo de socialização; porém este não está ainda realizado integralmente. Como ainda pertence à célula familiar subministrar um trabalho especial para auxiliar nas necessidades dos membros da família, esse trabalho doméstico, é claro, é uma base concreta objetiva, que continua fazendo da família uma unidade econômica, ainda que tal aspecto seja cada vez mais reduzido; eis um obstáculo material, e não só "ideológico", para a emancipação completa das mulheres.

Destruir a propriedade capitalista dos meios de produção e substituí-la pela propriedade coletiva, socialista, não é uma simples medida jurídica que o proletariado, quando toma o poder, decreta imediatamente, o que também suprimiria imediatamente as bases do capitalismo. Esta concepção do socialismo ainda muito generalizada, não é senão variante do revisionismo, para o qual todas as bases materiais do capitalismo são boas para conservar-se, frente ao único fato de eliminar a forma jurídica da propriedade. Por conta disso, as sociedades por ações, que não são propriedade privada de um patrão de "carne e osso", ou até as empresas nacionalizadas, seriam modelos de socialismo e, como diz Engels[51], Napoleão, com seu decreto sobre a nacionalização da administração do

51. Engels, *Anti-Dühring*.

tabaco, seria um grande comunista! Essas são ilusões jurídicas que têm consequências sobre o movimento feminino, como veremos.

Assim, para provar que a emancipação das mulheres na está ligada à vitória do socialismo, se diz como Cristine Dupont: "A opressão das mulheres[52], aí onde o capitalismo foi destruído como tal, é atribuída a causas puramente ideológicas, o que traz como consequência uma definição não marxista e idealista da ideologia como fator que pode substituir na ausência de uma opressão material que serve para racionalizar".

Porém, o que é ter "destruído o capitalismo como tal", senão ter realizado a fase socialista e ter alcançado o comunismo? O socialismo não significa que o capitalismo desapareceu e que já não há bases materiais para a subsistência de relação de opressão, de desigualdade; acreditar nisso é precisamente carregar sobre os ombros "velhas ideias" que sobrevivem sem suas bases materiais, todas as opressões e desigualdades que continuam existindo no socialismo; isto reivindica como novo a afirmação de que a única diferença entre o comunismo e o socialismo seria que o comunismo tivesse uma ideologia adequada à sua base material, e o socialismo, tivesse essa base material carregando, no entanto, ainda a velha ideologia do passado!

Ao longo da etapa socialista, se combatem encarniçadamente as duas sociedades por meio das classes que as representam: o capitalismo e o comunismo. Onde o capitalismo é vencido, criam-se embriões das "relações comunistas". Contudo, enquanto subsistiam aspectos inteiros do capitalismo, não pode ser instaurado o comunismo.

---

52. Em "*Libération des femmes, anné zero*"["Libertação das mulheres, ano zero"]. n. 54-55 da revista Partisan, Maspero, paris.

Suponhamos uma revolução na França, hoje. Nesta noite, o proletariado decreta a abolição da propriedade capitalista dos meios de produção. Haverá destruído o capitalismo "como tal" por isso? Certamente não. Não destruiu, por exemplo, a divisão entre trabalho manual e intelectual, nem tampouco com uma rajada de metralhadora, por outro lado. Esta divisão, necessária ao capitalismo, e que este tem levado a um grau inaudito, é herdada. O que subsiste é capitalismo, relações capitalistas muito reais. Destruir esta divisão, implica uma revolução particularmente profunda no campo do ensino, uma devastação constante das relações de produção para que no seio das fábricas operários não sejam mais apenas operários manuais, nem os intelectuais espíritos puros; e sim que, sob a direção política dos primeiros, uns e outros trabalhem para produzir um novo tipo de trabalhador, ao mesmo tempo manual e intelectual, tarefa que justamente a China empreende, em especial com a Revolução Cultural. Para realizar tal objetivo, não são suficientes boas intenções. É necessário continuar a destruição do capitalismo "como tal".

É o mesmo no que diz respeito à opressão das mulheres. Persiste, ainda que muito mais debilmente sob o socialismo. Não é que o socialismo também produza, "como tal", bases materiais para essa opressão, nem porque a opressão das mulheres fosse "exterior" à opressão social, e sim unicamente porque o capitalismo "como tal" não está radicalmente destruído.

Existência do setor assalariado e a opressão feminina

Em primeiríssimo lugar, a persistência do setor assalariado na China, ainda que se revista de formas muito diferentes daquelas dos países capitalistas, continua sancionando o fato – de nenhum modo comunista – de que a força

de trabalho é uma mercadoria que se compra e se vende. A família não será mais de nenhuma maneira uma unidade econômica, e por fim não será mais uma base da opressão feminina, no dia, e somente no dia, em que o gasto individual da força de trabalho maior ou menor, mais qualificada ou menos qualificada, não entre mais na linha de conta para a retribuição: "A cada um segundo suas necessidades!"

Isto é, que não haverá mais nenhuma medida comum, nenhuma relação entre o trabalho desempenhado e a satisfação das necessidades. O trabalho não será mais um meio de ganhar a vida, se converterá, ele próprio, na primeira necessidade vital, a atividade mais rica e mais livre que a humanidade jamais conheceu. Porém, enquanto não se realize isto – e sem dúvida não será amanhã –, a força de trabalho segue sendo uma mercadoria da qual cada um é proprietário individualmente, pois lhe permite viver. O que implica que se modele esta mercadoria para que convenha ao modo de produzir ainda dominante na sociedade; que seja reproduzida, não segundo seu gosto, mas segundo as normas ordenadas pela produção. Enquanto a força de trabalho siga sendo uma mercadoria, a família seguirá sendo necessariamente uma pequena fábrica de "produção de tal mercadoria".

Os debates atuais a propósito dos salários abordam muitas outras questões ao lado da retribuição às mulheres, das quais falamos no primeiro capítulo, entretanto, o essencial deste debate lhes diz respeito muito especialmente, uma vez que também é do desaparecimento progressivo do setor assalariado ou de sua conservação do que se trata.

Durante a Revolução Cultural foi aberta uma etapa importante neste processo. O rechaço massivo do povo, no curso do grande movimento de crítica aos estímulos materi-

ais, aos prêmios por produção, à multiplicidade das categorias de salários próprias para dividir as massas, etc., constitui uma aquisição extremamente importante para a revolução. Porém a partir daí se enfrentam novas concepções. Assim, a qualidade do trabalho, não apenas no plano técnico, como também no político, isto é, a atitude coletivista, responsável, no trabalho foi levada à frente. Muito bem! Porém se ao retribuir mais aos que adotam uma boa atitude política, se refletir a atitude política no salário, não se conduz assim, sob uma nova forma, à velha tradição capitalista dos "estímulos materiais"? É justo tender a dar equivalentes em dinheiro à atitudes políticas que são revolucionárias justamente porque atacam, entre outras coisas, o significado do trabalho capitalista: "Trabalhar por dinheiro, para se ganhar a vida", e a substitui progressivamente por: "Trabalhar pelo povo, gratuitamente, sem contrapartida?" Esta concepção não tem como infalível consequência transformar pouco a pouco os progressos políticos e ideológicos de uma vanguarda em marcha no "bem-estar" de uma minoria? Não se arrisca com isso estimular aos arrivistas políticos que se tornarão "profissionais" de estar sempre "na linha" e tirando proveito de tal atitude? Não se arrisca com isso substituir insensivelmente a atitude coletivista por manifestações ostensivas, atitudes políticas à vista para serem apreciadas e retribuídas? Daí um risco evidente de inflar os sinais exteriores do espírito revolucionário. Ou seja, o contrário do que se busca.

Acontece o mesmo no que diz respeito a levar em conta gradualmente as necessidades, o processo rumo ao princípio do comunismo "a cada segundo suas necessidades". Negar as situações desiguais (estado de saúde, condições de alojamento, maior ou menor número de filhos, etc.) para não

considerar mais do que a força de trabalho empregada, é também manter a forma capitalista do setor assalariado. É necessário, pois, levar em consideração estas desigualdades, esforçar-se por fazê-las desaparecer progressivamente. Porém, se como foi – parece ser – o caso de muitos lugares, se resolve o problema dando uma compensação suplementar no salário, se avança por aí no desaparecimento progressivo do setor assalariado? Evidentemente que não; ao contrário, se reforça sua função. A alternativa não está entre "negar as diferentes necessidades provenientes das desigualdades existentes", ou "pagar compensação no salário", mas entre "negá-las como faz o capitalismo", ou "criar formas coletivas que reduzam essas desigualdades, não por acréscimos ao salário, mas com a sociedade encarregando-se delas, coletiva e diretamente".

Quando a mulher de um operário, mãe de família, adoece, levar em conta necessidades, não é aumentar o salário desse operário; é, por exemplo, a creche que cuida do pequeno noite e dia, todo o tempo que seja necessário, é a equipe de serviços que leva comidas preparadas em casa, é a equipe de saúde do bairro que assume a responsabilidade pela doente; é a gratuidade dos serviços médicos, é eventualmente, uma ajuda financeira do comitê do bairro à família, proveniente do fundo de solidariedade local, e é além disso sustentar a "moral" do marido, o fazer sentir à doente que não está esquecida, rodear os filhos de afeto, é o estímulo de ajuda mútua fraternal e calorosa dos vizinhos, do comitê de idosos, do comitê de mulheres, da escola, da creche, da fábrica e do hospital. E isso não se calcula em cifras! Entre nós, a sociedade está feita de tal maneira que cada indivíduo não pode contar senão consigo mesmo e sua família para sobreviver sejam quais forem as dificuldades.

Ente nós, a moral mercantil, os princípios de igualdade da burguesia, são: "Tu trabalhas tantas horas, recebes tanto dinheiro. Pouco importa que tenhas cinco filhos ou nenhum, que tenhas ou não boa saúde, que tenhas ou não alojamento ou vivas em uma barraca". Na China, se o princípio socialista segundo o qual "quem não trabalha não come" se aplica, é para indicar claramente que ninguém tem direito de viver do trabalho dos demais. Contudo, para o trabalhador doente, ou que atravessa dificuldades particulares, tudo é feito para ajudá-lo, tanto no plano material como no plano ideológico.

Enfim, e aí está o mais importante, o trabalho não sendo mais um puro emprego da força de trabalho, esta não é mais tampouco soma de qualidades físicas musculares e nervosas maiores ou menores. A produção da nova força de trabalho tende como consequência a estar cada vez mais separada de sua simples "reprodução física" – comer, dormir para estar em forma amanhã. Forma-se, cada vez mais na assimilação pelos trabalhadores dos conhecimentos correspondentes aos domínios mais variados da técnica e dos conhecimentos sociais em geral.

Não se espera de um operário que faça maravilhas e sim que participe na elaboração de técnicas, de concepções novas; que assista às aulas da fábrica ou vá à universidade; que se converta em um médico de pés descalços; que dirija estabelecimentos escolares, que se instrua no domínio militar; que participe na industrialização dos campos; que seja artista, poeta, filósofo e, antes de tudo, um elemento consciente e ativo na revolução. Que há de comum entre as "capacidades" deste operário e as do proletário da sociedade capitalista, mutilado e reduzido a ser escravo das máquinas?

Esta considerável ampliação do trabalho põe em evidência, se é comparada com a situação dos operários entre

nós, outra função da família capitalista: "cristalizar o tempo livre do trabalhador", obrigá-lo a "suportar" o tempo de trabalho, não é natural, é o produto típico da sociedade de exploração que dá como única significação do trabalho: ganhar para sobreviver.

Não resta ao proletário, desprovido de tudo, mais do que executar em um melancólico aborrecimento, e ao preço de grandes esforços físicos, a repetição sem fim de operações parceladas, incoerentes, durante o número suficiente de horas para ganhar a vida. Porém se o trabalho serve para "ganhar a vida", qual é essa vida para que se trabalha?[53] Uma vez se tenha tirado o tempo empregado em ganhá-la, fica o tempo livre, sobre o qual se voltam todas as esperanças, todas suas aspirações; os dias de descanso aparecem como os únicos momentos da vida verdadeira. A casa como único lugar no qual se sente bem, as férias como a finalidade de todo o ano. Pelo menos é assim como se as imagina durante as horas de trabalho. Não é surpreendente nessas condições, que o "privado" tome tanta importância. O carro, a televisão, um pequeno ninho impecável e enfeitado, é toda a ilusão de uma fuga para longe dessa sociedade desprezada: partir, ser livre, ter seu tempo livre. E o tempo livre é essencialmente a família.

---

53. Cf. Marx (*Manuscritos de 1844*, Ed. Sociais, pp. 60-61). "Em seu trabalho (o operário) não se afirma, se nega, não se sente confortável e sim desgraçado, não desenvolve uma atividade física e intelectual livre e sim mortifica seu corpo e arruína seu espírito. Em consequência, o operário só sente que está próximo de si fora do trabalho e, no trabalho, sente-se fora de si. Seu trabalho não é, pois voluntário e sim obrigado, é trabalho forçado. Não é, pois, a satisfação de uma necessidade, mas sim somente um meio de satisfazer necessidades fora do trabalho. O caráter alienado do trabalho aparece claramente no fato de que, tão logo não exista obrigação física ou de outro tipo, se foge do trabalho como da peste. Portanto se chega ao resultado de que o homem (o operário) só sente livremente ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, no mais até em casa, na roupa, etc., em suas funções de homem não se sente mais que animal. O bestial se converte no humano, e o humano se converte no bestial".

Sem ela, e sem a necessidade de auxiliá-la em suas necessidades, nada no mundo poderia obrigar os operários trabalhar em tais condições. Os capitalistas necessitam empregar a violência dos proprietários de escravos para consegui-lo. O pequeno artesão ou o camponês pobre, estavam também obrigados a trabalhar para sobreviver; essa não é uma inovação do capitalismo; porém a situação do artesão, seu "domínio" sobre sua produção, o fato de que era ao mesmo tempo seu próprio intelectual que concebia um projeto e seu próprio operário que o realizava com suas mãos, dava a seu trabalho outro mais enriquecedor que o que tirará de seu trabalho, quando a grande indústria, havendo-o arruinado, privado dos seus instrumentos de trabalho, havendo-lhe feito esquecer todas técnicas de seu ofício, o prenda a uma cadeia de apertar parafusos ou de consertar "batidas" nas carrocerias dos carros.[54] É claro que a solução não é regressar ao bendito tempo do artesanato. Ao contrário, é o caráter "progressista" do capitalismo, ter feito voar em pedaços os muros dos ofícios, o horizonte limitado do companheiro que conhecia bem os segredos de seu trabalho, porém não conhecia nada mais, e ter produzido os novos proletários, capazes de pensar em termos universais e de projetar o modelo de uma sociedade igualitária de homens completos. Porém este mesmo proletário, enquanto essas perspectivas prestigiosas, não sejam claramente descobertas, palpáveis, enquanto o caminho de sua libertação lhe seja cuidadosamente escondido, permanece desarmado; privado momentaneamente dos objetivos revolucionários, sua vida não tem outro sentido senão a busca desse tempo

54. Veja-se a este respeito: J. M. Konczyk, Gastom, *l'aventure d'un ouvrier*, [Gaston, a aventura de um operário], Ed. Git-le-coeur.

livre sempre enganoso. Na família é onde os oprimidos depositam sua esperança. Sua decepção e sua amargura são tanto mais profundas quanto maiores as ilusões depositadas nela.

Entretanto, enquanto tal divisão antagônica entre um trabalho "alienante" e tempos livres "para esquecê-lo" começa a apagar-se, a família se modifica inevitavelmente. Do pseudo refúgio que era se converte em uma coletividade de base entre outras coisas, aberta à sociedade, em simbiose com ela.

Isto é o que demonstra a experiência chinesa. Não se pode compreender a nova família chinesa se a separarmos do movimento de transformação social na qual se situa, se esquecemos do lugar que cada um dos seus membros começa a ocupar na sociedade. Se em lugar de imaginar de forma abstrata um chinês, uma chinesa e seus filhos, se imagina uma mulher como Ma Yu Tin, da pequena fábrica de Chau Yan, que participa com toda consciência na criação coletiva de uma nova vida, por meio da qual ela se transforma ao transformar o mundo, esta mulher que todas as manhãs parte para sua fábrica para "fazer a revolução" não tem a menor coisa em comum com a dona-de-casa de nosso país, que, como disse Lenin, "está obrigada à escravidão doméstica, sob o jugo embrutecedor e humilhante, eterno e exclusivo da cozinha e do quarto das crianças"[55], se imaginamos uma criança não abstratamente, mas sim com o pequeno Li da escola de Nanquim, consciente da realidade social e do que se arrisca nas lutas para mudar a escola, integrado ao mundo dos adultos, organizando com seus companheiros as atividades mais diversas, desde experiências científicas, prática de medicina, debates sobre política internacional, treinamento militar e formação

55. Lenin, O.C. "*Pela jornada internacional das mulheres*", 4 de março de 1920, tomo 30, p. 421.

de milícias infantis, até varrer a rua, esta criança não tem mais muitos pontos em comum com os nossos, menores submetidos e oprimidos, situados segundo a psicanálise na ponta de um triângulo entre papai e mamãe. Se no lugar de representar-se se um homem "em abstrato", se imagina um desses milhões de camponeses, como esse habitante de Chawan, filho de um empregado de fazenda, ele próprio um empregado de fazenda, que organizou a primeira equipe de ajuda mútua, que, agora preside um comitê revolucionário, continua trabalhando nos campos com os demais, batendo-se contra a natureza e o inimigo de classe para criar um mundo novo, este homem que acha natural esfregar suas roupas ou ocupar-se sozinho das crianças nos dias em que sua mulher estuda o marxismo, e para que o estude, este não é mais nem o operário oprimido, nem o homem opressor dos nossos países. Essas mulheres, essas crianças, esses homens novos, não são mais raras exceções, são para todo o povo um primeiro esboço de sociedade comunista, representam a tendência da revolução. São eles o que é necessário ter no espírito quando se fala da família chinesa. E seu novo trabalho, o sentido novo que lhe deram, atravessa a família, a modifica, a liberta.

Capítulo 11

A ideias de "nacionalização" e
suas funestas consequências na família

Os idosos na sociedade

Daríamos uma imagem muito incompleta da nova família chinesa se não falássemos do lugar especial que os idosos ocupam. Na lei sobre o matrimônio está estipulado que os filhos adultos, que tenham boa saúde, devem auxiliar em suas necessidades a seus pais demasiado velhos para trabalhar.[56] Esta medida está claramente modificada pelas aposentadorias que recebem os velhos operários e que equivalem aproximadamente a 80% do salário. Por outro lado, camponeses não têm aposentadoria – em todo caso, não ainda – e a idade na qual deixam de trabalhar depende do seu estado de saúde. Geralmente, trabalham menos à medida em que envelhecem, e se ocupam então das tarefas menos fatigantes como a criação de porcos e coelhos, etc. Seu tempo de trabalho é menos longo, e recebem menor retribuição que os adultos na força da idade. Esta medida tem, portanto, um caráter claramente econômico e constitui para a família a conservação de uma função econômica evidente. Se os avós não cobrem suas necessidades, ao menos parcialmente, corresponde, pois, aos membros mais jovens fazê-lo. A questão é real, sobretudo nos campos, repitamos, e constitui um dos aspectos da diferença ainda existente entra a cidade e o campo. A política do partido orientada a reduzir esta desigualdade, permitiu melhorar muito sensivelmente a situação das

56. Lei sobre o matrimônio da República Popular da China, 1º de maio de 1950, título IV: relações entre pais e filhos, art. 13: "os filhos têm o dever de auxiliar em suas necessidades a seus pais e velar por eles", p. 9 do folheto.

famílias camponesas. Em primeiro lugar, talvez o desenvolvimento do sistema de saúde nas regiões rurais sem dúvida teve como consequência, quanto aos idosos, garantir gratuitamente todas as atenções mediante uma cotização anual mínima (2 yuanes). Além disso, a implantação de pequenas unidades policlínicas muito descentralizadas permite igualmente não isolar os idosos doentes em hospitais longe de sua família, o que entre nós dá o espetáculo lamentável desses serviços de geriatria nos quais os idosos estão praticamente separados de todo laço afetivo e duplamente abandonados, por seus parentes e pela sociedade. Os restaurantes coletivos, assim como as pequenas oficinas de manutenção de roupa, tendem também a tirar da família uma boa parte do trabalho que os idosos dão. A melhora constante desses diferentes serviços coletivos, o desenvolvimento geral das forças produtivas, no futuro deverá permitir à sociedade tomar totalmente sob sua responsabilidade a satisfação de todas necessidades materiais da velha geração.

Contudo, nos equivocaríamos se acreditássemos que os jovens "tomarem sob sua responsabilidade" os idosos fosse apenas uma necessidade emanada do Estado de desenvolvimento econômico atual. A prova disso é que, mesmo quando os idosos já receberam uma pensão que lhes permite viver sós, são encontrados nas famílias com as novas gerações. O esforço permanente dos membros da sociedade de todas as idades, do bebê de colo à velhice, tem uma significação política evidente. Contrariamente ao que acontece em nossas sociedades, na China não se considera que um velho trabalhador seja inútil, que se tenha convertido em uma carga. Permitir fundirem-se as qualidades de entusiasmo e audácia das gerações jovens com experiência política dos idosos, nascida da sua longa prática de luta de classes, dá uma

mistura explosiva, maiores forças à revolução. Desde a Revolução Cultural, a função social dos velhos se acrescentou e aumentou mais.

O comitê de idosos da cidade de Shangai tinha nos convidado para discutir com eles esta questão. Ao dirigir-nos para o local em maio dos edifícios, Noelle, que havia trabalhado em um asilo de idosos, recordou: o hospício como hospital, o hospital como quartel, o quartel como prisão. O insustentável isolamento moral, os dias sem fim, sem objetivo, cortados pela eterna espera. Espera da distribuição do correio (uma carta para mim hoje?), espera das refeições, porque comer faz passar o tempo, espera do domingo, dia de visita, e com frequência esse dia, espera burlada, espera sem esperança, espera da morte...

Era uma mulher, que havia sido eleita por suas companheiras chefe do comitê. Pequena, enrugada e de cabelos brancos, vestia uma calça comprida e um paletó de tecido no qual não se tinha caprichado ao passar. Chamava-se Hu Yao Chen e contou: "Na antiga sociedade ser velho era, ao mesmo tempo, privilégio e grande desgraça. Um privilégio, porque em razão da grande miséria do povo, a expectativa de vida era muito curta, e a maioria dos pobres morria antes da velhice; uma grande desgraça, porque os que sobreviviam eram jogados na rua quando não podiam mais servir aos proprietários ou aos capitalistas.

Os próprios filhos eram frequentemente muito miseráveis para poder acolher seus pais. Os velhos estavam obrigados a vender sua débil força em trabalhos extenuantes e por preço irrisório até sua morte, ou então ficavam reduzidos a mendigar o que os animais não tivessem pegado. Com a vitória, os tempos mudaram, e para nós, os velhos, a vida não é

mais a mesma. A sociedade nos rodeia de solicitude; vela assiduamente por nossa saúde, nosso sustento, nossa felicidade. Vivemos dias luminosos sob a ditadura do proletariado".

Quando se desencadeou a Revolução Cultural, estremeceu consideravelmente as ideias dos idosos. Muito rapidamente compreenderam que, não se levando a revolução até o final, a sociedade antiga podia renascer. Eles também escreveram e fixaram sobre os muros da cidade dazibaos[57] nos quais denunciavam a teoria burguesa da inutilidade dos idosos. Participaram de manifestações de crítica revolucionária; realizam pesquisas na cidade e fora, para poder conhecer melhor as necessidades do povo a fim de organizar suas atividades no sentido revolucionário. Os que têm boa saúde organizaram equipes de idosos para ajuda mútua no trabalho doméstico. "Não é porque tenhamos dinheiro suficiente para viver sem trabalhar com nossa pensão, que vamos deixar de participar na edificação socialista", nos disse um aposentado para esclarecer melhor o sentido que dão a suas atividades. Muitos deles, segundo suas forças, trabalham 2, 3, 4 horas ao dia, quer seja nas oficinas de serviços, quer seja nas creches e nas escolas. A fim de dar uma educação de classe às crianças, vão com eles durante seus tempos livres visitar fábricas, hospitais, fazer pesquisas, etc. Organizam exposições públicas sobre as lutas de classes, nas quais acrescentam seu testemunho sobre a antiga sociedade. Mencionamos em outra parte sua participação ativa nas escolas, em especial seus cursos de história recente e vivida. Todas essas atividades sociais, produtivas, culturais, têm como resultado imediato sua plena participação na vida política das massas. O estudo do

57. Dazibao: grandes jornais-murais bastante difundidos durante a Revolução Cultural.

marxismo-leninismo tem grande lugar, relativamente novo, entre suas atividades. Nos dizem que sem o estudo da teoria revolucionária, seriam incapazes de tirar das suas longas experiências todas as lições necessárias às novas gerações. Sem dúvida se pode medir a importância desta politização no interesse que dedicam à situação internacional.

É um lugar comum entre nós dizer que os idosos têm um horizonte limitado, que sua vida está feita de pequenas coisas, pequenas alegrias e pequenas penas. Contudo, se é assim, é porque a sociedade os põe à margem, os encurrala em uma vida vegetativa e miserável. A causa é a organização social, e não uma fatalidade natural.

Um desses idosos chineses diz: "Como poderíamos nos preocupar somente com nossos pequenos problemas imediatos enquanto que as três quartas partes da humanidade padecem ainda na exploração? Quando nos encarregamos de certas tarefas no bairro, liberamos forças para acrescentar à produção, não somente para o povo chinês, mas para ajudar também aos demais povos em sua luta contra o imperialismo. Por isso é que dizemos que trabalhar nas oficinas de serviços é uma das provas do espírito de internacionalismo proletário dos idosos".

Esse estado de ânimo conquistador se traduz também na importância que se dá à constituição física. Com frequência os vimos fazer exercícios físicos; nos é explicado que a maioria pratica regularmente os mais variados esportes, assim como com frequência acontecem encontros desportivos entre equipes composta de idosos. Depois da discussão, os velhos nos fizeram escutar seu coral. Foi uma coisa extremamente enternecedora essa Internacional cantada com ímpeto e ardor, na qual algumas vozes tinham as entoações frágeis e ligeiramente trêmulas da pessoa idosa. O papel que os idosos

desempenham a estima da qual são objeto na sociedade, não se baseiam em alguma precedência expressa, como é o caso entre nós, onde o que existe é o rechaço, o desprezo real que se tem por suas aspirações e suas atividades. "Uma tibetana de oitenta e sete anos começa a aprender a ler".

Li esse artigo com curiosidade em um jornal chinês. E confesso ter sido cética a respeito do interesse que esse esforço pudesse representar. Sabe-se que são necessários vários anos antes de conhecer um número de caracteres suficiente para ler os jornais, por exemplo, então pensei que "ela sem dúvida estaria morta antes de haver terminado". O artigo contava a vida desta mulher, antiga escrava que fora vendida, maltratada, humilhada, que havia trabalhado toda sua vida, literalmente presa à cozinha, ao serviço dos proprietários sem sequer conhecer a hora de descanso no umbral da porta, até meio dia quando o sol fixa as sombras em uma imobilidade estremecedora, a taça de chá fervente com o jasmim que treme à borda dos lábios. Interrogada, a velha mulher havia dito: "Hoje em dia as mulheres podem aprender e conhecer. Eu quero poder ler". Quantas dificuldades temos para desfazer-nos dos nossos reflexos mercantis; que trabalho nos custa não contabilizar tudo em termos de rentabilidade! Que pesada é a nossa opressão... Agora imagino facilmente o quarto objetivo no qual essa velha camponesa se esforça por reter um ideograma que uma menina traçou fortemente em um cartaz. Ninguém se assombra. Não é tempo perdido. Quem se educa? A anciã, a escrava, ou a menina?

O que está em jogo, e que esta história ilustra, não é a valorização individual pelo estudo, é permitir às mais amplas massas, aos mais desfavorecidos, aos mais oprimidos e anteriormente desprezados, dominar o mundo. Que tal mulher esteja às vésperas da sua morte ou que seja uma criança, que

importa finalmente? Uma sociedade cujos valores deixaram de ser contados meros termos de utilidade – "ponho tanto para obter tanto" – senão que segundo o critério: "é justo o que corresponde às necessidades do povo", eis aí a condição primordial da nossa libertação, as mulheres.

Se a sociedade estivesse organizada separadamente em grupos de idade, velhos com os velhos, crianças com as crianças, etc., os idosos não poderiam desempenhar tal papel. Essa é uma das razões que justificam a importância de coletividades de base das quais a família faz parte, onde todas gerações estão misturadas em uma prática comum. A condição de que os velhos participem plenamente, segundo formas apropriadas a suas possibilidades, em todas as atividades sociais, a família se enriquece consideravelmente com sua presença.

Pois no fundo, vendo-se bem, há apenas duas possibilidades para os idosos. Ou, ao considerar seu papel como extremamente importante se tomam medidas materiais, ideológicas, políticas, para integrá-los completamente a todas as atividades sociais, ou se considera que viveram seu tempo, que não são mais úteis socialmente, e nesse caso, segundo a sociedade seja mais ou menos rica, mais ou menos "bárbara", são "nacionalizados" nos asilos ou são abandonados à própria sorte. Quando se diz que corresponde à sociedade e não à família privada assumir a responsabilidade por seus idosos, seus enfermos, suas crianças, em suma, os que não podem – ou não podem mais – cobrir suas necessidades, alguns o interpretam: "Corresponde ao Estado ocupar-se disso". E se vê então nesses asilos de idosos a prova de um progresso social indubitável. Em especial, os que militam pela destruição da família veneram a estatização, remédio milagroso. Não o é em absoluto; quando a sociedade não está movida pela ganância,

quando não considera como produtoras as únicas atividades que produzem lucros, naturalmente vem modificar radicalmente suas relações com idosos "improdutivos". Não lhes faz caridade, tem tanta necessidade deles como eles dela. Enquanto que colocar nas mãos de uma administração o cuidado exclusivo de mantê-los, é negar nos fatos sua utilidade social insubstituível.

As teorias que tentam prescindir da contribuição dos idosos para o progresso da humanidade, se apoiam também na oposição entre tempo livre e tempo de trabalho que citamos mais acima. "Tem direito a desfrutar do repouso depois de uma vida de trabalho; têm direito ao descanso agora que não podem mais ganhar vida". O retiro se converte então no período privilegiado da existência, pois esta é apenas tempo livre. Na realidade, e a China o demonstra, quando as diversas atividades sociais se transformam progressivamente em uma livre atividade enriquecedora, não é um favor extra excluído delas, ao contrário.

É evidente que esta crítica ao fato de que o Estado se encarregue dos idosos, não significa que seria justo deixar a cada família o cuidado com eles; é perfeitamente justo que não podem mais trabalhar recebam uma pensão que lhes assegure sua independência econômica, não há dúvida de que é no sentido desta autonomia material que a China progride.

Isto não significa, tampouco, que não tenha nenhum asilo; existem também na China casas para idosos que não têm família, não numerosas. É necessário notar que essas casas não são a única possibilidade para os idosos sem decência; acontece, nos contaram, que estes, de comum acordo, vão viver com parentes distantes, inclusive com outras famílias amigas que são "órfãs" de avós. No fundo, é uma forma

inversa, ou melhor, recíproca. Construídas nas mesmas unidades habitacionais, as casas de idosos estão abertas à sociedade. Os que vivem nelas participam como os demais, e com outros idosos, na vida social. Porém estas casas não estão consideradas como modelo para ser generalizado.

"A propósito da adoção"

Para medir o sentido político desta questão, é necessário ligá-la à situação das crianças órfãs na China. Não há orfanatos. Considera-se que numa sociedade revolucionária as desgraças particulares, os acidentes da vida privada, devem ser solucionados e superados pela solidariedade de classe, pela força dos sentimentos revolucionários e não por um aparato administrativo.

"Porém o que ocorre com as crianças que não têm pais?", nós perguntamos, isto não coloca problemas especiais, são sempre adotados por avós, tios, amigos, inclusive vizinhos. Faz-se simplesmente: Depende se as crianças são bebês, em cujo caso, os que se encarregam com maior frequência são membros da família, ainda que vivam longe; porém se a criança já está integrada a sua escola, tem ali seus amigos, tem laços afetivos em seu bairro, então o mais frequente é que algum vizinho se encarregue dela. Considera-se bastante importante o desejo das crianças nesta decisão. O Estado entrega uma pensão para a manutenção de cada órfão. É necessário dizer que o Estado não trata de descarregar a responsabilidade econômica dos órfãos sobre as famílias, e sim que em lugar de colocar as crianças juntas e à parte, prefere fazê-los viver a mesma vida que todas as crianças chinesas.

Podemos fazer um paralelo deste fato com um pequeno escândalo que aconteceu recentemente entre nós. Um operário que trabalhava como "operário especializado" em

uma fábrica de automóveis, vivia com sua mulher e seus cinco filhos em um vagão abandonado em um terreno baldio. Esta situação perdurou por vários anos. Apesar das suas repetidas demandas, não obtinha um alojamento decente. Houve um incidente: a mãe caiu gravemente enferma e teve que ser internada no hospital por meses, até anos. O marido, trabalhando em equipe, se organizou com seus filhos mais velhos para substituir o trabalho da mãe no lar. Ocuparam-se assim durante várias semanas da família e principalmente do caçula, um bebê de alguns meses. Entretanto, a assistência social, durante uma inspeção, teve ao final conhecimento desta dramática situação. A administração competente, comovida em sua sensibilidade, tomou "as medidas que se impunham".

Que pensa você que aconteceu? Sem dúvida se iria procurar imediatamente um verdadeiro alojamento para esta família, conforme suas necessidades. Se iria dar ao pai um subsídio suficiente para que pudesse pagar uma ajudante familiar de tempo completo? Sonha você! São vocês incorrigíveis idealistas! O gênio imaginou outra solução: deixou-se o pai em seu vagão. Porém retiraram-lhe seus cinco filhos, sendo os menores confinados a babás autorizadas e os mais velhos à assistência pública. Porém, como tudo era ainda assim demasiado belo, se teve o bom cuidado de entregar o bebê para que fosse cuidado por uma babá em Nevers, o de dois anos por outra em Angers, o terceiro ao norte, os dois maiores em pensionatos diferentes. Ah! Certamente o Estado cumpriu com seu dever! Não são mais as grandes burguesias ociosas, recrutadas por São Vicente de Paula que se ocupam caritativamente dos casos sociais. De agora em diante há um serviço especial do Estado que resolve estes problemas "desgraçados". E esse este operário está descontente, se o filho

maior foge para reunir-se com sua família, é porque são ingratos, ou esquerdistas sombrios.

A política chinesa contrasta muito claramente com a experiência soviética dos anos 20 sobre essas mesmas questões. Foi promulgada uma lei proibindo a adoção de crianças abandonadas ou órfãos. Por casais sem filhos; correspondia ao Estado ocupar-se dos órfãos. Medida, por demais, completamente lógica no marco da política de "destruição da família" que se tratava de aplicar nessa época. Na China, o vimos, é adotada uma posição exatamente inversa: proibição de abandonar as crianças e adoção dos órfãos.

We Cheng e Chang Kua são dois irmãos de oito e dez anos. Seus pais, operários em Shangai morreram com alguns meses de intervalo. As crianças não ficaram sós. Como não queriam deixar sua escola, nem seus amigos, os vizinhos do edifício os adotaram coletivamente. O Estado lhes entregou a pensão de órfãos necessária para sua manutenção. Continuaram assim entre as demais crianças, porém sob cuidados muito especiais das outras famílias. Ao chegar o inverno, se preocupavam de que não saíssem desagasalhados; à noite, podiam comer, quer seja com outras crianças no restaurante do bairro, ou com uma família. Esta responsabilidade coletiva não se limitava à conservação da sua boa saúde. O comitê de idosos em especial, os convidava com frequência para contar-lhes a vida de antigamente, como o fazem todos os avós da China. Necessitava-se velar para que recebessem também uma educação de classe sobre o passado. Não lhes faltava afeto; jamais houve uma festa em uma família na qual não fossem esperados. Preocupavam-se por seu trabalho na escola da mesma forma que com suas brincadeiras. Eram criticados, sem indulgência compassiva, porém com esse calor próprio das relações revolucionárias.

Na China, não somente há orfanatos, como a lei via ainda mais longe nesse sentido. No artigo 13, da lei sobre o matrimônio, ao tratar das relações entre pais e filhos, está estipulado que o abandono dos filhos está proibido: "Os pais têm o dever de criar e educar seus filhos; os filhos têm o dever de ajudar seus pais em suas necessidades e de velar por eles. Os pais não devem maltratar nem abandonar seus filhos. Da mesma maneira os filhos em relação aos pais. O mesmo artigo é aplicável quanto às relações entre os pais de filhos adotivos".

Os deveres dos pais com os filhos são rigorosamente os mesmos que os dos filhos com os pais, o que mostra que não é uma relação de propriedade o que se instaura entre pais e filhos. Mais ainda: nem no artigo citado nem em toda lei sobre o matrimônio se menciona nenhum "direito" dos pais sobre os filhos. A única vez que se menciona o termo "direito", é quando se diz: "Os pais não têm direito de maltratar os filhos". A autoridade paterna não está consignada em nenhuma lei. É necessário compreender que esta ausência legal de direito paterno, apoiada por uma independência material dos filhos em relação aos pais, não é casualidade ou uma fachada democrática, e sim reúne e reforça todas as lutas encaminhadas para que o único critério de "disciplina" na sociedade, como na família, seja a consciência e a unidade política.

Contracepção: mais que um método, uma política

Para a nova mulher chinesa, os filhos não são mais a "razão de ser", nem a maternidade, uma fatalidade. A política contraceptiva é, pois, uma dessas condições concretas que permitem avaliar o grau de emancipação das mulheres.

Em uma das famílias da comuna de Xawan, encontramos uma mulher jovem, responsável pelo planejamento familiar. Primeiramente, nos explicou que o centro do planejamento no povoado havia sido criado alguns anos antes por solicitação de várias mulheres. Acompanhando dos trabalhadores sanitaristas, um médico do hospital mais próximo veio então, a fim de ajudar-lhes. Elas haviam adquirido em alguns dias os conhecimentos de fisiologia e técnicas elementares e haviam começado a visitar famílias. As reações tinham sido um tanto variadas, algumas mulheres recusavam limitar sua família a dois ou três filhos, sobretudo se tinham apenas filhas, outros maridos não aceitavam sequer a ideia de que a contracepção pudesse dizer-lhes respeito, houve necessidade de longas discussões para, finalmente, convencê-los. Entretanto, outras vezes, havia mulheres que se uniam espontaneamente ao pequeno grupo e o trabalho avançava a grandes passos. Prosseguiu: "Educamos os habitantes do povoado sobre os diferentes meios anticoncepcionais e, hoje em dia penso que o DIU, o diafragma, são os meios mais usados". Nos surpreendemos bastante e até nos escandalizamos com essa resposta. Ela acrescentou: "Vocês sabem, aqui no povoado, de cada 85 esterilizações praticadas, 70 foram em homens, pois nos esforçamos sempre por fazer os habitantes compreenderem que a contracepção está ligada à emancipação das mulheres. Uma família numerosa é sempre um maior ou menor obstáculo que impede a mãe de sair de sua casa".

"Vocês não empregam a pílula?" – perguntou Danielle. "Sim – respondeu Li Chang –, mas com precaução, está ainda e estado experimental e sua difusão é 'prudente'. Na China, tratamos de controlar ao máximo os efeitos a longo prazo de todos produtos farmacêuticos".

Nos falou do aborto inteiramente livre, praticamente gratuito (cerca de 3 yuanes), e que dá direito a 15 dias de repouso, pagos 100% como para qualquer outro atendimento médico. Esclareceu que para um casal sem filhos ou com um filho, asseguravam de que os riscos da esterilidade fossem conhecidos pelos esposos. Discute-se com eles para ver se suas dificuldades não podem encontrar outras soluções (alojamento, horários, recursos, etc.), porém, afinal de contas, a decisão corresponde aos casais. Ainda nos esclareceu que nos casos, muito raros, nos quais o marido se opõe ao aborto, a mulher é quem segue sendo o único juiz.

Li Chang nos explicou que ainda que o planejamento familiar dependa do Ministério da Saúde, cada equipe, nos povoados, nas fábricas ou nos bairros, organiza seu trabalho tendo em conta as necessidades locais, o que permite às pessoas dominar conscientemente a natalidade.

Uma discussão no hospital ginecológico de Pequim completou nossa entrevista com Li Chang. Fomos levadas primeiro para visitar o serviço das parturientes e os recém-nascidos. A saúde das mulheres durante a gravidez é objeto de um cuidado meticuloso: cada mulher mantém em dia um cartão indicando as datas das suas regras, centralizado por um responsável sanitarista ao nível da unidade de produção. Ao menor atraso, se faz um exame biológico. Assim, se a mulher deseja um aborto, não somente se pratica muito rápido, nas melhores condições, como também o acompanhamento médico de sua gravidez pode se dar desde o princípio. Poderá ser encontrado imediatamente alguma função menos fatigante, um lugar sentado na oficina, por exemplo, e como os exames que permitem descobrir as enfermidades perigosas para a evolução da gravidez se praticam sistematicamente (medida que não representaria nenhuma dificuldade técnica em um

país como a França), podem ser reduzidas consideravelmente as más-formações e complicações de todo tipo.

Por outro lado, esses cartões proporcionam uma documentação preciosa para a pesquisa médica e o descobrimento precoce das enfermidades femininas. As consultas por gravidez são feitas mensalmente até o sexto mês, duas vezes ao mês até o oitavo, e finalmente uma vez por semana durante o oitavo e o nono mês.

Tanto no hospital de Pequim como na comuna de Chawan, se insistiu sobre esta ideia: "a contracepção não deve confundir-se com um simples meio técnico. Requer intensa educação ideológica. É uma medida política de envergadura orientada a permitir às mulheres dominar a 'natureza', participar plenamente em todas atividades sociais, e que favorece, portanto, sua emancipação".

QUINTA PARTE

A propósito do debate sobre a sexualidade na China

Na China, as relações sexuais fora do matrimônio estão expressamente proibidas. Nada é mais conhecido, e nada é, geralmente, menos compreendido. Rapidamente se enxergou nisso uma manifestação de puritanismo burguês, um desvio burocrático de tipo "stalinista" inclusive uma prova de que o socialismo não liberta as mulheres. Em suma, é repressivo! Esta questão não é tão simples para ser resolvida rapidamente.

Capítulo 12

Necessidades naturais, necessidades culturais

Geralmente tudo acontece como se todo mundo soubesse que forma, que prática, que funções deveriam revestir precisamente uma sexualidade revolucionária que bastassem, portanto, para medir a distância entre esse ideal conhecido e a posição chinesa para apreciar o grau de revolucionarização alcançado: a pessoa se casa porque ainda que não devesse existir mais o matrimônio, não se tem relações sexuais se não com o marido (a esposa) enquanto que se deveriam ter livremente, etc. Não sei se sai desse raciocínio, é repressivo porque não é livre, é livre quando não repressivo. Desgraçadamente, jamais nos é dado o menor princípio de explicação sobre o conteúdo desta liberdade. Se reduz a conjecturas. O fato mesmo de tratar de defini-lo está considerado já como repressivo.

A concepção "natural" da sexualidade que subentende esses argumentos é muito cômoda. Temos necessidades sexuais naturais, instintos. As diferentes normas morais são rechaçadas, as reprime com objetivo de assegurar a supremacia masculina, inculcar-nos comportamentos de submissão servil, respeito às proibições, etc. É necessário, pois, suprimir toda norma moral e a sexualidade estará liberada, expressá-la "naturalmente". Incidentalmente, tal prática subversiva destruirá os fundamentos de um poder social autoritário que descansa na submissão ideológica determinada pela repressão sexual.

Cômoda, porém, desgraçadamente totalmente falsa. Não há sexualidade "natural", ou então os diferentes tipos de sexualidade que a história conheceu seriam todos "naturais":

natural em uma sociedade feudal que o homem se apropria das mulheres que queiram para seu prazer, sendo também seu prazer apropriar-se das mulheres sem seu consentimento; natural em certas sociedades primitivas ter relações sexuais entre várias pessoas; natural na sociedade capitalista que a mulher seja virgem até seu matrimônio, e depois fiel a seu marido; natural que o homem pratique a poligamia de fato, antes e depois do matrimônio; natural em todas as sociedades de exploração reduzir um batalhão de mulheres ao comércio sexual, a produção de prazeres para homens. Somente quando uma classe dominante é derrubada, arrastando na queda a moral que se havia forjado, quanto o caráter natural da sexualidade aparece como era: um véu para esconder sórdidas relações de exploração.

Ainda mais: não apenas as pretendidas formas naturais nas quais se satisfazem as necessidades sexuais estão determinadas pelo tipo de sociedade existente, como, além disso, as próprias necessidades sexuais são produzidas pela sociedade. Marx dizia: "A produção produz o consumo... fazendo nascer o consumidor a necessidade de produtos postos por ela primeiro simplesmente sobre a forma de objetos. Portanto, produz objetos consumo, o modo de consumo, o instinto de consumo".[58]

Isto é verdade também para a sexualidade.

A sexualidade se converteu em uma mercadoria que se compra e se vende como as demais, sofre as leis da oferta e da procura como as demais, se destrói em seu consumo como as demais. Que esta mercadoria seja vendida e comprada de modo "legal ou ilícita", com a benção da sociedade ou não,

58. Marx, *Introdução à crítica da economia política*, p. 157.

com pessoa do sexo oposto ou não, não modifica fundamentalmente nada do fato preciso. O que devemos nos perguntar é qual é a função desse tipo de cultura sexual em nossa sociedade? Essa é a questão de fundo. É a isso que é necessário responder antes de tudo.

Objetivo de prazer, objeto de lazer: o prazer é um lazer

Certamente, a educação sexual (que, por outro lado, pode estar ausente oficialmente da educação) inculca, em especial nas crianças e nas mulheres, o respeito à moral burguesa, a submissão à ordem estabelecida, etc. (que, por outro lado, não é monopólio da sexualidade). Porém, talvez não esteja aí o mais importante. Em uma sociedade na qual a divisão do trabalho se acentua cada vez mais, onde a imensa maioria do povo tem autoridade privada de criatividade, onde trabalho não tem mais explicitamente outro significado que seu valor em salário, a sexualidade, no tempo livre, se converte, não em um meio para expressar o conteúdo peculiar de relações entre indivíduos, e sim no meio para cada indivíduo em particular, de escapar da sociedade no consumo sexual. Tal fuga, evidentemente não é mais do que uma ilusão na qual o fugitivo volta a encontrar, sobre outra aparência, todos os traços detestáveis dessa sociedade: relação opressora e oprimida, valor mercantil, egoísta, consumo pelo consumo, etc. Porém por mais ilusão que seja, nem por isso constitui menos um meio importante para a classe dominante de impor ao povo sua própria ética, seu materialismo vulgar como falso significação da vida. "O trabalho, diz o moralista burguês, com demasiada frequência é fastidioso e fatigante, é verdade, é aí! O reverso das nossas sociedades industriais, é o preço do progresso, porém é o que permite o progresso. E o progresso é, justamente, permitir a cada um possuir televisor, carro, seguir

a moda, divertir-se, ter lazer, em sua, consumir". Essa é sua moral, e ele gostaria que fosse a nossa. A função social da sexualidade, não é a de servir de justificativa, de compensação a um trabalho sem alegria, a uma vida sem esperança? A cultura sexual burguesa se parece aos "adicionais de insalubridade": se estropia a saúde dos operários, porém "em troca", diz são concedidas algumas migalhas acrescentadas à folha de pagamento. O capitalismo, ao fazer da sexualidade e "prazer" sexual (porém, em realidade, que prazer? E prazer para quem?) uma recompensa, lazer, ao mesmo tempo o integrou ao salário. O repouso do guerreiro é o escândalo permanente da nossa sexualidade. Por mais de uma razão, não somente por que implica o "serviço" da mulher – uma simples mercadoria, um objeto – mas também porque está exatamente no mesmo plano que comer, beber e dormir. É uma necessidade vegetativa que entra na reconstituição da força de trabalho do mesmo tipo que as proteínas, a roupa, televisão, educação ou lazer.

Repressão da sexualidade, repressão na sexualidade

O conjunto da política sexual burguesa, com seus tabus e seus domínios autorizados, contribui para produzir uma cultura sexual repressiva, não somente no fato de proibir a prática de certas formas sexuais, o que é secundário, mas, além disso, e principalmente, porque toda relação sexual é uma relação mercantil, uma transação entre um homem alienado e uma mulher escravizada.

Esse homem e essa mulher não podem evitar reproduzir no que lhes parece ser um domínio privado, livre, os respectivos papéis que representam a sociedade: uma relação de dominante e dominado. O sadomasoquismo, os pesos passividade-agressividade, potência e rigidez, não são mais que a

tradução no modo sexual da opressiva realidade cotidiana do senhor e do escravo. O que evidentemente não quer dizer que no casal a mulher seja sempre a parte masoquista, passiva e frígida. Os papéis podem estar invertidos no seio de um casal: o que não impede que seja a opressão das mulheres, os laços serviços especiais que as amarram aos homens, os que nutrem esta forma cultural. O novo movimento feminino com frequência raciocina assim: "a burguesia faz da sexualidade um domínio tabu, não quer que se fala disso; muito bem, nós vamos falar!" Muito bem, tomemos a palavra! Critiquemos a moral dominante, que não fique dela pedra sobre pedra! Preparemos a opinião pública revolucionária! Mas no momento de exortar ao combate, o novo movimento feminino joga a toalha. Com efeito, deste que tomou a palavra sobre essa questão, que disse? Essencialmente isso: "é injusto que os homens têm liberdades sexuais e nós não". Proclama o direito das mulheres de usar essas liberdades da mesma forma que os homens. Desde quando os oprimidos reclamam o direito de ser "como" os opressores? Ao compreender (e denunciar) que o que caracteriza a sexualidade masculina é seu aspecto repressivo, que se pode esperar da nossa participação nessa repressão? No fundo, a burguesia escarnece desenfreadamente de que se "fale" da sexualidade, em troca, o que teme é que se descubra sobre qual "vaso sanitário" nauseabundo está fundamentada. Dizer da burguesia que é repressiva por que proíbe a prática de "perversões" sexuais, é dizer exatamente o que a burguesia quer que digamos. A perversão não está onde a burguesia assinala, e sim onde dissimula, nos alvos lençóis honoráveis dos leitos conjugais.

Se empregarmos aqui uma linguagem como: dominação masculina ou passividade feminina, é porque esses termos se referem a um aspecto da realidade que examinamos.

Contudo, é necessário ver bem que esses dois aspectos culturais opostos fazem parte um e outro da ideologia sexual burguesa. Evidentemente, não há um sadismo burguês e o masoquismo progressista; tampouco há um sadismo puramente masculino e o masoquismo feminino, e sim múltiplas formas culturais sadomasoquista, mais ou menos encobertas, mais ou menos imbricadas ou separadas. A burguesia, como todas as classes exploradoras, encontra seu prazer nessa relação do senhor escravo. As orgias dos que nos governam, os matrimônios a vapor, as criações pornográficas, os strip-tease "populares" de Pigalle ou o Crazy Horse para executivos, as prostitutas, as "casas", a repressão às prostitutas, os confessionários, tudo está edificado sobre este fundamento: fazer da opressão intolerável um prazer ao alcance de todos os bolsos e de todos os gostos.

Os limites impostos à prática sexual não são as causas da repressão que nós parecemos. O intolerável é a perversão profunda de toda a prática sexual, a humilhação e o mercantilismo implacáveis. A repressão da sexualidade faz parte da sexualidade, não se opõe a ela, a determina.

Não se poderia escapar a essa opressão contentando-se em romper o marco legal da sexualidade, pois não é isso o que a produz. Continuamente temos provas disso. Por exemplo, está moralmente proibido a uma mulher ter relações sexuais antes do matrimônio e fora deste. Quando a mulher casada tem relações sexuais com seu marido, o faz dentro da forma social dominante, isto é, reproduzindo a subordinação da mulher ao homem e o laço particular de dependência a ele. Isso é repressivo! Quando essa mulher, querendo fugir disso, tem relações sexuais com outro homem à parte do seu marido, quando "transgride o proibido", se dá conta, com grande surpresa, de que segue reproduzido essa mesma relação de

subordinação. Lenin dizia a este respeito em uma carta a Inês Armand: "Uma paixão e uma união efêmera são mais poéticas e mais 'puras' que 'beijos sem amor' de cônjuges lastimosos e detestáveis. É isso o que você descreve... A oposição e lógica? Os beijos sem amor de cônjuges lastimosos são sujos. De acordo! Que é necessário opor a eles? Se poderia acreditar que beijos com amor. Porém você opôs uma 'paixão (porque não o amor?) efêmera' (porque efêmera?). O resultado lógico é que se pareça opor beijos sem amor (efêmeros) a beijos sem amor conjugal... estranho! Não seria melhor opor um matrimônio lastimoso e sujo sem amor, de pequeno-burguês-intelectual-camponês, a um matrimônio civil proletário com amor".[59]

Entretanto, ao compreender melhor agora em que é alienante, humilhante, repressiva, a política sexual, não se vê ainda a que, precisamente, se opõe. Devemos descobrir o outro lado da contradição. Se não, nos será impossível compreender por que esta cultura sexual se torna intolerável nos países capitalistas hoje em dia, enquanto que fundamentalmente a cultura sexual feudal, por exemplo, era igualmente repressiva e não produziu, entretanto, esse tipo de controvérsia massiva. Embora, evidentemente, o interesse que suscita a questão sexual na juventude, no novo movimento feminino, não poderia estar reproduzido a uma simples invenção de pequeno burgueses "desocupados".

Temos dito, a repressão sexual burguesa se exerce muito mais no tipo de prática para qual convida com suas proibições. A sexualidade burguesa não é outra coisa é que o intercâmbio de mercadorias, introduzido sub-repticiamente em uma relação que se queria amorosa. Sem dúvida é aí onde

59. Lenin. *O. C.* XXXV, p. 180. Edição Moscou.

há que buscar "nó" dessa contradição. O desejo de uma relação amorosa entra em contradição com sua transformação em uma relação mercantil. Eis aí uma contradição importante e nova que o capitalismo engendra, porque é o único que produz bases materiais para que nasça um amor eletivo.

Ao abalar a produção feudal que se apoiava sobre a família, "libertando" os proletários, o capitalismo permitirá que a única razão de entrar em relação com outro fosse uma inclinação particular por esse outro. Nenhuma lei proíbe as relações entre homens e mulheres de classes diferentes. Um operário "pode" casar-se com uma burguesa, e uma bilheteira de cinema com o filho de um milionário. Contudo, se a única razão de entrar em relação com este, melhor com aquele outro, se deixar a "livre escolha" as pastas dos interessados, o fato de entrar em relação é sempre uma sujeição material... "eu me caso com Paulette, porque é a quem amo, e não a outra, e ela me ama. Porém em 'geral', me caso porque não posso fazer outra coisa". Se bem o amor, como única razão da união, está infalivelmente desmentido pelo imperativo material dessa união ou, para dizer no melhor, o amor livre, que parece alcance da mão, está reprimido por sugestões puramente econômicas. Não há amor livre, e sim uma liberdade vigiada, no fundo nada mais do que o regime penitenciário que não se reconhece. Em função desse imperativo material é como se desenha as "livres inclinações" amorosas. A necessidade se converte em um critério decisivo. Não é, pois, somente, como dizíamos mais acima: "certamente estou obrigado a casar-me, porém sou livre de casar com quem queria". Mas ainda mais: "Uma vez que devo ter uma mulher que se ocupe da minha casa, que administre meu dinheiro, que faça comida e que, ao mesmo tempo me rodeie de afeto, se con-

sagre a minha felicidade para que eu já não esteja só, *e*m consequência é necessário que ame a uma mulher que seja uma boa dona de casa econômica, trabalhadora e afetuosa". A "liberdade" de amar, se expressa, afinal de contas, como todas as liberdades capitalistas, sobre o papel, em teoria, enquanto que cotidianamente, na realidade, são burladas e desmentidas.

A sexualidade cotidiana se torna intolerável porque se baseia sobre uma união "livremente decidida", produtora das necessidades afetivas e sexuais, intelectuais, etc. contratada entre duas partes que não são livres e que, nesta união, buscam cada uma alcançar objetivos não somente diferentes, como até antagônicos: para o homem um objeto de lazer para mulher uma justificativa da sua clausura a serviço da família. Mas, os sentimentos mais sinceros, os desejos menos calculados, não resistem muito tempo aos guisados requentados, a lavação de roupas; a mulher livremente escolhida, a "eleita" se converte rapidamente na "fastidiosa", e o marido em um meio de vida, no sentido em que se diz "tenho os meios para tal ou qual coisa". E nessas condições, a vida sexual se inscreve em uma coleção de decepções de uma variada gama, desde as mais amargas até as mais insípidas.

Passa, com o amor, o mesmo que com todas aspirações revolucionárias que nascem no próprio seio da sociedade capitalista. São, nesta sociedade, afastadas por bases materiais implacáveis que se opõe a elas. São reprimidas. Não podem ainda transformar-se em prática. Porém, existem. As aspirações revolucionárias são em tudo o contrário dos mitos: são embriões, projetos de uma sociedade futura. O desejo de amor bate à porta também no velho mundo.

Somente em uma relação entre um homem e uma mulher igualmente livres, poderá tomar forma uma sexualidade

não repressiva, livre. Não há, pois, outra saída para vencer a repressão sexual, fora da emancipação das mulheres. Investigar "fora" dessa emancipação, ou, mas aberrante ainda, como "meio de obtê-la", a "liberdade sexual" é pior do que um engano, é um reforço para a burguesia que não esperava tanto dela. Não há nenhuma razão, econômica, política, ou ideológica, para que a burguesia não tolere, finalmente, todas as práticas sexuais que proíbe ainda hoje, e isto não atenuará em nada a repressão sexual. Basta estudar a experiência dos países nórdicos, ou ainda dos EUA, para convencer-se. Afirmar o contrário, imaginar que as superestruturas ideológicas, culturais, sexuais, da burguesia, estão definidas de uma vez por todas, quando estão em constante readaptação, em reajustes permanentes, com bases materiais modificadas, contradições latentes ontem e que hoje estão abaladas. A burguesia pode autorizar tudo, inovar tudo nesse domínio, com a única condição de que o tipo de sexualidade proposto permaneça no marco da sua moralidade imoral, isto é, como uma prática egoísta, não somente cortada da sociedade, mas até como meio privilegiado de "esquecê-la".[60]

Não vamos recuperar "paraíso perdido" de uma sexualidade natural e livre. Não podemos opor a sexualidade burguesa uma sexualidade revolucionária "toda feita". Esta não pode nascer mais do que da crítica radical da moral burguesa, da transformação social do conjunto das relações entre os homens e as mulheres. Sem dúvida, é em primeiro lugar às

60. A degradação da sexualidade provém principalmente de que está separada de todas as atividades sociais, rebaixada à categoria das atividades vegetativas. É o que observa Marx: "Comer, beber, procriar, etc., são também, indubitavelmente, funções autenticamente humanas. Porém, na abstração, separadas de todo o resto da atividade humana, convertidas em fins últimos e exclusivos, são funções animais". (Marx, *Manuscritos de 1844*, Grijalbo, p. 79).

mulheres, que tiveram que sofrer mais com a sexualidade burguesa, e que tem a prática e o conhecimento de uma forma repressiva, a quem corresponde promover os embriões de uma nova moral revolucionária. Não poderiam chegar, "fora" da sua participação, a uma transformação revolucionária da sociedade.

Capítulo 13

O aparecimento de uma nova cultura sexual na china

Um debate sobre a "união livre"

A primeira tarefa por cumprir é indiscutivelmente, atacar tudo que, na antiga sexualidade, apregoava a supremacia do homem sobre a mulher, propondo aos homens e mulheres as mesmas normas sexuais (ainda que estas tenham um caráter provisório). Em nossa opinião, há nisso um primeiro traço positivo importante na moral sexual da China. Não há nenhum regime de favor para homens, nem de indulgência especial em relação a eles. A luta ideológica levada a favor do matrimônio tardio, o descrédito ideológico levado às relações sexuais fora do matrimônio, lhes dizem respeito tanto quantas mulheres.

E se as mulheres são comumente "inexperientes" sexualmente ao se casar, os companheiros o são também. Coloca-se uma pergunta: se é justo buscar criar relações igualitárias entre homens e as mulheres, porque apregoar essa igualdade no matrimônio? Por que não dar às mulheres como aos homens direitos iguais para liberdade sexual, para união livre? Essa experiência foi tentada na URSS no dia seguinte da revolução. Promulgaram-se uma série de leis nesse sentido: reconhecimento do matrimônio de fato (bastava viver juntos para ter os mesmos direitos e deveres que os casados); divórcio pela simples solicitação de um dos cônjuges; separação de bens entre homem e a mulher, o marido não pode se apropriar do que pertence a sua mulher.

Contudo, em uma sociedade em que as mulheres ainda estão em uma situação de inferioridade, essas leis igualitárias não podem senão reforçar a desigualdade de fato.

Os homens puderam livremente praticar uma nova forma de "poligamia", agora legal. Trocavam de mulheres ao seu gosto, deixando a elas o cuidado de educar os filhos. Em um tempo recorde, os tribunais soviéticos se congestionaram de reclamações de mulheres abandonadas tão logo estavam grávidas; ou também algum camponês, que tinha necessidade de força de trabalho suplementar na primavera, casava-se para obtê-la, não tendo direito de empregar mão de obra assalariada, e se divorciar depois dos trabalhos para não ter que alimentar uma boca mais durante o inverno[61].

Como a grande maioria das mulheres não eram assalariadas, não tinha nenhuma independência econômica, de maneira que a lei contra a comunidade de bens se voltava contra elas. O marido que ganhava dinheiro era o amo, elas podiam escolher entre ficar abandonadas na miséria ou aceitar o marido. Enquanto a concepção do amor que acompanhava essas medidas, reduzia-se a uma categoria do copo de água, isto é, que o ato sexual não é sem consequências, e não representa mais do que beber um copo de água, necessidade "natural" e anódina por excelência, somente as mulheres "atrasadas" de ideias pequeno burguesas podia negar isto". Esta concepção adquiriu força de lei que permitiu aos homens exercer uma pressão ideológica enorme sobre as mulheres a fim de que abandonasse seus "velhos preconceitos sentimentais". Uma pesquisa realizada entre a juventude comunista no início dos anos 20 o mostra bem. À pergunta: "A supressão da prostituição é um problema para os homens jovens?" Respondeu-se: "Não! Já não há necessidade de recorrer à prostituição visto que qualquer um pode ter gratuitamente as moças do Komsomol[62] que queira. "O que animou o renascimento de

61. Geiger, op. cit. cap. III e IV.
62. Konsomol: juventude comunista da URSS.

um movimento reacionário entre as mulheres que, a mesma pergunta, respondiam com o pedido de reabertura das casas de tolerância que, aos seus olhos, devia permite-lhe "segurança maior".

As leis existem porque existem desigualdades sociais. Seja porque se queira mantê-las –leis burguesas – seja por que se queira destrui-las – leis revolucionárias. Se houvesse uma igualdade real entre todos os homens, para que serviriam as leis? Contra que ou contra quem os protegeriam? Nos fazem falta leis desiguais para instaurar a igualdade.

Esta concepção é a que guia cada passo da legislação chinesa. Tratando da jurisdição chinesa a respeito das mulheres, a revista *A Nova China* (n. 2, p. 31) destaca: "Não somente a lei chinesa não contém cláusulas discriminatórias desfavoráveis às mulheres, não somente proclama a igualdade dos sexos e a respeitar, como acrescenta medidas especiais de proteção, isto é, cláusulas discriminatórias desfavoráveis aos homens. A lei sobre o matrimônio estipula, no artigo 18, que o homem não pode pedir o divórcio enquanto sua mulher esteja grávida, nem no ano seguinte ao parto, mas a mulher grávida ou que acaba de dar à luz, pode divorciar-se. O parágrafo do artigo 21 reforça que após o divórcio, se o filho é confiado a mãe, o pai deve encarregar-se de parte ou da totalidade dos gastos necessários para a manutenção da criança, mas a lei não diz que a mãe se encarregue nos gastos quando o filho seja confiado ao pai. Segundo o artigo 24, o marido responsável sobre seus bens próprios do pagamento das dívidas da comunidade quando esta é deficitária, ainda que compartilha com sua mulher administração desta comunidade. O artigo 23, sobre o retorno dos bens próprios após o divórcio, se refere mais do que aos bens da mulher. Acrescentemos que o artigo 11 enuncia que os casados têm o direito de utilizar,

cada um por seu lado, seus nomes e sobrenomes de família próprias a cada um, e assim se segue.

Na União Soviética, a união livre coabitava com o matrimônio, a China deliberadamente optou pelo matrimônio (além do que se tomaram medidas especiais para que as crianças nascidas fora do matrimônio tenham rigorosamente os mesmos direitos, e desfrutem da mesma "consideração "que os outros, em especial que o pai "natural "cumpra, como todo pai divorciado, ajudando na sua manutenção, para que essa criança possa, como filho de casal casado, herdar de seus pais, etc." (Cf. leis sobre o patrimônio). Não obstante, ao olhar mais perto o matrimônio na China, este está mais perto a união livre do que ao matrimônio "de fato" soviético. O que é necessário ver bem quando se fala de matrimônio ou de união livre, é que a função social de um e de outro é fundamentalmente a mesma em uma sociedade dada. Em um artigo[63] publicado pelo círculo E. Dimitriev do MLF se encontram estas reivindicações (p. 10): "Abolição da instituição do matrimônio. Reconhecendo da união livre".

O "reconhecimento", para empregar este termo, da união livre não tem importância mais do que na medida em que exista a instituição de um matrimônio repressivo. Por isso é que é escandaloso que um homem e uma mulher que vivem juntos sem ter legalizados sua união, sejam privados de alguns direitos e privilégios acordados às pessoas casadas: "legitimamente dos filhos, direitos ao reembolso de seguridade social pelas contas do marido, direito de herança, direito de receber uma pensão em caso de morte, etc.", é justo exigir o reconhecimento da união livre, que esta não seja já objeto de

63. "Sortir de l'ombre", da discussão do círculo Dimitriev do MLF, suplementos do *Torchon brule*.

discriminação moral, civil, material, etc. Porém, se a instituição do matrimônio é abolida, e ao mesmo tempo se reconhece a união livre, esta não se converte simplesmente na forma nova que reveste o matrimônio? (o que por outra parte é desde faz muito tempo, especialmente na classe operária onde "está morando junto" não é mais do que uma das formas de estar "em família", com as mesmas tarefas e as mesmas obrigações que na célula legal). O círculo Dimitriev avança aí uma ideia jocosa: não é já somente "estrutura triangular" familiar a que é em si repressiva e geradora de egoísmo e de servilismo é sua forma jurídica. Suprimir ao alcaide, e a mãe está libertada.

Os dois principais escândalos do matrimônio burguês

No matrimônio das sociedades capitalistas há dois componentes principais que o fazem uma instituição reacionária: a dependência econômica da mulher em relação ao marido, com o estatuto de inferioridade que isso implica (que tal inferioridade seja inscrita na lei: "A mulher deve obediência ao marido" ou não, pouco importa), e por outra parte, a indissolubilidade jurídica dos laços, ou em todo o caso, a extrema dificuldade de rompê-los. Fazer da união livre uma panaceia, é não se preocupar mais do que do segundo aspecto da opressão do matrimônio. Se muitas mulheres renunciam a recuperar sua liberdade, inclusive as que estão casadas juridicamente, ainda que sejam desgraçadas como as pedras, é porque o principal obstáculo vem da sua incapacidade econômica para satisfazer suas necessidades e as dos seus filhos.

Está claro pois, que a independência econômica da mulher é a primeira condição para que a união seja livre. Sem adquirir esta independência econômica, prescrever união li-

vre, ou comunidades, ou até "uniões selvagens" para transformar as relações entre os sexos, é tão eficaz como uma cataplasma sobre uma perna de pau. Contudo, se a independência material da mulher é uma condição absolutamente necessária para união livre, não é, entretanto, suficiente. Destruir o segundo componente repressivo do matrimônio: a indissolubilidade dos laços não poderia limitar-se a uma simples reivindicação jurídica. Deve ser subtendida por uma revolução nos julgamentos masculinos sobre o valor das mulheres.

A liberdade total de romper a união não deve significar a possibilidade para os homens de seguir utilizando as mulheres como objetos que se abandonam depois de utilizar-se, quando já não gostam, quando estão usados. Não há nenhuma razão para esperar que a legislação, sob uma nova forma desta prática masculina secular, possa trazer a menor transformação progressista das relações entre homens e mulheres. Não são os homens os que eram monogâmicos no passado e sim as mulheres; de fato, senão de direito, os homens praticam a "poligamia "em todas as sociedades de exploração.

Esta liberdade, para ser progressista, deve tender a revalorizar as razões pelas quais duas pessoas vivem juntas, isto é, o amor. Quando não há já obrigações materiais que mantêm a união, as pessoas que permanecem juntas o fazem porque se amam. Isto é, que a liberdade conquistada é o preço total do amor, enquanto que na sociedade burguesa, ao contrário, há tantos fatores imperativos que obrigam a permanecerem juntos, que o amor se converte na quinta roda da carroça, um simples pretexto. A união livre tem como condição a conquista da igualdade entre os sexos, a destruição da função econômica da família, a transformação das relações entre os adultos e as crianças.

Não nos contentamos com palavras! Sem essas condições, a união livre é a liberdade para o homem de oprimir a mulher, e para os pais oprimir os filhos. Em suma, é o matrimônio burguês e nada mais.

Liberdade na escolha

Justamente porque a Revolução Chinesa tende explicitamente a realizar essas condições, é que eu dizia que o matrimônio chinês está, apesar de uma aparência enganosa, cada vez mais próximo da união livre. Porque há ainda outro ponto sobre o qual a China apregoa na prática a união livre: é a liberdade de escolha.

Em nossa sociedade, a partir de cálculo ou de empirismo na formação de um casal é preponderante. De cálculo, para a burguesia, é bem conhecida. O dote, a herança, o papel mundano da esposa, são os mesmos fatores que se contabilizam friamente antes de decidir-se. Isto com frequência toma, além disso, a forma do matrimônio arrumado de antemão. Não se pede outra coisa a mulher que dá herdeiros e manter sua posição, mas isso é uma condição imperiosa. Quanto ao marido que terá o privilégio de iniciar sua esposa "inocente" na triste prática do dever conjugal, terá encontrado antes e em outra parte outras compensações, e a segurança de continuar desfrutando-as fora do matrimônio. O cálculo interessado não é, entretanto, monopólio da burguesia. Existe também, ainda que de maneira menos obscena, nas outras classes sociais. O camponês que está atado a sua terra e que não tem a opção de fazer outra coisa que cultivá-la, buscará também que sua mulher tenha as qualidades requeridas para suas futuras tarefas: robustez e, ligou para o trabalho, estar habituada desde a infância a esta vida, etc. Não se transforma facilmente uma jovem datilógrafa urbana em uma camponesa

que maneja o ancinho. Não há também um cálculo na jovem operária que se prenda àquele que tem profissão segura, um carro uma casa? Quanto o empirismo, é evidente. Sem se quer falar aqui do "amor à primeira vista", se sabe bem que a liberdade de escolha no matrimônio são palavras vazias: a que se casa com vizinho do andar do prédio onde mora, por que é o primeiro que lhe propôs, a que se casa com o pai do seu filho, porque não tem outra solução em nossa sociedade uma vez que está feito, os que se casam para não ficar sozinhos, porque sozinhos estão socialmente desacreditados e em condições econômicas muito desfavoráveis. Todos estes, isto é, a maioria, exerceram uma escolha livre? Se ao falar de união livre, que pelo menos implica imediatamente as condições concretas para que haja uma liberdade real na escolha da união, não a simples proibição do "matrimônio forçado" é claro, e sim um poder real, para as mulheres e os homens, de determinar-se sem que intervenham obrigações econômicas e ideológicas e com toda a consciência, isto é, introduzindo nessa escolha critérios políticos objetivos, verificáveis em uma prática social diversificada e rica.

Quais são as condições materiais que a China tenta reunir para que possa aparecer uma união realmente livre? É aí onde se situa a prova da verdade.

O matrimônio tardio

Sem dúvida já se sabe que, o matrimônio está legalmente autorizado a partir dos 18 anos, se faz uma intensa propaganda para que os jovens se casem mais tarde, em geral até os 25 ou 28 anos. Por todas as partes nos falaram da importância desta questão, ao longo da nossa viagem. Porém as razões que nos deram para explicá-la, nem sempre nos convenceram. Em especial uma, citada com frequência (e até às

vezes oficialmente) a apresenta como simples método para diminuir a taxa de natalidade. Não estou de acordo com esta explicação por várias razões. A primeira é porque dizer isso, se faz caso omisso do objetivo principal do planejamento familiar: promover a emancipação das mulheres.

O significado dado na China ao planejamento familiar vai explicitamente no sentido da libertação feminina (já citamos no capítulo anterior), como o confirma Han Suyin: "A maternidade voluntária deve basear-se na emancipação da mulher, sua igualdade, seu direito ao estudo e à participação em todas as decisões políticas, assim como sobre a sua consciência social acrescentadas. A emancipação política econômica das mulheres foi a primeira condição para o êxito de toda a campanha de massas sobre planejamento familiar".[64]

Por outra parte, é necessário reconhecer que a abstinência sexual como método "anticonceptivo" as fazem um pouco rudimentar. Ainda supondo que reduzir o número de nascimentos seja efetivamente objetivo por alcançar (e pondo entre parênteses o juízo de valor que se tem direito a ter quanto aos meios), não se compreende, por isso, porque implicaria em algo a atrasar matrimônio. Poder-se-ia fazer a mesma propaganda intensa para que os jovens casais utilizassem a contracepção e deixassem para mais tarde nascimento de seu primeiro filho (até os 25 ou 28 anos, por exemplo). Se os jovens, que massivamente atrasa voluntariamente seu matrimônio, o fazem realmente com objetivo "contraceptivo", verdadeiramente não se vê nenhuma razão para pensar que não seriam capazes, ao se casar jovens, de adiar a reprodução da espécie por meio da contracepção.

64. *A Nova China*, n. 1, p. 39.

A despeito destas interferências, o matrimônio tardio na China segue como uma medida revolucionária de grande importância, por muitas outras ações que nos incitam a refletir.

Falamos e repetimos aqui que a igualdade entre homens e mulheres não é completa no período socialista. O matrimônio tardio é, sem dúvida alguma, uma medida que, tomando em conta tal desigualdade, milita em favor da igualdade. É fácil compreender que a jovem mulher que, entre os 16 e 26 anos, portanto, durante cerca de dez anos, tenha tido a experiência de uma profissão que lhe terá permitido viver sem nenhuma ajuda externa, que terá participado de diversas atividades culturais e nos trabalhos da juventude, que terá tido responsabilidades políticas, culturais que terá passado um ano ou mais em uma comuna popular, que terá sido organizada em uma milícia popular, que eventualmente ter frequentado a universidade ou diferentes escolas, que terá travado numerosas amizades com todo tipo de pessoas dos meios mais diversos, que terá uma visão mais ampla da sociedade, é fácil compreender que esta mulher terá uma sólida aquisição para resistir às eventuais pressões conjugais ou materiais de "regresso ao lar". A independência econômica, política, ideológica, adquirida no transcurso desses anos, é um poderoso motor para que, casadas ou mães de família, mulheres continue lutando ativamente por sua emancipação. Que as mulheres chinesas não se arrastem, com a cabeça baixa, para o matrimônio, que não deixa a família dos seus pais para fundar imediatamente outra, é reconfortante, e para melhor dizê-lo, é invejável. Eis aí a primeira razão que, por si só, bastaria já para reconhecer o caráter revolucionário dessa medida. Porém, isso não é tudo.

Capítulo 14

Um novo conceito de amor

A prática adquirida pela juventude nos terrenos mais diversos, o conhecimento mais concreto que tem da sociedade, lhe permite "relativizar" o amor, a família. Não quero dizer que se parecem tão fúteis, mais que tal experiência constitui uma base de referência materialista para lutar contra o idealismo do amor, do qual sofrem especialmente as mulheres oprimidas, justamente na medida em que, não conhecendo nada mais, não tendo "inserção social" real, nem termos de comparação, têm, tendência irresistível a colocar no "amor" todas nossas esperanças, todas nossas frustrações, dito de outra maneira, a idealizá-lo. O que traz como consequência falsificar todas nossas relações com o "marido", e mais geralmente, nossos juízos sobre a realidade.

Relativizar o amor, não é desprezado, é avaliado também em função das suas necessidades. Amar significa subtrair-se a sociedade, abandonar a revolução para consagrar-se a "ele", então, nós rechaçamos. Só pode ser prejudicial. Relativizar tal amor é ligá-lo estreitamente a tudo o que se quer fazer. As relações privilegiadas que tenho com este homem deve ajudar-me, deve ajudá-lo, a desempenhar plenamente, conscientemente, o papel de ambos na sociedade.

O interesse do celibato prolongado, nas formas em que se pratica na China, consiste em que permite estabelecer o amor sobre o que é diferente da relação privada, substituir lá no contexto revolucionário da sociedade. Explicou-me: não apenas se pede aos membros do casal que sejam amáveis um com o outro, mas sim, sobretudo, está consagrado ao povo, tem relações calorosos com seus camaradas. A transformação

progressiva do significado do trabalho, da qual temos falado, tem como consequência que se espere do outro que tenha uma atitude política com consciente em seu trabalho. Tendendo a família a não ser mais o centro de interesse privilegiado, se espera do outro que esteja aberto a numerosos campos. Tendendo as relações entre pais e filhos a não ser mais uma relação autoritária egoísta, se espera do outro que tem uma atitude responsável, fraternal, respeito às crianças. É claro que a prática social da juventude em atividades coletivas é eminentemente favorável para conhecer esse objetivo em mente, para medir concretamente essas diferentes "qualidades" que se pedem. Não há dúvida que tudo, absolutamente todo alcance revolucionário do matrimônio tardio, descanse inteiramente sobre essas experiências da juventude que acabo de mencionar rapidamente. Sem esse tipo de experiências, o matrimônio tardio não seria nada. Imaginemos uma mocinha, entre nós, no século passado, que houvesse permanecido no convento até os 25 anos; claramente se vê que, seria absolutamente incapaz de encontrar ali razões para emancipar-se. Igualmente o filho de burguesa quem é aconselhado que espere aos 27 ou 30 anos para casar-se, que durante sua vida de solteiro deve proporcionar-se uma profissão que renda, muito se for possível, fazer serviço militar como oficial no exército imperialista, e que considera como seu direito inalienável que renda, muito se for possível, fazer serviço militar como oficial no exército imperialista, e que considera como seu direito inalienável, e até uma garantia para sua futura felicidade conjugal, deitar-se sem amor com todas as garotas das quais possa se "aproveitar", e que aprenderá solidamente, também isso, desprezar as mulheres, consideradas como simples objetos, evidentemente esse "homem galã" não estará em condições de introduzir em seu matrimônio outra coisa

senão a moral corrompida da burguesia; francamente é até mais progressista em nossa sociedade, que esse jovem se case aos 18 anos com uma jovem estudante da qual está "ingenuamente" enamorado.

Em seu comentário sobre a lei do matrimônio Teng Ying Chao escreve: "Estamos por um justo conceito de amor e contra o "amor acima de tudo", contra o amor como um jogo, da mesma forma que nos opomos a tomar como condições para o amor e o matrimônio, posição social, o dinheiro, beleza e outros elementos impróprios para segurar a constância do amor". (Folheto citado, p. 51).

Contaram-me este caso: durante a Revolução Cultural, em uma universidade chinesa, um jovem líder revolucionário cheio de paixão ardente era adorado por todo um grupo de estudantes. Um dia houve uma reunião de garotas para levantar esse problema: por que o camarada Un Tel tem uma corte de admiradoras? Uma estudante tomou a palavra e disse mais ou menos isso: "Algumas de vocês amam este camarada. Disseram-me que o amam por suas qualidades revolucionárias. Essas razões não me convenceram. De minha parte, e vejo outra coisa, sobre qual gostaria que refletissem. Esse camarada tem, por suas qualidades, grande prestígio entre os intelectuais. Nós lhe confiamos grandes responsabilidades; é um dirigente muito escutado; os que se encontram desamparado, ou tem ideias confusas, de bom gosto vem vê-lo, para discutir com ele, pedir ajuda e conselhos. Isto é normal. Porém, eu pergunto, não será então, precisamente por sua posição "brilhante", que por isso "amam" tantas garotas? Então, não amaram melhor nele sua posição de dirigente? Essa é minha opinião. Eis aqui porque penso que nessa admiração exces-

siva há algo de burguês. Acho que nossas camaradas estudantes reproduzem aí a relação burguesa da mulher com homem".

Essa história esclarece melhor do que eu saberia fazelo, o significado de um amor de classe, porque, é claro, não basta afirmar que não se quer amar a um contrarrevolucionário para destruir o conteúdo de classe do amor, para transformá-lo. É necessário, além disso, velar para não rodear este amor de atitudes burguesas.

A beleza não escapa à luta de classes

Que se tende a que a beleza não seja levada em conta, como preconizava Teng, é evidente. Porém quais são as características de classe dos padrões de beleza da burguesia que deve repudiar-se? Na sociedade de classe, a beleza feminina foi sempre atributo das classes dominantes. São estas as que decretam, para o conjunto da sociedade, o que é uma mulher bela. Para ser bela entre nós, há que se parecer a estas mulheres da burguesia, ociosas e ricas, que ostensivamente concretizam em suas atitudes, em suas roupas, em seus penteados, em seus trejeitos, sua posição social. Para outra parte, essa beleza não está confeccionada "naturalmente", é o preço de algumas medidas concretas como o salão de beleza, as lojas de moda, os regimes para emagrecer, a cirurgia plástica estética, a bolsa de maquiagem. Não prossigo. É tão conhecido, que não nos estenderemos mais. Toda a imprensa falada feminina é um hino a esse tipo de beleza. Nos livros de contos impressos de Madame se encontra correntemente entre as entradas e os gastos a rubrica intitulada "gasto de beleza". Este tipo de beleza reflete, por sustentação e luxo, não somente o prestígio do dinheiro em nossa sociedade, mas sobretudo expressa sem discussão o papel de objeto sexual que

corresponde a mulher. O que sem dúvida se traduz na fórmula corrente: "para mulher, a beleza é um capital". Esse padrão de beleza não somente é financeiramente difícil, senão inclusive com frequência impossível de alcançar para as mulheres pobres, e são também em razão do modo de vida que implicam. Ainda que "infectada", uma mulher que trabalha no campo ou na linha de produção transpira; seus braços, seu corpo se torna musculoso, suas mãos se tornam calosas; ainda que "enfeitada" a dona-de-casa que lava, passa, faz a comida e limpa o chão, tem um rosto marcado pela fadiga física ou nervos, e quando chegar à noite, arrasta os pés. E, entretanto, o homem com que vive, está condicionado, como os demais, a desejar esse tipo de beleza – o que ela não tem; isso é também uma parte não desprezível da repressão sexual! Na China essa imagem da mulher não existe mais. Encontra-se outra, por toda parte, em cartazes nos muros das cidades, nos jornais e no teatro. É uma operária, uma camponesa de rosto decidido, de roupa simples. Está sempre representada nas atividades cotidianas que realmente ocupam milhões e milhões de mulheres chinesas. Vê-se mulheres no trabalho, estudando, manifestando, rindo, mas jamais em atitudes irreais e mistificadoras como as das nossas fotos publicitárias.

Sem dúvida, essa transformação da imagem feminina contribui progressivamente para chamar a atenção dos homens em suas relações com o outro sexo, do novo lugar das mulheres dentro da sociedade.

Encontra-se no teatro contemporâneo chinês um reflexo do conteúdo progressista desse amor novo, ao mesmo tempo que a crítica ao amor compreendido como refúgio. É especialmente patente em "A Garota dos Cabelos Brancos", peça da qual, um dos autores, que a modificou durante a Revolução Cultural, nos falou em Shangai detalhadamente.

Disse-nos que o conteúdo do amor nessa peça, havia sido objeto de uma áspera controvérsia.

Na primeira versão da peça, o desenlace da intriga mostrava aqui Hsi Eul – a garota dos cabelos brancos – camponesa pobre e ardente revolucionária, e Ta Chuen, também camponês pobre e comprometido com o EPL, seu prometido, se tornavam a encontrar, depois que os invasores japoneses haviam sido expulsos do seu povoado, para levar uma vida tranquila e feliz. Alguns aprovavam este final "sentimental "se apaixonavam para conservá-lo: pois se já haviam muito lutado e finalmente expulsado os japoneses do seu povoado, era muito normal que agora pensar neles mesmos. Os revolucionários a condenavam e queria modificar radicalmente. Ao final da luta, a versão dos revolucionários ganhou. Aqui está: após os japoneses ter sido expulsos, Hsi Eul e Ta Chuen tornam a se encontrar e decidem continuar o combate contra as tropas do Kuomintang. Os sentimentos que expressam significam: não se pode viver em paz e tranquilo quando o país está sob fogo e sangue. O amor nascido de ódio comum contra os opressores não pode florescer livremente enquanto todos os opressores, estrangeiros ou nacionais, exerce ainda o poder. Este conceito do amor, estreitamente ligado à realidade social, é diametralmente oposto ao conceito individualista burguês do amor. Nada de mágico, nem de inexplicável no amor de Hsi Eul e Ta Chuen, nada de "atração magnética", nem de flechada, senão o mesmo passado de sofrimento, um mesmo lote em uma mesma vontade de luta. Amo você porque tenho mesmo ódio à antiga sociedade, a mesma determinação em criar outra. Recusando conformar-se com os estereótipos tradicionais de sedução, fragilidade e submissão, Hsi Eul ama a Ta Chuen de igual para igual. Ele não a protege, ajudam-se mutuamente. Alternativa não é o amor ou a luta,

com a exclusão de um ou outro; está na maneira como escolhe amar-se: egoisticamente, fugindo da realidade, ou participando dessa realidade para transformá-la. Amor então é estímulo em um apoio mútuo na luta. Os sentimentos de Hsi Eul não são incompatíveis com seu compromisso revolucionário; pelo contrário, são uma expressão deste.

Não haveria que tirar a conclusão...

Entretanto, não havia que retira de tudo o que precede, a conclusão de que a questão sexual, tal como lugar e conteúdo do amor na China, está perfeitamente dominada. Evidentemente, seria um erro. Como, por outro lado, uma sociedade onde a mulher não está ainda totalmente libertada, teria podido produzir já uma cultura sexual perfeitamente satisfatória, inclusive definitiva? Mao Tsé-Tung afirmou: "não existe nenhuma ideia no mundo que não leve a marca da luta de classes". Por qual milagre a sexualidade escaparia a essa regra? É evidente, por exemplo, que interpretações estritamente demográficas do matrimônio tardio só possam reduzir seu alcance revolucionário. Não se pode evitar, evidentemente, que sobre todas as coisas as interpretações difiram, é uma manifestação da luta de classes. O que consideramos errado é que os revolucionários não parecem criticar firmemente as interpretações de direita; se tem a impressão de que os pontos de vistas contraditórios coabitam "pacificamente". Naturalmente, essa ausência de polêmica deve ter consequências negativas na prática. O risco é grande, especialmente nessas condições, já que na ausência de uma crítica aberta, inúmeros chineses foram levados a adotar o matrimônio tardio ou, a sexualidade estritamente monogâmica, por conformismo moralista, e não por convicção revolucionária, o que evidentemente não é o objetivo buscado. As mulheres, o povo, em suma, a

revolução, não tem nada a temer de uma luta ideológica aberta sobre o amor e a sexualidade. Portanto, porque não a levar a cabo? À uma pergunta parecida os camaradas chineses responderam: "a educação sexual se tornou difícil pela insuficiente educação política ideológica dos próprios quadros revolucionários sobre essas questões, pela timidez das pessoas, pela sobrevivência da antiga mentalidade que faz desses problemas uma coisa 'vergonhosa', pelo mito da virilidade, etc.". Com maior razão é necessário levar a cabo esse debate! Sem dúvida não teria razão para que se tornar central: mas existem muitos debates que não são centrais e que são levados ativamente na China.

A despeito dessas críticas que formulamos, pensamos que a política chinesa nesta matéria não é comparável em nenhum ponto com o que se convencionou chamar de moral "judaico-cristã". Uma vez que não se pode compreender nada se o amor, a sexualidade, são separados das novas relações sociais que subentendem. Nesse domínio, menos do que em qualquer outro, não se pode contentar em julgar a partir das únicas explicações biológicas que se dão, é necessário também ver as consequências das diferentes políticas na prática, a partir de vista da emancipação das mulheres. Parece-me absolutamente certo que os novos costumes da juventude chinesa, que alguns julgam demasiados austeros, tem como consequência ajudar com força as mulheres a não ser mais objetos sexuais; e efetivamente, não o são mais. Não é uma simples afirmação enfática de nossa parte. Uma sociedade que tem as mulheres como objetos sexuais, em nenhum caso o pode dissimular. Igualmente se a sexualidade está tão estreitamente ligada ao amor, a consequência é que, com relação a

nossas sociedades, na China a sexualidade está consideravelmente revalorizada. Perder de vista isto, nos impediria alcançar o menor juízo materialista.

O que serão o amor, a moral sexual e a família, no futuro, me parece que se pode fazer uma ideia a respeito, ainda que todavia muito embrionária, a partir do que existe hoje em dia. O que tiramos com a lição da experiência chinesa, é que não há moral revolucionária "natural", "inata", que se tratasse de explicar concretamente; mas o que é precisamente na luta de classes, no movimento revolucionário da destruição das antigas práticas, divisões, funções reacionárias que escravizam as mulheres, e somente nessa luta, onde podem elaborar-se progressivamente – o que não quer dizer de maneira linear – uma nova moral sexual revolucionária, um ponto de vista proletário da sexualidade, do amor e da família.

A título de conclusão

A via da libertação das mulheres na Revolução Chinesa não poderia ser traçada mais que muito aproximadamente. Para discerni-las melhor, seria necessário, nem é preciso dizer, chegar a um conhecimento profundo da sociedade chinesa tanto e suas contradições atuais como em sua história passada, do que, evidentemente, estou muito longe. Porém também se necessitaria haver avançado claramente em nosso conhecimento da opressão feminina na França, das suas formas concretas, particulares, principais e secundárias; conhecimento que não pode adquirir-se senão por pesquisas e laços cada vez mais estreitas com a massa de mulheres do nosso povo. Isto é, tudo está por se fazer.

Porque no passado se negou sua opressão, porque se transformaram suas aspirações revolucionárias em um pe-

queno catálogo de reivindicações jurídicas, ou salariais, acrescentando como apêndice a qualquer programa eleitoral que se respeite, as mulheres se esforçam hoje com recuperar sua especificidade. Mas esta de nenhuma maneira se poderá conhecer e, portanto, fracassaremos, se nesse mesmo movimento nos desinteressássemos pelas outras formas de exploração que padecem as distintas camadas do povo. Isto, não como o diz, ridicularizando-o, uma parte do MLF, por "caridade", mas sim porque todas as opressões das quais somos vítimas (nós as mulheres) são consequências do sistema social de exploração, em nosso caso do capitalismo; e que, portanto, não existe saída para as mulheres fora da revolução. Sim, as mulheres são solidárias com o proletariado, não com um "apoio", uma "aliança" do exterior, e sim mais como se diz dos elos de uma cadeia que são solidários uns com os outros. Esforçando-nos para estabelecer explicitamente o laço real, porém oculto entre a opressão específica das mulheres e o sistema de exploração da nossa sociedade, isto é, partindo da crítica da feminilidade, devemos elevar-nos à crítica global da sociedade. Dentro de tal perspectiva, este livro constitui uma contribuição a um debate necessário sobre o papel das mulheres em nossa revolução, debate que apenas começa.

Apêndice

Contra o Eterno Feminino

Confúcio morreu faz mais de 2 mil anos, mas sua ideologia corrupta segundo a qual os homens são nobres e as mulheres inferiores, ainda influencia as pessoas e se manifesta a cada momento.

Eis aqui um exemplo do que se pode ler atualmente na imprensa chinesa. No que batem esses artigos particularmente numerosos, consagrados às mulheres, não é no reconhecimento que existe na China ainda hoje das doutrinas, das concepções "antimulheres"; isto se diz há muito tempo. Não, o que se observa em primeiro lugar, é o tom desses artigos que significam claramente o que expressam. E também o que acrescentou como confirmação do que "resta por fazer" para chegar à igualdade completa entre ambos os sexos.

Eis o que contrasta com as correntes direitistas que se manifestam especialmente todos esses últimos anos, e segundo as quais mulheres e homens seriam hoje em dia perfeitamente iguais. Alguns até havia chegado a pensar que "uma vez que esta igualdade já existe, não há razão para criar de novo uma organização específica de mulheres". Não mais opressão, não mais problema.

Evidentemente, semelhante corrente, tendendo no fundo a negar a luta de classes e, portanto, a necessidade de lutar, se apoiava sobre as ideias erradas no povo, podia entranhar graves consequências. É o que aconteceu algumas vezes, em diferentes domínios. Esta corrente, menos paradoxalmente do que parecia à primeira vista, coexistir pacificamente com o que se poderia chamar de antifeminismo ultraclássico e universal, que consiste em pregar muito descarada e aber-

tamente o desprezo pelas mulheres, sua inferioridade "biológica", natural. Distinguindo-se por sua linguagem, por suas palavras, essas duas correntes se encontram confundidas em um ponto primordial: frear com todas suas forças a iniciativa das mulheres, impedir-lhes de "passar a ação" como pelo contrário lhes recomenda o editorial de 8 de março de 1974.

A réplica revolucionária a esta ofensiva da reação (que, além do mais, não tem se limitado apenas no domínio das mulheres, mas que, pelo contrário, tenta progressivamente em todos os domínios da vida social atrair uma restauração da antiga ordem, restauração que necessita imperiosamente do retorno das mulheres a um estatuto de seres inferiores), começou há mais de um ano. Desde o princípio de 1972, ou seja, apenas uns meses depois do final de Lin Piao – e certamente isso não é uma mera coincidência – se poderão encontrar na imprensa chamados para preocupar-se sobre a questão feminina. O editorial do *Renmin Ribao* de 8 de março de 1973[65] dará o verdadeiro início a uma arrancada profunda no movimento de libertação das mulheres. Arrancada que uns meses mais tarde será marcada particularmente pela reconstrução regional da Federação das Mulheres. Há um ano, esta campanha se ampliou. A colocação em marcha no início desse ano, "pi Lin pi Kong"[66] apela de imediato para sua participação massiva, como o veremos mais adiante.

Para fazer hoje o balanço provisório desta campanha, nos é possível reconstituir bastante claramente os domínios nos quais a burguesia tentava ainda, opera sua "restauração",

65. Veja-se *Informação de Pequim* de 12 de março de 1973: "As mulheres trabalhadoras, grande formação revolucionária", editorial do *Renmin Ribao* de 8 de março de 1973.
66. "pi Lin pi Kong", fórmula condensada utilizada na China para designar a atual campanha de crítica de Confúcio e de Lin Piao.

da mesma forma que a colocação em marcha do contra-ataque revolucionário. Na hora que em nossos países as mulheres têm cada dia mais consciência da opressão que padecem, em que são cada vez mais numerosas para combatê-la, esta nova onda do movimento de libertação das mulheres na China, sem dúvida não carece de interesse para a nós.

É preciso libertar as mulheres do trabalho doméstico?

Afirmar que homens e mulheres são iguais desde agora, é ao mesmo tempo impedir-se de tomar medidas concretas necessárias para permitir as mulheres chegar justamente a essa completa igualdade. O soberbo desprezo ancestral pelo trabalho doméstico encontra aí sua razão. O desenvolvimento das oficinas de trabalho doméstico que são medidas concretas materiais (de grande importância pública, jamais se tirar o suficiente!) para libertar as mulheres das tarefas domésticas, foi freado, inclusive até às vezes detido, sobre o pretexto de que o homem e mulheres compartilham de agora em diante equitativamente o trabalho doméstico.

Esta tendência nefasta é duplamente errada. Em primeiro lugar porque considera sistemática uma prática que é ainda produto de uma vanguarda, ainda que esta última seja relativamente grande. Em segundo lugar e, sobretudo, porque está claro que o desaparecimento do trabalho doméstico feminino deriva principalmente da sua socialização e sua mecanização, e não de uma nova repartição igualitária entre maridos e mulheres, ainda que a repartição siga absolutamente necessária por mais de uma razão, como indicamos.[67]

No artigo aparecido no número de dezembro de 1973 do *Hogqi*, se existe sobre a importância dessa questão: "sobre

67. Cf. o capítulo consagrado à socialização do trabalho doméstico.

a questão da polarização das mulheres em relação às tarefas domésticas, se deve fazer uma análise concreta. Durante milênios, as mulheres foram reduzidas ao papel de escravas domésticas. O pensamento fundamental dos proprietários latifundiários, da burguesia, era: fechá-las na casa, aborrecê-las com trabalhos domésticos, impedi-las de participar das atividades da produção social e das atividades políticas. Uma das tarefas importantes do proletariado é libertar as mulheres dessa escravidão. Depois da libertação, graças ao socialismo, com a participação das grandes massas de mulheres na produção social, esse estado de coisas mudou profundamente. Porém, em razão da ideologia das classes exploradas, do chauvinismo masculino, e nessa razão dos limites das condições materiais, as mulheres não foram completamente libertadas das suas tarefas domésticas".

Com efeito, se essas tarefas foram defendidas, o pretexto evocado não seria a única causa. No transcurso de visitas recentes pudemos descobrir as demais. Por exemplo, o desprezo pelo trabalho doméstico, por todo trabalho doméstico, denunciado vigorosamente hoje, evidentemente arraiga um atraso na sua socialização. Algumas ideias poderão influenciar, tais como: "trabalhar em uma oficina de serviço não é servir o povo, é serviu interesse privado as pessoas". O melhor: "só o trabalho produtivo – compreendido como o trabalho na fábrica – é nobre", ideia bastante difundida em certo momento entre a juventude[68], ou ainda mais, e ao contrário,

68. Na fábrica da rua Chau Yung, em Pequim, que eu havia visitado em 1971 e onde regressei em 1973, os operários me contaram que durante a Revolução Cultural, 4 das 6 jovens diplomadas da escola de educadores para jardim de infância, abandonaram seu posto na creche, achando essa profissão "pouco gloriosa", sem nobreza. Nessa época, foi impossível convencê-las de que se pode servir ao povo em outra parte que não seja uma fábrica. Imagina-se facilmente a ressonância que podia ter tal posição sobre as creches e, portanto, imediatamente, sobre a libertação das mulheres.

a velha demagogia liushista: "ocupar-se de sua casa e de seus filhos, é também uma tarefa revolucionária".[69]

Entretanto, as oficinas de serviços não são mais do que o início do desaparecimento do trabalho doméstico. Ainda falta, sobre a base de colocar em comum tarefas antigamente familiares, realizar a mecanização. Esta mecanização, por sua vez não pode vir fundamentalmente senão de dois setores: por uma parte, os melhoramentos feitos na base pelos mesmos trabalhadores desses serviços, e por outra, o desenvolvimento da indústria ligeira nos ramos respectivos (por exemplo, produção de máquinas de lavar coletivas).

Porém, os progressos nesses dois setores são estreitamente ligados à linha política que os guia. Seus trabalhadores dos serviços, mulheres em sua imensa maioria, não elevam seu nível de conhecimento, cultural e técnico, se sua cooperação com operários experimentados não está corretamente organizada, a mecanização pode retroceder-se muito. Também, se as necessidades concretas das massas nesse domínio não estão suficientemente sistematizadas e conhecidas pelo setor industrial é possível chegar a uma situação na qual se avalie mal a importância de tal ou qual produção para a libertação das mulheres. Aqui também a Federação das Mulheres tem um grande papel a desempenhar, papel de união das massas de mulheres, de pesquisa acerca das suas necessidades, motor de novas iniciativas. Os "limites atuais das condições materiais" de que trata o artigo citado deverão ser superados. E para isso é essencial a mobilização política e ideológica.

---

69. Destaquemos um importante artigo publicado no número de março de 1974 do *China em Construção*: "Como as mulheres chinesas conquistaram a igualdade", no qual o autor, Suei Yu-lan, fustiga esta "teoria".

A formação de quadros femininos

Este domínio é especialmente interessante já que permite ver, com toda evidência, até que ponto ambas as concepções, supostamente opostas: "homens e mulheres são perfeitamente iguais", e "as mulheres são inferiores" se juntam e se comunicam na harmonia mais completa.

O mesmo artigo de *Hongqi* do que falávamos mais acima, que justamente se intitula "Preocupemo-nos com a formação de quadros femininos", diz muito claramente: "No momento atual na China o número de quadro femininos não corresponde às necessidades da edificação de nosso país. Há uma distância muito considerável entre o número atual e o que necessitaria dentro do partido; sobretudo dentro das equipes dirigentes, o número de quadros mulheres é muito pequeno. Este estado de coisas torna mais lento o ritmo de movimento para libertação das mulheres. É necessário compreender a importância desta questão e tomar medidas a respeito para acabar com a situação".[70]

Como se poderia tomar medidas especiais para favorecer a formação de quadros femininos se as pessoas se contentam em reprisar em todos os tons que as mulheres já chegaram a igualdade com os homens? Também, descuidando de

---

70. No que diz respeito à proporção de mulheres nos organismos de direção, ou em outros domínios como o ensino superior, pude notar um claro progresso em relação a minha viagem anterior. Com efeito, em 1971 nos foi explicado que o objetivo fixado nessa época pelo Partido era alcançar 30% de mulheres nos diferentes postos de direção. Hoje em dia são numerosas as pessoas que dizem que isso não é mais que uma etapa, um degrau que terá de ser superado rapidamente. Na Universidade de Singua, onde recentemente fomos recebidos, o Comitê Revolucionário nos deu as seguintes cifras referentes à proporção de mulheres entre os estudantes: 1971-27%; 1972-30%; 1973-34%. O presidente do Comitê Revolucionário acrescentou: "Eis aqui progressos estimulantes, mas as cifras não nos 'satisfazem'. Necessitamos alcançar rapidamente 50%, isto é, realmente, a metade do céu". Este exemplo me parece particularmente interessante, sobretudo ao considerar que Singua é uma universidade científica e técnica, isto é, um domínio tradicionalmente masculino.

tomar as medidas que se impõem, tenta justificar a posteriori o número relativamente pequeno de quadro femininos; se continuar a, pois, dizendo aqui e ali que é porque as mulheres são atrasadas naturalmente.

Comprovar ou reformar

A pessoa se limita então a "lamentar" que seu nível cultural e político seja ainda demasiado baixo, que não tenham tempo devido às ocupações domésticas, em suma, que hoje em dia não se lhes poderiam confiar responsabilidades, mais tarde se verá... entre outras coisas o *Hongqi* replica: "alguns camaradas estimam o que elas têm um nível de formação muito baixo, pouca aptidão... Acham que estão inteiramente absorvidas pelas tarefas domésticas. Portanto, chegam à conclusão de que é difícil selecionar quadros entre as mulheres. Esta maneira de ver as coisas é também uma causa que tem diminuído o ritmo do movimento. Achar que as mulheres têm menos aptidão é superficial e em desacordo com a realidade. Se entre os camaradas há ainda mulheres pouco aptas e de nível cultural baixo, é necessário buscar suas razões nas condições de classe e na história social. Ao chegar a compreender isso, se deve fazer ainda mais esforços para ajudá-las na formação, a elevar seu nível, e não há que subestimá-las no absoluto".

Dizer das mulheres que "estão ainda demasiado absorvida" eis aí com efeito uma afirmação objetiva, aparentemente neutra, porém tirar daí a conclusão de que "não é possível confiar-lhes tarefas de responsabilidade", eis uma atitude reacionária que o Partido e os comitês das mulheres criticam com veemência. É necessário preocupar-se mais com os problemas concretos, particularidades das mulheres: desde o editorial do 8 de março de 1973, é que surgem toda a

propaganda sobre este assunto. Certamente existe ainda hoje contradições entre o trabalho doméstico que as mulheres realizam e as tarefas políticas, ideológicas e culturais que devem assumir. Negá-lo, já o vimos, não ajuda as mulheres, mas contentar-se em comprová-lo, tão pouco adianta.

Para avançar é necessário aplicar energicamente uma série de reformas que já se provaram em muitos lugares de vanguarda.[71] É por isso que se reafirma política seguinte: "É necessário, pois, uma justa solução para a contradição entre o trabalho revolucionário trabalho doméstico. É necessário elogiar o fato dos maridos e mulheres compartilhar o trabalho doméstico. Ao mesmo tempo, é necessário ajudar as mulheres a resolver sistemas particulares, defender o matrimônio tardio e o planejamento familiar, administrar bem os estabelecimentos de bem-estar social[72] para proteger as mulheres, as mães e os filhos, assegurar o bom funcionamento das creches.[73] Apenas adotando uma atitude justa e tomando medidas concretas é que facilmente poderão ser superadas as dificuldades no que diz respeito as mulheres".

---

71. É por essa razão que ao lado de artigos críticos, como o do *Hongqi*, se encontram na imprensa reportagens e balanços que descrevem os enormes progressos realizados nas comunas populares, nos bairros, nas fábricas, onde estas questões são levadas a sério, onde as mulheres desempenham plenamente seu papel de metade do céu.

72. São chamados estabelecimentos de bem-estar social as oficinas de serviços domésticos (lavanderias, oficinas de costura e remendo, de limpeza, etc.), refeitórios, serviços de saúde, creches e jardins de infância dependentes das diferentes unidades de base.

73. Pode-se supor aqui que a autora desses artigos faz alusão a certas dificuldades que entorpeceram a boa marcha deste setor. De fato, desde 1966, e segundo sabemos, ainda hoje, a Escola Normal de Pequim para a formação de educadoras para jardim de infância, está fechada. Há 8 anos não tem havido, portanto, novos diplomados. "Isso em si – nos disseram no Jardim de Infância nº5 de Pequim – é uma manifestação de interferência da linha de direita", que colocou, e sem dúvida segue ainda colocando, sérios problemas. Por um lado, é necessário continuar ampliando a rede de creches e maternais, e por outro, se fecha a fonte de levantar novos diplomados. Por outra parte, existem regulamentos que preveem uma certa porcentagem de diplomados no conjunto do pessoal de creches. Respeitar esse regulamento equivale muitas vezes a recusar-se a tomar novas crianças. Da mesma forma, não se oculta, influi o fato de tenha havido um certo aumento

Somente aplicando firme e sistematicamente essas reformas, é que se poderá resolver a contradição. Ao mesmo tempo, hoje em dia na China, reformar ou não aparece como único critério objetivo que permite julgar, para além de toda manifestação formal sobre a "causa das mulheres", e se segue ou não uma linha revolucionária.

A formação de quadros femininos seguirá ainda por muito tempo um terreno privilegiado da luta entre a revolução e a contrarrevolução. Mulheres nos postos de direção, eis o que choca diametralmente com a velha moral reacionária. "Se elas triunfarem nessas tarefas, para que servirão então os homens?" – escreve uma operária ao se referir sobre a inquietude de certos maridos.

Pouco convencidos no fundo, alguns se consideram muito satisfeitos (e acreditam haver realizado uma façanha digna de elogios (assim que sua equipe de direção aumenta com algumas mulheres.

O citado artigo de *Hongqi* responde: "a promoção de quadros mulheres nas equipes dirigentes significa o começo e não o fim do processo da sua formação. Para que elas possam continuar dando prova de dinamismo e de entusiasmo é necessário ainda levar a cabo um trabalho minucioso. É relativamente fácil para uma organização do partido fazer elevar-se a quadros algumas mulheres; porém fazê-las amadurecer

---

de nascimentos no transcurso da Revolução Cultural, crianças hoje em dia em idade de ir ao maternal. Por isso é que frente a esta situação algumas creches e, sem dúvida alguma, sobretudo as creches administradas diretamente pelas fábricas ou pelos comitês de bairro, fazem caso omisso desses regulamentos e recrutam empregados diretamente, quer seja entre os operários da fábrica, ou entre as donas-de-casa do bairro. Em troca, nos pareceu que as creches que dependem de diferentes administrações, de organismos de ensino superior, inclusive do próprio Estado, sofrem ainda sensivelmente essa situação (por exemplo na creche da fábrica têxtil nº 3 de Pequim, há dois diplomados por 40 empregados; em Chau Yan igualmente, dois diplomados por duas dezenas de empregados).

politicamente, isso é outra questão. Por isso é que as equipes dirigentes nos diversos níveis deve concentrar os seus esforços na educação política e ideológica das mulheres, animadas a progredir e a superar seus pontos débeis para que tenham a audácia de assumir responsabilidades importantes [...]. A via fundamental para a formação de quadros mulheres é deixá-las experimentar-se nos três grandes movimentos revolucionários para elevar assim seu nível de consciência e de competência [...]. Os comitês do Partido nos diferentes níveis devem ter como tarefa criar as condições para um desenvolvimento rápido e bom das mulheres, para que tenha mais oportunidades de aguerrir-se. As mulheres quadros, quando assumir responsabilidades devem ter ocasião de valorizar-se e gozar de confiança e apoio, sobretudo, de ajuda nos momentos difíceis. É uma tarefa para todo o Partido e não somente para alguns departamentos especializados [...]. Os comitês do partido nos diferentes níveis devem compreender esta questão no marco da luta de duas linhas e da consolidação da ditadura do proletariado [...]. Sem deter o trabalho profissional é necessário organizar para as mulheres períodos de estudo, criar para elas escolas de quadros do 7 de maio, é necessário elaborar planos para sua educação. As mulheres quadros devem ter uma compreensão suficientemente clara da sua gloriosa tarefa na edificação socialista e na revolução, devem ampliar seu horizonte e ter audácia de lançar-se à prática, estudar assiduamente para desenvolver se com rapidez. Seguramente veremos as mulheres aportarem uma imensa contribuição a edificação e a revolução socialista".

Um pouco por todas as partes, unidade de base escreveram nos jornais nacionais para referir os resultados que elas obtiveram aplicando esta política e retificando o estilo de

trabalho. Uma comuna popular do Kiangsu[74] relata que doze de suas equipes de trabalho estavam compostas principalmente por mulheres. Antes, todos os chefes de equipe eram homens, o que havia criado uma má situação. Os homens ignoravam os problemas das mulheres ou melhor, não se preocupavam o suficiente. Por outra parte, devido às tradições ancestrais a respeito do lugar da mulher na sociedade, estas não se atreviam a expressar seus pontos de vista, suas divergências e dificuldades. No transcurso do movimento de crítica à Lin Piao e de retificação do estilo de trabalho, "a brigada estudou conscienciosamente esse problema". Foram eleitos novos chefes de equipe e todos são mulheres. Os resultados não se fizeram esperar: a unidade entre dirigentes e dirigidos se estreitou, os problemas concretos puderam ser estudados e resolvidos a tempo na medida em que apareceram, o estudo político fez grandes progressos no seio dessas equipes. O trabalho produtivo se desenvolveu notavelmente. De tímidas no início, mulheres se temperaram em suas novas responsabilidades. Seu prestígio ressaltou sobre o conjunto de mulheres que se acham revalorizados. A lição é clara: aqueles que creem que a natureza ou o destino fizeram as mulheres para obedecer docilmente e para ocupar-se de tarefas subalternas, consciente ou inconscientemente, tomam caminho da contrarrevolução.

A Federação de Mulheres se reconstitui

É, pois, no contexto desta campanha orientada para voltar a centrar a questão feminina que a chinesas começaram o movimento de crítica contra Confúcio e Lin Piao. Porém, outro fator que lhes é muito favorável na luta em curso,

74. Reportagem de uma brigada de produção de Kiangsu, no *Hongqi* de março de 1973.

é a reconstrução da Federação de Mulheres. Desde junho de 1973, se celebrou em todas as regiões da China congressos da Federação de Mulheres; um pouco por todas as partes se haviam tornado a criar antes novos comitês de base da Federação de Mulheres, que desenvolveram imediatamente uma grande atividade. Desde 1966, as mulheres em sua maioria não se haviam organizado como tais. Uma "tão longa ausência" da Federação e talvez de levar se encontra nessas correntes "igualitaristas" de que temos falado. Em todo caso, deve ter sido mais negativo para as mulheres do que para as outras partes das massas que também permaneceram sem suas organizações tradicionais durante muitos anos. De fato, se a Liga da Juventude, e os sindicatos, foram provisoriamente suspensos como foi o caso da Federação de Mulheres, os jovens e os operários tiveram desde o princípio da Grande Revolução Cultural Proletária suas próprias organizações revolucionárias, necessárias nesta fase de luta, e onde podiam colocar e debater seus problemas, como por exemplo as organizações de guardas vermelhos, ou dos rebeldes revolucionários nas fábricas, mais tardes congressos de fábricas. Enquanto às mulheres, não tiveram – em geral – lugar político próprio no qual pudessem elaborar uma crítica coletiva do que ainda as oprimia.

Por padecer em uma opressão específica, mulheres têm necessidade organizações específicas, tanto para ajudá-las a participação plenamente no conjunto da revolução, como para ajudar a revolução a compreender a importância do movimento da metade da população.[75]

---

75. Tirando o balanço de suas experiências nesse terreno, de suas dificuldades e seus êxitos, o responsável da comuna popular sino-cubana, próxima de Pequim, que nos recebeu disse em conclusão: "As tarefas principais do comitê de mulheres são: 1) o trabalho ideológico entre as mulheres, 2) o comitê de mulheres pode tomar a palavra pelas mulheres, para defendê-las dentro ou fora da família 3) o comitê de mulheres se ocupa

As mulheres são uma força motriz no movimento de crítica a Confúcio e Lin Piao

Desde o início da campanha de crítica que nestes últimos tempos tomou amplitude nacional, citam-se os quatros desprezos reacionários da ideologia confuciana: desprezo pelo trabalho manual, desprezo pelas mulheres, desprezo pelos jovens e desprezo pelos governados.

Sem adiantar-se imprudentemente, se pode apostar que a questão feminina estará com esse movimento [de critica a Confúcio], ainda mais do que com a Revolução Cultural, em vista da luta de classes.

As mulheres não se equivocaram a respeito, e escreve aí no *Renmin Ribao*[76]: "Somos nós, as mulheres trabalhadoras, que temos sofrido mais pelo confucionismo, por isso é que temos os maiores direitos a tomar a palavra na crítica à Confúcio".

Os comitês da Federação de Mulheres partiram para a guerra contra Confúcio. Organizam-se períodos de estudo. As mulheres chinesas se propuseram a acertar as contas de uma ideologia mais de duas vezes milenar, de tal maneira estendida e enraizada que quase se poderia acreditá-la como "sabedoria popular". Se há uma história tão longa, é porque as bases materiais da antiga China eram adequadas para essa ideologia. Evidentemente, as coisas mudaram fundamentalmente hoje. Mas essa concepção subsiste, não somente porque marcou profundamente a cultura, a maneira de pensar,

---

do trabalho das mulheres". Por exemplo, as mulheres não podem fazer exatamente os mesmos trabalhos que os homens quando estão menstruadas. Muito bem, nesse terreno, ideias feudais subsistem e fazem que mulheres não queiram dizer quando as têm; porém o comitê de mulheres, que as conhece bem e está ciente das suas datas, pode dizê-lo por elas. O comitê de mulheres intervém igualmente se o princípio "trabalho igual, salário igual" não se aplica bem, o que acontece. "Se não há comitê de mulheres, não pode garantir-se o direito igual das mulheres".

76. *Renmin Ribao* de 22 de fevereiro de 1974 (artigo de Yang Polan e Shen Pei-shen).

incluindo a do povo, mas também porque existem ainda sequelas materiais da antiga sociedade que constituem um veículo[77]. Aprofundar nesta crítica necessariamente conduzir a reformar as relações sociais arcaicas que subsistem. E para esta ofensiva se deve, apoiando-se firmemente nas relações revolucionárias de produção que já existem, mobilizar a opinião pública, as grandes massas de homens e mulheres, criticar os velhos hábitos, colocar à frente os novos costumes socialistas. É necessário permitir as mulheres "libertar seus espíritos" e, por ondas sucessivas, abater o eterno feminino.

As mulheres da Federação da Rua Yuen Pin, em Fukien, escreve: "Na mobilização das mulheres do bairro para a crítica à Confúcio, se afirmaram as "cinco destruições e a cinco construções", tendo em conta fenômenos da luta de classes que se manifestam atualmente no setor ideológico: 1) destruir as superstições feudais[78]; edificar a concepção segundo a qual é o trabalho o que cria o mundo; 2) liquidar o antigo sistema matrimonial segundo o qual os pais decidem arbitrariamente (ou fazem "pressões") o matrimônio seus filhos, e consideram matrimônio como mercado; reforçar a liberdade do matrimônio, que se faz de maneira nova; 3) eliminar a ideologia segundo a qual os homens são nobres e as mulheres humildes, eliminar o poder marital. Se lhe substitui pelo conceito de igualdade de direitos entre ambos os sexos; praticar o princípio "trabalho igual, salário igual"; praticar o controle de nascimentos; 4) eliminar a teoria segundo a qual as mulheres são retrógradas; opor a esta a concepção segundo a qual as mulheres são "a metade do céu"; 5) eliminar as teorias: "fazer

77. Não quero tomar como exemplo disso mais do que a sobrevivência das tarefas domésticas com seus corolários mencionados mais acima.
78. Está claro para o conjunto destes cinco pontos que trata de continuar a destruição, de destruir radicalmente. A Revolução Chinesa não esperou hoje para empreender a eliminação dessas concepções reacionárias.

estudo para converter-se em alguém "e "ir ao campo para fazer-me ver"; opor a concepção: "estudar para servir o povo" e "valorizar o trabalho agrícola".

Para levar a cabo essas "cinco destruições e cinco construções" as mulheres da Rua Yuen Pin organizaram sua campanha. Dão certas indicações da amplitude de sua mobilização durante algumas semanas: período de estudos, manifestações de críticas, reuniões e debates, redação de pequenos jornais, artigos na imprensa, dazibaos. No total, 1200 mulheres da Rua Yuen Pin participam ativamente nesta mobilização. Os cursos vespertinos de política foram reforçados, o número de mulheres que participa neles se duplica. Algumas que por complexo de inferioridade, não se atreviam até então a tomar a palavra, agora intervêm.

Em artigos da imprensa se pode comprovar que a ofensiva contra o chauvinismo masculino se levava por três lados de uma vez.

Propagava-se as façanhas reais femininas, mostrando que os tempos mudaram, publicando, por exemplo, o que as mulheres de tal ou qual lugar criaram para a coletividade, por exemplo, em Yuen Pin: "Ao chamado da diretiva do 7 de maio as mulheres do bairro empreenderam o preparo de novos campos. Elas os arrumaram. Durante três anos consecutivos obtiveram um rendimento nos cereais de 75 quintais por hectare. Contando com suas próprias forças, constituíram pequenas fábricas elevando consideravelmente a produção industrial. O bairro foi transformado por elas, de bairro "de consumo" em bairro "de produção". Estes fatos indiscutíveis constitui o rechaço implacável a doutrina do desprezo pelas mulheres, de Confúcio, Liu Shaoqi, Lin Piao e outros.

Com frequência as mulheres evocaram em seu favor unidade femininas de vanguarda no plano nacional. Os artigos da imprensa central, que glorificavam suas proezas, foram comentados, estudados e publicados localmente.

Simultaneamente, denunciam doutrinas confucianas tais como "mulheres estão feitas para obedecer", "mulheres são difíceis de manejar", "é necessário fixar regras de conduta para as mulheres e os filhos, senão, se afastaram do bom caminho", "como a galinha ou galo, a mulher pertence ao marido", "quanto mais filhos, maior felicidade", etc.

O editorial do *Renmin Ribao* de 8 de março de 1974, reforça a esse respeito: "a teoria da superioridade do homem sobre a mulher e da escravidão e da independência da mulher devem ser condenadas impiedosamente, e se deve liquidar a sua sinistra influência. Não apenas as mulheres, mas também os homens devem criticar essas teorias".

A maior parte do tempo, essas críticas se fazem a partir de exemplos concretos, individuais ou não, conhecidos por todos localmente. Por exemplo: "Sie Sieu Yin tem quatro filhas; para ter um filho que continuasse o nome da família, se recusou a participar a contracepção". Outra recusou converter-se em quadro temendo não estar à altura; outra mais não se atrevia deixar sua casa acreditando que seu destino ela está ali. Os exemplos desse gênero, vestígios do confucionismo não faltam. Esses casos se estudam coletivamente para federação local das mulheres. Coletivamente se ajuda em sua solução. Cada êxito é popularizado e serve para animar os demais.

Enfim, se elaboram medidas concretas a mais longo prazo, principalmente na criação de novas pequenas oficinas ponta no velho bairro de Pequim visitado otimamente, ficavam ainda donas-de-casa "em casa". Essencialmente, eram

mulheres de bastante idade, aposentadas, ou mulheres de pouca saúde, inclusive mutiladas, de modo que sua participação no trabalho das pequenas oficinas vizinhos eram praticamente impossível. Estudando esse problema, o comitê de habitantes criou uma pequena oficina de pequenas manufaturas de elementos de decorações teatrais (flores de papel, grinaldas, etc.), oficina do 7 de maio.[79] Situado no coração das pequenas ruelas, a oficina permitiu as mulheres reunir-se aí segundo suas possibilidades, alguma só à tarde, algumas duas horas ao dia, na medida das suas forças. Organizam elas mesmas sua produção e recebe um salário. Este trabalho não somente é útil e responde à necessidade do Estado, mas além disso lhe permite reunir-se, a romper com o isolamento que, sem esta adequada medida, seria seu destino.

Igualmente se vê com frequência apareceu ultimamente a crítica das três audiências e das quatro virtudes. Apregoadas por Confúcio e Mencio, as três obediências significam que a mulher deve obedecer seu pai e a seus irmãos mais velhos durante a juventude, a seu marido durante o matrimônio, e a seus filhos na viuvez. Quanto às quatro virtudes, fixam o comportamento que mulheres devem observar em sua conduta, seus propósitos, sua arrumação e suas tarefas

79. Diferentemente das pequenas fábricas de rua, as oficinas do "7 de maio", criadas a partir da diretiva do presidente Mao do mesmo nome, parecem ter como principal tarefa organizar o trabalho produtivo coletivo das pessoas demasiado velhas ou de saúde demasiado precária para suportar um horário e um trabalho de fábrica. Por isso é que essas oficinas geralmente não têm uma divisão interna do trabalho demasiado complexa, para que as ausências de umas e outras não entorpeçam o trabalho. Com frequência se fabricam aí peças secundárias para uma pequena fábrica de rua ou uma fábrica de Estado. Não somente a produção responde a necessidades reais da sociedade, mas também sua forma coletiva em seguida permite às mulheres que trabalham nela – e isto é talvez o mais importante – tomar em suas mãos a administração de sua oficina, organizar dentro dela o estudo político e cultural, e participar elas também na edificação socialista (Veja-se a este respeito, em *Pequim Information* n. 12 de 1973 o artigo sobre as mulheres, que aborda esta questão).

domésticas. Mais precisamente: a mulher deve moderar-se em todas circunstâncias, observar ritos tanto em suas palavras quanto em sua conduta. Sua conversação, para não irritar os homens, deve ser "reservada" e, para não dizer mais, "reduzida". Se ri deverá tapar sua boca com a mão, pois mostrar os dentes e a língua é impudico. A escolha da sua arrumação é ditada pelo imperativo de agradar aos homens; enfim, deve realizar com agrado tarefas domésticas.

Ao diabo toda essa insensatez retrógrada! Ouve-se dizer e se lê quase por todas as partes.

É claro, hoje na China[80] não se encontrará mais muita gente que defenda abertamente e ao pé da letra essas regras feudais.

Contudo, como dizia o princípio deste texto, essas teorias continuam influenciando as pessoas a cada instante. A doutrina de Confúcio, eminentemente antipopular, quase se poderia dizer que racista em relação ao povo e às mulheres em particular, pesa há 25 séculos sobre as massas e ainda marca a ideologia das massas chinesas; por outra parte, explica porque a burguesia ainda hoje está obrigada a apoiar-se no confucionismo para seus projetos contrarrevolucionários. Isto explica também que o movimento atual é de importância crucial para o futuro da Revolução Chinesa. Desacreditar radicalmente o confucionismo entre as grandes massas, é assestar um golpe muito severo à reação. E como não se trata de um assunto insignificante, será um movimento de longa duração. Há 50 anos, o Partido Comunista da China existe e, no fundo, o combate contra o confucionismo, jamais cessou. Contudo, desta vez o salto é sistemático.

---

80. No continente, fica claro, pois no que se refere à China ainda não libertada, Taiwan, sob o domínio de Chiang Kai-shek, continua a doutrina de Confúcio em 1974, sendo o credo infalível e imposto ao povo com todo seu rigor.

As mulheres estão no coração dessa luta. Rechaçando a docilidade ancestral, o que se quebranta são todas as relações de hierarquia paternalista herdadas do feudalismo. Entre as que lutam contra o "poder absoluto" do marido, e as que combatem a severidade dos seus professores nas escolas, as que rechaçam o deus dos estímulos materiais, a solidariedade se produz rapidamente. Os temas ideológicos mais importantes da luta têm efeito muito profundo para as mulheres. Por exemplo, a crítica radical da teoria do gênio. Além disso na China, como na Europa, se sabe bem que "gênio" é o destino privilegiado de certos homens; destino desconhecido pelas mulheres, a própria ideia de gênio, isto é a predisposição natural, inata, para realizar certas tarefas em lugar de outras, é à base de todos os sistemas teóricos sobre a desigualdade entre os sexos. Entendesse que ao denunciar o gênio, mulheres têm algo a dizer e a ganhar. Sabem do que falam. Vamos mais longe: é inimaginável que a crítica conto desprezo pelo trabalho manual, pelos governados, resulte vitoriosas e as massas de mulheres que, desde a mais longínqua antiguidade se encontravam por princípio ao lado do trabalho manual, não façam que se funda a sua experiência com a revolução em curso.

O "pi Lin pi Kong", é além disso um método por meio do qual o povo aprende a não se deter no que é superficial, e sim ao contrário, analisar a essência dos fenômenos. "Está proibido desprezar as mulheres", diz o número de dezembro de 1973 em *Hongqi*: "entre os oprimidos, eram as mulheres as que o estavam mais; seu estatuto político e econômico era o mais baixo. Porém, também eram elas que formavam as reivindicações mais urgentes e alimentavam maior entusiasmo pelo socialismo". Não ver que sua aparente inferioridade, não

só não está de acordo com a realidade, mas priva a revolução desse maior entusiasmo.

No editorial do *Renmin Ribao* de 8 de março de 1974, justamente se levantam contra os que acreditam que as mulheres não poderão, em razão do seu nível cultural mais baixo, desempenhar grande papel no "pi Lin pi Kong". É que, na realidade, essas mesmas pessoas fizeram que o movimento de crítica fosse uma simples discussão acadêmica entre pessoas do mundo a respeito de alguns detalhes arqueológicos.

O desenvolvimento da luta mostrará que, longe de ser atrasadas, as mulheres são um dos maiores essenciais do "pi Lin pi Kong".

Uma vez mais a Revolução Chinesa nos recorda aqui que não há que se esquecer da luta de classes. Negar a persistência da desigualdade das mulheres, acantonar se em um palavrório jurídico, em uma palavra, falar às pressas de vitória definitiva da libertação das mulheres, é oposto ao movimento da história, é entorpecer a luta das mulheres por sua emancipação, é opor-se expressamente a Mao Tsé-Tung, que não cessou de reafirmar que a emancipação das mulheres necessitaria de um combate de longa duração e de todos os momentos: "não é senão no transcurso do período de transformação socialista da sociedade no qual as mulheres poderão libertar-se progressivamente". Enquanto não acabe este período, a libertação das mulheres não será completa e, para dizer de uma vez, será suscetível de um regresso a opressão anterior.

As mulheres chinesas transformaram fundamentalmente seu estatuto hoje em dia. Eis aí um ponto capital, a base a partir da qual se lançam todas as lutas atuais. Negar tal transformação, subestimá-la, manter a esse respeito uma

visão superficial das coisas, isolar de seu contexto alguns fatos aqui ou ali, recusar a ver a tendência da revolução, sua orientação, isto é, queira-se ou não, adotar um ponto de vista estático e metafísico. Isso faz parte da mesma corrente que, na China, tende a negar as "novidades socialistas", as aquisições da Revolução Cultural.

Assiste-se a uma operação em dois tempos. Primeiramente, alguns desenvolvem todos os seus esforços para obstaculizar ou desfigurar as transformações postas adiante pela Revolução Cultural, como por exemplo a reforma do ensino; depois, frente às dificuldades momentâneas, clamam com duvidosa inocência: "A Revolução Cultural não serviu de nada, não mudou nada; que desordem, que bagunça!" O mesmo passa em relação às mulheres. Opondo-se à revolução, se opõem às iniciativas das mulheres, fazem frente e sabotam medidas a favor delas. Depois proclamam: "As mulheres não se interessam mais do que por sua pequena família. Essa é a sua natureza, não se pode fazer nada a respeito". Contra eles, contra todos os reacionários e seus sonhos de passado, contra o eterno feminino, se levantam uma vez mais as mulheres chinesas e, estejamos firmemente convencidos, não pela última vez!

ANEXO

Algumas cifras concernentes a participação das mulheres nos organismos de direção

Em geral, a política do partido é obter como mínimo 30% de mulheres nos organismos de direção; assim pois, nos foi dito que 30% dos quadros das minorias nacionais eram mulheres. Para isto, havendo qualidade política igual entre um homem e uma mulher, se dá preferência à mulher, para uma função de direção, onde quer que isto se apresente.

1. Fábrica de Chau Yan

360 pessoas das quais 288 são mulheres, ou seja 80%, 72 homens, ou seja 20%.

Célula do partido: 9 membros, dos quais 8 são mulheres (pouco menos de 90%), 1 homem (pouco mais de 10%)

Comitê revolucionário: 8 membros, dos quais 6 são mulheres, ou seja 75%, 2 homens, ou seja 25%.

Equipes: 5 equipes de 4 membros, isto é, 20 pessoas, 16 mulheres, ou seja 80%, 4 homens, ou seja 20%.

Como para o hospital ginecológico de Pequim, interessante remeter-se ao número de mulheres e de homens que têm responsabilidades de direção, em relação ao número total de mulheres e homens na fábrica:

Estão na célula do partido	de 288 mulheres, 8	*ou seja, 2,7%*
	de 72 homens, 1	*ou seja, 1,4%*
Estão no comitê revolucionário	de 288 mulheres, 6	*ou seja, 2,1%*
	de 72 homens, 2	*ou seja, 2,9%*
Estão em equipes	de 888 mulheres, 16	*ou seja, 5,5%*
	de 72 homens, 4	*ou seja, 5,5%.*

2. Hospital ginecológico de Pequim

442 trabalhadores, 22 homens e 420 mulheres (95% do total).

Célula do partido: dos 9, 5 são mulheres, ou seja, 55% de mulheres.

Comitê revolucionário: composto por 24 membros, 10 mulheres e 14 homens, 60% de homens e 40% de mulheres.

Equipes: 12 equipes de 8 membros cada, ou seja, 96 membros, 77 mulheres e 19 homens, ou seja, 20% de homens e 80% de mulheres. Como há muito mais mulheres do que homens, a proporção de homens e mulheres em relação ao total das pessoas que têm responsabilidades de direção em cada um desses níveis (célula, comitê revolucionário e equipes) não é significativa; é necessário descontar o número de mulheres e homens que têm responsabilidades direção em cada um desses níveis, do número total de homens e mulheres no hospital:

Estão na célula do partido	de 420 mulheres, 5	*ou seja, 1,2%*
	de 22 homens, 4	*ou seja, 19%*
Estão no comitê revolucionário	de 420 mulheres, 10	*ou seja, 2,4%*
	de 22 homens, 14	*ou seja, 64%*
Estão em equipes	de 420 mulheres, 77	*ou seja, 18%*
	de 22 homens, 19	*ou seja, 86%.*

Como as pessoas que têm responsabilidade no partido, também têm no comitê revolucionário nas equipes, da mesma forma que os que têm responsabilidade no comitê revolucionário também têm nas equipes, globalmente há 19 homens e 77 mulheres que têm responsabilidades de direção, ou seja 86% de homens e 19% de mulheres.

Pode-se observar para (o que será válido igualmente no que segue para os outros exemplos) que as mulheres se tornam menos numerosa à medida que se sobe nos níveis de direção, porém que a separação entre o grau de participação das mulheres e dos homens é menor no partido do que no nível do comitê revolucionário. No caso do hospital ginecológico de Pequim, pode-se pensar que a alta porcentagem de participação dos homens, dados seu reduzido número, se explica por uma política de envio de quadros masculinos do Partido para o hospital.

3. Comuna popular de Shawan (próximo de Hang Cheu)

22.926 habitantes, dos quais 11.296 são mulheres.

12.252 forças de trabalho, das quais 5820 são mulheres, ou seja, 47,5%; 6.432 homens, ou seja 52,5%.

Comitê do partido: 110 membros, dos quais 49 são mulheres, ou seja, 45%, 61 homens, ou seja, 55%.

De 300 pessoas eleitas por um ano "elementos avançados das massas" houve este ano 287 mulheres.

De 422 membros da "Liga da Juventude", 280 moças (66%).

Finalmente, 5.500 mulheres estão organizadas nos "comitês de mulheres" de Shawan.

Comitê revolucionário: de mais de 260 membros, há 44 mulheres, ou seja, 16,6% dos membros. A oficina permanente do comitê revolucionário conta com 5 membros dos quais 2 são mulheres, uma delas vice-presidente.

4. Coluna Popular Sino-Albanesa

10.400 forças de trabalho, das quais 5.300 são mulheres, ou seja, 51%; 5.100 são homens, ou seja 49%.

Partido: 35% de mulheres, 65% de homens.

Comitê revolucionário: 25%, mulheres, 75%, homens.

Responsáveis das equipes: 50%, mulheres, 50%, homens.

5. Palácio das crianças de Shangai

200 membros permanentes, dos quais 100 são meninas e 100 meninos.

Comitê revolucionário: 45% meninas e 55% de meninos.

Brigadas: 4, de 5 membros cada uma, ou seja, 20 membros, 50% de meninas e 50% de meninos.

Liga de soldados vermelhos: 65% meninas e 35% meninos.